



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEDC – CAMPUS XIV – CONCEIÇÃO DO COITÉ

Francisco Sales da Silva Gomes

**O Sisal como Fonte Econômica e Solidária na Região Sisaleira:
Um Olhar Localizado
(1960-1999)**

Conceição do Coité
2018

Francisco Sales da Silva Gomes

**O Sisal como Fonte Econômica e Solidária na Região Sisaleira:
Um Olhar Localizado
(1960-1999)**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB *Campus XIV* para qualificação como requisito de avaliação parcial para obtenção de título de licenciatura em história sobre orientação da professora Dra Zuleide Paiva da Silva.

Conceição do Coité
2018

Resumo

Este trabalho tem como objetivo o estudo das relações solidárias no trabalho sisaleiro entre 1960 a 1999, sobre a qual reflete as unidades produtivas do sisal como campo fértil para as relações sociais. Os trabalhadores e trabalhadoras desempenharam as lutas como um marco das relações solidárias desenvolvidas dentro do contexto social. A chegada das primeiras mudas do sisal ao semiárido da Bahia no começo do século XX provocou grandes mudanças na região, modificando o cenário econômico e trazendo novas configurações de trabalho. Com essas transformações, se embolsou as elites regionais com suas pratica assistencialistas como forma de manter-se no poder. É possível ver essas modificações a partir das dinâmicas sociopolíticas nas crises, movimentos reivindicatórios e relações no trabalho, raízes de todos os meios de vivência social.

Palavras-chave: Trabalho; secas; movimentos sociais; solidariedade.

ABSTRACT

The objective of this work is the study of solidarity relations in sisaleiro work between 1960 and 1999, on which it reflects the productive units of sisal as a fertile field for social relations. The workers played the struggles as a milestone of the solidarity relations developed within the social context. The arrival of the first sisal changes to the semi-arid Bahia in the early twentieth century caused great changes in the region, changing the economic scenario and bringing new work configurations. With these transformations, he pocketed the regional elites with his practice of assistentialism as a way to keep himself in power. It is possible to see these changes from the sociopolitical dynamics in the crises, demands movements and relations in the work, roots of all means of social experience.

Keywords: Work; dried; social movements; solidarity.

Agradecimentos

Realizo com muita alegria a chance de registrar a minha gratidão, primeiramente a Deus que me deu forças para superar as dificuldades e escolher a direção certa, por ter me concedido a oportunidade de fazer esse trabalho que tanto sonhei. Agradeço a minha família, pela compreensão e apoio, que foram fundamentais para prosseguir. Em especial a minha esposa Marcia, minha mãe Domingas, meu pai Manoel, meus irmãos, cunhados (as), às pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

A prof. Dra. Zuleide Paiva da Silva, minha orientadora, pela paciência, pela confiança que depositou em mim e por todas as oportunidades e auxílio que me deu. Percebi que, além de competências, possui grande determinação e coragem. Salientando que, muitas vezes se deslocou de longas distâncias para me orientar, e as suas críticas construtivas foram fundamentais ao longo de toda a trajetória.

Agradeço aos meus queridos professores e professoras do Departamento de Educação do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em especial a banca composta para a defesa desse trabalho: Eduardo Borges e Amélia Maraux, que me ajudaram a cumprir mais uma etapa, entre muitas que ainda virão. Agradeço ainda aos meus colegas de graduação pelos momentos que passamos juntos.

Reconheço a importância de todas as pessoas que entrevistei: Antônio Carlos, Euzídio, Themoteo (em memória), ao casal Paulo e Vitória, José Lopes, Edite Gomes. As minhas colegas de graduação Adriana e Maria Cristiane que me ajudaram a chegar até esses entrevistados, bem como os funcionários do Centro de Documentação de Conceição do Coité (CEDOC) que durante esse percurso foram essenciais. Deixo uma palavra de gratidão a todas as pessoas que transmitiram forças, confiança e alegria em mim.

Obrigado!

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução | 05 |
| Capítulo I - Trabalho no sisal | 12 |
| 1.1 Trabalho Infantil com o Sisal..... | 17 |
| 1.2 Atuação das mulheres no sisal..... | 19 |
| 1.3 política do sisal e suas atribuições..... | 21 |
| 1.4 Homens Influentes..... | 23 |
| Capítulo II – Movimentação dos Mutilados | 27 |
| 2.1 A mutilação..... | 27 |
| 2.2 O Dia do Encontro..... | 31 |
| 2.3 Mais um na estatística..... | 35 |
| 2.4 Machucados e abandonados..... | 39 |
| Capítulo III – Solidariedade dos trabalhadores do sisal | 44 |
| 3.1 Solidariedades em Tempos de Seca na Região Sisaleira..... | 49 |
| 3.2 Relações no Trabalho..... | 56 |
| 3.3 Afetividades no Trabalho..... | 57 |
| Considerações Finais | 61 |
| Referências | 63 |
| Fontes | 65 |
| Anexos | 66 |

Introdução

Este estudo tem o propósito de investigar e analisar a solidariedade concebida entre trabalhadores e trabalhadoras do Sisal na região sisaleira da Bahia. Apesar da cultura do Sisal abranger várias cidades focarei nos municípios de Serrinha, Valente e, principalmente, Conceição do Coite, localizados no semiárido nordeste do estado da Bahia, aproximadamente 200 km da capital baiana. A escolha destes municípios se justifica pelo reconhecimento deles referentes aos processos de exploração e exportação do sisal, uma planta originária da América Central, trazida para a Bahia no início do século XX. O Sisal vale ressaltar, tem aproximadamente três anos para crescer e se desenvolver até chegar o apogeu da colheita a partir do plantio da muda. Depois desse período, ao atingir cerca de 140 centímetros, está pronta para o uso. Esse ciclo ocorre a cada seis meses de renovação até atingir os seis anos, que é a vida útil da planta, depois disso resta somente uma flecha e as sementes para outro plantio.

Além do sisal, os referidos municípios tem uma forte influência da pecuária e da agricultura de subsistência familiar, que se associa a uma das principais atividades econômicas da região. O associativismo e o cooperativismo são práticas comuns, onde as associações, sindicatos e as cooperativas são as instituições com maior atuação. Dentre elas, as mais conhecidas são: CODES Sisal (Conselho de Desenvolvimento Sustentável do Território do sisal), que é a porta voz de toda região junto aos governos; APAEB Valente (Associação de desenvolvimento Sustentável Solidário da Região do Sisal), uma das entidades responsáveis por manter a cultura do sisal viva, e também o MOC (Movimento de Organização Comunitária), que é responsável por promover campanhas com objetivos comunitários.

Os trabalhadores e trabalhadoras do sisal, foco deste trabalho, prestam um serviço de extrema importância por conta de suas habilidades. Porém, mesmo com um grande lucro com as produções do sisal, eles são conhecidos como uma insignificante coluna social, visto que, o crescimento econômico se caracteriza pela sua permanência nos trabalhos sisaleiros. Embora seja uma cultura de economia sólida, os mesmos sofrem divergências que declinam as safras. O clima é a causa principal, seguidos de outros fatores que afetam as relações dos trabalhadores. Problema que pode ser observado através do desenvolvimento e crescimento econômico, quando são definidas pelas importantes atividades que esses homens e mulheres

atuam. Sua importância vai além da mão de obra, abrange um papel complementar na sociedade.

Meu interesse por este assunto surge da importância do trabalhador e da trabalhadora que mantém a cultura do sisal viva. É possível pensar em um discurso abrangente e relevante quando se coloca em evidências as atividades dos setores produtivos do sisal. O mesmo se tornou de fato a matéria prima promissora a partir das décadas de 60 e 70, Período que representa muitos avanços na produção e exportação das fibras.

A peleja dos agricultores na região sisaleira parte da manutenção de sua subsistência, por esse motivo, era preciso que os mesmos fossem associados também aos cultivos de feijão, batata, aipim, mandioca e a criação de animais, colocando o sisal como o principal setor produtivo ao seu sustento. Essa mudança se flexibilizou, devido as principais rendas econômicas encontradas nas atividades do sisal, deixando outros cultivos em segundo plano.

Para identificar as características que moldam os trabalhadores dentro do contexto social e familiar, é preciso notar suas relações, para tal me aproximo do conceito teórico do historiador Thompson (1987), que oferece ferramentas para analisar o sentido social aqui mencionado, ele apresenta medidas de conexão herdadas pelos próprios componentes da classe trabalhadora, afirmando que nas relações de explorações, os trabalhadores compartilham suas experiências. Como ressalta Thompson (1987, p.10) “A classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente”, e todas essas relações sociais colocam os trabalhadores e trabalhadoras em condição de exploração.

Thompson considera que uma classe não pode existir sem a concepção de determinadas experiências, onde a luta é fator principal para sua formação. Ao destacar a prioridade do trabalhador em seu processo histórico, que nesse caminho seja imprescindível para o reconhecimento da própria classe, o autor traz o principal tópico que reflete a realidade para o trabalhador e assim aponta os principais tópicos para entender os movimentos sociais.

Para além de apreender o construto teórico de Thompson, como base analítica do trabalho apresenta também como base, uma bibliografia que parte da seleção de artigos, monografias, jornais e, principalmente, relatos de homens e mulheres que viveram experiências no trabalho do sisal no período de 1960 a 1999. As fontes orais e não orais se entrelaçam como um bom desempenho para o desenvolvimento de uma pesquisa, assim como afirma Vilanova “As fontes orais são intrinsecamente diferentes das fontes escritas, mas são

do mesmo modo úteis”. (1994, p. 46). Essa perspectiva é relevante para os pesquisadores que não acreditam nas fontes orais por completo.

Assim, para atingir o propósito desse estudo, destaco a contribuição de Suzana Sousa Moreira de Almeida (2006), que discute a vida social de pequenos produtores na perspectiva de suas atividades, relatando a atuação e o envolvimento de pequenos agricultores no cenário da produção do sisal da Bahia, e ainda, discute memórias e incontáveis histórias individuais e coletivas que são contadas oralmente por pessoas que viveram a experiência de trabalhar com o sisal. Essa discussão abrange o perfil do produto e suas características nas atividades, ressaltando suas relações afetivas no campo. Partindo dessa discussão, é adequado lembrar-se das mutilações ocorridas durante o processo de desfibramento do sisal, onde os trabalhadores por descuido entravam em diluição com a própria máquina cortando parte dos membros de seu corpo.

Outra contribuição relevante é o trabalho de Cassiano Ferreira Nascimento (2013), que discute como foi possível construir lutas reivindicatórias e como esse episódio ficou registrado na memória de alguns participantes que não conseguiram benefícios da aposentadoria por invalidez. O autor ainda relata as difíceis situações vividas para a manutenção de subsistência. Conforme ressaltado por Nascimento, foi através de articulações entre algumas entidades que os trabalhadores adquiriam maiores conhecimentos sobre seus direitos legais perante a lei, cita-se como exemplo os sindicatos dos trabalhadores rurais, a base da igreja católica e das relações estabelecidas com os órgãos do estado e entre outras autoridades legislativa compostas por deputados Federais e estaduais. Nesse contexto, subentende que o movimento só surtiu efeito em razão participações e uniões dessas entidades. Muitos desses trabalhadores tinham um elo de afetividade em certas circunstâncias, todos com os mesmos objetivos relacionados ao trabalho.

De acordo com Nascimento os acidentes com mutilações ocorriam na fase inicial do processo, onde as folhas eram extraídas em um cilindro que girava em alta velocidade que apresentava alto risco corporal (NASCIMENTO, 2013, p. 60). Muitos homens e mulheres enquanto trabalhavam se deparavam diante de rupturas, ficando inaptos (as) perante os serviços, foram muitos casos mediante as situações vividas, e na permanência do serviço, não poderiam realizar com a mesma eficiência, em muitos casos chegavam a ficar totalmente impossibilitados de executar a tarefa. O autor ressalta ainda que os trabalhos desenvolvidos no sisal não eram de competência masculina, somente, as mulheres também participavam de atividades opcionais. Porém, embora notasse sua participação, havia diferentes circunstâncias

na divisão do trabalho, dando a elas salários diferenciados. Com base nessa divisão, cada homem e cada mulher são selecionados por funções atribuídas nos trabalhos, colocando em evidências um maior salário para o sexo masculino.

Para entender o lugar das mulheres no trabalho do Sisal, recorro ao estudo de Helena Hirata (2007), que discute a divisão sexual do trabalho propondo uma melhor divisão salarial entre homens e mulheres. Outro trabalho também mencionado é o estudo da autora Zuleide Paiva da Silva, intitulado: *Conceição do Coité em “quadrado”*: retrato violência contra as mulheres (1980-1998), que para além de discutir a violência contra as mulheres como uma violação dos direitos humanos, questiona a ideologia que coloca as mulheres no trabalho doméstico enlaçando fatos de mulheres com trabalhos específicos na feira livre de Conceição do Coité.

Destaco também outras fontes bibliográficas pelo a qual se entrelaçam nas relações de compadrio e servos. Entre essas a monografia de Felipe Coutinho de Lima Santiago que expõe os fatos de relações entre homens de influência política regional que se intitulam como coronéis modernos, para tal aspecto Santiago faz a relação do empresário Hamilton Rios que deteve a maior parte de sua vida na política por meio de um regime assistencialista.

Em conjunto, as fontes bibliográficas consultadas, assim como as fontes orais, apontam que o trabalho infantil também tem se feito presente nas atividades do sisal, sugerindo que as crianças ajudavam os próprios pais para o sustento da casa. Conforme Thompson: “A revolução industrial causou um grande impacto no sistema social ocasionando o trabalho e até mesmo a explorações de crianças, nesse meio as crianças eram obrigadas a trabalhar num ambiente sujo e depravado por um período de até 18 horas.” (1987, p, 202). É importante lembrar-se do feito que marcou a Inglaterra, que foi um período de muitas transformações, mas em lugares longínquos como o Território do Sisal, há reflexos dessa revolução. Diante disso, o primeiro aspecto para discutir trabalhos na região do sisal, é pensar também nas relações com o próprio empregador na qual desempenha um papel de compadrio citado nessa monografia.

Atualmente se reflete nos indícios de dominação predominando por homens de grande poder aquisitivo e que detém um domínio predominante de homens, mulheres e crianças. Alguns autores nomeiam esse termo como “coronel”, termo que surgiu em 1831, se referindo aos principais líderes políticos de determinada região. A figura do coronelismo se

destaca nos vestígios ainda presentes na região do sisal até o final do século XX, onde fazendeiros e empresários assumem forte influência.

Como afirma Silva (2010, p.103) “as principais lideranças dessa região exerciam um monopólio do trabalho sobre o argumento dos mesmos possuírem fortes trações econômicas na região”. Muitas vezes esses “coronéis” exerciam elevadas produções de sisal fazendo a seleção de muitos trabalhadores. A autora destaca que os coronéis do Sisal exerciam uma forte influência política na região, para ela muitos líderes antepassados deixaram suas heranças e influências para os líderes atuais, de forma que a prática coronelista permanece na contemporaneidade (SILVA, 2010).

Assim, reconhecendo a prática coronelista, o trabalho infantil e o trabalho das mulheres na lida do sisal, este estudo busca discutir as relações sociais e familiares ocorridas entre 1960 a 1999, período de promitentes avanços na cultura sisaleira nos municípios de Serrinha, Valente e Conceição do Coite, limite geográfico do estudo.

Na construção deste trabalho destaco dois momentos: o primeiro se caracteriza pela identificação das fontes impressas e orais. O segundo instante se caracteriza pelo meu retorno ao campo para realizar entrevistas com os trabalhadores e com as trabalhadoras identificadas na primeira oportunidade. Cabe ressaltar que na oportunidade inicial foi estabelecido um diálogo informal com os trabalhadores e trabalhadoras identificadas. Os depoimentos obtidos estão relacionados aos fatos sociais ocorrido no período que define o recorte temporal do estudo. A seguir apresento um breve perfil dos trabalhadores e trabalhadoras entrevistadas.

Edite Gomes- 67 anos, se autodeclara parda, possui ensino fundamental incompleto, é separada, mãe de três filhos, protestante, mora em Conceição do Coité. Durante 16 anos atuou no trabalho do sisal. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no bairro nova esperança, no dia 7 de agosto de 2016.

A entrevista com a senhora Edite foi feita por intermédio de uma colega da graduação, quando a mesma falou a respeito de sua mãe, que mora no bairro nova esperança, na cidade de Conceição do Coite, era uma trabalhadora rural. Naquele momento eu não tinha definido totalmente o meu objeto, mas já tinha em mente o pensamento de desenvolver uma história social como foco no trabalho do sisal, a partir da experiência dos trabalhadores e das trabalhadoras. Diante de dona Edite, pude perceber seu semblante introvertido, porém sem muitas lembranças de sua atuação no sisal. Nessa mesma tarde, após entrevista-la, me direcionei para entrevistar seu ex-marido que mora a poucos metros da sua residência.

José Lopes Carneiro – 64 anos, nascido em Conceição do Coité, se autodeclara pardo, possui ensino médio completo, é protestante, separado de dona Edite Gomes, pai de três filhos. Atuou no trabalho do sisal aproximadamente 19 anos. A entrevista foi concedida no dia 7 de agosto de 2016 em sua casa no bairro matadouro em Conceição do Coité. Observando o retorno ao campo para outro diálogo no dia 18 de Fevereiro de 2018 que complementa a entrevista anterior.

Atualmente o senhor Carneiro exerce outra função, trabalhando na prefeitura municipal de Conceição do Coite, no setor de saúde. A entrevista com ele foi sucinta embora proveitosa e descontraída. Ele mencionou importantes tópicos para o suplemento da pesquisa, colocando em evidência as atividades nas bateadeiras. Outro ponto relevante foi a construção familiar na vida do senhor Carneiro, uma vez que suas memórias revelam que foi através do trabalho que o mesmo desenvolveu relações afetivas e amorosas com sua esposa.

Outro fruto amoroso da relação do trabalho no sisal foi o casal Paulo Morais e sua esposa Vitória, que revela ter se conhecido no ambiente do trabalho quando os dois ainda eram jovens, sua entrevista aconteceu, no dia 16 de agosto de 2016, em sua própria residência que fica localizada no bairro do Açudinho, em Conceição do Coité, terra natal do senhor Paulo. Na ocasião tive a oportunidade de observar a relação afetiva do casal.

Nosso encontro aconteceu no final da tarde de uma terça-feira quando entrevistei primeiramente o senhor Paulo. Durante a sua fala, houve muitas interrupções, devido várias gritarias de crianças no entorno, e à reclamação de adultos. Durante a entrevista dona Vitória estava segurando no colo um dos netos, fato que dificultou a interlocução. O entrevistado, Paulo Morais é ativo e muito caprichoso, sempre ajuda a esposa nas tarefas de casa, e sempre esta disposto às tarefas diárias.

Paulo Moreira de Morais – 69 anos, não alfabetizado, casado, quatro filhos, se autodeclara pardo, protestante, atuou no trabalho do sisal aproximadamente 50 anos.

Vitória Morais – 69 anos, não alfabetizada, casada, quatro filhos, se autodeclara negra, protestante, atuou no trabalho do sisal aproximadamente 49 anos.

No intuito de ampliar a pesquisa, procurei o senhor Themoteo para fazer mais uma entrevista. Fiquei sabendo de sua experiência através de um irmão seu, que intermediou nosso contato.

Themoteo de Oliveira santos – 72 anos, possui ensino fundamental incompleto, viúvo, cinco filhos, se autodeclara negro, protestante. Atuou no trabalho do sisal

aproximadamente 56 anos. A entrevista foi concedida no dia 15 de agosto de 2016 no bairro do Açudinho em Conceição do Coite – Ba.

Atuando no sisal, Themoteo sustentou toda sua família, trabalhando nas bateadeiras e nas lavouras sisaleiras, pode-se notar sua experiência e sua atuação, lembrando à chegada ao trabalho, sendo recebido com festinha. Nesse mesmo contratempo ainda relata a continuidade dessa mesma rotina mesmo depois que o mesmo deixou de exercer as atividades do trabalho sisaleira. Com muito desejo de trabalhar, só não esta atuando devidos alguns problemas de saúde que surgiu ultimamente. A entrevista foi realizada pouco tempo depois da morte de sua esposa, não fiz perguntas relacionadas a ela, mas soube que a mesma também trabalhou com sisal durante muito tempo. Porém, não tive nenhuma conclusão a seu respeito. O senhor Themoteo vive em uma casa com sua filha, e os demais filhos já casados.

Euzidio Ferreira de Oliveira – viúvo pela segunda vez, quatro filhos, se autodeclara moreno, protestante, revela que atuou no trabalho sisaleiro desde 8 anos de idade. Entrevista concedida no dia 20 de agosto de 2018 no finalzinho da tarde em sua residência. Ele foi dono de cordoaria depois de trabalhar muitos anos nas plantações sisaleiras e em bateadeiras de sisal, sua atuação no sisal se deu de fato pela iniciativa dos pais como uma forma de subsistência do lar.

Antônio Carlos de Oliveira – 55 anos de idade, Casado, um filho, se declara branco, católico, atuou no trabalho do sisal na sua juventude até o período que sofreu mutilação de seu braço esquerdo, a entrevista foi concedida no dia 25 de Outubro de 2018 na sua residência.

O primeiro contato com Antônio foi por intermédio de uma colega de graduação. Em um dos dias de sua rotina, ela se depara com um dos jornais no centro de documentação de Conceição do Coité (Cedoc), ambiente de seu trabalho e local de pesquisas. Ao decifrar uma das imagens no jornal, visualizou seu vizinho em uma foto nítida numa representação de uma das reuniões no movimentos dos mutilados, imagem de uns trinta e cinco anos que se passou. Persuadido que a historia trouxe para o presente o que estava arquivado em forma de fonte pela Universidade do Estado da Bahia. Ao apontar o meu tema, ela fez questão de levar-me até Antônio para entrevista-lo.

Posso contar com toda clareza que foi um momento emocionante e crucial para um dos desfechos de minha pesquisa, pude trazer para meu projeto uma ampla visão da excursão de Brasília, uma viagem promovida pelo sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Conceição do Coité, com objetivo de reivindicação da aposentadoria das

pessoas mutiladas, que até então veio como peça de quebra cabeça para mais um complemento dessa dissertação.

A experiência de entrevistar trabalhadores e trabalhadoras do sisal durante o processo desse estudo sugere que, analisar a permanência do homem e a mulher na cultura do sisal é mostrar a sua importância dentro do contexto social. Dito isso ressalto que este estudo será estruturado em três capítulos precedidos por esta Introdução, onde apresento os propósitos do estudo. No primeiro capítulo, intitulado Trabalho no Sisal, apresento uma análise acerca das principais formas de trabalho no sisal, que se inicia principalmente pelo plantio até a exportação. Todo o processo analisado se reflete no trabalhador, que é a base que sustenta toda produção.

No segundo capítulo, são analisado casos de mutilação que ocorreu durante a operação de máquina desfibradora, ressaltando referidos movimentos ocorridos na região no intuito de obter seus direitos. No decorrer do tempo esses movimentos ficaram conhecidos como, a passeatas dos mutilados, e que virou um importante movimento com a participação de várias entidades, crianças e mulheres (fonte impressa¹).

No terceiro capítulo, são discutida as principais características de solidariedade e afetividade de homens, mulheres e crianças que atuaram no trabalho do sisal. Para atingir esse objetivo foi necessário análises de jornais, processos jurídicos e o comprometimento de relatos mencionado a partir das narrativas de homens e mulheres que viveram essas experiências no contexto de convívio social e familiar. A partir dessa discussão, identificarei como as famílias envolvidas nessa cultura se relacionavam mediante as atividades.

1 Trabalho no sisal

No início do século XX, o solo do sertão baiano conheceu o Sisal, uma das mais importantes plantas na perspectiva do desenvolvimento econômico da região. Sendo originado na América central, o sisal se difundiu rapidamente no Brasil principalmente no sertão da Bahia, por ser propícia a um solo resistente a aridez e ao sol intenso, nessa região a planta suporta longas estiagens deixando grandes expectativas de chuvas para os produtores. Com o início do plantio no município de Santa Luz, a planta se espalhou rapidamente por toda região. A matéria prima do sisal vem sendo utilizado para a fabricação de vários produtos, atualmente suas fibras são utilizadas principalmente na indústria de fios, tapetes, cordas, carpetes e até mesmo produtos artesanais.

¹ O Jornal "O Globo" de 1984 aponta os fatos como uma experiência de relações afetivas entre os mutilados, parentes e amigos.

O espaço aqui em pauta circunscreve os municípios de Serrinha, Valente e Conceição do Coite, que se destacam por serem referências na exploração e exportação da cultura do sisal entre 1960 a 1999, período que trouxe grandes mudanças na cultura do sisal, onde se concentra uma boa quantidade de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Entretanto, o principal mecanismo do trabalho formal do sisal vem se desenvolvendo por meio de um sistema produtivo e econômico implementado através de uma cadeia familiar exercida por trabalhadores. Sua atuação que, perdurou desde a sua entrada no Brasil até chegar ao sertão por meio de sua atração, vigorou a uma busca de mão de obra capaz de assegurar a existência dessa cultura até os dias de hoje. Sua permanência tem se dado pela necessidade subsistente de sua sobrevivência.

Para refletir os laços afetivos e onde a cultura do sisal tem se estendido, nota-se ao longo de sua história a formação hereditária que chamamos de raiz familiar. Nesse sentido, a cultura se concretizou pelo envolvimento de homens e mulheres que vem desde as plantações das primeiras mudas na região. Assim predominam por meio das famílias, o início das grandes plantações movidas por vários processos.

A fase da colheita sublinhava a ideia de que havia um número de trabalhadores e trabalhadoras nas lavouras. Isso foi possível pelas referências adotadas de seus familiares e amigos que atuaram na junção de tarefas. A preparação do sisal exige um cuidado específico, a muda deve ser sadia e ter adequado desenvolvimento, com boas condições para o plantio. Esse processo tem suas particularidades, e as tarefas são feitas em conjunto. Cada integrante interage com sua própria função na qual foi submetido.

Ao iniciar o processo, cada trabalhador fica responsável por uma parte. O homem com sua foice ou facão retira a folha de um modo eficaz, após a colheita da folha, homens e mulheres têm a incumbência de fazer o transporte até o motor de desfibramento para a eliminação dos resíduos, tarefa muito conhecido como *canbiteiro*, também responsável para colocar o sisal no ponto de secagem em varais feitos com arame galvanizado para ser secado pelo sol, depois de ter passado pelo motor de desfibramento.

A colheita e o desfibramento do sisal exige a contratação mão de obra, sobretudo de mulheres e crianças que dão suporte no processo desse trabalho. Essas atividades eram processadas e transportadas em animais, fazendo com que homens, mulheres e crianças levassem as palhas para realizar outras partes do processo. As crianças iam para campo de trabalho no objetivo de ajudar seus pais na renda familiar, como bem ressalta Almeida (2006).

Existe época que o sisal não subsiste na produção esperada pelo mercado. Muitas vezes isso acontece em função do fator climático, por não assessorar as grandes plantações, deixando grande parte dos agricultores sem trabalho. Existe também a questão dos fornecedores não atingirem o preço ideal para as vendas e pela demanda do sisal no exterior.

A contribuição do ato solidário na qual vive o pequeno agricultor entre suas relações, conta como suporte a manobra econômica que se baseia na extração do sisal, fator essencial para agricultura de subsistência familiar que diverge como fundamento básico, a economia da região. De acordo com Cassiano Ferreira Nascimento (2014) “o fortalecimento das lavouras contou com fatores de ordem políticos e econômicos, valores que expressam várias formas de socializar o sisal, no caso específico, muitas vezes tiveram apoio do governo para se manter na cultura, seja ela na lavoura do sisal ou na produção das fibras.”

Segundo o autor, no período do governo municipal de Landolfo Alves (1938-1942) foi implantado um sistema no campo de produção e distribuição de mudas nos municípios de Feira de Santana e Nova Soure, na qual fortaleceu o comércio que já havia se consolidado com a plantação das primeiras mudas no município de Santa Luz, subentendendo que o comércio das fibras estava em um nível de crescimento elevado. Esse sistema foi uma base estratégica para o fortalecimento da cultura na região sisaleira.

O nascimento da cultura do sisal e seus meios de transição, no que antes se estabilizava em outras formas de subsistência, que por meio dessa substituição trouxe uma política econômica voltada para o enriquecimento, trouxe crescimento para as localidades em paralelo, trazendo um contraste entre a população. Por um lado subsiste na riqueza e por outro, uma série de desigualdades fazendo um fluxo nas relações sociais revelando a má distribuição de renda.

As produções sintetizam uma monstruosa capital financeira vinda da exportação do sisal, e é dela que garantem toda riqueza dos grandes empresários, uma vez que eles possuem todos os recursos para as produções da matéria prima do sisal. Foi a partir dos resultados satisfatórios que grandes agricultores se apoderaram de uma linhagem hegemônica mantendo-se como dono de grandes propriedades de plantações e produções do sisal. Entre eles, cita-se o empresário Hamilton Rios que se caracterizou como produtor do sisal que germinou uma grande fonte de riqueza na qual mais tarde lhe tornaria um forte opositor político no município de Conceição do Coite, história que será completada nos próximos capítulos. Outros empresários se desempenharam fortes virtudes na produção do sisal como Misael Ferreira, este se apresenta também em uma figura de oposição política, se

caracterizando num grande produtor do sisal, entre outros aqui não citados. Esses empreendedores se difundem pelos “meios de produção” existente na região, colocando em evidências a maneira de produção mais eficaz.

A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária dessas transformações foi a centralização política (MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA, 1968 p. 14).

Entretanto, o setor produtivo do sisal se permeia dentro de um objetivo econômico qualificando trabalhadores e trabalhadoras, visando à lucratividade e se apoderando dos meios de produção para reger salários padrões sobre a qual se concentram a maior parte dos trabalhadores. Esses meios se integram como economia sustentável do mercado sisaleiro que lucram milhões de reais por ano.

Os pequenos produtores manejam poucas produções, sintetizando as vendas para os grandes produtores que tem como objetivo uma política de vendas entre o pequeno e o grande empreendedor. O sisal produzido em fibras passa pelas bateadeiras onde sofre uma separação para acabamento manufatureiro que será impressada, empacotado e levado para o destino na incumbência de ser transformado em produtos industrializados para as exportações.

As rotações econômicas do sisal se ligam entre os pequenos e os grandes produtores, criando uma rede de relações por meio de transações de negócios. Uma vez que, essas relações se concretizam através de compras e vendas. Percebe-se que, as relações de negócios acontecem de duas maneiras, uma, o pequeno produtor faz a plantação do sisal e vende para os grandes produtores, a outra, incidem pelas plantações e produções maiores, e são manuseadas pelos grandes empresários no ramo do sisal, esse ultimo, todas as produções são exportados.

Nas bateadeiras, as fibras passam pelas prensas, retirando do sisal as partes danificadas, na qual estará viável uma matéria prima pronto para ser transformado em vários produtos. A matéria prima é comprada aos pequenos produtores por um acessível valor (produção) que seria para complementar suas produções e vendida para o mercado internacional em um preço bem mais elevado.

O marketing de transações entre o pequeno produtor se baseia pelo fato de que não havia exportação mediante as poucas fibras produzidas, mas eram vendidas para os empreendedores que possuem bateadeiras e preparavam a matéria prima para os setores industriais, e isso criava um vínculo de negócios muito relativo.

O sisal vem criando relações de negócios financeiros capaz de assegurar transações, tanto regionais quanto internacionais. Quando é vendido aos empresários donos de bateadeiras. Essas transações são feitas através de negociações entre os pequenos produtores e o próprio empresário que vende em grande escala ao mercado Internacional.

Na compra das fibras, os grandes empreendedores negociam sobre os valores de cartel no mercado, ficando bem mais abaixo ao mercado internacional, podendo atingir um superávit nas vendas para outros países, dependendo da oscilação da moeda estrangeira. Nas transações, a alta do dólar pode ser um bom negócio para as transações internacionais, podendo atingir um desdobramento lucrativo.

Com relação à alta do dólar melhorou para quem já tinha vendido o sisal, sem tomar adiantamento de Câmbio, foi bom para quem vendeu agora e tinha sisal estocado, pois, a moeda é muito volátil, hoje o dólar pode estar custando R\$ 3,50, amanhã pode baixar para R\$ 3,17, por conta destas consequências políticas do nosso país, reflete na carta de crédito, e os investidores ficam desconfiados, então o dólar fica oscilando, porque a nossa economia é muito inconstante, e depende muito de política, pois é quem faz a economia. Então qualquer probleminha que tenha em nível de governo, com esta “pendenga” de tira presidente de câmara, ameaça de impedimento a presidente do Brasil, então, esta “maracutaia” toda o dólar oscila para cima ou para baixo, então para o Brasil normalizar a situação econômica, primeiro precisa normalizar a política. (Informação impressa²)

Essas oscilações podem atingir os pequenos produtores e seus negócios, enfraquecendo o laço financeiro entre os mesmos. Se os empresários não conseguem obter lucros suficientes, automaticamente eles não vão querer pagar os mesmos preços aos pequenos produtores, isso acaba refletindo num conjunto de fatores em relação aos trabalhadores. Com essa desvalorização atinge os relacionamentos entre os agricultores, podendo refletir nos conflitos internos de melhores preços para a venda aos empresários.

Segundo entrevista supracitada um empresário no ramo do sisal, revela que o maior comprador do nosso sisal sempre foi a China, porém, isso tem mudado ultimamente por um único motivo, a África que se tornou uma forte concorrência, mantendo bons preços e boas qualidades, isso refletiu as relações entre exportadores Brasileiros com os principais compradores da China.

Não cabem falar de questões atribuindo outros países, mas o que vem ao caso poderia traçar um específico ponto de preocupações relacionado ao trabalhador, que, por manter a estabilidade de grandes empresários, tinha o pior índice de cuidados na segurança e piores rendimentos econômicos. Não havia nenhum privilégio a favor dos trabalhadores,

² Entrevista realizada por Mário Silva do Jornal O Sertão: Edição Calila Notícias – Disponível em <<http://www.calilanoticias.com/2015/12/com-a-criese-e-a-seca-a-lavoura-do-sisal-passa-pelos-seus-piores-momentos-exportadores-comentam-o-assunto.html>> Acesso em 17/05/2018.

nenhum ato solidário que pudessem valorizar os pequenos agricultores, algo preocupante no índice de desenvolvimento regional.

1.1 Trabalho infantil com o sisal

A região sisaleira foi palco de um grande discurso nacional consistente em um problema para ratificação do trabalho infantil. Não é de hoje que as tradicionais famílias rurais colocaram seus filhos para além dos trabalhos em campos nefastos das produções do sisal. Segundo a convenção de 1973 a idade mínima ao trabalho deve ocorrer após a conclusão do ensino obrigatório e a Convenção dos Direitos da Criança (ONU/1989) vem analisando questões sobre o trabalho de crianças, dando origem a proteção sobre a exploração do trabalho infantil, principalmente, em 1999 que manteve as piores formas de trabalho dessa natureza.

Muitas crianças abandonaram as escolas e o motivo é por conta do trabalho na zona rural com o sisal, o que ocasionou a interrupção de seus estudos para ajudarem os pais no sustento da casa. Algumas famílias padronizaram essa ideia causando um déficit no alfabetismo infantil, sendo que a maior parte delas está na zona rural, inclusive em boa parte da região do sisal na qual em 1996 mostra grande índice de gravidade de crianças no trabalho.

Em janeiro de 1997 o governo da Bahia iniciou um programa para combater a exploração do trabalho infantil, o qual tinha por proposta analisar o trabalho em regime de semiescravidão na região do sisal, o que tornou a Bahia como a campeã de atuação de crianças no trabalho. O programa feito pelo governo mobilizou técnicos das diversas secretarias estaduais como reforço de ação social nos municípios de Santa Luiz e Retirolândia, área geográfica mais afetada com trabalho infantil na região do sisal.

Segundo o IBGE, foi catalogado 522.185 menores em exercício até o ano de 1996, sendo que mais de 10% desse total ocorrem na Bahia e boa parte desses são trabalhadores da pedreira, do campo e a maior parte trabalham no sisal já que possui maior base econômica. O estado da Bahia foi escolhido como foco de atenção já que a Procuradoria Geral do Estado vinha acompanhando alguns casos em 1993 sobre a qual possibilitou visualizar melhor o grau de dificuldades em nível de pobreza que a região vinha passando.

As atividades exercidas por essas crianças eram diversificadas, cabendo maior atenção as que atuam na extração de ouro e pedreiras montadas entre os municípios de Santa Luz e Queimadas que foi uma das principais especulações da mídia no período de 1993 a 1996 pelo qual chamou atenção da sociedade em um compadecimento solidário.

Na região entre Santa Luiz e Queimadas, por exemplo, além do trabalho nas lavouras do sisal, crianças também são largamente exploradas na pedreira e na extração de ouro no leito do Rio Itapicuru. Neste ano, a Comissão dos Direitos da Criança e do adolescente Expostos ao Trabalho na Região Sisaleira conseguiu coletar dados nos municípios de Retirolândia, Conceição do Coite, Riachão do Jacuípe, Pé de Serra, Nordestina, Capim Grosso, Queimadas, Serra Preta, Tucano, Quixabeira e Quijingue, e verificou que 22% das crianças de cinco a nove anos trabalham em regime de semi-escravidão nas lavouras..(informação impressa³).

Foi verificada nessas localidades que as crianças atuavam em diversas circunstâncias de trabalhos, sendo que o passo inicial era a partir dos cinco anos e trabalham em regime semelhante a escravidão. Em 1991 a Bahia foi o primeiro estado a possuir crianças atuantes em estado de miséria, sendo que a mortalidade infantil atingiu 43%, um número bastante elevado em relação ao nível nacional. Esse fato nos mostra que a região sisaleira se classificou para um nível de crianças com maior nível de analfabetismo e com péssima infraestrutura social.

A partir do relato de suas memórias fica perceptível que as pessoas que foram entrevistadas ao longo deste trabalho exerciam a função de trabalho infantil, de fato: “Eu trabalhei muito novo, comecei no motor de sisal... eu era tão novo que só fazia amarrar a fita do cevado, tinha uns dez anos... onze... doze... eu não tinha nem dez anos” nessa descrição o senhor Paulo, entrevistado como fonte para a pesquisa, fala que o hábito do trabalho quando criança para ajudar a família no sustento da casa era comum, já que era o único meio que os pais tinham para aumentar a renda familiar.

Na década de 60 não se falava de política assistencial à proteção infantil, até mesmo porque nessa época ainda não existia o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) titulado pela lei 8.069 que só veio entrar em vigor em 13 de Julho de 1990. Na verdade esse estatuto veio corrigir as políticas sociais que desde então já fazia parte de uma cultura padrão desenhada em traços sociais que era desenvolvido pelo próprio sistema. Um dos entrevistados, o senhor Themoteo, reforça a ideia do trabalho infantil:

Eu comecei trabalhar...eu comecei no motor de sisal...motor de sisal [...] no motor de sisal eu...eu tinha o que...doze anos, comecei pegando fibras, o cevador cevando, jogava a fibra pra trás e agente ajuntando , fazendo boneca e botando lá, e quando eu tava nesse período de doze até quinze anos, eu pegava fibra, eu botava palha, até aprendi a cortar palha também.

O entrevistado, Themoteo, desenvolveu seu trabalho pegando as folhas cortadas e de acordo o seu progresso passava a desenvolver outras funções chegando a sua maioridade com muita experiência e pronto para trabalhar em todas as funções do ramo do sisal na qual procedeu até se aposentar.

³ Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde em Dezembro de 1996; Disponível no CEDOC/ UNEB CAMPUS XIV; Acesso em 20 de Setembro de 2016.

A revolução industrial no século XVIII, um dos grandes marcos da história do trabalho, produziu riquezas, porém proporcionou desigualdade e desenvolveu o trabalho infantil quando as próprias crianças trabalhavam em condições bastante perigosas e penosas. Esses meios proporcionaram uma grande redução nos custos da mão de obra de maneira que representou de fato um grande salto econômico para os empresários da época. A mão de obra infantil desenvolveu na região sisaleira o método específico para complementar a renda familiar e pensando nessa maneira foi o único meio que se caracterizou pelas necessidades decorrente dos problemas sociais.

1.2 Atuações das mulheres no sisal

O histórico da mulher no trabalho do sisal vem crescendo gradativamente mediante sua atuação. Não há dúvidas de que as mulheres estiveram presentes nas principais atividades do sisal, merecendo destaque nas lavouras e habilidades dos artesanatos, além de sua atribuição no trabalho doméstico. A partir dessa discussão fica evidente uma abrangente participação feminina em todos os setores sociais. Porém, ainda existem divergências entre o trabalho da mulher e o trabalho do homem. Conforme Helena Hirata (2007, p.599) “as mulheres são submetidas a atividades semelhantes aos dos homens, enquanto a diferença socioeconômica entre eles é distinta, fato que coloca as mulheres em situação de desigualdade.” A autora traz uma abordagem acerca da divisão sexual do trabalho, associando o trabalho do homem ao trabalho da mulher, relatando que, o valor do salário da mulher é inferior aos dos homens. Essas divisões repercutem fortemente em algumas funções ocupada pelas mulheres que são menos valorizados socialmente.

A participação da mulher no mundo do trabalho está para além do trabalho formal. Baseado em jornais da época há informações acerca das participações de mulheres nos movimentos, percebe-se sua participação vinculada aos movimentos reivindicatórios.

Levando o que restou de mãos e braços mutilados por máquinas de desfibramento de sisal, 300 trabalhadores rurais, impossibilitado de usar enxada, foice ou machado, fizeram uma passeata ontem, nesta cidade do sertão baiano, a 210 quilômetros de Salvador. Homens, mulheres e crianças reivindicando a aposentadoria por invalidez à previdência (informação impressa⁴)

⁴ Reportagem realizada pelo Jornal O Globo em 1984; Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV; Acesso em 20 de Setembro de 2016.

Percebe-se um sentimento solidário vinculado às vítimas da máquina desfibradora. Muitas mulheres apoiaram os trabalhadores do sisal na passeata, sugerindo que as mesmas tinham a finalidade de dar suporte para o crescimento do grupo. Certamente a participação das mulheres era vinculada a seus maridos que lutavam por seus direitos de aposentadoria e as crianças certamente eram filhos dos súditos do movimento que estavam presentes a companhia dos pais e mães.

Contudo, o trabalho dessas mulheres não se resumia apenas no campo do sisal, mas, de várias maneiras de subsistência econômica. O artesanato era uma das formas de manter-se dentro do espaço formal do sisal, isso vem se mostrando nas diversas atividades feitas por pequenas artesãs no território do sisal.

Dois novos grupos de mulheres estão sendo formados para trabalhar com artesanato de fibras naturais em Valente. Um ano no povoado de Valilândia e o outro na própria sede. Com essas novas turmas, passa de 60 o número de pessoas que estão tendo uma fonte alternativa de renda (informação impressa⁵).

Essas qualificações eram exercidas através do projeto que selecionou um número de 60 mulheres com a finalidade de criar uma fonte alternativa de renda no município de Valente. O que impulsionou essas atividades foi um programa do governo contra a seca no final de 1998, através do programa comunidade solidária na parceria entre APAEB (Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira), governo federal e o SICOOB, que é o sistema financeiro que envolve as cooperativas. Os artesanatos eram produzidos pelas mulheres da região junto com seus familiares. As habilidades para esse trabalho foram alcançadas com êxito devido às técnicas aprendidas no curso, o que possibilitou um produto com melhor qualidade, passando a ser vendido com melhores preços.

Outro exemplo de atuação das mulheres foi à exposição de produtos artesanatos no mesmo município denominado “Pateh work”, que é um trabalho delicado e artesanal, também feita pelas próprias mulheres de diversas localidades da região. Foi um projeto reconhecido e apoiado pelo MOC (Movimento de Organização Comunitária). Nesse aspecto, as mulheres diferenciavam seus tempos entre trabalho e vida pessoal. Hirata aborda: “as mulheres articulam suas atividades familiares e domésticas com a vida no trabalho” (HIRATA, 2007, p. 604)

Em determinadas épocas, as fortes turbulências econômicas sobressai sobre a região sisaleira, nesse caso as atividades do artesanato se tornam uma das principais buscas como uma fonte de renda e ajuda às subsistências das famílias. Além disso, as mulheres

⁵ Reportagem realizada pelo Jornal Folha do Sisal de 1999 Disponível na APAEB Acesso em 05 de Setembro de 2016.

desenvolvem muitas peças através de cursos de mais aperfeiçoamento, transformando os detalhes das peças com melhor qualidade e melhor preço de venda. Todo projeto para o artesanato, tem como iniciativa a preparação do melhor aperfeiçoamento dos produtos, tem trazidos significados resultados para as comunidades vizinhas. Os cursos eram dados para assegurar os trabalhos profissionais que vinha dando muito resultados com as vendas.

Os cursos da Comunidade solidária eram obrigatórios para os trabalhadores das frentes de serviço, que dedicavam às aulas parte da carga horária prevista na frente de serviço. Terminadas as frentes, nem todos quiseram continuar na atividade. Quem persistiu, esta colhendo benefícios e ao mesmo tempo retransmitindo os conhecimentos. São duas artesãs na comunidade de recreio, duas em poço, uma em cipó de Leite e cinco em Tanquinho (informação impressa⁶).

Muitas encomendas de trabalho para as mulheres foram feitas por lojistas de São Paulo, que por sua vez atendem as exigências de qualidade pelos compradores, outros compradores foram do instituto de Mauá, órgão do governo do estado que dá incentivo ao artesanato. Certamente, isso tem contribuído pela devida participação de mulheres que trabalham colaborando com a renda da família, colocando como base iniciativas que têm sido responsável pela mudança socioeconômico de muitas famílias que opinaram para manutenção dessa cultura.

1.3 Política do Sisal e suas atribuições

O sisal tem construído uma atividade durável na região, sobretudo, para os grandes plantadores, promovendo desenvolvimento econômico regional. Além de constituir uma fonte de renda e empregos para os trabalhadores, o sisal vem atuando como principal objeto fixador dos trabalhadores na região, sendo a única alternativa que conseguiu permanecer como principal cultura satisfatória. Nesse termo, o sisal se apresenta como o recurso mais promissor para o sustento de diversas famílias.

Por possuir diversos aspectos do plantio e produção da planta, em demanda, várias cidades possuem as características desse desenvolvimento delimitando as características dessa cultura. O principal uso da ideia colocada aqui são alguns tópicos fundamentais sobre a política do desenvolvimento do sisal na região, especificamente no sertão baiano: Conceição do Coité, Serrinha e Valente são cidades com esse perfil e que delimita a uma política partidária referente a uma pressuposta ação em relação ao sisal na região, mas esse não é o assunto a ser discutido em questão.

⁶ Reportagem realizada pelo Jornal Folha do Sisal de 1999 Disponível na APAEB Acesso em 05 de Setembro de 2016.

No âmbito do desenvolvimento da cultura e da economia sisaleira, emergem as lideranças locais exercendo papel de patrões e vigorando em um perfil de poder sobre boa parte dos trabalhadores. A maioria das bateadeiras de sisal e principalmente as exportações, se desenvolve por intermédio de alguns líderes e políticos como é o caso de Hamilton Rios de Araújo LTDA, Ramos e Mota LTDA entre outros. Observando a permanência da atuação do sisal no âmbito político, se deu pelo fato de que vários donos de terras se concretizassem como grandes influências para a região a partir da década de 70, nesse sentido, se entendem a exaltação e supremacia, tanto Conceição do Coité quanto no espaço regional.

Em nível de uma melhor compreensão, Silva (2010) argumenta que o sisal atingiu o seu apogeu a partir da década de 70, devido à alta do petróleo, fazendo com que as fibras concorrentes alcançassem elevados preços, chegando a torno de US\$1.000,00 a tonelada. Mas, em 1977 não foi possível atingir essa demanda por conta da seca e de uma política de baixos preços do produto no mercado, restando somente o apoio do Banco do Brasil em parceria com o governo que só beneficiavam os exportadores, repassando ao preço mínimo de Cr\$3,48 pelo sisal tipo 3 e Cr\$3,69 pelo sisal tipo 2, o exigido pelas entidades, isso dava mas credibilidade aos grandes exportadores refletindo as desigualdades de um sistema político e econômico da região.

Mesmo com a crise o Banco do Brasil esta comprando o produto a fim de garantir o preço mínimo de Cr\$2,80. Segundo informações do gerente do BB, o banco só aceita comprar o sisal na mão do exportador, se ele comprovar através de documentos haver ter pago o preço mínimo ao produto (informação impressa⁷)

Isso aponta para a desigualdade na cadeia produtiva do sisal, deixando para os pequenos produtores uma renda insuficiente, evidenciando o reflexo de inúmeros trabalhadores desempregados. É indiscutível que essa situação não agradou os pequenos sisaleiros, que tiveram que vender seus motores, pois tais eram o sustento de sua família e assim acontecia com muitos trabalhadores. “Ao passar por esse cenário de pobreza e desigualdade, deixando os homens e mulheres em um mecanismo movido por líderes patriarcal do tipo coronelista e que são vistos como homens influentes constituídos economicamente pelo enlace dos sistemas capitalistas” (SILVA, 2010, p. 109). Essas relações eram difundidas com certo grau de aproximação de diferentes grupos, diante disso, toda crise econômica se passava como despercebida, pelo fato dos principais usos do poder econômica, como o principal instrumento para a manutenção local.

⁷Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde 1977, Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV; Acesso em 20 de Setembro de 2016.

1.4 Homens influentes

O que contribuiu para a forte influência surge a partir de uma estrutura econômica baseada em um sistema de relações adotada monotonamente entre trabalhadores e grandes produtores do sisal. Essas relações visualizam-se como uma forma estrutural de paternalismo, conceito muito comum na região. Esse meio adotado permitiu as manobras política de grandes homens, manejando sua influência por meio dos destaques econômicos formados também a partir da entrada no cultivo do sisal.

Saliento que a organização estrutural do poder econômico dos líderes influentes na região e boa parte dos municípios que se desenvolve o cultivo do sisal, se originou pelo investimento de máquinas para suprir as demandas do mercado. Foi pela necessidade das produções das fibras que os produtores regionais criaram marketing de exportação ao mercado sisaleiro.

Percebe-se uma estrutura desenhada pela atuação de homens e mulheres que disputavam os trabalhos como meios de subsistências, estes não tinham outras fontes de renda além de alguns cultivos e o trabalho do sisal, e normalmente só conseguia trabalho quem já viviam do meio rural. Acontecia que alguns homens se destacavam nas produções do sisal, cultivando seu próprio sisal e iniciando um negocio lucrativo. O crescimento econômico só funcionou para quem detinha o capital e ele foi aos poucos se montando através dos produtores que decidiram investir no ramo do sisal.

Esses homens se fizeram empresários e desempenharam um papel já carimbado na história da burguesia, amarrando o trabalhador em um laço frio e prendendo em um vasto mar de interesse capitalista, na qual deixaria cada vez mais dependente dos meios de produção burguesa.

Aglomerou as produções, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária dessas transformações foi a centralização política. Províncias independentes, apenas ligadas por débeis laços federativos, possuindo interesses, leis, governos e tarifas aduaneiras diferentes, foram reunidas em uma só nação, com um só governo, uma só lei, um só interesse nacional de classe, uma só barreira alfandegária (MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA, 1968, P.14)

A burguesia se abraça ao interesse político, criando uma sociedade assistencialista para retribuir sua permanência ao poder. Alguns produtores do sisal se caracterizam e utilizaram o poder privado para sustento político. Essa prática já vinha acontecendo na região e deu continuidade em 1974 depois da vitória do líder político de Conceição do Coité,

Hamilton Rios, quando ele se mostra interessado no investimento do sisal, se tornando o próprio dono das máquinas e transforma-se no produtor do seu próprio sisal. Hamilton Rios tornou-se um dos “donos” dos corpos e da mente de homens e mulheres que dependiam do trabalho no sisal para sobreviver (SILVA, 2010, p. 103). Segundo a autora esse cenário era visto como uma política coronelista atuado na região. Na perspectiva da autora, o povo era sustentado e controlado por líder assistencialista, reconhecido como o “coronel moderno”, mesmo que essas assistências viessem pelos recursos públicos.

Reconhecendo a prática coronelista na região do Sisal, Felipe Coutinho Santiago, em sua monografia sobre a história do coronelismo em Coité, afirma que o poder dos coronéis não vinha tanto da fazenda, mas da influência política exercida na cidade. Com esse pensamento, o autor fixa a ideia que “para o coronelismo existir é necessário que se faça o uso do poder privado como mecanismo político para alimentar as relações de confiança que faz parte de sua estrutura de influência”(SANTIAGO, 2010,p. 9)

Se por um lado essa influência era exercida pelo poder político, por outro lado muitos produtores privilegiados, e, independentemente de poder político, se realçavam com grandes empreendimentos no sisal, além do aspecto social que obtinha grande influência. (SANTIAGO 2010). O poder dos coronéis também originava da influência de autoridades, salientando que, o perfil dos grandes produtores com sua privilegiada patente empreendedor, formando grande reconhecimento e prestígio diante da sociedade. Foi a partir desse contexto que muitos produtores de sisal se destacavam no cenário da região. Santiago ainda ressalta que a figura do coronel se desenvolveu em Conceição do Coité a partir da figura do Wercelêncio Calixto da Mota, o “seu Mota”. Conforme o autor “seu Mota” tentou ingressar na carreira política no ano de 1921, sabendo que ao desenrolar do tempo ele ficou bastante conhecido, se tornando uma grande autoridade, eleito prefeito em 1955, dando continuidade ao seu perfil assistencialista.

Segundo Santiago, a continuidade do coronelismo se reflete o homem que mais tarde, em 1972, se tornaria o grande exportador do sisal, Hamilton Rios. Este acaba com a hegemonia de “seu Mota”, se torna o prefeito de Conceição do Coité e passa a manter a política assistencialista como vem sido relatado anteriormente.

Posicionando ao contrário, podemos perceber o fim do coronelismo em 1930 com início do estado novo, que tem como base o início das representações políticas. Ao admirar nos relatos da existência do “coronelismo” na região do sisal, tendo como reflexo os influentes homens vigorando por uma política assistencial, não quer dizer que esteja em vigor

um regime autoritário mediante os traços passados que recaia sobre a população, mesmo havendo os valores subjugados sobre o povo da região do sisal. Quando se nota essa crença, quando vemos relatos sobre o tal, compreendemos na existência de um vestígio de mandonismo, que se retrata em uma autoridade regional baseada numa política existencial que poderia se romper a qualquer momento. O termo “coronel” é baseado no clientelismo e no paternalismo, era um poder político que vigorava por inerente intercâmbio governamental.

De acordo com Victor Nunes Leal (1949) o fenômeno “coronel” persiste até mesmo com o reflexo de uma má distribuição de renda, fazendo da miséria uma ponte para a existência desse fenômeno. Mas, ao discutir essa questão, podemos colocar em vista algumas características incomuns que distingue o coronelismo. Podemos colocar em vista que existia um vínculo muito grande entre o governo e as autoridades locais, fazendo desse sistema um elo para manipular o voto de cabresto. No caso da região do sisal, existiam apenas vestígios de mandonismo que ao favorecer estágios empregatícios para essas populações, estaria assegurando politicamente para um perpétuo e contínuo poder.

Para colocar em evidência, o próprio autor Barbosa Lima Sobrinho escreve no prefácio da segunda edição do livro de Leal o sentido do coronelismo afirmando ter uma queda brusca da influência coronelista. Conforme Sobrinho, a faixa de prestígios e a intervenção dos coronéis vão minguando pela presença de outras forças.

O “coronelismo”, em 1975, não será a mesma coisa que o de 1949. Dia a dia o fenômeno social se transforma, numa evolução natural, em que há que considerar a expansão do urbanismo, que liberta massas rurais vindas do campo, além de modificações profundas nos meios de comunicação. A faixa do prestígio e da influência do “coronel” vai minguando, pela presença de outras forças, em torno das quais se vão estruturando novas lideranças, em torno de profissões liberais, de indústrias ou de comércios venturosos (SOBRINHO, 2012, p.21).

Sobrinho (2012) afirma não ter acabado esse sistema, mas, colocando o fato em demanda, vimos restrições em cheque evidenciando a diminuição do regime. O próprio perfil da nova república, consiste na abolição do coronelismo, quando ao se “Observar que a não existência do voto secreto (adotado após a Revolução de 1930), facilitava o controle sobre o eleitor, aumentando-lhe o constrangimento” (ASCENSÃO, 2002). Nesse termo, os coronéis operavam apenas na república velha, nos meios ocultos, movidos pelos cochichos, pelo conchavo e pelo cambalacho.

Nessa perspectiva, Sobrinho traz uma abordagem sobre a ampliação da análise de cada detalhe sobre o coronelismo, para ele é preciso uma investigação de pesquisa de campo,

e as vezes esses acúmulos de pesquisa chega a um conhecimento decrescente devido a tantas confusões e de variados conceitos.

Com esse fato, não podemos afirmar a existência do coronel na região do sisal, pois o que existiu foram homens com grande prestígio que manipulavam a população de forma atrativa e com seu meio de influência econômica. Isso partiu de grupos políticos que autodenominou por meio de jogo político para se manter no poder, eram trocas de favores entre o grande e o pequeno, entre grandes proprietários de terras, empresários e o povo, que se submetia pelas suas subsistências.

Capítulo II – Movimentação dos Mutilados

Como fator determinante, a mutilação que ocorria nas máquinas desfibradoras, foi um dos episódios, trágicos, mas que de alguma forma serviu como “qualificação” para ajudar os trabalhadores em sua luta a alcançar suas aposentadorias.

A resina do sisal sobressai nas atividades do desfibramento que incide em um perigoso contato corporal com a máquina, umas das situações mais agravantes acontecem pela pressão que a máquina desfibradora exerce sobre o braço do operador. Inserido dentro de uma teia produtiva, os trabalhadores parecem alcançar o objetivo sem se importar com as anuências nefastas do eminente perigo.

O caso aqui é analisar as transformações no cenário agrícola do sisal que ocasiona os acidentes, no qual os movimentos solidários se englobam na grande luta pelo benefício da aposentadoria, em demanda das organizações que se qualificam pelas solidariedades das entidades sindicais, parentes e amigos. Nesse termo, o clima deferido pelo movimento chegava numa estimativa de várias pessoas da sociedade com os mesmos objetivos de impressionar o governo pelos direitos dos mutilados.

Esse capítulo circunscreve a princípio, pela transparência dos jornais impressos intitulados a mutilações, processos jurídicos e citações bibliográficas simulada em relações estabelecidas com grande ênfase para compreensão do cotidiano dos homens e mulheres diante das realidades formadas.

Ressaltando a importância da reflexão solidária emitida a homens, mulheres e crianças na organizada passeata dos mutilados no município de Conceição do Coité no ano de 1984, tais fatos ocorridos em virtude da luta dos pequenos sisaleiros que se deparavam diante do trágico cenário nas produções do sisal.

2.1 A mutilação

O acabamento do sisal cabe num processo de produção perigosa, deixando inúmeras pessoas inaptas para o trabalho. Durante muito tempo a extração da fibra do sisal vem mutilando homens por meio das máquinas desfibradora, isso geralmente ocorre quando o cevador, por segundos de descuido deixavam uma das mãos penetrar entre as navalhas da máquina. Por mais que existissem mulheres no processo produtivo do sisal, elas não atuavam na função de cevador, com exceção de algumas.

Geralmente, as mulheres trabalhavam em funções de cambiteiro, era uma espécie de trajetória que se dava para levar as folhas do sisal até o motor para o cevador desfibrar.

Essa rotatividade mostra o quanto essas mulheres ficavam isentas de graves acidentes e sobre as quais também não possuíam boas remunerações.

Era assim, quando um homem e uma mulher iam esticando o sisal, ia chagando numa mesinha assim"... botava a facha de uma manoca, pra mulher montar uma pia, chegar botar em cima dos ganchos, botava a carga em cima dos jegues e abria pra secar... era só amarrar e colocar lá [...] (informação verbal⁸).

Enquanto as mulheres exerciam atividades mais leves, o que as distanciava de graves acidentes, elas sempre possuíam algum membro da família ou amigos que fazia parte de mais uma das estatísticas. Essa margem era muito comum no período promissor do sisal, foi um período no qual abriu o mundo para grandes crescimentos na cultura do sisal, porém, ocasionou trágicos acidentes, provocando traumas entre os trabalhadores.

Segundo a SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar) de Conceição do Coite, as máquinas usadas pelos trabalhadores eram as mesmas usadas há 60 anos, não havia nenhuma modernização concreta e proteção a segurança. Para o operário Antônio da Silva Cardoso que teve os dedos mutilados no ano de 1976, demonstra sintomas de trauma ao avistar a máquina que dissipou seus dedos enquanto operava, como pode se perceber em seu relato a seguir:

Eu passei um ano e meio que não aguentava nem passar nem perto do motor trabalhando assim, que eu me lembrava. Ficava naquele pensamento. Fui indo, fui indo, fui indo. Pedi por Deus e fui esquecendo. A gente trabalhador de roça vê muita coisa, né? Foi passando esse tempo, mas de vez em quando me lembro ainda", desabafa (informação verbal⁹).

Subentende-se que não havia assistências nem uma política de ajuda ou proteção aos que atuam nas atividades do sisal, seja para homens, mulheres e/ou crianças de forma alguma tinham apoio do governo, a não ser pelo suporte dado pelos Bancos aos grandes empreendedores, o que não trazia benefício aos pequenos agricultores da época.

A produção sisaleira ocorre através de um processo realizado por um pequeno número de homens, mulheres e crianças, responsáveis pelos tratamentos das fibras. Há muito tempo, bem antes de acontecer uma reformulação na lei de segurança, as práticas e técnicas que operavam as máquinas nas produções do sisal eram as mesmas, boa parte desses trabalhadores eram instruídos nos cuidados, devido os riscos que muitos homens sofriam nas máquinas de desfibramento. A partir da década de 80, com os movimentos dos mutilados, a lei entra em vigor, obrigando a colocar um dispositivo na boca das máquinas. Por essa 'simples invenção', o dispositivo foi capaz de trazer segurança a vida e aos membros de mais

⁸ Entrevista citada pelo casal Paulo Moreira de Moraes e Vitória Moraes no dia 16 Setembro de 2016.

⁹ Reportagem realizada por Henrique Mendes; Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/12/motor-de-sisal-da-decada-de-40-resiste-na-ba-mutilados-passam-de-dois-mil.html>
Acesso em 05/07/2018.

da metade dos acidentes ocorrido na região. As técnicas foram adaptadas às novas formas de seguranças, renovando até os dias atuais.

Na África existe uma tecnologia de desfibramento melhor que as que são usadas aqui no Brasil, principalmente na região sisaleira. Como tradicional exportador da fibra do sisal, Maurício Mota, revela que há aproximadamente 30 anos atrás o governo Brasileiro vem fazendo promessas de uma máquina de desfibramento mais avançada, nos quais poderiam prevenir melhor os acidentes. Nesse âmbito, nada além do dispositivo avançou como tecnologia, visto que não temos máquinas com tecnologia avançada pela estabilidade de segurança. Interessante que a ideia de uma máquina avançada, não passa do imaginário dos trabalhadores que convivem com a realidade, sendo que nenhum interesse se procede por uma ideia científica desse caso.

A execução dessa importante inovação poderia aumentar de forma notável a produção e diminuiria os acidentes causados pelas máquinas paraibanas. “Há mais de 30 anos que entra governo e sai governo com promessa de uma nova máquina desfibradora, para melhorar o processo tecnológico no campo, e isto não acontece, não decola, já fizeram vários projetos e não sai do papel” (informação impressa¹⁰). Esse diálogo foi tirado de um site procedente de várias entrevista com empresários no ramo do sisal, nesse trecho Maurício Araújo faz uma revelação surpreendente na qual se viam diante de promessas do governo. Analisando entre empresários e trabalhadores, que no meio produtivo possui uma crítica simbólica, enfatizando que se essa cultura fosse de outro país, já teriam máquinas com grandes tecnologias e equipamentos sofisticados ou mesmo o que poderia ter avançado para acelerar as produções.

Vale ressaltar que os países mais tecnológicos não possuem a cultura do sisal, colocando em uma maneira lógica, os países importadores do sisal seriam apenas como consumidores, dessa forma não seria viável uma invenção que não tenha utilidade. Embora exista uma política nas principais empresas do sisal, nem todas acompanham o ritmo de segurança exigido pelo mercado, em outras palavras, as atividades do desdobramento desenha um perfil inseguro diante das produções das fibras do sisal.

A execução do desfibramento exige do trabalhador muitas habilidades e atenção, operando em constante periculosidade, isso reflete nas várias causas de mutilação que ocorreram, onde acentuava no descuido do trabalhador. Os níveis de acidentes foram os

¹⁰ Entrevista realizada por Mário Silva do Jornal O Sertão: Edição Calila Notícias – Disponível em <<http://www.calilanoticias.com/2015/12/com-a-crise-e-a-seca-a-lavoura-do-sisal-passa-pelos-seus-piores-momentos-exportadores-comentam-o-assunto.html>> Acesso em 17/05/2018.

motivos dos grandes destaques dos jornais nas décadas de 70 e 80, colocando em pauta, fatores que marcaram os acontecimentos em meados do século XX, em análise das décadas de 50 e 60. Muitos casos de mutilações vinham ocorrendo, por esse motivo, pauta-se como destaque os crescentes protestos a favor da aposentadoria.

Em 1984 na cidade de Conceição do Coité, os mutilados uniram-se em busca de seus direitos, criando o movimento dos mutilados. As principais reivindicações desse movimento apontavam para a necessidade de “um reestudo do conceito de perícia médica e a obtenção dos mesmos benefícios do trabalhador urbano para o aposentado no meio rural” (informação impressa¹¹)

Os acidentes durante o processo fabril foram tão estigmatizados, que a partir dos movimentos reivindicatórios, os mutilados do sisal passaram a ser vistos como calamitosos do sisal. Essa afirmação, pode se deduzir uma sobrevivência com grandes dificuldades, sem o benefício, colocaria em xeque a maneira de como a esposa e os filhos dos mutilados sobressaiam na subsistência dos lares. Quando se nota a efervescência dos movimentos, percebe-se que recaía um cenário solidário das mulheres e crianças nas ruas, quando estes tinham o motivo da participação, praticamente eram a forma de demonstrar seus gritos de lamúria.

Para explicitar o momento, o movimento dos mutilados se reflete a continuidade de longas manifestações, percebendo que os apoios das entidades sindicais foram fundamentais para a continuação das lutas e apoio solidário para o crescimento do movimento. Vários jornais anunciaram as passeatas dos mutilados que estavam em busca de seus direitos reconhecendo a força do movimento por eles encabeçado.

Exibindo mãos e braços mutilados por máquinas de desdobramento de sisal, 300 trabalhadores rurais fizeram ontem uma passeata (foto) em Conceição do Coite, no sertão da Bahia, reivindicando a aposentadoria por invalidez à previdência. Eles não podem voltar ao trabalho no campo-porque não conseguem mais manejar enxada e pás [...](informação impressa¹²)

A exigência para se aposentar nesse período era mais implacável. A Lei 83.080 (Decreto de Classificação das atividades profissionais segundo os grupos profissionais) só concedia aposentadoria por invalidez, se o trabalhador perdesse os dois membros. A passeata em Conceição do Coite no ano 1984 teve a participação de prefeitos e vereadores de diversos municípios e vários representantes, inclusive o da Federação dos trabalhadores da agricultura,

¹¹ Reportagem realizada pelo Jornal Tribuna da Bahia, Outubro de 1984 : Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV; Acesso em 20 de Setembro de 2016.

¹² entrevista realizada pelo Jornal O Globo, 1984 Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 20 de Setembro de 2016.

que exigia uma mudança imediata da legislação previdenciária, esta informação foi noticiada no Jornal Tribuna da Bahia em outubro de 1984.

Nesse impasse, as soluções só poderiam se concretizar mediante as exigências da previdência social, mesmo assim não deixou de ser uma passeata receosa pela solução do governo. Segundo, Nascimento (2013), “a organização dos trabalhadores se deu de fato pela participação solidária da igreja católica e entidades sindicais e por conta disso, essas entidades tinham contatos com outra do mesmo segmento, facilitando o conhecimento dos seus direitos” (NASCIMENTO, 2013, p.. 63). Conforme explica o autor, esses movimentos ajudaram as pessoas envolvidas a adquirirem recursos necessários e mais experiências em suas lutas.

O discurso centrado nos problemas dos mutilados simboliza uma relação afetiva estabelecida através de aliança com políticos regionais, na qual funcionou como intermediários entre o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e o estado. As alianças efetivadas durante os movimentos desempenhou um crescimento que representou uma significativa dimensão para os benefícios dos ilustres mutilados necessitados. Um dos importantes relatos que os jornais relacionam, são reais fatos das principais cruzadas na qual deu guinada inicial para o grande dia.

2.2 O dia do Encontro

Era para serem apenas reuniões que se tratassem dos problemas de pessoas mutiladas, porém foram tomadas proporções maiores que pudessem chamar atenção da população. Numa sexta- feira, 17 de agosto, no município de Conceição do Coité, foi o momento da reviravolta inicial de uma longa jornada de lutas que estava para estrear, nesse dia era discutida uma conversa com políticos para solucionar a questão dos benefícios de pessoas acidentadas no trabalho, esta informação faz parte das fontes impressas que foram utilizadas como fonte de estudo deste trabalho.

A discussão era abrangente, com a exigência para a mudança da legislação da possível aposentadoria a todos os trabalhadores mutilados na máquina desfibradora. A ansiedade no primeiro dia adentra no interior das negociações, surgindo incertezas para o caso que dependia do governo para mudar a lei.

Vindo de vários municípios da região sisaleira, os trabalhadores com suas mãos decepadas, percorreram as principais ruas de Conceição do Coité protestando contra a política

discriminatória do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e ao Ministério do Trabalho.

O envolvimento dos mutilados tem sido além das fronteiras, quando o fundo centro, responsáveis pelas pesquisas de segurança do trabalho, fazem um ato solidário, exibindo em frente onde certamente estava acontecendo a assembleia, um dispositivo de segurança para explicar os riscos dos desfibramentos e tentarem mostrar uma solução para amenizar os perigos existentes. Segundo especulações dos lavradores, em jornais citados anteriormente da época, que estavam ao redor da demonstração do aparelho, comentavam sobre os frequentes acidentes que ocorriam na região, contudo não recebiam nenhum ato de assistência solidária vinda do INPS que considera justa a petição.



Figura 1. Amostra do dispositivo de segurança em frente da Associação Castro Alves de Conceição do Coité.
Fonte – Jornal Panorama, Outubro de 1984.

Muitos homens mutilados recebiam ajuda do Funrural (imposto incidente sobre a receita bruta proveniente da comercialização da produção rural). Nesse caso, subentende que seja uma extensão do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), assim esses trabalhadores recebiam uma espécie de aposentadoria. Porém no ano de 1969, foi criado o Sistema Nacional

de Previdência Social (SINPAS) responsável pelos cancelamentos dos benefícios escrito no Funrural.

Tido como discriminação, a lei 83.080 de 1979 na qual os trabalhadores rurais só se aposentavam se perderem os dois membros do corpo, caso que deixa impossibilitado para trabalhar, enquanto os trabalhadores urbanos recebem o benefício na perda de apenas um dos membros, situação que levou o reconhecimento do superintendente regional do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social, Antônio Carlos Martinelli Braga, pela qual defendia os direitos dos mutilados, contudo precisava passar por estudos mais profundos para análise do caso, porém, aproximadamente dois meses que procedeu a última assembleia na Associação Cultural Castro Alves (ACCA), o próprio superintendente muda de posição, já que dias antes se pronunciou de forma sarcástica, vista em um noticiário do jornal da Bahia do dia 4 de Setembro de 1984, que pessoas mutiladas poderiam ser advogados e até deputados.

Esse episódio agitou os principais líderes nos encontros que já estavam avançadas nas negociações. Diante dos casos que estavam em demanda e que tinham como ponto de partida para levarem até o governo as pautas, acabar com os ânimos dos que estavam ali na assembleia, já que Martinelli Braga, o superintendente do INPS era uma das principais esperanças dos mutilados para solicitar as propostas para o ministro do trabalho Jarbas Passarinho.

“Eles podem ser diretores do INPS?” diante da pergunta feita pelo deputado Daniel Gomes, o superintendente Martinelli Braga se viu em uma difícil situação e preferindo não responder. Com essa indiscreta pergunta, subtende em uma vinculação solidária do deputado, que, desde então fazia parte das negociações. (informação impressa).¹³

Em meio a posições particulares e decisões incertas de Martinelli Braga, trouxe uma insatisfação que chegou a um cômputo movimento de pessoas para a passeata no dia 5 de Setembro de 1984. Esse âmbito serviu basicamente para tirar a conclusão de que o tão almejado benefício será aceito por uma única e exclusiva decisão do general João Batista Figueiredo, basicamente o último presidente militar.

Chegando a uma conclusão já definida que toda decisão dependia do presidente da República, que, nesse período estava sobre controle de um presidente sobre o regime Militar, mas tudo poderia ocorrer como planejado se a primeira decisão partisse do superintendente. Os encontros estavam sobre o regimento de várias autoridades, entre eles o deputado federal

¹³ Entrevista realizada pelo Jornal Panorama, 16 a 31 de outubro de 1984 Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 20 de Setembro de 2016.

Domingos Leonelli do PMDB da Bahia e mais seis deputados estaduais dando suporte aos mutilados.(informação verbal¹⁴).

Segundo Leonelli, o poder legislativo está limitado em criar leis que aumentassem gastos para a União, estando sobre a liberação apenas pelo decreto do Congresso Nacional. A colocação do deputado estadual Florisvaldo Carneiro que também esteve na assembleia do dia cinco (5), era que os gastos cedidos pela união na região sisaleira, chegava a um estimado valor significativo e que gerava para os cofres públicos aproximadamente \$90 bilhões (dólares) em todo estado da Bahia na produção do sisal, enquanto na região sisaleira, essa quantia chegava a \$13 bilhões, equivalente a 14,4% (por cento) de toda renda estadual. Florisvaldo fez uma análise, colocando como ponto principal a renda cedida pelo sisal da região sisaleira, equivalente a uma quantia favorável para os cofres públicos e que, uma retribuição da União seria mais que viável para ajudar os trabalhadores e trabalhadoras que reivindicam pelos benefícios.

De fato que a eclosão do movimento se concretizou principalmente mediante o apoio solidário das autoridades legislativas que estiveram presentes nos principais encontros. Para Nascimento (2013) essas reuniões eram dirigidas por meios de crescentes participações de pessoas nas assembleias. Inicialmente essas reuniões estavam de forma mais cautelada em grupo indiscretos, porém com o objetivo de expandir.

Outras fontes também apontam essas reivindicações de 1984. Nascimento fala de duas notas encontradas em um jornal de pequena circulação na cidade de Feira de Santana, intitulado “O grito da terra”. A primeira nota ressalta que em 1982, antes da eclosão, já havia sinais de reuniões em prol da grande manifestação dos mutilados que aconteceriam dois anos depois. Eram reuniões que tratavam de problemas da categoria, dentre eles a aposentadoria dos mutilados. Outro jornal foi editado em 1983 com a notícia de que os mutilados estavam reunidos na fazenda Quixo, região do município de Conceição do Coite, que possuía mais plantações de sisais. Essas fontes são indícios de muitos encontros e conchavos feitos antes da grade passeata.

Os trabalhadores do sisal sempre tiveram que enfrentar suas dificuldades, mesmo que as circunstâncias não fossem favoráveis. Contudo, eles não esmoreceram, porque o sisal sempre foi uma fonte de renda para esses homens e mulheres, a única cultura de subsistência, de modo que trocar essa cultura por outra seria uma desvantagem.

¹⁴ Entrevista realizada pelo Jornal A Tarde 1977 Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV ; Acesso em 20 de Setembro de 2016.

Diante do cenário visto, os trabalhadores direcionam numa rede de relações, invocando não só as entidades sindicais, mas parentes e amigos numa ação solidária a favor dos que sofreram amputações. Por meio dessa ação seria possível impressionar o governo em virtude do benefício de aposentadoria.

Inicia a luta dos mutilados contra o governo, intitulado como a “Grande passeata dos mutilados”. As relações estabelecidas através desse movimento permitia a participação inclusive de quem não eram mutilados Foi um movimento de caráter coletivo mediante o seu crescimento. Essa experiência reflete nos pequenos gestos afetivos que entrara para a história dos pequenos grupos de trabalhadores mutilados nas máquinas desfibradora de sisal.

2.3 Mais um na estatística

Nota-se que o processo das lutas dos mutilados com as máquinas desfibradoras de sisal originou-se de várias maneiras, e por isso compete detalhar os feitos no interior das negociações. Entre muitos homens mutilados, se traduz aqui, um dos muitos deles revelado por mera coincidência, fato curioso que, ao fazer análise das imagens dos jornais de grande circulação da época, entre todos que anunciavam o movimento dos mutilados no ano de 1984, aparece de forma nítida na capa do jornal que representava uma das reuniões em prol da luta, o senhor Antônio Carlos de Oliveira que, na época tinha aproximadamente vinte e cinco anos de idade, hoje com cinquenta e cinco, pôde revelar de maneira detalhada como foi o interior das negociações na qual sucedeu todo processo das lutas. O conhecimento de sua localização, veio pelo coincidente dia que uma graduanda da turma do sexto semestre do curso licenciatura em história observou que em um dos jornais tinha a imagem de seu vizinho, era o senhor Antônio Carlos de Oliveira conhecido como Cotó, um militante e mutilado que estava em Brasília para negociação com Jarbas Gonsalves Passarinho, ministro da previdência social, na época. A notícia de sua existência caiu como um rio de águas em meio ao deserto, fazendo profundas abordagens dos tópicos aqui citados.

O senhor Antônio, supracitado, Conta que ocorreram várias mobilizações para chegar a grande eclosão do movimento, esse fato mostra uma profunda realidade que os jornais, por serem limitados não mostravam com riqueza de detalhes todo o acompanhamento deste processo. A ideia dos fatos reais relatado pelo senhor Oliveira nos mostra que o avanço das mobilizações se definiu pelo apoio do sindicato rural de Conceição do Coité e contava com a solidariedade de Valdemir de Assis que na época era um trabalhador e ajudante que fazia parte dos movimentos sindicais.

Há tempos atrás, aproximadamente dois anos das primeiras reuniões e movimentos, algumas providências foram tomadas, já que nenhuma medida anterior surtiu efeito. Com a causa sem saída, foi definida em uma das assembleias a sugestão de uma viagem para Brasília, onde na oportunidade foram escolhidas algumas pessoas que iriam compor essa expedição com a finalidade de encontrar com as principais autoridades competentes, das quais se esperavam soluções. Foi definido para melhor estratégia das lutas, inserir os mutilados como melhor maneira de persuasão, assim sendo, foi enviado quatro vítimas de cada município da região sisaleira. Esta seleção se deu nos seguintes critérios: o estado de danificação do acidentado e pela idade, porque diziam se impressionar com mutilado mais jovem. Para analisar essa questão, compreende-se que pessoas inaptas, ainda jovens, traça um cenário amarrotado pelo ar de fragilidade e que seria incapaz de ser alguém sem utilidade no trabalho, sobressaindo no contexto à mendicância a sobreviver pedindo esmola.

Além das vítimas de mutilações, a viagem foi composta pelo pessoal que compõe o sindicato, algumas autoridades competentes, cantores da música artística, tais como: Miudinho e Passarinho, Curió que era muito conhecido nas músicas sertanejas, ambos compostas de suas criatividades musicais para o movimento, sendo que alguns integrantes foram de avião e a maioria inclusive esses últimos foram em um ônibus do Sul da Bahia (SUBA).

Segundo Nascimento (2013) foram enviados trinta e três mutilados, os quais chamaram atenções dos jornalistas de emissoras de televisão e rádios. Nota-se certa novidade referente aos mutilados que eram algo nunca visto e pelas expressões da mídia nesse período, não era algo característico da região, para eles eram algo inédito.

Com a chegada em Brasília, os integrantes precisaram se hospedar durante oito dias em um grande hotel com piscina e suítes, o motivo de acertar esse período, foi pelo objetivo de passar por todos os ministérios na programação semanal. Durante esse tempo tiveram vários encontros e reuniões com autoridades do governo, cada dia tinha um encontro com diferentes ministérios em dias e horários distintos, encerrando o último com o ministro Jarbas Passarinho.

Trazer noção do pensamento crítico e poder imaginar que esses movimentos eram a única maneira das conquistas cedidas pela previdência social. Mesmo com todo aparato dos militantes, Jarbas Passarinho se manteve seguro a resistência nas demandas dos mutilados,

nenhuma negociação teve êxodo perante Jarbas. Somente dois anos depois que ele passa o ministério para Valdir Pires, as coisas mudaram de lado, assim relata Antônio:

Eu sei que o último que a gente foi, foi a audiência com esse Jarbas Passarinha, aí ele falou que não precisava se aposentar não, que dava pra trabalhar[...] aí acho que no tempo, depois dessas audiências a gente passou...acho que o advogado, deputado...aí entrou com ação, depois, sempre tentando, tentando, tentando, até que Jarbas...ééé...pera meu Deus...o Jarbas Passarinha saiu e quem entrou foi Valdir Pires da Bahia [...] aí uns dois anos que agente fez o movimento, aí era hoje, amanhã, nada de aprovar, quando ele tomou posse do ministério, o Valdir Pires, aí aprovou no Brasil todo, não foi só Coité não (informação verbal¹⁵)

Toda trajetória dada pela efervescência do movimento só foi surtir efeito com a chegada do novo ministro da previdência, Valdir Pires. A decisão de Valdir Pires em liberar a aposentadoria saiu dois anos depois da expedição a Brasília, talvez pela análise circunstancial dos direitos que procedeu ao reconhecimento do ministro, todos que estavam no processo de aposentadoria foram aceito como causa ganha e considerado inaptos, inclusive pessoas de diferentes casos.

As reuniões que antecederam os movimentos aconteciam em vários municípios, mas com maior destaque em Conceição do Coité, município que levantou a bandeira dos mutilados ao seu auge. O sindicato foi a entidade responsável pelas despesas de algumas vítimas, sobre o fato das mesmas não possuírem condições financeiras para transições.



Figura 2. Foto de uma das assembleias que reuniam mutilados, Conceição do Coité-BA
Fonte: Jornal Panorama, 31 de Outubro, 1984.

¹⁵ Entrevista concedida pelo senhor Antônio Carlos de Oliveira, um dos trabalhadores em campos de sisal no dia 25 de Outubro 2018.

As legitimações dadas aos encontros surtiram efeito, devido à solidariedade dos sindicalistas, embora tivesse participações coletivas. Mas o “cérebro”, que atuava à frente das negociações, era o sindicato e seus derivados que sustentavam as relações diretas com o governo.

Com a agregação dos encontros, José Carlos relata ter participado de várias reuniões, sendo que, algumas eram dotadas pela amostra do dispositivo de segurança que impediam a penetração da mão ou do braço, isso fazia brotar um costume muito aceito para proteção na máquina desfibradora. Esse dispositivo é utilizado nos dias atuais nas máquinas paraibanas, e tem como finalidade, a baixa intensidade de contato corporal, caso a máquina não possua, quem responde pelo eventual acidente será o próprio dono da máquina ou todos que infringir a lei.

Tem deles ai que tá irregular a lei já é desse jeito [...] depois disso ai fizeram essa lei, tem um dispositivo que a mão não entra... O sisal entre e sai a fibra, e a mão da pessoa não entra não, tem vários motores ai que tem esse dispositivo[...] no início, no início era a boca normal...entendeu? [...] a fetag foi quem já fez esse dispositivo [...] já fez esse dispositivo pra evitar os vários acidentes como continua até hoje(informação verbal¹⁶).

Embora tenha a existência do FETAG-BA (Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura no Estado da Bahia) que foi muito útil para ajuda no movimento junto com o sindicato, entretanto, a frase dita pelo senhor Antônio Carlos não condiz o principal nome da instituição responsável pela invenção do dispositivo, quando ele por esquecimento menciona o nome FETAG, ele quis dizer sobre a principal instituição chamada FUNDACENTRO (Função Social da política Sobre Acidentes de Trabalho no Período Ditatorial Brasileiro-1966 a 1976), órgão vinculado ao ministério do trabalho, responsável pelo projeto de proteção aos acidentes. Foi um projeto desenhado pelo engenheiro agrônomo Armando Barbosa Xavier Filho, coordenador do projeto. O dispositivo foi implantado desde o período da eclosão dos movimentos, sendo utilizados em várias fazendas da região sisaleira.(informação verbal¹⁷)

A inexperiência também contribuiu para o aumento de pessoas acidentadas nas máquinas de desfibramento, foi o que aconteceu com Antônio Carlos, a esposa dele conta que a palha do sisal já estava no processo final, quando puxou o braço do mesmo que desfarelou toda a mão. Conta que no momento do ato, uma das pessoas a socorrer foram sua mãe e algumas pessoas que estavam por perto, na qual levou ao pronto socorro para fazer uma

¹⁶ Entrevista concedida pelo senhor Antônio Carlos de Oliveira, um dos trabalhadores em campos de sisal no dia 25 de Outubro 2018.

¹⁷ Reportagem realizada pelo Jornal Panorama em Agosto de 1984. Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 20 de Setembro de 2016.

cirurgia, ainda ela conta que houve escorrimento de muito sangue no momento do acontecido. Com a campanha para se aposentar, António Carlos teve a oportunidade de expor suas dificuldades que desde então eram muitas vezes sustentado pelos parentes e principalmente a sua mãe.

Com a transição de vários governos, as exigências dos benefícios passaram por novas transformações, analisando os casos específicos e prudências. Recentemente foram realizadas algumas revisões, das quais houve alguns rompimentos de casos específicos menos importantes. Em pleno ano de 2018 essas revisões foram retomadas, quando o próprio “Cotó”, uma das vítimas de mutilações conhecido popularmente, afirma ter passado por uma correção recentemente.¹⁸ Esse meio que o governo conduz o controle, está no argumento de benefícios com validade e que vem com a finalidade de cortes para pessoas em condições de saúde normal.

As dificuldades que eram desenhadas pela falta de opções, fez nascer um retrato que acabou estimulando a herança cultural deixada pelos pais, era a única fonte de renda e trabalho da região sisaleira, naquela época, não tinha outro setor fabril que pudesse atender a demanda de empregos como os setores sisaleiro.

A difícil jornada que esses homens tiveram sobressai numa campanha de lutas. Mesmo sabendo dos obstáculos e tardio resultado, o fruto prevaleceu mediante a coragem plantada, por uma visão ampla, por um futuro de esperanças e excelentes dias de recompensa.

2.4 Machucados e abandonados

Diante dos descasos, falta de amparo das vítimas centrado nas principais causas de acidentes, é vista poucas ações e preocupações do governo. As causas de mutilações que reflete o descaso de segurança no trabalho do sisal vêm sendo sustentado pela sociedade e mostrando a desvalorização manuseada pelos setores de produções diante dos serviços prestados. Os empresários bem sucedidos, construíram suas riquezas que, de alguma forma, certamente, custaram a “vida” de muitos trabalhadores, porém, se recusaram a retribuir suportes médicos e financeiros aos acidentados. Contudo os trabalhadores que sofreram acidentes nas máquinas desfibradora na década de 60 foram vistos em uma situação precária por falta de amparo dos patrões. Diante do mero descanso, o caminho dado foi à corrida nos processos jurídicos perante causas que, pelo o abandono, são consideradas mal feitas perante a justiça.

¹⁸ Entrevista concedida pelo senhor António Carlos de Oliveira, um dos trabalhadores em campos de sisal no dia 25 de Outubro 2018.

Os processos jurídicos ocorridos na década de 60, que provavelmente foram os reflexos do decreto da lei nº 7.036 de 1944 que consiste em uma ementa de reforma da lei de acidentes do trabalho . Ao entrarem em uma ação, visando exercer sua função perante as circunstâncias nas defesas de homens, nas quais foram vítimas de acidentes e sem nenhum amparo. Esses meios não condizem os movimentos dos mutilados de 1984, são casos insolados de competência da justiça que intercede o acordo entre o empregado e o empregador, até mesmo por que não havia uma organização e apoio de agentes federais ou estaduais, apenas as leis em seu favor.

É possível ver essas ações nas emergentes procuras jurídicas em causas bastante graves, em demanda das perdas de um dos membros do corpo, inclusive, casos muito comuns e que muitas vezes eram levadas ao reflexo da falta de amparo social. Os acidentes eram corriqueiros na região, em contrapartida, aconteciam no processo inicial do tratamento das fibras, problemas que surgiram devido à falta de segurança. Contudo, nem sempre se depara em um processo fabril englobando todo sistema de produção num só lugar, como acontece em outros setores manufatureiros. A produção do sisal acontece em fragmentos onde todas as produções podem ser vistas em pequenas tarefas de terras privadas, manipuladas por produtores ou até mesmo produtoras que contratam homens para o trabalho, e é nesses ambientes que oscilam a insegurança.

Durante a prestação de serviço, o trabalhador não recebe nenhuma garantia registrada pela segurança no trabalho, são contratos realizados verbalmente e com funções temporárias, que restringe ao dono da produção sisaleira, ficando livre sem nenhuma fiscalização, desempenhado sobre a lei, apenas em caso de dano físico relacionado a acidentes, cabendo em processos jurídicos procurados pelos próprios trabalhadores acidentados, uma ação contra o empregador. Em contrapartida, na década de 60 não havia amparos previdenciários pelos acidentes sofridos, somente a partir de meados da década de 70 que o governo sancionou a lei 6.195/74 que assegurasse o acidentado, denominado como (FUNRURAL) responsável pela assistência ao trabalhador rural. “Nesse baque, não haviam seguros previstos por lei, em contra partida cedia a validação de processos contra empregadores.” (NASCIMENTO, 2013, p. 62) (NASCIMENTO, 2013, p. 62).

Alguns desses processos foram estabelecidos em uma ação jurídica a favor dos mutilados, foram criados processos na comarca do município de Serrinha que detinha o monopólio judicial na região, sendo que as maiores partes desses processos eram do município de Conceição do Coité, visando uma coleção de ações processuais com o objetivo

de garantir acessão do acidentado. Por não haver certa segurança, a lei permitia a totalidade favorecida a todos os trabalhadores acidentados.

O cenário visto era muito preocupante, embora considerado comuns na década de 60, muitos trabalhadores sofriam com a perda de um dos membros do corpo, contudo, isso não significava a saída definitiva nas atividades do trabalho, todavia era a única forma de subsistência. Ao analisar algumas entradas dos processos jurídicos cedida pela comarca do município de Serrinha, fato de que não havia base dessa natureza em Coite, já que dependia do cartório do município de Serrinha por motivo, que, na época dominava praticamente a área geográfica da região sisaleira e algumas regiões circunvizinha. A partir de 7 de Julho de 1933 O município de Conceição do Coite se tornou autônomo, mas só possuiu sua comarca em 1º de Março de 1966, quando começou os serviços cartoriais, que eram conduzidos no século XIX, pelo escrivão Raimundo Nonato do Couto, que no período era o responsável pela lavratura de diversas escrituras de alforrias de negros libertos.¹⁹

Os casos de mutilações mais drásticas ocorreram, no final da década de 50 e início de 60, com alguns casos que chamaram a atenção. Na década de 60 esses feitos vingaram eclodir em grande demanda na justiça contra os empregadores, uma das vítimas foi o trabalhador Joviniano de Souza Góes, que ao cumprir mais um dia de trabalho, dessa vez foi em um período festivo de Natal, no dia 24 de Dezembro de 1959. Ele estava à prestação de serviço em favor do empreendedor João Lopes, quando o seu braço esteve em contato com a máquina desfibradora chegando a mutilar o seu braço esquerdo, caso que chegou a justiça para indenização.

De acordo com a lei N° 7.036 de novembro de 1944, o permitido era um acordo entre empregado e empregador, casos referentes a todos os acidentes dessa natureza²⁰. Subtende-se ter havido uma tentativa de negociação, que sem êxodo, no dia 20 de Julho de 1960 Joviniano, empregado, entra num processo pelo acidente sofrido em um dos serviços prestados a João, empregador, depois de uma semana Joviniano recebe da justiça uma carta deferida pela comarca de Serrinha.²¹

Esses casos são bem complexos, depende da pluralidade e podendo apresentar diversas possibilidades de contexto jurídico. Nesse período havia certa cautela nos processos, sendo que, pelo intervalo de tempo de 15 (quinze) meses não houve certo interesse de ajuda

¹⁹ Disponível em: < <http://conceicaodocoite.ba.gov.br/site/historia-de-coite/> > Acesso em: 18/09/2018

²⁰ (Processo de nº 28-2.657 da vara civil, Serrinha, 1960). Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 18/09/2018.

²¹ (Processo de nº 28-2.657 da vara civil, Serrinha, 1960). Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 18/09/2018.

por parte de João (empregador), período em que Joviniano poderia acionar um processo contra ele por falta de suportes médicos.

Em decorrência da falta de uma negociação amigável, sugerido pela justiça, um acordo, porém, não teve êxito. Busca-se despertar o parecer que será levado as possíveis tentativas de acordos entre os dois, assim seria aplicado o direito a partir das ações iniciais da justiça. O cumprimento do direito de ação se precede depois que Joviniano entra em uma atitude processual, que ao comparecer a comarca, sendo que o primeiro passo foi à afirmação do caso já transcrita em uma das cartas processuais, isso é visto em uma das cartas com a cláusula do dia 27 de Junho de 1961, depois de todo processo deferido pela justiça.

A audiência foi marcada para o dia 7 de Julho de 1961 às 14 horas pelas análises de acordos. A fonte mostra que depois de 15 meses o empregador João foi intimado ao desfecho de uma indenização. Essa conjuntura parecia se estender para todos os casos, porém, é preciso ter cautela e aprofundar melhor em análises de vários processos jurídicos desempenhado pela comarca de Serrinha.

Até então, o uso particular das ações que promovia solução amigável não surtiu efeito, esperava-se uma ação individual de João (empregador). Foram realizadas várias audiências, sendo que desta vez foi acionando a entidade responsável por acidentes, nos dias 25 de agosto, 17 de novembro e 29 de Dezembro de 1961 com intenção de mais audiências, as últimas foi contra a Piratininga (companhia de seguros Gerais e Acidente de Trabalho), entidade responsável por causas de acidentes, porém não havia acordo entre o empregado e a companhia. Somente uma das últimas audiências feita com a companhia, foi decidida as obrigações. Nesse termo foi comunicado com diversos telegramas que os exames e os laudos médicos já estariam nas mãos da entidade, era só questão de tempo para a Piratininga se manifestar.

Apesar dos processos se absterem diante da cláusula expedida pela justiça, somente no dia 6 de Abril de 1962 foi pago a esperada indenização de (72.952,70 setenta e dois mil novecentos e cinquenta e dois cruzeiros e setenta centavos) em cheque, no qual estavam presentes no salão jurídico, várias pessoas envolvidas nos processos, porém, marcando ausência somente o empregador João Lopes, que era representado pela companhia Piratininga. Assim segue o termo de pagamento da referida indenização do acidente pela qual levou o encaminhamento de todos os processos.

Nesta cidade e comarca de Serrinha, às 15 horas, no passo Municipal e salão do júri, presente o Bel. Arthur de Azevedo Machado, juiz de Direito da comarca, comigo Diva Pedroza Nunes, escrivã ao seu cargo, presente o acidentado Joviniano de Souza Góes, bem assim o representante da A Piratininga Companhia de Seguros Gerais, -

Sr. José Guilherme Barboza Dantas, por esse foi exibida e entregue ao acidentado. Importância de setenta e dois mil novecentos e cinquenta e dois cruzeiros e setenta centavos, em cheque nominal nº 287491 contra o banco da Bahia S. A. (informação escrita²²).

Esses processos foram conduzidos por intermédio da companhia de seguros Piratininga, que preiteou pelas responsabilidades dos laudos médicos. Essas competências implicam nas participações conjuntas com a justiça em casos necessários que promovem os acordos harmônicos perante a justiça, porém, não se pode afirmar a participação da companhia em todos os casos,

O princípio da lei Jurídica está empenhado em analisar o recorrente caso em demanda, e sendo caracterizado pelo vestígio que trate a seu respeito, está definitivamente a cumprir o seu dever. Sendo que o processo é o meio pela qual são exercidos os direitos e respeitando seus limites com ordem e decência para com o próximo.

²² (Processo de nº 28-2.657 da vara civil, Serrinha, 1960). Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 18/09/2018.

CAPÍTULO III - SOLIDARIEDADE DOS TRABALHADORES DO SISAL

A discussão que será inserida neste capítulo relatará o processo de construção solidária de trabalhadores e trabalhadoras, permitindo conhecer o sentido afetivo nas relações do trabalho. O termo solidariedade surge para suprir uma coluna que vem sendo reproduzida como uma nova organização social. Um dos pontos de grande importância a serem observados é a origem da cultura do sisal na qual tem grande relevância de relações no trabalho.

A familiarização nos principais setores de trabalho tem sido um marco responsável por grandes vínculos de assistência. Quando são observadas as ações de trabalho, os principais fatores a serem analisados estão atribuídos nos laços que se ampliou no período da implantação das primeiras mudas do sisal. Inicialmente não foi desenvolvida nenhuma organização na produção, apenas uma flexibilidade pelas relações afetivas vinculadas nos setores produtivos, colaborando para o desenvolvimento inicial das fibras na região.

O conceito atribuído aqui se incide na divisão social do trabalho, conceito de solidariedade que qualifica a divisão do trabalho por meio de relações incorporadas ao setor de trabalho, independente das funções, elas fundamentam por coletivismos, ao associarem aos conjuntos de sociedades atribuídas aos homens e mulheres em exercícios.

A solidariedade que se pretende abordar tem como ponto de partida o pensamento do sociólogo Émile Durkheim (1999) que se caracteriza como principal elemento, uma reciprocidade estabelecida dentro do parâmetro estendida na vinculação de classe trabalhadora.

Para Durkheim, a estrutura e organização do trabalho estão além do trabalho formal, essa estrutura se fortalece por meio de uma solidariedade orgânica capaz de construir uma moral integrativa. Essa estrutura organizacional mencionada por ele, está relacionado a terceira República Francesa que teve como proposta o estabelecimento de uma legislação voltada aos trabalhadores e o intervencionismo do estado nas questões econômicas. Aplicando isso nos atuais fundamentos da sociedade trabalhadora, podemos notar as mesmas características voltadas aos trabalhadores.

As ações solidárias dos trabalhadores se estabelecem na consciência de apoio que o homem exerce sobre o outro, por causa disto um indivíduo se atrai pelo outro causando a relação social no trabalho.

Ver-se assim, que espécie de solidariedade o direito penal simboliza. Tudo mundo sabe, de fato, que existe uma coesão social cuja causa está numa certa conformidade de todas as consciências particulares a um tipo comum que não é outro senão o tipo psíquico da sociedade. Com efeito, nessas condições, não só todos os membros do

grupo são individualmente atraídos uns pelos outros, por se assemelharem, mas também são apagados ao que é a condição de existência desse tipo coletivo, isto é, a sociedade que formam por sua reunião. Não apenas os cidadãos se amam e se procuram entre si, preferindo-se aos estrangeiros, mas amam sua pátria. (DURKHEIM, 1999, p. 79)

Isso ocorre pela correspondência mútua entre si, ou até mesmo quando a solidariedade entrelaça no grupo por completo. Nesse aspecto os problemas sociais parecem se distanciar entre eles, colocando em vista que as soluções são as principais prioridades do grupo.

Ultimamente o cenário nas produções está ligado às divisões sociais do trabalho, um estudo que abrange formas de relacionamentos no trabalho coletivo, características que são vistas através dos grupos que exercem funções por intermédio de uma suposta cultura. É um discurso muito interessante, não basta especulação, é preciso amadurecer as ideias.

Os exercícios produzidos por intermédio dos indivíduos em determinados grupos, quando exercem tal trabalho são tidos como uma atividade de ordem solidária ou moral, no entanto são mais conhecidas como solidariedade social. Podemos observar que, essas formas de relações, são características de trabalhadores que se relacionam por meio de ações em grupos, causando uma característica solidária.

Não temos apenas de procurar se, nessas espécies de sociedades, existem uma solidariedade social proveniente da divisão do trabalho. É uma verdade evidente, pois a divisão do trabalho é muito desenvolvida nelas e produz a solidariedade. Mas é preciso determinar, sobretudo, em que medida a solidariedade que ela produz contribui para a integração geral da sociedade, pois somente então saberemos até que ponto essa solidariedade é necessária, se é um fator essencial da coesão social, ou então, ao contrário, se nada mais é que uma condição acessória e secundária. (DURKHEIM, 1999, p. 30)

Nos tradicionais ambientes que submergem esse perfil, renascem as mesmas características de semelhantes vínculos sociais, essas semelhanças são procedentes da coesão dos membros dos determinados grupos, fazendo conhecer as diferentes espécies de solidariedade.

Numa retomada de debate referente à solidariedade social, na qual Jacob Carlos Lima e André Ricardo de Souza (2014) entram em fatores que corroboram para uma discussão mediante transformações nas relações de trabalho e o movimento solidário que faz parte de uma inclusão social. O ponto abordado é a reestruturação econômica a partir da década de 1970 quando eles falam principalmente das relações de trabalho, onde um dos meios de soluções seria o reconhecimento das ações solidárias.

Pode-se afirmar que nesse período o reconhecimento dos direitos sociais garantiram identidades enquanto profissionais, segundo os autores houve uma fragilidade por parte desses direitos, principalmente na sua ordem, quando as relações no trabalho sofrem

desequilíbrio, então as entidades, principalmente as eclesiásticas estiveram presentes promovendo a recuperação do movimento de solidariedade social no trabalho.

Eles citam as propostas de outros autores quando são abordadas as organizações coletivas, colocando em vista as mobilizações das entidades eclesiásticas, sindicatos e universidades, todos esses movimentos foram incorporados aos assuntos solidários quando estavam no pensamento conjunto em meado de 1990.

Situa-se as entidades eclesiásticas como um dos importantes pilares na sociedade para uma causa solidária, uma de suas ideologias vem sustentando a ideia de que a mendicância é o principal fator da instabilidade que a sociedade sustenta. Com a fala de José Lopes, podemos meditar que tanto a igreja católica quanto a protestante vem dar suporte na regulamentação dessa mendicância, quando os mesmos vêm atribuir campanhas de favorecimento solidário.

[...]Fazia cesta básica e levava, arrumava roupa, eu Maria galega era a chefe, o povo falava de mim e Maria galega e nos não tinha nada haver com o outro, eu levava uma cesta básica longe, assim na roça ou em outras ruas, aí como eu era homem... Aí ela dizia assim: bora mais eu, aí eu ia com ela. Sempre levava sexta básica, aí levamos alimentos, levamos roupas usadas [...](informação verbal²³)

A organização solidária, parte também da ajuda humanitária com estímulos de pequenas ações eclesiásticas, não é de hoje que o cristianismo abraçou a solidariedade universal, podemos perceber que esses traços afetivos estiveram presentes em muitas ações sociais das igrejas. Nessa entrevista, José relata umas das principais tarefas de participação de solidariedade na igreja, sua fé ia além da relação eclesiástica, ajudando aos necessitados, os fiéis acreditavam que estariam colaborando para o bem que a igreja pregava.

Além do período em que a igreja se envolvia nas campanhas solidárias, a construção pelas famílias nas comunidades, garantiu certa proteção social, isso era provável mediante ao apoio das igrejas ao redigir certa proteção aos carecidos. Nota-se que as relações solidárias diminuem os problemas existentes em praticamente todos ambientes. Essa análise possibilita enxergar melhor que as soluções estão para além do ato solidário.

Lima e Souza (2014) faz uma referência ao capitalismo industrial quando nomeia aos vagabundos e andarilhos como os outsiders, quando são reconhecidos para obterem os mesmos direitos sociais e que constituíam aptos na venda de suas forças de trabalho. Os autores falam sobre contribuição da igreja e reforçam a questão dos valores que até então eram esquecidos, mas em contraponto estabeleceu normas restringindo algumas pessoas na

²³ LOPES, José. Entrevista concedida a: Conceição do Coité, data 07/08/2016 . [A entrevista encontra-se juntamente com as referências desta monografia]

regulamentação da vida monástica e estabelecendo outras nas condições do assalariamento, impondo aos trabalhadores uma troca de sua força de trabalho.

Os autores supracitados, ainda, afirmam no seu artigo que com o impacto da revolução Russa, o estado foi obrigado a intervir nas relações de trabalho, de uma forma sistemática, garantindo a força social do trabalho, logo em seguida essa forma veio se espalhando em toda Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Essa forma de relação social veio com uma série de conquistas para os trabalhadores e as trabalhadoras, abrangendo a redução da jornada de trabalho, férias remuneradas, seguro desemprego e outros benefícios. A redução da jornada de trabalho foi uma das causas que veio por meio de ideais de garantir o emprego a outros trabalhadores, redistribuído a outros trabalhadores e trabalhadoras os empregos existentes.

Ultimamente, as novas formas de relações de trabalho podem ser entendidas semelhantes àquelas que se formou logo depois que sucedeu o antigo modo feudal, o modo de produção são outros, mas as formas de trabalho basicamente são meras semelhanças. Contudo essas formas de relações se distinguiram em senhor e vassalos versus burguesia e proletariado, as duas formas se diferenciam em poucos aspectos. Nisso se caracterizou o surgimento de novas formas de relacionamentos no mundo do trabalho.

As ideias que vinham desde o período feudal, vêm atualmente como diferente antagonismo, colocando novas formas de explorações, cabendo às corporações das novas divisões do trabalho em que se procedem atualmente. A própria necessidade do mercado consumidor fez brotar novas formas de relações de trabalho, suplantando aquela velha forma manufatureira dentro das oficinas (Marx e Engels 1968).

Para uma compreensão mais detalhada, ao observar tais questões, Marx aborda e faz uma relação sobre a identidade coletiva do trabalhador, pensando nas suas formas de se apropriar causando o perfil solidário dentro do ambiente de trabalho, para Marx os homens são os próprios responsáveis pela ação que se estabelece no processo do desenvolvimento.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2001, p.211).

Trata-se de um regulador, o homem em seu trabalho é uma ferramenta e pode regulamentar toda circunstância ao seu redor, pode se relacionar de forma atrativa e para o bem do grupo em que se relacionam.

Sendo caracterizado pelo combate na subordinação de relação salarial, os socialistas no século XIX tem visto isso como uma nova forma de escravidão. Para eles a posse de todos os setores privados empenhado nas mãos dos capitalistas, passa a existir uma contradição, visto que isso levaria o predomínio dos trabalhadores nas transformações sociais, por meio de uma solidariedade de classe e acabaria levando e formando uma revolução com domínio de trabalho da classe operaria como liderança na transformação da classe sobre o capital (Marx e Engels, 1968).

A solidariedade não é observada, compreendida, apenas, nas recorrentes divisões do trabalho, mas em todas as principais formas associada ao seu cotidiano, caminhar além, é garantir a dignidade de um cidadão livre fora do serviço.

Retribuindo as divisões do trabalho que vai para além do trabalho em que os grupos exercem, é pensar na divisão sexual do trabalho. Não é de hoje que as mulheres vêm ganhando espaço no mercado de trabalho, isso atribui as várias formas de esboços afetivos formado por elas, vale a pena ressaltar o importante papel que as mulheres desencadearam na revolução industrial no século XVIII na Inglaterra, quando elas demonstravam afetividade ao levarem para o interior das fábricas seus filhos. Reaproveitando, para salientar, que tanto as mulheres quanto seus filhos trabalhavam e com o salário bem abaixo a dos homens, criando assim uma expectativa solidária nas tarefas, nas fábricas para ajudar no sustento dos lares.

[...] Hoje, entre os povos cultos, a mulher leva uma existência totalmente diferente da do homem. Dir-se-ia que as duas grandes funções da vida psíquica como que se dissociaram, que um dos sexos monopolizou as funções afetivas e o outro as funções intelectuais (DURKHEIM 1999, p. 26).

O perfil essencial do afeto cabe tanto à mulher quanto ao homem, porém, em um trabalho formal e com o mesmo objetivo, os dois estão entrelaçados e aptos, visto que o sexo não diferencia em suas habilidades. Contudo ambos se relacionam da mesma maneira e no mesmo espaço.

Segundo Thompson, a solidariedade foi um fator muito importante entre os trabalhadores ingleses, para ele as direções dos valores coletivos foram uma marca lembrada em várias entidades sindicais que tinham grandes ênfases no período em que eram discutidos dentro do campo político. (Thompson, 1987.) No campo onde os trabalhadores socializavam se apresentavam como uma rede comunitária e definida como um todo.

Podemos notar que o mundo do trabalho mantém uma solidariedade ativa que define o grupo a uma lealdade. Nos anos que procedeu a revolução industrial, esses homens eram mais isolados, falando especificamente, assim confirma o autor:

O sentimento de solidariedade de ofício podia ser forte. Mas a suposição de que essa fraternidade de ofício necessariamente entrasse em conflito com objetivos e solidariedades mais amplos é totalmente falsa. [...] encontraremos entre os trabalhadores e trabalhadoras do século XVIII muitas evidências de solidariedade e consciência horizontais. Nas muitas listas de ocupações que examinei [...], fica claro que as solidariedades não eram segregadas pelos ofícios (THOMPSON, op. Cit., p. 61-62).

A solidariedade nasce no conjunto de boas ações, principalmente quando vivem em condições de misérias, é nesse período que nasce a consciência do compartilhamento solidário. Muitas vezes extraem sentimentos de irmandades em períodos críticos corroborando numa ação conjunta, nas pequenas comunidades em que vivem.

A solidariedade vem surgindo nas repartições por meio de convivência e relacionamentos entre pessoas no trabalho. Esse termo tem se estendido para além das pequenas comunidades e espalhando por muitos lugares, (Hobsbawm, 2000). Pode passar a existir em diversas partes, diversas maneiras e em qualquer território, ela se estabelece a partir de ligações diretas entre pessoas em diversos ambientes nos quais, quase sempre estão ligados por intermédio de certas atividades específicas.

3.1 Solidariedades em tempos de secas na região sisaleira

Não é de hoje que o problema climático vem assolando grandes plantações do sisal, apesar de permanecer até os dias atuais, a estiagem é uma das causas responsáveis pelo tardio desenvolvimento no plantio. Supondo que isto traz desabastecimento de fibras no mercado, causando caos no fornecimento dos produtos e baixa produção do sisal, setor responsável pela grande parte dos trabalhos manufatureiros de toda região.

A produção das fibras só é possível por meio de uma boa colheita, elemento do processo que dá origem a grandes números de pessoas em atividade manufatureiros. No ambiente específico cuja produção vivencia uma corrente de homens e mulheres nas principais atividades, muitos deles estão entre famílias e amigos. Isso permitiu o agrupamento de integração entre grupos harmônicos que trabalham nos principais setores do sisal.

A característica climática da região se limita a períodos de estiagem muito grande, o crescimento do sisal se procede quando o clima está favorável, fato ocorrido nos períodos de chuvas, nesse caso as plantações só estariam propícias a colheita, quando uma boa quantidade de chuva rega sobre a riqueza do solo.

O discurso da seca está enraizado na manifestação popular, principalmente nos que vivenciam esses momentos e vem sendo uma pauta nas produções acadêmicas atualmente, visto que esse fator se relaciona com a falta de abastecimento de água nas lavouras.

Em 1977 aponta um caso drástico de seca na região do sisal, referindo nesse mesmo período, o abate por falta de fibra para o trabalho, deixou muitos homens desempregados, sem alternativas de trabalho, a solidariedade destes era contemplada dentro dos bares e botecos, onde se encontravam para se lamentarem da prolongada estiagem que deixou muitos sem alternativas de trabalho.

Para esse registro, aponta como fonte dos fatos, notícia de primeira folha em destaque no jornal, um caso específico ao êxodo de pessoas para outras regiões, e um dos destinos se focava a cidade de Camaçari, região metropolitana de Salvador. Nesse empate não havia solução para a crise, para a causa, tudo só dependeria de chuvas na terra para o amenizo.

O desemprego que, embora seja enorme, foi a causa dos problemas sociais nas últimas décadas, causando desilusões e ansiedades com o reflexo da seca em 1977, em sequência, acaba estimulando também outro êxodo na década de 80 e vão a busca de melhores condições de vida, muitos trabalhadores com suas famílias principalmente na região de Serrinha, partem em busca de emprego.

A especulação que se submete à troca de cultura incidiu devido a grave seca existente no ano de 1977, entretanto isso não seria viável mediante a crise que a região estava enfrentando, não existia sisal para o trabalho, havia um clima de lamentos em cada esquina da cidade, a única esperança era ficar na expectativa da chegada da chuva. A seca nesse período marcou o início de retirada de trabalhadores para outras regiões, de fato não existiam trabalhos para aqueles que ficaram restando apenas lamentos de desempregos.

Na região sisaleira o clima é de apreensão, a cada dia a notícia corre de boca em boca: “fechou mais um depósito de sisal” “o motor de fulano parou, os homens estão sem trabalho, João de zefina vai embora com Pedro de Laura e Manoel das Virgens”. Nos bares e botequins de Serrinha e Barrocas, os homens se reúnem no final das tardes para discutirem sobre a seca. Fazem planos de deixar a região, comentam sobre a ida para o polo petroquímico de Camaçari. O certo é que a cada dia levas de retirantes deixam as cidades rumo a outras regiões em busca de trabalho (informação escrita²⁴)

A expectativa de que dias promissores chegassem padronizaram as desconfianças que ficaram sem saída para os trabalhadores na região. Receosos, muitos donos de motores

²⁴Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde em 6 de maio de 1977 Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 20 de Setembro de 2016.

não tiveram saídas, á não ser vender seus motores para a compra de alimentos. Foi um período difícil para o plantio do sisal e com uma estiagem muito longa, cerca de treze (13) meses sem chuva, deixando a terra em uma situação desqualificada para o corte da folha do sisal.



Figura 3. Sem trabalho, os homens concentram se nos bares e botecos no município de Serrinha. Fonte – Jornal A Tarde, 1977.

Enquanto o governo com sua política ligada ao beneficiamento dos grandes produtores, os pequenos produtores em seus dramas no descaso social reproduzido pela política arcaica das próprias entidades, não conseguem dar suporte pelo preito de suas relações com trabalhadores que tem como um leque, baixos salários conseguido com máquinas desfibradora.

Se não existisse o sisal isto aqui não existiria. Todos aqui sobrevivem da exploração da cultura do sisal, que impulsionou pra frente a região. Sou produtor acerca de de 19 anos e jamais vi crise igual a que estamos passando, até eu que sou um pequeno sisaleiro tive que vender os motores pra comprar alimentação, afim de não morrer de fome” disse João Sancho Santana (informação escrita²⁵)

Quando se trata de período de estiagem prolongada, a mensagem é clara, o reflexo do crescimento é aguçado e deixam inúmeras instabilidades. O desemprego cresce deixando inúmeros trabalhadores sem alternativa, a não ser fazer parte do êxodo. Como foi dito anteriormente, o período que se seguia a seca, era inquestionável a solução mediante a causa, tudo dependia amplamente das condições climáticas, embora o governo junto com o banco do

²⁵ Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde em 6 de maio de 1977 Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 20 de Setembro de 2016.

Brasil pudessem comprar os sisais para amenizar a crise, mas isso não resultou nas possíveis condições de melhorias para os trabalhadores. Nesse contexto, e no caso concreto das possíveis insatisfações por parte da seca, o setor econômico era atingido pelos obstáculos que as bateadeiras enfrentavam, conseqüentemente atingia todos os setores produtivos da colheita ao processo de industrialização.

A estiagem de 1977 marcou o início de uma grande crise, provocando a escassez de mão de obra, agravando a situação nos municípios de Serrinha e Conceição do Coité. Além dos preços baixos, houve extinções de algumas usinas de sisal, para citar apenas algumas precariedades da época. O êxodo dos trabalhadores causado pela seca deixou uma necessidade muito grande de homens, colocando as mulheres no trabalho substituto. Muitos trabalhadores sem esperança foram buscar melhores condições no polo petroquímico de Camaçari. As únicas usinas mantidas foram as cooperativas mistas dos agricultores localizado em Serrinha e a fábrica Sisal Gomes, localizada em Conceição do Coité. Essas permaneceram devido a um pequeno número de mulheres mantidas nas atividades do sisal, segundo fontes escritas em jornais da época citados ao longo deste trabalho.

Embora as condições climáticas da região tenham provocado crises, Silva (2010) ressalta que a natureza não foi à única causa da seca na região. Para a autora, a crise do sisal ocorrida na década de 70 foi criada com a intervenção do homem. Na sua perspectiva, o cenário de pobreza e desigualdade do período serviu de apoio para o regime assistencialista na região, principalmente os homens que são constituídos pelo poder.

Os grandes homens de Conceição do Coité é sustentado pelo regime patriarcal do tipo coronelista, um regime composto pelo enlace dos sistemas capitalistas, do racismo e da heterossexualidade compulsória, cujos princípios foram difundidos e consolidados no processo de ocupação e colonização do espaço onde a cidade foi construída (SILVA, 2010, p. 109).

Desse modo a autora transcreve pela análise de uma memorialista que a cidade foi consolidada no processo de ocupação e colonização. Mesmo as coisas não indo bem e com muitas dificuldades e desigualdades, as mulheres rurais tem resistido ao patriarcado coronelista por meio dos movimentos distintos, assim ressalta a autora.

Os jornais da época sugerem que tudo ia bem até 1975, o comércio era dotado com empenho devido ao movimento da produção do sisal, que se a aceleração das atividades e as produções tivessem em demanda, a lucratividade do comércio superava a necessidade nesse período. Porém, depois de dois anos, a instabilidade atinge os comerciantes, deixando apreensões causadas pelo reflexo da crise.

O problema atinge também os comerciantes. Eles afirmam que até 1975 tudo corria bem em Serrinha, refletindo a estabilidade da produção sisaleira; lembram que, na

época, não só o comércio como os demais setores da atividade econômica do município eram beneficiados, não faltava trabalho para ninguém e o dinheiro corria fácil. Hoje, asseguram, não há nem comparação. O comércio caiu mesmo. Muita gente foi embora à procura de melhores condições de trabalho e os que ficaram não dispõem de poder aquisitivo, pois os salários são baixos (informação escrita²⁶)

O financiamento não funcionava para os produtores que se viam cada vez mais em situações difíceis, para obter ajuda governamental, teria que passar no âmbito do processo de políticas dos preços mínimos, muito abaixo do índice satisfatório, negócio não muito aceitável para os pequenos produtores. O problema não estava, somente por falta de trabalho, mas também por um duplo obstáculo que a região estava enfrentando, a falta de chuva e conseqüentemente não havia folhas prontas para a colheita, não houve uma ação social monetária por parte do estado mediante a situação, apenas um incentivo de plantio em lugares diferentes.

Na junção do ato solidário e na tentativa de ajudar, o governo junto com os bancos avaliou o caso para tentar definir soluções. A conclusão chegou de ajudar os agricultores não beneficiou os pequenos trabalhadores, eles continuavam economicamente vulneráveis, os créditos oferecidos ajudavam apenas os empreendedores do sisal que estimulavam o andamento durante o período de seca.

A solidariedade das entidades vista por uma política de suporte não deixou de ser um pilar para amenizar os efeitos da crise, as igrejas, os sindicatos e algumas autoridades se empenharam no momento em que o embargo climático interinam o período de seca.

Entretanto o problema de estiagem já era considerado um caso social, sobre o qual estava virando uma questão de pobreza na vida familiar. Um dos meios encontrados para solucionar o problema era sair em busca de emprego em outras localidades, isso era pensado por meio de ideias coletivas, nesse aspecto o que marcou esse fato foi o êxodo de muitos moradores na cidade de Serrinha para trabalharem no polo de Camaçari. Homens sentam em bares nos finais das tardes em solidariedade entre amigos para falarem sobre a seca do período.

Sem dinheiro para fixar o homem à terra, os produtores nada podem fazer, a não ser dizer que o mês de Maio é de chuvas para a região, porém os trabalhadores receosos de morrer de fome fazem que não estão ouvindo e com as trouxas nos ombros, mulheres e filhos atrás deixam o campo em direção a cidade grande (informação escrita²⁷)

²⁶Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde em 6 de maio de 1977 Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 20 de Setembro de 2016.

²⁷Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde em 6 de maio de 1977 Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV Acesso em 20 de Setembro de 2016.

A estiagem é típica da região, um problema que terão que enfrentar sem tempo determinado. Mediante as circunstâncias, a saída para procura de emprego em outra região era uma das únicas saídas que os trabalhadores encontraram para amenizarem a crise da seca.

Lamentavelmente a estiagem prossegue por um longo período. O deputado federal João Durval Carneiro se solidariza pela região dando o seu apoio através de órgãos federais como o Banco do Brasil em prol de conseguir uma proteção mais eficaz para a produção do sisal.

Reconhecendo a segura atuação do Governo Federal na ajuda ao Nordeste, notadamente o seu apoio à região sisaleira baiana, através do banco do Brasil, é que apelamos aos órgãos competentes no sentido de conseguirem uma proteção mais eficaz e imediata para a proteção do sisal do meu estado. A comissão de financiamento da produção, pedimos o reajuste do preço mínimo em Junho; Ao ministério da agricultura encarecemos a importância da criação de um Centro de pesquisa destinado a melhoria da produção e aproveitamento daquele produto e, finalmente, um veemente apelo ao Banco do Brasil para a prorrogação, por um prazo maior, do pagamento dos débitos dos produtores, bem como o restabelecimento das linhas de crédito para essa lavoura(informação escrita²⁸)

Segundo a especulação do parlamentar era que os bancos passaram a ser como agentes arrecadadores de créditos ao invés de ajudar para enfrentar a situação. Havia poucos estímulos mediante a efervescência da crise. Para o deputado João Durval, essa falta de incentivo por parte dos Bancos foram os responsáveis pelo êxodo dos trabalhadores e a baixa produção que chegava a 70 por cento, e que, tem causado a suspensão da exportação do sisal para países europeus.

Supondo que o admirável afeto empenhado por João Durval mediante os problemas parte de sua naturalidade e reconhecimento político na região, ele vem atuando nessa causa também pela redução dos preços do sisal, um dos fatores das quais acumulou muitos impasses da crise que tem impedido o procedimento nas produções.

Essa foi uma das piores secas já registradas no território baiano, andamento que em 1978 no mês de Setembro, grande parte das usinas sisaleiras se encontrava em estado crítico. A maneira adotada para ajuda econômica vinha como paliativa da política de preços mínimos, parâmetro que contribuiu para a escassez da mão de obra, nesse cenário, aproximadamente quatro (4) mil trabalhadores deixaram a região, e os que ficaram passaram dificuldades econômicas. Embora a maioria das usinas estivesse em recesso mediante a crise, as poucas atividades existentes eram feitas pelas mulheres, que em virtude da falta de mão de

²⁸ Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde, 6 de maio de 1977 Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV acesso em 20 de Setembro de 2016.

obra masculina, nessa circunstância as mulheres supriam os trabalhos que eram feita pelos homens²⁹.

As instabilidades atingem tanto o comércio quanto todos os setores de atividades econômicas que vinham sofrendo queda desde o início da seca. Em decorrências dessas fortes turbulências, muitos produtores reclamavam por falta de uma relação solidária que o governo deixava a desejar.

Os produtores reclamam da falta de assistência por parte dos órgãos governamentais. Acentuam que não há financiamento próprio para o sisal, assistência técnica nem orientação para a melhoria da qualidade, e ameaçavam abandonar a cultura, se não forem adotada providências enérgicas(informação escrita³⁰).

Levando em consideração que a ajuda só era concedida na área da comercialização e com a política de preços baixos, caso que desagradou a maioria dos produtores. Em contrapartida, com a unificação dos agricultores, em virtude de ameaças ao abandono da cultura do sisal, se não aceitasse o preço mínimo exigido pelos produtores. Nessa fase, subtende que havia certa unidade meditativa e que nessa relação havia vínculos que intermediada as negociações. As organizações governamentais eram questionadas por não atender as reivindicações exigidas pelos produtores, que era de 40 %, enquanto o passe era de 32,7 %, nesse impasse, nenhuma medida solidária era tomada para a retribuição da causa.

Com o passar do tempo o problema persistiu, com o desemprego de 200 mil trabalhadores, foi possível um levante crítico aponto de parar praticamente toda atividade do desfibramento do sisal em Julho de 1994(informação escrita³¹). Foi possível organizar uma passeata com expectativa de aproximadamente 5 (cinco) mil pessoas nas principais ruas de Conceição do Coite, ato solidário de muitos trabalhadores em busca de uma solução por parte do governo estadual. Segundo o secretário do sindicato rural de Conceição do Coité, Irineu José de Brito afirma ter em vista uma mobilização geral, sua expectativa era que chegasse aproximadamente 5 mil pessoas solidárias para União e apoio ao movimento.

Desesperados com a seca, que já provocou o abandono de muitas roças e a suspensão de praticamente toda a atividade de desfibramento do sisal, que emprega mais de 200 mil pessoas, os trabalhadores rurais da região sisaleira da Bahia vão realizar, amanhã, uma passeata pelas ruas de Conceição do Coite, município distante

²⁹ Reportagem realizada pelo Jornal da Bahia, Setembro de 1978 –Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV- Acesso em: 20 de setembro de 2016.

³⁰ Reportagem realizada pelo Jornal da Bahia, Setembro de 1978 - Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV- Acesso em: 20 de setembro de 2016.

³¹ Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde, 1994 - Disponível no CEDOC/UNEB CAMPUS XIV- Acesso em: 20 de setembro de 2016.

210 quilômetros de Salvador. O objetivo da manifestação é chamar atenção do Governo do Estado para os graves problemas da região (informação escrita³²)

Uma das prioridades era resolver o problema da fome e tentar manter o equilíbrio de trabalhadores fixados na região, assim afirma Irineu. Para os colaboradores, um dos primeiros passos teria que erradicar onde haviam estados mais críticos, que eram vistas principalmente nas cidades de Conceição do Coite, Retirolândia, Capim Grosso, Campo Formoso, Queimadas e Santa Luz.

Nos anos remotos entre o período do dia 19 de Julho de 1984, Conceição do Coite recebe a visita do presidente da companhia de financiamento da produção, Francisco Vilela, para conhecer de perto os problemas da região. Com esse ato solidário, Vilela pretende a negociação na questão dos preços do sisal, questão na qual os ansiosos produtores esperavam para apaziguar a crise. Nesse andamento João Vicente Dhom da Cunha que era nesse período o presidente da associação dos produtores de sisal da Bahia -Prosisal, ele esteve presente em uma reunião de suma importância para negociação do preço do sisal e manter as produções em decorrência para geração de empregos.

Todavia essa visita era para trazer algo novo predominantemente pela ajuda solidária na qual já estariam esperando pelas muitas promessas recebidas de entidades governamentais. Contando que a sua sobrevivência, parte de uma unidade produtiva capaz de alçar suas necessidades e sobrevivência.

Em destaque, o, “trabalho em conjunto” se denomina como uma das organizações sociais formando grupos solidários que se enquadram por uma aproximação amigável. Os espaços desencadeiam uma série de relações formada por mutirões, isso sublinhava uma ideia de vivência muito próxima, porém nem sempre foram possíveis devido a falta de chuvas, os trabalhos param por causa dos vastos períodos de interrupções climáticas, as fibras se limitam ao seu crescimento, fator que leva a falta de trabalho nos campos e bateadeiras de sisal, dessa forma acontece o êxodo para outras cidades.

Apesar de sofrerem com frequentes vulnerabilidades climáticas regionais, não impediu que seu povo avançasse na esperança de dias melhores, de maneira que não exista uma política solidária, homens e mulheres procuram atender suas necessidades, mesmo por meio crítico, mas, com determinação.

3.2 Relações no trabalho

³² Reportagem realizada pelo Jornal A Tarde, 1994 - Acesso em: 20 de setembro de 2016.

O nascimento das relações no trabalho vem se desenvolvendo desde o início do século XX. Podemos pegar carona no processo de industrialização, principalmente na revolução industrial que provocou grandes mudanças na sociedade em todo mundo. Dessa forma podemos olhar para essa realidade e dizer que a industrialização e o capitalismo estão de mãos dadas se consolidando, porém, de uma forma a penetrar sérios problemas no meio social. O rompimento dos hábitos e costumes na esfera social fez transcorrer as mudanças com a crescente demanda dos produtos fazendo o proletariado aceitarem de forma mecânica e brusca a sua força de trabalho. A reflexão tomada nesse contexto nos mostra o quanto o trabalhador ficou alienado aos trabalhos seculares, em demanda para o enriquecimento do capitalismo.

As relações no trabalho atualmente estão se definindo pelos seus próprios interesses mediante a produção. Podemos perceber nas resenhas sociais que a transformação científica se avança, por exemplo, os meios de produção antes das revoluções eram artesanais, cada um trabalhava com seus próprios produtos de forma recíproca no mercado de vendas. Analisando isso, cada cidadão tinha livre arbítrio pra desenvolver relações de trocas de mercadorias livremente, sem nenhum controle de alguma entidade nas produções.

Para Karl Marx as indústrias acabaram adotando novos modelos de relações, passando a serem burgueses versus proletariados. Então, ele afirma que “para o mercado aumentar a demanda dos produtos, precisou substituir a manufatura por máquinas revolucionárias” (Marx e Engels, ANO). Dessa maneira foi necessário obter o controle dos operários dentro das grandes produções, tirando a liberdade e se alienando a um sistema de controle no mundo do trabalho.

Voltando na linha do tempo, podemos perceber as transformações da sociedade em todo mundo quando se analisa o exemplo do Brasil Colônia, podemos refletir e debruçar da realidade passada, ao fazer análises do Brasil nos tempos da escravidão, quando os meios de trabalhos eram artesanatos e escravocrata, porém os próprios escravos desenvolveram relações de afeto na qual se compartilhava cada atividade, atualmente essas relações passaram a ser dentro dos grandes setores fabril, nas grandes indústrias marcadas pelas mudanças sociais no trabalho e também no cotidiano familiar.

3.3 Afetividades no trabalho

A relação mutua dos individuo estão relacionado no processo das produções do sisal. A agricultura de subsistência permite também uma prática de trabalho vinculada pela participação solidaria do pai, mãe, filhos, irmãos, tios e amigos nas produções. Nesse aspecto

surge um olhar mais abrangente nas relações entre famílias e amigos. A partir desse contexto, se analisa a organização direcionada numa ação social definindo como sustento da base econômica regional.

A produção do sisal se contextualiza também enquanto pequena unidade familiar no trabalho formal. Nessa condição se implica na venda da mão de obra nas condições de subsistência no cenário regional.

Nessa análise, o processo de produção se associa numa atuação econômica por empreendedores do sisal, se enquadrando no controle social, essa definição se apoia na tese de assistência hegemônica a certos líderes políticos que passaram a serem donos dos corpos e mentes de cada indivíduo (Silva 2010). O importante papel feito por esses empreendedores se vinculam pelas relações que muitas vezes surgiram como meio de subsistência para os mais pobres. Essa forma de produção propõe uma solidariedade afetiva sustentada na manutenção patronal, principal responsável pela distribuição de vagas de empregos.

Como referência na região sisaleira, o empreendedor Hamilton Rios era um dos grandes sisaleiros responsáveis pelo controle social, principalmente em Conceição do coité, município na qual foi prefeito pela primeira vez em 1974 entre outras. Ele usava de sua política solidária para ganhar confiança, contribuindo para uma política assistencialista, ajudando várias pessoas que se tornavam dependentes de favores durante seu governo, usando isso como estratégias para se manter no poder diante das necessidades econômicas da maioria da população. (SANTIAGO, 2010).

As trocas de favores eram comuns, ato que se especulava durante o governo dos “vermelhos”, termo usado para definir um dos partidos em Conceição do Coite. Sua relação compadrio desempenhava um papel hegemônico amenizando a pobreza e alimentando sua característica afetiva diante da população.

As características de trocas de favores eram frequentes na região sisaleira, dado a isso, há necessidade de abordar a relação afetiva entre o empregado e o empregador, responsáveis pela grande cadeia produtiva do sisal. Quando se analisa os feitos do senhor Hamilton Rios em Conceição do Coite, precisa por em pauta a sua relação afetiva como patrão, pela qual tem definido um laço familiar mais próximo com trabalhadores. As afinidades eram formadas durante o curso em ambiente de trabalho, e essas relações reconhecem os afetos à medida que ganham confianças.

Todavia, Hamilton Rios não era apenas um homem político, mas também um cultivador do sisal que contribuiu para o crescimento industrial voltada para a manufatura do

sisal, na qual emprega muitos homens e mulheres no setor produtivo (MIRANDA, 2012). Nessa circunstância as manufaturas contribuíram para o fortalecimento de grandes correntes afetivas na qual se enquadram as cordoarias.

Esse último é uma base de transação que predomina nas relações entre os donos de cordoarias e os produtores de sisal. São pequenas fábricas de cordas de sisal que fornecem às bateadeiras, para amarrar os fechos de sisal para serem transportados. Com base na existência de muitas, se destaca à do senhor Elzídio Ferreira de Oliveira, que por meio de uma íntima relação com Hamilton Rios conseguia repassar toda produção de sua cordoaria.

Quando eu botei a cordoaria, quando agente fazia corda pra amarrar fardo de sisal nas bateadeiras, e eu fui a Misael, Misael disse que não queria não, que já tem cordoaria demais, já faziam corda pra ele... ai eu fui a Mitinho, Hamilton Rios, chegando lá ele mim deu sisal, eu fui fabricar corda [...] quando eu morava aqui, eu criava galo de raça... criava galo de raça, o melhor galo daqui era o meu, ai botava...botava pra ver se prestava, pra ver qual era o bom, ai ele mim comprava...mim comprou uns dois[...]”(informação verbal³³).

Além de fornecer cordas para as bateadeiras, Oliveira já tinha uma aproximação de entretenimento na venda de galos de briga, na qual era uma das diversões de Mitinho, nome que Hamilton Rios adotou politicamente. Nesse termo o senhor Oliveira ainda enfatiza a rejeição de Misael Ferreira, quando afirma não ter interesses nas suas cordas, e ainda menciona a bondade pelo rito solidário de Hamilton Rios em assegurar as compras de suas cordas numa época em que o mesmo esteve financeiramente em estado crítico.

Misael Ferreira de Oliveira era outra figura política muito conhecido no município de Conceição do Coité, ele é um tradicional empresário no ramo do sisal e tem uma afinidade muito grande por englobar pessoas envolvidas em partidos políticos, por esse motivo, ele, também chega ao patamar de uma política assistencialista no modo que havia súditos de apoio políticos pela assistência exercida por Misael em algumas localidades.

A afetividade no trabalho se caracteriza por sentimentos que vão além das fronteiras familiares. Em decorrência do forte laço já formado pela relação que debruçou no cotidiano do trabalhador dentro do setor produtivo, se estende também no mundo social que são capazes de compreenderem o lado emocional do indivíduo, que diferencia do ambiente de trabalho. As repercussões que direcionam as condições de trabalhos sobre os que atuam nos setores produtivos, nos fazem enxergar dois lados que são prioridades nestes setores, sendo o primeiro: Influência do bem estar do trabalhador; são aqueles que sabem da importância da

³³ FERREIRA, Euzídio. Entrevista concedida a: Conceição do Coité, 20/08/2018 . [A entrevista encontra-se juntamente com as referências desta monografia]

manufatura procedente dos trabalhadores e trabalhadoras nas devidas funções. E o segundo: O uso da mão de obra; que recai sobre eles todo fardo de produção fabril em demanda do enriquecimento dos grandes produtores sem se importar com o conceito solidário. Porém existe outro termo em que se procede como sustento para atuação do sisal, esse meio nasce pelo próprio trabalho autônomo.

A fase que supostamente aponta para influência no desenvolvimento da agricultura autônoma, é possivelmente uma das marcantes retribuições da agricultura sisaleira, Foi pensando na sua subsistência que o trabalho familiar se tornou comum, quando os mesmos trabalham em conjunto, também surge a possibilidade dessa forma de trabalho ser capaz de assegurar membros do mesmo laço parentesco. No contexto são modo de produção que explora compra de produtos ou serviços de terceiro.

O motivo de ainda existir nefastas produções do sisal, é por pretexto ligado a uma organização estrutural dos setores que sustentam as produções, se implicam nas relações dentro dos setores fabril, uma espécie mecânica guiado por uma rede de relações dentro dos setores produtivos do sisal. Conhecer a esfera de amizades nesses espaços é conviver em um mundo de afetos que essa rede desenvolve.

Salientando que além da sua subsistência, o sisal se migrou na intenção de expandir a cultura na região, brotando dessa forma a atual característica que é vista atualmente, se formando eventualmente uma cadeia Cultural.

Não foi preciso inserir uma manipulação solidária referente aos trabalhadores e trabalhadoras do sisal, visto que isso são valores adquiridos dentro do próprio laço afetivo por meio da convivência. Esses feitos estão nas atividades do sisal, que nem sempre fazem parte dos trabalhos formais, mas também de encontros extras promovidos pelos próprios homens e mulheres de certas instituições, são viagens e excursões promovidas nos finais de semanas para o lazer dos trabalhadores e trabalhadoras e provavelmente com a companhia de seus filhos. Para José Carneiro todos exercícios de diversões eram aceitas quando notava os relacionamentos harmônicos.

[...] Passear, sempre agente ia pró jorro, sempre o pessoal da batedeira arrumava carro pra gente, enfrentava e ia pro Jorro...sempre ia em dois em dois meses [...] fazia lotação... fretava um carro, arrumava os passageiros e nós ia...tinha vez que Neto dava o caminhão, antigamente nos ia em cima dos caminhões bagunçando[...] era divertido demais[...]"(informação verbal³⁴)

³⁴LOPES, José. Conceição do Coité, [A entrevista encontra-se juntamente com as referências desta monografia]

Nessa entrevista o senhor José menciona as participações de vários amigos, até mesmo quem não estão relacionados no cotidiano do trabalho, que durante as viagens os mesmo faziam festas e se confraternizavam entre eles, esquecendo das desavenças do cotidiano .

Segundo um ex-funcionário da bateadeira de sisal o senhor Themoteo, citado anteriormente durante este trabalho como um dos entrevistados, deixa claro que para transformar o lugar de trabalho em um ambiente harmonioso, depende de como você direciona seu olhar, isso faz com que esse lugar seja um ambiente agradável, compreendendo que houve uma característica de aproximação quando ele chega ao trabalho, provavelmente o mesmo possuía essa característica, aponto de seus amigos recebe-lo com alegria, cada dia de Trabalho, simplesmente ele vivia uma relação afetiva para com os colegas.

Uma boa relação compreende uma harmoniosa combinação de ideias e concordâncias. No mundo do trabalho podem acontecer relações de varias formas, destacando os enlaces matrimoniais formados a partir do próprio convívio.

Considerações finais

O presente trabalho tem o objetivo de revelar não somente o lado afetivo do trabalhador, mas também mostrar a conjuntura que marcou o início do processo fabril na região, partindo do fortalecimento econômico que foi um dos fatores marcados como cultura de subsistência, a própria relação social nos mostrou a parceria dos trabalhadores que se reflete ao universo de elementos solidários. Sobre essa análise se evidencia os principais meios afetivos dos trabalhadores, por que não descarta a apótese de uma cultura formada a partir das relações desenhada nos campos e galpões, onde emergem grandes redes afetivas.

Por meio da produção do sisal, compreendemos que o afeto vai além do simples gesto solidário que consiste em cada momento. Observa-se através desse trabalho que as relações garantem significativa segurança emocional. Nos momentos de lutas e conquistas, a solidariedade foi fundamental para construção de uma classe, caracterizando suas influencias no trabalho.

Não poderia deixar de falar das conquistas, que foram possíveis para as unidades centradas nas lutas, que mesmo sendo lentas, abriu o leque das grandes realidades sociais, na qual se integram como importante marco para a classe trabalhadora.

Todas as relações que abraçam o sujeito, esta relacionada à vivência afetiva. A natureza dos homens e suas nefastas produções nos desenvolvimentos e relações sociais traçam importantes direcionamentos no mundo do trabalho. A demanda da fibra criou o sisal

como um único meio de subsistência na região. A própria sociedade regional trás essa ideia de sustentabilidade, permitindo uma cratera cultural, formando hereditários súditos para futuros trabalhadores. Partindo disso, o sisal tem uma dupla utilidade partindo de dois fatores financeiros: um deles surge como cultura de subsistência e a outra como um grande litígio para suprir o mercado dos produtos derivados de suas fibras.

Podemos ver essa crescente demanda nos principais pontos fabril de resinas, quando os mesmos produtos faz operar em uma esfera social mais ampla entre trabalhadores. Os próprios números de usinas na região trás uma ideia de crescimento da unidade manufatureira. A partir das causalidades sociais transmitidos pelas circunstâncias, são formadas as unidades de relações solidárias, e que foram essenciais para a manutenção das relações ligados a setores do trabalho.

A visão que tem banhado os setores produtivos e modos de produção, partindo de uma esfera organizada e evolutiva nos últimos anos vem se transformando em conceito de relações sociais e afetivas nos setores fabris. Se observar, essas transformações, elas vem acontecendo lentamente ao passo que caminha para uma mudança social no trabalho.

A solidariedade nos movimentos e o convívio social no trabalho vêm mostrar as mudanças sofridas, os estilos artesãs que eram trabalhadas e ao modo industrial se transformou em um lado afetivo e solidário bem maior desde o começo da revolução industrial.

REFERÊNCIAS

- ASCENSÃO e Queda do Coronelismo [2002]. Disponível em:< <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/coronelismo.htm>>, acesso em 01/12/2017.
- ALMEIDA, Suzana Souza Moreira de: Memória e trabalho no sertão: a peleja de pequenos agricultores no sisal, **Cadernos de Pesquisa NPGA**, v.3, n.2, 2006
- DURKHEIM, E. 1999. Da divisão do trabalho social. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesquisa**. [online], vol.37, n.132, pp.595-609. 2007
- Hobsbawm, E. J. (2000). Os trabalhadores: Estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: O município e o regime representativo no Brasil**. 7. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, [2012]
- NASCIMENTO, Cassiano Ferreira. **O movimento dos trabalhadores mutilados da região sisaleira da Bahia, 2013. Referência incompleta**
- MARX, K.; ENGELS, F. 1968. O Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Escriba.
- MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001. Livro I. (18ª ed.).
- MIRANDA, Cristian Barreto. **Reboliço no Coreto: Conflitos entre padres e políticos em Conceição do Coite (1989-2000)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, Salvador, 2012.
- NASCIMENTO, Cassiano Ferreira. Os infortúnios do trabalho; mutilação e movimento dos mutilados na região sisaleira da Bahia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, **Anais...**Rio Grande do Norte, 2013.
- SILVA, Zuleide Paiva. **Conceição do Coité “ao quadrado”**: retrato da violência da contra as mulheres (1980-1999). Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. 195f.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. Prefácio à segunda edição. In: LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: O município e o regime representativo no Brasil**. 7º ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, [2012]
- THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

Thompson, E. P. (1987a). A Formação da Classe Operária Inglesa (Vols. I – A árvore da liberdade). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Thompson, E. P. (1987b). A Formação da Classe Operária Inglesa (Vols. II - A maldição de Adão). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Thompson, E. P. (1987c). A Formação da Classe Operária Inglesa (Vols. III – A força dos trabalhadores). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Thompson, E. P. (2008). Costumes em Comum - Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. in: FERREIRA, Marieta. (org). **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994

FONTES

Fontes impressas

Jornais - A tarde; tribuna da Bahia; Previdência; o globo; Jornal da Bahia; Revista Panorama; Jornal Folha do sisal; Processos da Comarca de Serrinha de 1960.

Fontes orais

Entrevista concedida pela senhora Edite Gomes no dia 07/08/2016 – 10 min.

Entrevista concedida pelo senhor José Lopes Carneiro no dia 07/08/2016 – 20 min

Entrevista concedida pelo senhor Themoteo de Oliveira Santos no dia: 15/08/2016 – 24 min.

Entrevista concedida pelo casal Paulo Moreira de Moraes e Vitória Moraes no dia: 16/08/2016 – 19 min.

Entrevista concedida pelo senhor Euzidio Ferreira de Oliveira no dia 20 de agosto de 2018 – 25 min.

Entrevista concedida pelo senhor António Carlos de Oliveira no dia 25 de Outubro de 2018 - 35 min.

ENTREVISTA COM O SENHOR ANTÔNIO CARLOS NO DIA 25 OUTUBRO DE 2018

-HOJE É 25 DE...DO DEZ DE 2018, NÉ ISSO? 25 DO DEZ DE 2018. AÍ, COMO EU VI A FOTO DO SENHOR AQUI NO JORNAL, AÍ EU QUERIA SABER, PRIMEIRO, É ASSIM, VOU FAZER UMAS PERGUNTAS PESSOAIS, MAS FAZ PARTE. –SEU NOME É?

-ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA.

-ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA?

-É

-VOCÊ, O ENDEREÇO DAQUI DA SUA CASA É O QUE?

-AQUI É É ESTRADA DA PINDA BAIRRO DA CERAMICA.

-BAIRRO DA CERAMICA?

-É

-O SENHOR É CASADO?

-SOU.

-TEM QUANTOS FILHOS?

-TENHO UM FILHO.

-TEM UM FILHO É?

-É.

-É DE COITÉ MESMO O SENHOR?

-NÃO, SOU DE RIACHÃO.

- O SENHOR NASCEU EM RIACHÃO?

-NESCI EM RIACHÃO.

-E VEIO PRA CÁ QUANDO CRIANÇA?

-EU CONHECI A MULHER, ME CASEI E VIM PRA CÁ.

ESPOSA DELE. –É TEM UM FILHO DE 16 ANOS, SÓ TÊM UM.

-SÓ TEM UM FILHO?

-É ELE TODINHO, A MENINA, A IRMÃ DELE DISSE: ETA! É ARTUR TODO. ELA PEGOU ESSA FOTO E VIU.

-ELE FOI LÁ PRO ESTADIO JOGAR BOLA.

ESPOSA –FOI JOGAR BOLA.

-O SENHOR TRABALHA COM ALGUMA COISA ATUALMENTE?

-FAÇO ALGUMA COISA.

-É BISCATO, ALGUMA COISA ASSIM?

- TENHO UM BAZINHO AÍ.

-O SENHOR TEM UMA RELIGIÃO? ALGUMA RELIGIÃO?

-RAPAZ, A MINHA RELIGIÃO É...É...É A CATÓLICA, SÓ QUE AGENTE NUM PRÁTICA.

-NÃO PRÁTICA?

-É, AGENTE SEMPRE VAI, QUANDO AGENTE PODE, AGENTE VAI NA IGREJA CATÓLICA.

-VOCÊ SE CONSIDERA QUAL RAÇA? ASSIM...BRANCO, MORENO, PRETO?

RISOS.

-VOCÊS QUE SE CONSIDERAM NÉ, POR QUE É ALTO CONSIDERAR NÉ, A PESSOA ALTO SE...BRANCO...

-RAPAZ, ACREDITO QUE...NÃO SOU PRETO NÉ!

-É.

-NÉ VERDADE? TEM QUE SER BRANCO. OU BRANCO OU PRETO, SEI LÁ, SÓ TEM DUAS COR MESMO. RISOS...NUM PODE NEM FALAR SOBRE ISSONÉ!

-FAZ PARTE.

-É. AÍ VOU FAZER UMAS PERGUNTAS RELACIONADO O TRABALHO. ENTÃO, ATUALMENTE...É, O SENHOR SÓ FAZ BISCATO, NÉ? ENTÃO PELO VISTO O SENHOR É UM MUTILADO, EM QUE ANO O SENHOR SOFREU ESSE ACIDENTE?

-RAPAZ, ISSO AÍ É QUE É PROBLEMA.

-NÃO LEMBRA ASSIM APROXIMADAMENTE O ANO?

-EU SEI QUE ISSO AÍ FOI EM 80..É 84 QUE VOCÊ TA FALANDO NÉ? FOI UNS DOIS ANOS ANTERIOR... É AGENTE PASSOU UNS DOIS ANOS NESSE MOVIMENTO, FEZ O MOVIMENTO, PASSOU UNS DOIS ANOS PRA SE APOSENTAR E NESSA ÉPOCA NÃO SE APOSENTAVA NINGUEM.

-NINGUEM?

-NÃO! MUTILADO DO SISAL, ACIDENTE DE QUALQUER, QUALQUER, QUALQUER FUNÇÃO QUE FOSSE, OU MOTO, OU CARRO, NINGUEM SE APOSENTAVA NÃO.

-É MESMO?

-NÃO! A LEI, ALEI VEIO DEPOIS DE...DESSA DATA DE...DEPOIS DESSE MOVIMENTO DA GENTE AÍ.

-A LEI NAQUELE PERÍODO, VOCÊ SABIA, ERA, SE SOFRESSE SE PERDESSE OS DOIS MEMBROS SE APOSENTAVA, NÉ, PELO QUE ENTENDI.

-NÃO SEI TE INFORMAR SOBRE ISSO NÃO, NÓS PASSAMOS UNS DOIS ANOS PRA SE APOSENTAR QUE FOI NEGADO. NA ÉPOCA O MINISTRO ERA JARBAS PASSARINHO, ISSO AÍ EU LEMBRO TUDO.

-ANTÔNIO MARTINELLE BRAGA, LEMBRA?

-NUM SEI, SÓ SEI QUE ERA JARBAS PASSARINHO O MINISTRO.

-JARBAS PASSARINHO?

-ERA JARBAS PASSARINHO, O NOME DELE NUM SEI NÃO SÓ SEI QUE ERA JARBAS PASSARINHO O NOME DELE.

-SIM, ELE ERA O QUE NAQUELA ÉPOCA?

-MINISTRO DA...DA...DA...PREVIDÊNCIA.

-DA PREVIDÊNCIA?

-É, ELE ERA O MINISTRO, EU CONHECI ELE ASSIM, COMO DAQUI AÍ, VOCÊ AÍ.

-EU JÁ VI A HISTÓRIA DELE.

-JÁ? APOIS, CONHECI ASSIM.

-QUANTOS ANOS ELE TINHA NA ÉPOCA?

-QUEM SABE, ERA COROA JÁ, JÁ!, ERA UM COROA.

ESPOSA DELE –O HOMEM NUM DEVE TA VIVO MAIS NÃO.

-ELE TA VIVO SIM, ELE TA VIVO, ELE É DA ÉPOCA DA...DA...DA...DAQUELE REGIME MAIS...ENTENDEU? NÃO EXISTIA APOSENTADORIA NÃO. QUANDO ELE FEZ ESSE MANIFESTO, FOI A REGIÃO TODA, CADA CIDADE AQUI NA REGIÃO DO SISAL FOI ESCOLHIDA QUATRO PESSOAS, DE RIACHÃO EU FUI UM DOS ESCOLHIDOS ENTRE OS QUATROS PRA...PRA IR PRA BRASÍLIA.

-AH ENTÃO, CADA REGIÃO IA UNS?

-FOI UM ÔNIBUS COMPLETO.

-ENTÃO DE COITÉ FORAM QUATRO?

-DE, CADA CI...TEVE MAIS QUE TINHA MEMBROS DE SIDICATO TA ENTENDENDO, AGORA MULTILADO SÓ IA QUATRO EM CADA CIDADE.

-AÍ VOCÊ FOI UM DELES?

-EU FUIUM DOS DE RIACHÃO QUE FUI INCLUIDO, EU ERA NOVO NESSA ÉPOCA TAMBÉM, 17...18 ANOS.

-VOCÊ SÓ TIN HÁ 17, 18 ANOS/

-DEZOITO...PRA...ENTENDEU? EU PASSEI UNS DOIS ANOS PELEJANDO...É...FOI NEGADO E CONTINUA OS DEPUTADOS, O...O...O...O...O PESSOAL DO SIDICATO, DO ADEVOGADO, ENTENDEU? ATÉ QUE NA...DEPOIS DO JARBAS PASSARINHO SAIU E ENTROU VALDIR PIRES, É VALDIR PIRES, PESQUISE.

-HUM, JÁ ESTUDEI.

-VOCÊ SABE, AÍ VALDIR PIRES ENTROU COMO MINISTRO DA PREVIDÊNCIA, OS DOIS ANOS, AGENTE PASSOU OS DOIS ANOS SEM RECEBER NADA, NADA, NADA.

-DOIS ANOS DE LUTA?

-DOIS ANOS MAIS OU MENOS, FEZ O...O...O...O...A MANIFESTAÇÃO, ENTROU COM AÇÃO DO PODER LOCAL, SINDICATO, O DAQUI ERA VALDEMIR DE ASSIS NA ÉPOCA NÉ.

-É? NÃO SABIA.

-PODE INFORMAR QUE VOCÊ VAI SABER.

-O DAQUI NÉ?

-O DAQUI DE COITÉ ERA VADEMIR DE ASSIS, FOI QUEM FEZ TODO...A FORÇA.

-ESSE VALDEMIR?

-ESSE VADEMIR DE ASSIS...É.

-NA ÉPOCA ELE ERA MAIS NOVO.

-ELE ERA MAIS NOVO, MAS ELE JÁ FAZIA PARTE DO SINDICATO, JÁ TRABALHAVA NA RADIO, UM CARA MUITO INTELIGENTE, MUITO DANADO NÉ, ELE ERA INTELIGENTE, MAS...ENTENDEU...QUEM FAZIA TUDO, TODA PARTE DE

CARREATA, QUANDO TINHA PASSEATA NA CIDADE, TEVE EM UM BUCADO DE LUGAR, NO SINDICATO, AÍ FOI ELE, FOI QUEM...UM DOS CHEFÃO AÍ, E O PRESIDENTE DO SINDICATO.

-QUEM FOI QUE TEVE A INICIATIVA DESSE PROCESSO, QUEM INICIOU TUDO?

-QUEM INICIOU ESSE, TUDO ESSE AÍ, ACREDITO QUE FOI O SINDICATO MESMO.

-FOI O SINDICATO?

-FOI O SINDICATO RURAL, FOI, FOI O SINDICATO RURAL.

-NA ÉPOCA?

-É, ACHO QUE NÃO TOU ERRADO NÃO...COMO SE FOSSE HOJE.

-VOCÊ LEMBRA DO NOME DO HOMEM?

-DAQUI?

-QUE TOMAVA CONTA DO SINDICATO NA ÉPOCA?

-NÃO.

-VOCÊ NÃO LEMBRA NÃO NÉ?

-MIM CONTA AÍ COMO FOI ESSA VIAGEM, ASSIM QUE VOCÊ CHEGOU LÁ, QUEM PARTICIPOU?

-PASSEMOS OITO DIAS LÁ.

NESSA HORA O ENTREVISTADO OLHAVA PARA A IMAGEM DO JORNAL QUE ESTAVA EM CIMA DA MESA.

-SE QUIZER VOCÊ PODE OLHAR.

-DEPOIS

-É...É...NÓS FOI NUM ONIBUS, O ONIBUS FOI DA SUBA.

-DA SUBA?

-SUBA, DO SUL DO ESTADO AÍ...AÍ, ÉÉÉ, O ONIBUS FOI QUE LEVOU AGENTE, ELE LEVOU OS MEMBROS DO SINDICATO OUTROS FORAM DE AVIÃO, CLUSIVE NESSA ÉPOCA MIUDINHO E PASSARINHO DA RADIA SISAL FOI QUEM AJUDOU MUITO TAMBÉM.

-É O CANTOR?

-É, CURIÓ!

-CURIO.

-CURIÓ QUE CANTOU TAMÉM QUE ERA DUPLA DE VIOLA, CURIÓ AJUDOU MUITO, FEZ ATÉ MÚSICA SOBRE ISSO AÍ.

-É MESMO?

-TEVE, TEVE MÚSICA DELE.

-ME CONTA MAIS A EXPERIÊNCIA LÁ, COMO FOI?

-RAPAZ, A EXPERIÊNCIA FOI O SEGUINTE: NÓS PASSEMOS OITO DIAS LÁ, FOI BOM, PRA GENTE ASSIM, A CORTEZIA FOI TUDO PAGO PELO...PELO PESSOAL MESMO NÉ. ASSIM, TEVE UM HOTEL, TIVEMOS LÁ NUM HOTELZÃO GRANDE, TINHA PISCINA, TINHA TUDO...

-QUEM BANCOU?

-EU ACREDITO QUE FOI O SINDICATO MESMO.

-SINDICATO?

-É.

-QUANTOS DIA PASSARAM LÁ?

-OITO DIAS, PASSAMOS QUASE SEIS OU SETE...UNS OITO DIAS, É, PASSEMOS UM BUCADO DE DIAS LÁ. IA DE MINISTÉRIO A MINISTÉRIO, AQUELE PROCESSO ENTENDEU? UMA AUDIÊNCIA DE MANHÃ, JÁ ERA DIA, VEIO A BOCA DA NOITE E...TELEVISÃO E JORNAL EM CIMA.

-FOI TELEVISIONADO?

-TUUUDO, FOI.

-RAPAZ, INTERESSANTE ISSO.

-É, BUCANDO, MUITA, MUITA COISA, NÃO FOI POUCA COISA NÃO. EU SEI DO ULTIMO QUE AGENTE FOI, FOI A AUDIÊNCIA COM ESSE JARBAS PASSARINHO, AÍ ELE FALOU QUE NÃO PRECISAVA NINGUEM APOSENTAR NÃO QUE DAVA PRA TRABALHAR.

-É MESMO?

-É.

-E ELE TINHA ALGUMA PROVA QUE NÃO DASSE PRA TRABALHAR?

-NÃO, E TENTOU MAS NÃO CONSEGUIU, ELE NÃO CONSEGUIU.

-E AÍ, COMO FOI, ÉÉÉÉ O DISPALDO DISSO TUDO, RESOLVEU?

-NÃO, AÍ ACHO QUE DEPOIS DESSAS AUDIÊNCIA AGENTE PASSOU PRO ADVOGADO, PRO DEPUTADO NÉ, AÍ ENTROU EM AÇÃO, AÍ DEPOIS ESTEVE TENTANDO, TENTANDO, TENTANDO ATÉ QUE JARBAS ÉÉÉ...AI MEU DEUS, O JARBAS PASSARINHO SAIU, E QUEM ENTROU FOI VALDIR PIRES DA BAHIA.

-DEPOIS DE QUANTO TEMPO?

-OXE, DOIS ANOS.

-DEPOIS, QUE VOCÊS ESTEVE LÁ?

-É QUE AGENTE FEZ O MOVIMENTO, AI ERA HOJE, ERA AMANHÃ, NADA DE APROVAR, NADA DE APROVAR, QUANDO ELE TOMOU POSSE DO MINISTÉRIO, O VALDIR PIRES, AI APROVOU NO BRASIL TODO, NUM SÓ FOI EM COITÉ NÃO. MUITO QUE TINHA PROBLEMA NO PÉ, NO BRAÇO, AÍ INCLUIU TODO MUNDO ENTENDEU! ATÉ AQUELE PESSOAL DE...DE...DE...TRABALHAVA, TRABALHAVA COM...COM BONBA NE RIO, NE ÁGUA, NESSAS COISAS AÍ. AÍ MUITOS, MUITOS...COMO É QUE SE DIZ?

-TINHA ESSES PROBLEMAS AI.

-TINHA ESSES PROBLEMAS E APROVEITOU A LEI E APROVOU TODO MUNDO, INCLUSIVE MESMO AGORA EU PASSEI EM UMA PERÍCIA AINDA, É BRINCADEIRA/

-QUANDO?

-AGORA, MAS, NÃO TEM SECENTA DIAS, UMA PERÍCIA AQUI.

-SIM, VOCÊ PASSOU...

-TODO MUNDO QUE TINHA MENOS DE CIQUENTA E CINCO ANOS TEVE QUE PASSAR AGORA.

-AGORA?

-AGORA.

-FOI MESMO?

-ÉÉ.

-VEM CÁ, QUER DIZER QUE VOCÊS, NAQUELA ÉPOCA...Ó, O MOVIMENTO FOI EM 84...

-POR AÍ.

NESSA HORA ESTAVAMOS OLHANDO PARA O JORNAL QUE FALAVA DO ENCONTRO DO MULTILADOS.

-AÍ TA EM 84 AI NÉ?

-FOI.

-DEVE TER SIDO ESSA DATA MESMO, PELA AÍ NÉ? DEVE TER SIDO ESSA DATA MESMO, AÍ PASSAMOS DOIS ANOS SEM, SEM, FEZ O MOVIMENTO BRUTO, DEPOIS FOI QUE...

-DEPOIS DE DOIS ANOS QUE VOCÊS LUTARAM...

-MAIS OU MENOS PELAÍ.

-AÍ VEIO VALDIR PIRES, ENTROU NO PODER NA ÉPOCA COMO O PRESIDENTE DA PREVIDÊNCIA...

-FOI, AÍ ELE APROVOU, CABANDO DE CHEGAR LÁ, A PRIMEIRA COISA QUE FEZ FOI ISSO AÍ, APROVOU ISSO AÍ GERAL, NO BRASIL TODO ISSO AÍ.

ESPOSA DELE: PASSOU ATÉ NA TELEVISÃO. EU TINHA UMA CUNHADA, QUE ELA DISSE QUE É MENOZINHA, ELA DISSE QUE VIU NA TELEVISÃO...Ô MÃE VEM VÊ, CHEGA CHOROU...

-EU FUI ENTREVISTADO LÁ TAMBEM.

-ESSE PERÍODO VOCÊS JÁ ERAM CASADOS?

-NÃO, NÃAO...ERA NÃO...

-VOCÊS NÃO ERAM CASADOS?

ESPOSA DELE: EU NEM CONHECIA ELE, NÃO CONHECIA.

NESSA HORA O SENHOR ANTONIO CARLOS OLHOU PARA A IMAGEM DO JORNAL QUE NOTICIAVA O GRANDE ENCONTRO E LEMBROU DO MOVIMENTO QUE ELE SE ENCONTRAVA.

-OLHA AÍ A APOSENTADORIA AMEAÇADA.

-APOSENTADORIA AMEAÇADA, AQUI FOI O JORNAL DE 84.

-OÍ, PASSOU, FOI CERTO, EU ACREDITO QUE FOI UNS DOIS ANOS APOIS 84 QUE AGENTE VEIO SE APOSENTAR.

-AQUI ELE FALA DE...QUE UM MULTILADO MOSTROU QUE PODERIA TRABALHAR MESMO QUE COTÓ.

-ELE FALOU NO INÍCIO DA PREVIDÊNCIA.

-ELE PROCUROU UMA PESSOA PRA DEMONSTRAR E VIU QUE ESSE HOMEM PODERIA TRABALHAR...PRA VOCÊ VÊ NÉ.

-ELE FALOU, SE PESQUISAR SABE QUE TENHO CERTEZA QUE FOI ELE.

-TEM MUITOS JORNAIS LÁ, POR QUE NÃO DEU PRA TRAZER TODOS, SÓ TRUSSE SÓ PRA VER A IMAGEM.

ESPOSA DELE: QUANDO CRISTIANO MOSTROU PRA ELE, ELE MANDOU MOSTRAR A FOTO PARA AS IRMÃS DE SÃO PAULO, Ô NEGA QUANDO EU VI AQUELE CHEGA CHOREI, ELA DISSE, EU LEMBRO DAQUILO DALI, EU ERA MENOZINHA, EU ERA MOCINHA, MENINA.

-O NEGOCIO AÍ FOI SERÍSSIMO, SÉRIO, SÉRIO, SÉRIO.

-E DURANTE ESSE PERÍODO, ANTE DE ACONTECER ESSE MOVIMENTO, DESSA PASSEATA, TINHA REUNIÕES?

-TEVE VÁRIAS REUNIÕES, ANTES DE AGENTE IR PRA BRASÍLIA TEVE VÁRIAS REUNIÕES.

-VÁRIAS?

-VÁRIAS, EM COITÉ TEVE UM BUCADO.

-EM COITÉ NA FAZENDA...TEVE UMA FAZENDA QUE TEVE REUNIÃO.

-TEVE MUITA MEU FILHO, EU NÃO PARTICIPEI DE TUDO NÃO.

-APROXIMADAMENTE QUANTAS ASSIM QUE VOCÊ PARTICIPOU?

-AQUI?

-SIM.

-NÃO LEMBRO NÃO MAS FOI UM BUCADO, EM RIACHÃO TEVE, AQUI TEVE VÁRIAS, MAS O FOCO ERA MAIS AQUI.

-AQUI EM COITÉ.

-É, SEMPRE...TAL DIA TEM REUNIÃO DO MULTILADOS AÍ VINHA TODO MUNDO, FAZIA PASSEATA NA RUA, FAZIA TUDO.

-ERA MESMO? BEM ANTES NÉ, BEM ANTES DE SE APOSENTAR?

-BEM ANTES DE SE APOSENTAR.

-VOCÊ ESTEVE NESSA PASSEATA?

-TEEEVE, TEVE, EM TODAS AQUI EM COITÉ EU FUI, SAIA LÁ DE RIACHÃO E VINHA PRA AQUI, O SINDICATO DAVA O CARRO, ENTENDEU, SÓ QUE TINHA...DAVA E PAGAVA A PASSAGEM.

-ENTÃO FOI UM ATO SOLIDÁRIO DO SINDICATO.

-FOI, FOI, SE NÃO FOSSE ISSO AÍ, NÃO ÍA PRA LUGAR NENHUM NÃO. O NEGÓCIO AÍ FOI SERÍSSIMO. AÍ NESSA ÉPOCA AINDA ERA A METADE DO SALÁRIO, É BRINCADEIRA.

-QUE O SENHOR GANHAVA?

-É.

-DEPOIS QUE SE APOSENTAVA?

-EU ME APOSENTEI GANHANDO A METADE DE UM SALÁRIO.

-DIFÍCIL VIU...PRA VOCÊ VÊ O PERIGO QUE A PESSOA ENFRENTA HOJE. ASSIM, UMA PERGUNTA, O SENHOR ACHA QUE AAA OO...O PERIGO QUE ELES SOFREM HOJE EM DIA NA MÁQUINA, SERÁ QUE DIMINUIU OU CONTINUA A MESMA COISA?

-DIMINUIU.

-DIMINUIU?

-DIMINUIU.

-QUAL A DIFERENÇA DE ANTES PRA HOJE?

-QUE ELES FIZERAM UM DISPOSITIVO NA MÁQUINA, TA ENTENDENDO, DAÍ PRA CÁ...TEM DELES AÍ QUE TA INRREGULAR, MAS TEM O MOTOR DO SISAL QUE TEM QUE TER O DISPOSITIVO, POR QUE JÁ OOO...A LEI JÁ É DESSE JEITO.

-EVITA ACIDENTE?

-PRA EVITAR ACIDENTE, ENTENDEU, QUE DÁ TRABALHO, SE NÃO TIVER O DISPOSITIVO, SE NÃO TIVER TUDO LEGALIZADO NÃO SE APOSENTA NÃO, POR QUE O CULPADO JÁ É O PATRÃO.

-AH SIM, ERA LEI PRA ELES BOTAR?

-ELE, DEPOIS DISSO AÍ FIZERAM UMA LEI, TEM UM DISPOSITIVO QUE A MÃO NÃO ENTRA.

-AH ENTENDI.

-O SISAL ENTRA, SAI A FIBRA E A MÃO DA PESSOA NÃO ENTRA NÃO, TEM VÁRIOS MOTORES AÍ QUE TEM O DISPOSITIVO.

-INCLUSIVE, O JORNAL MOSTRA QUE NO DIA DA REUNIÃO, TEVE UMA AMOSTRA LÁ FORA COM ESSE DISPOSITIVO.

-TEVE VÁRIAS VEZES.

-TODAS REUNIÕES QUE TINHA, ELE MOSTRAVA?

-NO INÍCIO, ERA A BOCA NORMAL, ENTENDEU?

-QUE ERA FACIL DO BRAÇO PENETRAR?

-FACIL DE PERDER O BRAÇO, MAS DEPOIS A FETAG, ACHO QUE ERA A FETAG, ASSIM ALGUMA COISA...A FETAG FOI QUEM JÁ FEZ ESSE DISPOSITIVO, ALGUMA EMPRESA, A ENTIDADE JÁ FEZ ESSE DISPOSITIVO PRA EVITAR UM VÁRIOS ACIDENTES E CONTINUA ATÉ HOJE NÉ, AS PESSOAS TRABALHANDO, TA ENTENDENDO, MAS VÁRIOS TEM ESSE DISPOSITIVO, SENÃO JÁ TINHA IDO MUITA GENTE. TEM MUITOS DELES AÍ, TA PENSANDO QUE É POUCO, TEM MUITOS.

-ATUALMENTE ESSES MULTILADOS, ASSIM...DE LÁ PRA CÁ DIMINUIU MAIS...

NESSA HORA A ESPOSA FALA BAIXO: TEM MULHER TAMBÉM.

-TEM MULHER TAMBEM?

-TEM.

-TEM MULHER MULTILADA?

-TEM.

A ESPOSA DELE: TEM MULHER, TEM UMA SENHORA QUE MORA NA ESTRADA DA PINDA AH MUITO TEMPO, ELA JÁ FALECEU, TAMBÉM NO MOTOR DE SISAL.

-É MESMO?

- TINHA MULHER TAMBÉM.

-NA SUA ÉPOCA TINHA MULHER NO MEIO TAMBÉM?

-EU CONHECI ESSA MULHER AQUI, ESSA MULHER É PARENTE DELA AÍ, ERA MULTILADA.

-ESPOSA DELE: ERA PARENTE DO MEU PAI. FAZIA TODO QUE VINHA NA FRENTE DELA, LAVAVA ROUPA, FAZIA TUDO.

-FAZIA TUDO.

-ENTÃO, ÉÉ, QUER DIZER ASSIM... EU PENSAVA QUE AS MULHERES SÓ TINHA COMO FUNÇÃO DE...CANBITEIRO, ESTENDER...

-EXATAMENTE....NÃO! TINHA MULHER DANADA NISSO AÍ.

-TINHA MULHER?

-TINHA! TINHA MULHER SIM.

-TINHA MULHER QUE FAZIA...CEVAR?

-É, CEVAR MESMO, TINHA! TINHA SIM

A ESPOSA CONTA COMO ANTÔNIO CARLOS SE ACIDENTOU: MINHA SOGRA CONTA QUE QUANDO ELE TAVA CEVANDO A PALHA TAVA QUASE ACABANDO, NA ULTIMA FOI QUE CORTOU O BRAÇO.

-A BOCA ERA GRANDE.

-NÃO TINHA PROTEÇÃO?

-NÃO TINHA PROTEÇÃO NENHUM.

- ATINGIU A MÃO, É QUE O MEDICO SERRA.

-AQUI FOI MAIS NA FRENTE TA ENTENDENDO, E SERRAVA MAIS PRA CÁ PRA ACERTAR O OSSO, TENTENDEU?

-É MESMO?

-SERÁ QUE HOJE, NÃO DEVE TER MULHER QUE TRABALHA NISSO NÃO, MAIS HOMEM?

ESPOSA -EU ACHO QUE NÃO, HOJE MAIS NÃO.

-ACREDITO QUE NÃO, MAIS HOMEM.

-MAS NAQUELE PERÍODO AS MULHERES...TINHA.

-AS DIFICULDADES ERA MAIS NÉ!

-TINHA MULHER NO MOVIMENTO TAMBÉM?

-TINHA!! OXOXOX

-MAS ESSAS MULHERES, E POR QUE ERA MULTILADA.

-EU CONHECI SÓ ESSA AQUI, DA PINDA AQUI, ENTENDEU, ESSE TEMPO ELA FAZIA PARTE TAMBÉM, ENTÃO TODO MUNDO QUE...ENTENDEU, ELA FALICEU.

-ME CONTA AÍ COMO ERA A HISTÓRIA, AS MULHERES FAZIAM O QUE NO MOVIMENTO LÁ?

-RAPAZ, AGENTE FAZIA PASSEATA TA ENTENDENDO, NA CIDADE, NO MEIO DA CIDADE, ELES FIMAVA TUDO E MANDAVA PRA LÁ, JORNAIS...SAIA EM TUDO.

-MAS...NEM TODO ERAM...

-JORNAIS, SAIA EM JORNAIS, NAS RADIOS, TELEVISÃO JÁ ERA DIMINUTIVO NERA? JÁ ERA POUCOS, JÁ ERA MENOS, MAS AÍ AMIGO, QUEMMTA AÍ...O GLOBO NÉ, O JORNAL O GLOBO.

NESSA HORA ELE OLHAVA PARA O JORNAL QUE TAVA EM CIMA DA MESA.

-JÁ ERA PESADO, JÁ FOI EM BRASÍLIA ISSO AÍ, ENTENDEU.

-TINHA MUITAS CRIANÇAS MULTILADA NAQUELE TEMPO?

-NÃO!

-MAS TINHAM CRIANÇAS TAMBÉM.

-TINHA MUITA GENTE NOVO, ENTENDEU.

-MAS, PRA ACOMPANHAR OS FAMILIARES?

-NÃO ERA PRA TRABALHAR NÃO, MAS ALI ERA A CURIOSIDADE, QUEM TRABALHA NO MOTOR SEMPRE QUERIA PASSAR PALHA, SEMPRE QUIS CEVAR NO CASO, GERALMENTE O CARA QUERIA APRENDER AQUILO ALI, GANHAVA MAIS DINHEIRO.

-GANHAVA MAIS?

-GANHAVA

-DAVA PRA VIVER BEM?

-DAV...BEM NÃO! QUI!

ESPOSA DELE: MINHA SOGRA CONTA QUE O CARA QUE CEVA A PALHA, MAS NESSE DIA NÃO VEIO E ELE FOI CEVAR.

-EU JÁ FAZIA UM POUCO, JÁ TRABALHAVA UM POUCO.

-VOCÊ JÁ TRABALHAVA, MAS NÃO TINHA EXPERIÊNCIA?

-NÃO TINHA EXPERIÊNCIA NÃO, TINHA UM POUCO, NÃO AGUENTAVA NÃO. AÍ VOCÊ CEVA, AS MÃOS EEE DESGRAÇA AS MÃOS.

-AÍ VOCÊ FOI NO LUGAR DO RAPAZ?

-FUI NO LUGAR DO RAPAZ FUI TIRAR UNS 75 KG POR AÍ, MAS JÁ TIRAVA ESSE PESSO, TA ENTENDENDO, MAS UM CEVADOR BOM TIRÁ ATÉ 400 KG, 300, 350, 400 KG, DEPENDE DA PAIA ENTENDEU

-VOCÊ SÓ TIRAVA 100?

-AH EU ERA APRENDISTA AINDA.

-HUMM, POR ISSO.

- ERA MAIS RESIDEU, MAS QUE FAZIA ISSO AÍ TAMBÉM, ENTENDEU.

-AH, INTERESSANTE.

ESPOSA DELE: MINHA SOGRA MIM CONTOU QUE ENRROLOU O LENSOU E INSOPOU DE SANGUE.

-FOI A SUA SOGRA?

-ISSO QUE ELA CONTA.

-DE LÁ ONDE EU ME ACIDENTEI, ERA DEZENOVE COM SETE...VINTE E CINCO QUILOMETROS PARA CIDADE AINDA.

-DAQUI DE COITÉ?

-NÃO, DE LÁ ONDE EU CEVEI, QUE ACONTECEU COMIGO FOI EM RIACHAO

AH, ACONTECEU COM VOCÊ FOI EM RIACHÃO?

-QUE ACONTECEU, ERA 25 KM.

-DO LUGAR?

-LÁ?

-SIM

-ERA CAMPO ALEGRE, FAZENDA CAMPO ALEGRE.

-É QUANTOS QUILOMETROS DE RIACHÃO?

-QUANTOS QUILOMETROS DE RIACHÃO?

-SIM.

-É 25 KM, MAS LÁ NÃO TEM MAIS NADA NÃO, VIU, ASSIM DE SISAL ESSAS COISAS.

-ACABOU TUDO?

-ACABOU TUDO. SÓ FICOU MAIS A REGIÃO DO SISAL, ENTENDEU, LÁ ACABOU MUITO, COITÉ, É SANTA LUZ...

-SERRINHA TAMBÉM ACABOU MAIS UM POUQUINHO.

-ACABOU, QUASE TODO LUGAR ACABOU, DEPOIS QUE DESGRACOU O PESSOAL, DEPOIS QUE ACABOU COM TUDO. RISOS - É VERDADE. AÍ AGENTE SE APOSENTOU UNS DOIS ANOS DEPOIS DESSES MOVIMENTOS, AÍ VEIO APROVADO.

-TODO MUNDO?

-TODO MUNDO, AÍ RECEBI A METADE DE UM SALÁRIO, QUEM COLOCOU UM SALÁRIO FOI COLLO DE MELO, FOI A ÚNICA COISA QUE ELE PRESTOU NÉ POR QUE O RESTO...

-QUE BOTOU UM SALÁRIO?

-AÍ BOTOU UM SALÁRIO, TODO BRASIL...

-ENTÃO, QUANDO VOCÊ SE APOSENTOU ERA MEIO SALÁRIO?

-ARA MEIO SALÁRIO.

-DEPOIS DE COLO, PASSOU A SER UM SALÁRIO ?

-PASSOU A SER UM SALÁRIO, VEIO UMA DIFERENCIAZINHA, UM DINHEIRINHO.

-QUEM FOI QUE TROUXE ISSO, FOI COLO OU FOI ALGUEM.

-O COLO FOI QUEM FEZ ISSO.

- ENTÃO FOI EM QUE ANO? NOVENTA E DOIS...NOVENTA É TRÊS, PELAI NÃO FOI ISSO?

-ACREDITO QUE SIM.

-FOI NA EPOCA DE COLLO.

-ELE FOI QUEM APROVOU O SALÁRIO PRA TODO TRABALHADOR, ENTENDEU

-COMO O SENHOR PERCEBE ESSA LUTA DO TRABALHADOR HOJE EM DIA, PRINCIPALMENTE ESSES MOMENTOS, MOMENTOS DIFICEIS, ESSAS LUTAS DOS TRBALHADORES DO SISAL, ASSIM...COMO O SENHOR PERCEBE ISSO, TA MAIS DIFICIL, OU NAQUELA ÉPOCA ERA MAIS DIFÍCIL?

-NAQUELA EPOCA ERA MAIS DIFICIL ERA, HOJE, MUITAS VEZES ACONTECE O CARA SE APOSENTA, ENTENDEU. SEMO MOTOR...PORNQUENTEM UM CADASTRO, GERALMENTE OS MOTORES SÃO CADASTRADOS, ENTENDEU, A MAIORIA SÃO TODOS CADASTRADOS. SE ACONTECER QUALQUER ACIDENTE DESSES, ACHO QUE SE APOSENTA LOGO, NAQUELA ÉPOCA NÃO SE APOSENTANTAVA NÃO.

- ENTÃO QUER DIZER QUE A LUTA HOJE É MAIS FACIL DE RESOLVER DO QUE NAQUELE TEMPO?

-EU ACREDITO QUE SIM, NÉ, POR QUE NÃO FOI FÁCIL NÃO MEU FI...O NEGÓCIO FOI FÁCIL NÃO, OXE, FOI DIFÍCIL, OXE, HAM!

ESPOSA DELE: MINHA SOGRA DISSE QUE AJUDAVA, TIRAVA O DINHEIRO DELA E DAVA AS COISAS PRA ELE.

-FOI UNS DOIS ANOS, FIQUEI DOIS ANOS SEM TRABALHAR.

-DOIS ANOS SEM FAZER NADA?

-OXX!

-ERA DIFÍCIL SOBREVIVER ASSIM?

-OXX, NÃO ERA NÃO?

ESPOSA DELE: É O MOTOR ERA DO PAI DELE.

-ERA DO SEU PAI?

-ERA.

-COMO ERA ESSE PROCESSO DE DONO DO MOTOR...PERA AÍ, QUEM É DONO DO MOTOR É UMA PESSOA É O DONO DA ROÇA É OUTRA, É ISSO?

-NÃO, LÁ ÉEEE...NÃO, ONDE ACONTECEU O ACIDENTE A PALHA ERA DE MEU PAI MESMO, DA GENTE MESMO.

-DE VOCÊS MESMO?

-ERA

-TRABALHAVA A FAMILIA?

-TRABALHAVA, MAS NÃO ERA MUITO NÃO, NEM TODOS TRABALHAVAM NÃO.

-NEM TODOS TRABALHAVAM NÃO?

A ESPOSA DELE: MINHA SOGRA DISSE QUE QUANDO MEU SOGRO COMPROU O MOTOR, ELA DISSE: PRA QUE TU COMPROU ESSE NEGÓCIO? DEMOROU TEMPO PRA ACONTECER ESSE ACIDENTE, MAS NINGUEM LIVRA NÉ.

- É ASSIM MESMO, NÃO TEM COMO...NÉ ?

-É SEU PAI VENDIA PRA QUEM O SISAL?

-AH, VENDIA GERALMENTE PRA RIACHÃO.

-ERA OS DEPOSITOS DE LÁ, ERA ASSIM, VOCÊS FABRICAVA E VENDIA PROS DEPOSITO E AÍ LA ELES DISTRIBUIAM E EXPORTAVA, NÉ?

-VENDIA PRA LA E NÃO SEI SE VINHA PRA COITÉ TAMBEM, ENTENDEU, SÓ SEI QUE VENDIA LÁ.

ESPOSA DELE: ATÉ AS IRMÃS DELE TAMBÉM TRABALHAVA, HOJE TA EM SÃO PAULO MORANDO LÁ.

-TRABALHAVA NO SISAL TAMBÉM?

-TRABALHAVA, OXX!

-A SUA IRMÃ?

-ESTENDIA, FAZIA QUALQUER COISA.

ESPOSA DELE: ELA SAIA DE MANHA E CHEGAVA A NOITE, ELA DISSE.

-ENTÃO O SISAL ERA A ÚNICA FORMA DE SUBSISTÊNCIA, DE SOBREVIVÊNCIA?

-TINHA MUITAS NO SISAL.

-TINHA MUITAS?

-TINHA NO SISAL, HOJE NÃO NÉ.

ESPOSA DELE: HOJE NÃO TEM MUITO POR CAUSA DA SECA.

-HOJE ACABOU MUITO NÉ.

ACABOU.

-VOCE ACHA QUE OS TRABALHADORES DO SISAL TA MAIS VALORIZADO QUE OS DE ANTIGAMENTE? SERÁ?

ESPOSA DELE: EU ACHO QUE NÃO.

- RAPAZ ERA PRA SER...SEI LÁ, O DINHEIRO QUE RECEBE É TÃO POUCO NÉ, O CARA PERDE UM BRAÇO PRO RESTO DA VIDA, NÃO TEM INDENIZAÇÃO E NADA DE NADA, É SÓ O SALARIO LA E PRONTO E ACABOU, ENTENDEU?

TA UM DESCASO.

-NÉ VERDADE, ERA PRA SER UMA COISA MELHOR, MELHOR NÉ, NO CASO, NÃO ERA PRA SER ASSIM. QUANTOS LADRÕES ESTÃO AI ROUBANDO MILHOES E MILHÕES, NE VERDADE.

ESPOSA DELE: NINGUÉM QUE TRABALHAR MAIS NÃO.

- HOJE É DIFÍCIL VOCÊ ACHAR UMA PESSOA AI PRA TRABALHAR NISSO AÍ, NINGUEM QUE NÃO.

-ELES PREFEREM UMA LAJE. RISOS

-VEIO UM DINHEIRO ATÉ BONZINHO NO TEMPO, QUE ERA TIPO UMA INDENIZAÇÃO, FICOU UMA PARTE PRA VIM ATÉ HOJE LACRARAM LÁ E ACABOU, ACHO QUE ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS ENTROU COM AÇÃO.

QUANDO, QUANDO FOI?

-É MUITO TEMPO ISSO AÍ.

NA ÉPOCA QUE SOFREU O ACIDENTE?

ESPOSA DELE: ELE COMPROU ATÉ UMA VACAS.

AH, QUANDO VOCÊ SOFREU ACIDENTE, RECEBEU INDENIZAÇÃO?

-RECEBEU UMA PARTE, UM DINHEIRINHO BOM.

UMA PARTE E A OUTRA...

-FICOU OUTRA PARTE E AI PAGAR EM DUAS PACELAS, ESSA OUTRA NINGUEM VIU O RESTO MAIS NUNCA, ATÉ A ÉPOCA DE ...AGORA, FOI DE LULA...É, PASSARO QUE IA PAGAR A RE...COMO É...COMO É QUE DIZ MEU DEUS PRA EU NÃO ESTÁ MENTINDO? A REVI...A REVIS...COMO É?

A REVISÃO.

-A REVISÃO DOS APOSENTADOS QUE IA PAGAR, ATE HOJE.

TODOS APOSENTADOS?

-TODO MUNDO, É, QUE TINHA DIREITO DE RECEBER, QUE ERA QUE TINHA MUITO TEMPO, QUE PERDEU PERCA, ESSAS COISAS ENTENDEU, QUEM RECEBIA A METADE DO SALÁRIO COMO EU RECEBIA, ATÉ HOJE NÃO VEIO MAIS NADA NÃO MEU IRMÃO.

VOCÊ, VOCÊ DISSE QUE ATÉ UM DIA DESSE TINHA QUE FAZER UMA REVISÃO PRA VER...

-REVISÃO, EU PASSEI AGORA NA PERÍCIA .

PERICIA?

-É, PASSEI NA PERÍCIA.

ESSA PERÍCIA SÓ FOI ESSA VEZ OU TEVE MAIS?

-RAPAZ, NÃO, JÁ!! JÁ PASSEI UM BOCADO, QUE EU ERA NOVO ENTENDEU, VEZ EM QUANDO EU TINHA UMA PERÍCIA ENTENDEU.

VOLTA E MEIA O GOVERNO CHAMAVA PRA FAZER UMA PERÍCIA?

-CHAMAVA, ESSA AI AGORA CHAMOU A POUCO TEMPO, DEVE TER UNS DOIS MESES. AÍ QUANDO EU CHEGUEI LÁ O DINHEIRO TAVA BLOQUEADO.

ESSE ANO, 2018?

-AGORA, AGORA, SÓ TEM DOIS MESES.

TEM DOIS MESES?

-FAZ DOIS MESES...

FOI EM SETEMBRO MAISMOU MENOS?

XÔ VÊ, FOI.

ESPOSA DELE: QUANDO RECEBE A METADE DO DÉCIMO?

-SETEMBRO.

FOI AGORA EM 2018, SETEMBRO.

-FOI, DOIS MESES SETEMBRO, VAI FAZER AMANHÃ.

ESPOSA DELE: ELE LIGOU PRA BRASÍLIA.

- EU LIGUEI EU LIGUEI PRA BRASILIA AQUI PRA MARCAR UMA PERÍCIA, AÍ MARQUEI PRA AQUI UMA DATA, DIA ONZE NÃO FOI? ESPOSA: FOI

-DIA ONZE, UMA HORA, UMA E QUINZE DA TARDE, SO QUQMAQUI EM COITÉ NÃO TEM MÉDICO PERITO.

NÃO TEM?

-NÃO

DO INSS?

-NÃO! AÍ FIZERAM UM MUTIRÃO, AÍ EU CHEGUEI LÁ, ELES DISSERAM: VOCÊ MARCOU MAS NÃO TÊM, EU DISSE: COMO É QUE NÃO TÊM? AÍ FEZ O MUTIRÃO DIA DE SÁBADO.

AONDE?

-AQUI EM COITÉ.

AÍ CHAMARAM?

-VEIO QUATRO MÉDICOS, QUATRO MEDICOS QUE A REGIÃO TODA ESTAVA.

ESPOSA DELE: ELE SAIU DUAS DA MANHÃ.

-NÃO SO FOI EU NÃO, TODOS QUE TINHAM PROBLEMAS DE PÉ...

TODOS QUE ACONTECEU ALGUM ACIDENTE?...

-TODOS, EXATAMENTE.

AÍ NO CASO...

-TINHA GENTE QUE NEM ANDAVA, EU VI GENTE LÁ ANDANDO COM AS PERNINHA ASSIM ANDANDO MEIO...ENTENDEU.

RAPAZ.

ESPOSA DELE: ELE SAIU DOZE DA NOITE.

- EU SAIR PRA LÁ PRA PEGAR, DOZE DA NOITE, EU CHEGUEI LÁ, JÁ TINHA SEIS PESSOAS NA MINHA FRENTE.

ONDE FOI?

- AQUI NO INSS MESMO, DORMIR LÁ.

AQUI NO INSS DE COITÉ?

-É.

EPOSA DELE: GENTE DE SANTA LUIS...DE TODO LUGAR.

-TODOS OS LUGARE TINHA GENTE, GENTE MULTILADO, VÁRIAS.

TINHA QUANTAS?

-AH! TINHA MUITAS.

TINHA UNS CEM?

- TEM! QUE CEM? EU NÃO SEI TE DIZER BEM NÃO VIU?

TINHA MAIS DE CEM?

- TINHA, UMAS DUZENTAS E CINQUENTA OU MAIS, TINHA GENTE DEMAIS, A FILA DOBROU MEU IRMÃO. FOI O DIA TODO, QUATRO PERITO, QUATRO MÉDICO, EU PASSEI POR UMA MÉDICA...AÍ ELA OLHOU PRA MIM...OLHOU QUE ELA VIU, QUANDO ELA VIU O BRAÇO E DISSE: O SENHOR FOI O QUÊ? EU DISSE -O MEU FOI MOTOR DE SISAL ACIDENTE DE TRABALHO, NO CASO... ELA DISSE: REALMENTE O SENHOR NÃO PRECISAVA PASSAR NISSO, VAI PASSAR O QUE AQUI POR AMOR DE DEUS, MAS O SENHOR VAI PEGAR NUMA ENXADETE COMO PRA TRABALHAR...O SENHOR SE FORMOU? EU DISSE: NÃO EM NADA – ENTÃO NÃO TEM COMO, EMPRESA NENHUMA LHE PEGA MAIS NÃO, QUAL EMPRESA QUE VAI LHE PEGAR?

O SENHOR TEM CINQUENTA E...?

-CINQUENTA E QUATRO.

O SENHOR NASCEU EM QUÊ ANO?

-DEZOITO DOS TRÊS DE SESENTA E QUATRO, EU VOU FAZER CINQUANTA E QUATRO ANOS AGORA EM DEZOITO DE MARÇO.

HUM, DEZOITO DO TRÊS DE SESENTA E QUATRO.

-É.

ENTAO O SENHOR VAI FAZER CINQUENTA E...

- É TRÊS, FAÇO CINQUENTA E QUATRO AGORA EM MARÇO SE TIVER VIVOR NÉ, MESMO ESSE CACHORRO QUE TA AÍ, MENOS DE CINQUENTA E CINCO TENHO QUE PASSAR PELA PERÍCIA, ENTENDEU.

TODOS?

-TODOS, É UM BOCADO, FOI LEI AÍ

ESPOSA DELE: DEPOIS ELE VOLTOU E FOI SABER SE FOI APROVADO, A MOÇA DISSE QUE FOI APROVADO.

-FUI NA SEGUNDA DE NOVO, O CARA FICA PREOCULPADO.

FICA.

-AH, NEM DORMIR DIREITO DORMIA.

ESPOSA DELE: ELE DISSE QUE TEVE GENTE QUE CHEGOU A BATER NA MESA POR QUE NÃO FOI APROVADO, É POR QUE TEVE GENTE DE ACIDENTE DE MOTO, DEU PROBLEMA DE COLUNA, DEU PROBLEMA DE COLUNA, TEVE VARIOS PROCESSOS TA ENTENDENDO...AÍ RECUPERA E O MÉDICO VAI BOTAR PRA TRABALHAR, O CARA TÁ SÃO COM BRAÇO É PERNA TUDO NORMAL...

DURANTE, QUANDO O SENHOR...É...ACONTECEU, O SENHOR ME CONTOU AGORA QUE...QUE A SUA SOGRA, OU FOI A SOGRA DELA...

-NÃO, FOI MINHA MÃE.

AH, SUA MÃE, SUA MÃE QUÊ TEVE O ATO SOLIDÁRIO?

-NO TEMPO QUEM AJUDAVA ERA MÃE MESMO, EU IA FAZER O QUE? EU TAVA GRANDÃO.

TEVE OUTRA PESSOA TE AJUDOU, ALGUM POLÍTICO?

-NÃO, POLÍTICO NÃO.

ALGUM OUTRO PARENTE LHE AJUDOU?

-RAPAZ, AS VEZES OS IRMÃOS, QUE TENHO UM BOCADO DE IRMÃOS NÉ, MANDAVA ALGUMA COISA NÉ, EU COMECEI TAMBÉM, FAZER ALGUMA COISA TAMBÉM, NÃO PODIA FICAR PARADO, TINHA IM TRABALHO NO MERCADINHO E O DONO JÁ MANDAVA EU FAZER ALGUMA COISA, AI JÁ GANHAVA ALGUM DINHEIRINHO.

SEU IRMÃOS AJUDAVA...

-AJUDAVA, AJUDAVA, É MÃE TRABALHAVA TODA VIDA MÃE TRABALHOU, ENTENDEU, NAQUELE TEMPO, TODA VIDA MÃE TRABALHOU.

ESPOSA DELE: ELA DISSE QUE HOJE TA CANSADA QUE TRABALHOU MUITO DE SISAL.

ELA É VIVA NÉ?

-É.

QUAL O NOME DA TUA MÃE?

-MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA MOTA. ELA MORA DE JUNTO DA CASA DA MENINA AQUI. ISSO AI FOI DIFÍCIL, NÃO FOI BRINCADEIRA NÃO. TEVE UM DEPUTADO QUE AJUDOU MUITO AGENTE TAMBÉM.

QUAL É O DEPUTADO?

-DO RIO DE JANEIRO.

DO RIO DE JANEIRO?

-DORNELLI.

EU VI FALAR.

-ESSE CARA FOI UM BICHO.

EU VI NO JORNAL.

- ELE TA VIVO AINDA, NÃO SEI SE...TA VIVO AINDA , FRANCISCO...AGORA LEMBRO O NOME DELE, FRANCISCO DORNELLI, UM BAIXINHO, BATIA NA MESA LA DO MINISTÉRIO, ELE AJUDOU TODAS REUNIÕES QUE MARCAVA...É, POR EXEMPLO; HOJE DURANTE O DIA MARCAVA UMA AUDIÊNCIA LA COM O MINISTERIO, COM A FETAG, A FETAG, TAVA TODO MUNDO JUNTO, FOI MUITAS COISAS, MUITAS COISAS.

ISSO FOI NA ÉPOCA QUE VOCÊ FOI PRA...

EU FUI PRA BRASÍLIA.

PRA BRASÍLIA?

-É, TINHA A FETAG.

A FETAG ERA UMA ENTIDADE TAMBÉM?

-ERA, ACHO QUE ESSA FETAG É O QUE...É UMA EMPRESA...SINDICATO TAMBÉM.

TINHANUM NOME AQUI, MAS DEIXEI LÁ NO OUTRO JORNAL, MAS TEM A FETAG...

-ACHO QUE FOI FRANCISCO DORNELLI, AJUDOU MUITO AGENTE, ME DAQUI DA BAHIA, DAQUI DA BAHIA...TEVE UNS TAMBÉM, MAS NÃO TOU LEMBRANDO MUITO NÃO, MAS TEVE DEPUTADO AQUI TAMBÉM. NA ÉPOCA NÃO TINHA DEPUTADO NENHUM DA CIDADE.

NÃO TINHA NENHUM?

-NÃO, NÃO, NÃO TINHA NINGUEM, NINGUÉM, MAS O NEGÓCIO ERA BRABO LÁ, O NEGÓCIO ERA COMPLICADO.

MUITO COMPLICADO? É, INTERESSANTE ESSA...O QUE EU FIQUEI SABENDO FOI...O QUE O JORNAL CONTA, FOI POR AUTO, MAS O INTERIOR DAS NEGOCIAÇÕES, O QUE OCORREU LÁ NOS NÃO SABE, AH NÃO SER SE VOCÊ CONTOU AGORA COMO ERA, MAS O JORNAL NÃO CONTA CLARAMENTE COMO ERA O INTERIOR DAS NEGOCIAÇÕES, SÓ CONTA ASSIM POR AUTO, MAS...

-NÃO, MAS É ASSIM...PRATICAMENTE COMO HOJE MESMO QUE MARCA AUDIÊNCIA, POR EXEMPLO EU VUI EM UM BUCADO DE MINISTÉRIOS, MINISTÉRIO DO TRABALHO, FUI NO MINISTÉRIO DO TRABALHO, NO CASO DA PREVIDENCIA SOCIAL QUE JARBAS PASSARINHO ME NEGOU E DISSE QUE TAVA TUDO BOM E DAVA PRA TRABALHAR, ENTENDEU, CARA DE BIXO...CARA DE BIXO ERA ALI VIU MACHO, EU VI ELE PERTINHO QUE NEM VOCÊ, EU FUI PRA DENTRONDO MINISTÉRIO, PERTINHO DE VOCE AÍ.

QUANDO VOCÊ ENTROU, ELE JÁ TAVA LÁ?

-JÁ TAVA LA, SENTADO, ATENDEU AGENTE, NÃO TEM, NÃO TEM NECESSIDADE DE NINGUEM SE APOSENTA NÃO QUE DÁ PRA TODO MUNDO TRABALHAR.

ESPOSA DELE: ETA JESUS!!!

-BIXO MESMO ELE.

ERA ALTO?

-NÃO, ERA BAIXO, FORTE, FORTE, MAS PODE PROCURAR QUE VOCÊ ENCONTRA ELE AÍ, PROCURE NA INTERNET QUE VOCÊ VAI VER ELE.

VOU PROCURAR.

-ELE FOI MINISTRO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, NESSA DATA AÍ. ..É É INFORMA, INFORMA, INFOORMA. PROCURE QUE ELE ERA UM BAIXINHO CARARRUDO MESMO, RUIM, RUIM, RUIM!

RISOS.

-EU CHEGAVA DE OLHAR E DESCER LAGRIMAS DOS MEUS OLHOS E OS CABRAS EM CIMA, SINDICATO, ADVOGADO.

ESPOSA DELE: VOCÊ FALOU DE UM...QUEM PAGOU HOTEL PARA VOCÊS, QUEM FOI?. ..

-QUEM PAGOU LÁ, FOI TUDO PAGO MULHER, QUEM PAGOU FOI OOO, COMO É...O SINDICATO, OOOOOORGÃO QUE TAVA FAZENDOMO MOVIMENTO, AGENTE NÃO TINHA DINHEIRO, NO TEMPO EU FUMAVA E NEM DINHEIROMPRA COMPRAR UM CAFÉZINHO EU NÃO TINHA NÃO. FORMOS MUITO BEM TRATADO NO ÔNIBUS.

ESPOSA DELE: QUE ÔNIBUS DAQUI PRA BRASÍLIA Ô JESUS.

- FOI, NÃO ERA TÃO LONGE NÃO.

FOI NO SINDICADO QUE ORGANIZOU ISSO?

-O SINDICATO RURAL FOI QUEMMORGANIZOU ISSO AÍ, O SINDICATO RURALMQUE ORGANIZOU ISSO AÍ E JUNTO COM A FETAG, A FETAG TAMBÉM JÁ ENTROU NUMA BRIGA TAMBÉM.

ATÉ ESSE VALDEMIR DE ASSIS TAVA?

-VALDEMIR DE ASSIS FOI UNS DOS CABEÇAS DA PULI.

DOS QUE TAVA NO MOVIMENTO?

-É, É QUEM FALAVA NO CARRO DE SOM, VIU, AQUI EM COITE NA CLASSE A, ELE É QUEM FALAVA NO CARRO DE SOM, O BIXO BOTAVA PRA LÁ MESMO, VIU, BOTAVA PRA LÁ MESMO, ELE FOI UM BALUARTE AÍ.

SE EU TIVER UMA OPORTUNIDADE DE CONVERSAR COM ELE EU VOU CONVERSAR COM ELE.

ESPOSA DELE: VOCE É DAQUI DE COITÉ ?

SOU, SOU DAQUI.

-AH.

TIVER OPORTUNIDADE VOU VER SE VEJO ELE.

-MAS NAOMÉ DIFÍCIL VOCÊ FALAR COM ELE NÃO.

VOU VER SE CONVERSO COM ELE, VOU VER SE CONVERSO COM ELE TAMBÉM, POR QUE TAMBÉM TAVA NO...

-ELE FOI DOS BALUARTE DA, DA...FOI UM DOS CABEÇAS.

ALEM DELE TINHA OUTROS?

-TINHA O PESSOAL DO SINDICATO MAS NÃO, NÃO LEMBRO NÃO.

TINHO O PESSOAL DO SINDICATO, MAS VOCÊ NÃO LEMBRA O NOME?

-NÃO, HOJE...NUM SEI, SÓ SEI QUE URBANO NÃO ERA.

URBANO?

URBANO, ERA URBANO, SIM, MAS ELE NÃO ERA URBANO, ELE VAI LHE INFORMAR MELHOR DO QUÊ EU, EU TAMBÉM LHE DIZER QUE ELE TEM TUDO EM MEMÓRIA GUARDADO ISSO AI, TEM...TEM, ELE LUTOU DEMAIS, FOI UM DOS CARAS VIRADO NO RIACHO, FOI JUNTO COM AGENTE, CURIÓ. ..ESSE CURIÓ QUE É CANTOR...CURIÓ AÍ.

AINDA É VIVO?

-É, É.

EPOSA DELE: CONHEÇO CURIÓ.

-AH, SE VOCÊ PROCURÁ ELE, SE VOCÊ CONVERSANDO COM VALDEMIR DE ASSIS, ELE VAI LHE INFORMAR E VAI LHE LEVAR ATÉ CURIÓ SE VOCÊ QUISER QUE ELE ENTRE EM CONTATO, ELE FEZ MUSICA, FEZ TUDO, ENTENDEU.

HUHUM!

VOCÊ É ESSE AQUI? NESSA HORA TAVA MOSTRANDO A IMAGEM DELE NO JORNAL.

-EXATAMENTE.

ESSE AQUI NÉ ISSO?

-É

-EU TOU PENSANDO EM COLOCAR SUA FOTO LÁ NO MEU TRABALHO, POSSO COLOCAR?

-PODE, TEM PROBLEMA NÃO.

ENTÃO VOU BOTAR TUDO DETALHADAMENTE VIU? É CONTAR SUA HISTÓRIA.

- TRANQUILO, BELEZA.

TA BOM, OBRIGADO PELAS INFORMAÇÕES...

-MAS SE VOCÊ QUIZER MAIORES INFORMAÇÕES PROCURE VALDEMIR DE ASSIS, QUE É ELE QUEM VAI LHE DAR TODO DETALHE.

CERTO.

-EU NÃO LEMBRO DE TUDO NÃO, MAS ELE LEMBRA VIU.

TEM PROBLEMA NÃO. ..

-CURIÓ VAI LHE DIZER ALGUMA COISA, ELE FEZ UMAS MUSICAS MUITO BONITA.

DO MOVIMENTO?

-DO MOVIMENTO, FEZ.

MIUDINHO E PASSARINHO TAMBÉM.

-MIUDINHO E PASSARINHO, VOCÊ VAI ATÉ MIUDINHO E PASSARINHO É MAIS FÁCIL...

ELE FEZ TAMBÉM?

-FEZ, AJUDOU MUITO, FOI NA ÉPOCA, NA EPOCA FOI ELES MESMO, AQUI TA ATÉ O PAR DELE TAMBÉM, QUE MORREU, QUE ERA CANTOR, AJUDOU TAMBÉM AGENTE. EU NÃO CONHECIA DIREITO, EU VIM CONHECER ELES...PASSARINHO É MIUDINHO.

ENTREVISTA COM O SENHOR JOSÉ LOPES CARNEIRO NO DIA 18 DE FEVEREIRO DE 2018

HOJE SÃO DEZOITO DE FEVEREIRO DE DOIS MIL E DEZOITO. VAMOS LÁ! QUAL O SEU NOME?

-JOSÉ LOPES CARNEIRO.

JOSÉ LOPES CARNEIRO... A SUA IDADE?

-VOU FAZER SESSENTA E CINCO EM ABRIL.

VAI FAZER CINQUENTA E CINCO EM ABRIL?

-SESSENTA E CINCO EM ABRIL.

SESSENTA E CINCO ANOS EM ABRIL.

-DIA NOVE DE ABRIL.

O SENHOR É CASADO, SOLTEIR...?

-SEPARADO.

AH... SEPARADO.

-É.

MAS É CASADO?

-NÃO DISQUITEI CASAMENTO NÃO.

AH...O SENHOR TEM QUANTOS FILHOS?

-QUATRO.

QUATRO FILHOS?

-É.

É, O MUNICÍPIO QUE VOCÊ MORA É AQUI MESMO EM CONCEIÇÃO DO COITÉ?

-TODA VIDA, NASCIR EM COITE...

AH, VOCÊ NASCEU EM COITÉ. ...?

-E PASSEI DOZE ANOS EM SÃO PAULO.

VOCÊ PASSOU DOZE ANOS EM SÃO PAULO, HUM ENTENDI, VOCE...CASOU AQUI?

-CASEI AQUI.

FOI PRA SÃO PAULO...

-EU FUI PRA SÃO PAULO EM SETENTA E QUATRO.

EM SETENTA E QUATRO?

-VIAGEM...EU TINHA VINTE ANOS, IA FAZER VINTE E UM ANOS. EU CASEI EM SETENTA E QUATRO, EU CASEI NO DIA...DEZOITO DE JAN...DEZESETE DE JANEIRO DE SETENTA E QUATRO E MEU FILHO MAIS VELHO NASCEU NO DIA DEZ DE OUTUBRO DE SETENTA E QUATRO.

MAS, QUANTOS FILHOS NO TOTAL?

-QUATRO, TENHO DOIS CASAIS.

DOIS CASAIS.

-DOIS HOMENS E DUAS MULHERES.

É, O SENHOR SE CONSIDERA BRANCO, NEGRO, AMARELO, PARDO.

RISOS.

-ACHO QUE SOU BRANCO NÉ.

BRANCO, BRANCO NÉ? AGORA A PERGUNTA AQUI VAI SER RELACIONADO AO TRABALHO, QUANDO O SENHOR TRABALHOU NO SISAL, VIU. É, QUAL ERA SUA FUNÇÃO?

-EU ERA CAMBITEIRO, É AQUILO DE BOTAR O SISAL NA MÁQUINA, SE CHAMAVA CAMBITEIRO, ERA O NOME QUE DAVA LÁ, ERA CAMBITEIRO MESMO PRA CAMBITAR SISAL.

PEGAVA O SISAL LA NO MATO...

-PEGAVA BOTAVA NO BATEDOR, PAEGAVA E BOTAVA NA REVISORA E DA REVISORA BOTAVA NA PRENSA.

HUM! ENTENDI. O SEU SALÁRIO QUE VOCÊ GANHAVA ERA SUFICIENTE PARA SUSTENTAR UMA FAMÍLIA.

-NA ÉPOCA NÃO.

NA ÉPOCA NÃO? ERA POUCO NA ÉPOCA? O ANO, VOCÊ LEMBRA O ANO?

-FAZ A CONTA AÍ, EU NASCI...EU TINHA DEZESSEIS ANOS QUE TINHA NESSA ÉPOCA, QUANTOS ANOS? CINQUENTA E UM É?

É, ENTÃO...

-UNS QUARENTA E NOVE ANOS?

UNS QUARENTA E NOVE ANOS.

-É NÉ?

ENTAO O SALÁRIO DA ÉPOCA NÃO DAVA NÃO.

-EU ERA DE MENOR, O DINHEIRO ERA UMA MERRECA.

MERRECA QUE VOCÊ GANHAVA?

-DEPOIS QUE...RENDEU.

NESSA ÉPOCA VOCÊ JÁ ERA CASADO?

-CASEI COM VINTE E UM.

AH, ENTENDI.

-DEPOIS DE VINTE E UM, IA FAZER VINTE E UM EM ABRIL E CASEI EM JANEIRO.

MAS, DEPOIS QUE VOCÊ COMEÇOU TRABALHAR NO SISAL, DEPOIS QUE VOCÊ CASOU, VOCÊ CONTINUOU TRABALHANDO NO SISAL?

-CONTINUEI.

MAS O SALÁRIO DAVA PRA SUSTENTAR?

-AI JÁ DAVA, DEPOIS QUE ME CASEI...

JÁ TEVE ALGUMA DIFICULDADE NO TRABALHO ?

-NÃO, QUE EU LEMBRE, NÃO.

É...JA SOFREU ALGUM ACIDENTE NO TRABALHO?

-NÃO.

VOCÊ GOSTAVA DO QUE FAZIA?

-EU GOSTAVA, OU GOSTANDO OU NÃO.

DE TRABALHAR NÉ?

-SE O TRABALHO ERA ESSE MESMO, NA ÉPOCA SO TINHA E BATEDEIRA E BATEDEIRA.

ERA BATEDEIRA?

-ERA BATEDEIRA, UNS ARMAZÉNS.

ERA POR QUE NÃO TINHA ESCOLHA, OU POR QUE NÃO TINHA ESCOLHA?

-ERA POR QUE NÃO TINHA OUTROS SERVIÇOS.

NÃO TINHA OUTROS SERVIÇOS?

-NÃO, ERA DIFÍCIL, DIFÍCIL MESMO.

ENTÃO, O SISAL ERA A ÚNICA FONTE DE RENDA DA REGIAO?

-ERA, E VOLTOU PARA A BATEDEIRA. EU GOSTO DE TRABALHAR, TRABALHEI DIARITO, BATEDOR, TRABALHEI PRENSEIRO, TUDO NA BATEDEIRA.

NUM, ENTÃO VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR NO MOTOR?

-NÃO TRABALHEI NO MOTOR NÃO, O SISAL VENHO NO MOTOR.

QUANDO VOCÊ ERA NOVO, VOCÊ TRABALHAVA COMO...

-CAMBITEIRO, CARRREGAVA O SISAL, DEPOIS EU PASSEI A TRABALHAR COMO DIARISTA, DEPOIS FUI TRABALHAR NA PRENSA DE PRENSEIRO, AÍ DE PRENSEIRO EU SAIR, AÍ JÁ ERA CASADO JA.

AH, ENTENDI, VOCÊ TINHA MUITOS AMIGOS NO TRABALHO?

-MUITOS AMIGOS MESMO.

ONDE TRABALHAVA?

-AINDA MORREU DOIS, TEM POUCOS AGORA.

É MESMO?

-É DOS MEUS AMIGOS QUE TRABALHOU COMIGO SO RESTAM DOIS, SÓ CRISTOVAM, QUE EU LEMBRE MORA NA JAQUEIRA E FAETI QUE MORA NA RUA SENHORA SANTANA.

-TODOS MORAM AQUI EM COITÉ?

-MORAVA.

MORAVA? COMO ERA A AMIZADE COM ELES, ERA BOA?

-NORMAL.

ERA BOA?

-ERA.

BRINCAVA...

-ATÉ HOJE SOMOS AMIGOS, QUANDO ENCONTRAMOS SE BRINCA, DA RISADA, LEMBRA DO PASSADO.

É MESMO, VOCÊS LEMBRAM DO PASSADO,

-LEMBRA, AGENTE LEMBRA DO PASSADO, DIVERTIA ATÉ HOJE, EU TRABALHEI NO POSTO, IA PRA LÁ E FICAVA CONVERSANDO...TU LEMBRA? TAVA ASSIM ASSIM, AÍ FICAVAM KKKKK, AGENTE BRINCAVA E DAVA RISADA.

COMO ERA? ERA BOM LÁ NO TRABALHO, ERA NO SERVIÇO QUE VOCÊS BRINCAVAM?

-TRABALHAVAMOS BRINCANDO.

BRINCANDO?

-ERA. CANTANDO, MUITOS DIZIA UMA PIADA, OUTROS RESPONDIA, NA BRINCADEIRA NÉ.

TUDO NA BRINCADEIRA?

-ERA, AGENTE SENTAVA E BRINCAVA, FICAVA BRINCANDO, NÃO ERA DE BRIGAR EM SERVIÇO NÃO, GRACAS A DEUS.

ENTÃO TRABALHAVA BRINCANDO NÉ.

-ERA.

UM BRINCAVA COM OUTRO?

-ERA, AMIZADE COLORIDA MESMO.

ERA?

-ERA, OS OUTROS QUE MORREU TUDO...

SIM, TINHA SORROS, ESSAS COISAS?

-AH ATÉ HOJE. RISOS

ATÉ HOJE?

-TINHA UM CRISTOVAM NA RUA, NÃO SEI SE VOCÊ CONHECE, MORA NA JAQUEIRA, ALI ERA UM SARRISTA DANADO, EU NÃO PODIA FAZER NADA QUE TIRAVA SARRO DA GENTE, EU CAIA MATANDO EM CIMA DELE. TINHA UMA MENINA LÁ QUE TRABALHAVA ZIZA, AGORA ELA MORA EM SALVADOR, ELE PERTUBAVA ELA, DIZIA QUE QUERIA NAMORAR COM ELA, ELA TRABALHAVA NA MESA DA REVISÃO, FICAVA COM UMA VARA, TINHA HORA QUE PEGAVA A VARA E COURO NELE. RISOS

-EU DAVA RISADA.

RAPAZ! NA BRINCADEIRA?

-NA BRINCADEIRA. RISOS... ERA MUITO DIVERTIDO.

É...ALGUM AMIGO MAIS PROXIMO NA ÉPOCA QUE VOCÊ TRABALHAVA ASSIM...MUITO PRÓXIMO OU TODO MUNDO ERA ASSIM...TINHA ALGUM AMIGO DE PREFERÊNCIA QUE VOCÊ GOSTAVA MAIS...TODO MUNDO ERA JUNTO?

-ESQUECI DE UM QUE TA VIVO TAMBÉM, O PASTOR...HOJE EM DIA É PASTOR ZE CARLOS, EU NEM SEI ONDE ELE MORA, ELE TEM UMA FAZENDA EM CANSANCAO, NÃO SEI SE FOI EMBORA PRA FEIRA, É UM PASTOR.

SENDO ASSIM NÃO MORA MAIS EM COITÉ?

-NÃO, SÓ QUEM MORA AQUI É CRISTOVAM E FAETI.

MUITOS DESSES...PESSOAS QUE TRABALHOU, ELES ESTÃO AQUI EM COITÉ OU MUITOS FORAM EMBORA.

-Ó, O QUE EU LEMBRE, O QUE TRABALHOU COMIGO É TIA VIRÁ, CRISTOVAM E FAETI, OS OUTROS JÁ MORRERAM MUITOS, ANTÔNIO JÁ MORREU, MEUS IRMÃOS JÁ MORRERAM, É...ILDO JÁ MORREU, É...IRMÃO JOSÉ CARLOS, ESSE...RAMIU CHAMAVA ELE DE RAMIU JÁ MORREU, DONA MARIA CHAMAVA ELA DE MÃE ZEFA JÁ MORREU, TODOS JÁ MORREU.

VOCÊ FALOU QUE SEU IRMÃO TRABALHOU, VOCÊ TEVE ALGUM IRMÃO ?

-DOIS IRMÃOS, JAIME E NITO.

TRABALHOU FOI NO SISAL?

-FOI.

JAIME E NITO?

-NITO! O NOME DE NITO ERA MANOEL E JAIME ERA ANTÔNIO JAIME.

ANTÔNIO JAIME.

-MORREU TAMBÉM.

AH.

-MAS VOCÊ DEVE COONHECER A FAMÍLIA DE NITO, TEM UMA MENINA QUE TEM UMA VERDURA ALI DA VIDA..

AH SEI, SEI QUEM É.

-É O PAI DELA, MARCELI E MARILSA, DE TOCA FILHO DE NITO E TEM UM QUE CHAMA VAL.

VAL NÉ.

-É, MEU SOBRINHO.

MAS NUNCA TEVE ALGUMA INTRIGA COM NINGUÉM LÁ.?

-NÃO.

NINGUÉM?

-NÃO, ACHO QUE NÃO TEVE NÃO.

É, VOCÊS NUNCA TEVE ALGUMA BRIGA, ALGUMA CONFUSÃO?

-NÃO!

NUNCA?

-NADA DE BRIGAR ASSIM, ERA BRINCADEIRRA QUE TERMINAVA ALI MESMO.

AH, TERMINAVA POR ALI MESMO...ERA BRINCADEIRA SAUDÁVEL, MAS ALI...SE TIVESSE RESOLVIA POR LÁ MESMO?

-ERA, PRECISAVA LIGAR PRA GERENTE, PRA NINGUEM.

JÁ PAQUEROU ALGUEM E NAMOROU, ATÉ MESMO CASOU COM ALGUEM DE LÁ?

-EU NAMOREI UMA MENINA NA BATEDEIRA E CASEI.

É A SUA ATUAL ESPOSA?

-É.

VOCÊ CONHECEU ELA LÁ, LÁ NA...

-CONHECI NA BATEDEIRA DO FINADO DARO, ALI DA, DA, PASTOR DA IGREJA EM SALGADALIA, NÃO TEM UM ARMAZEM ALI?

TEM.

-FOI ALI, EU TRABALHAVA ALI E ELA NA DE MITINHO, FOI ALI NA...ENTRE A RUA DUQUE, NA SAIDA PRA SALGADALIA TINHA UMA BATEDEIRA ALI MUITO, MUITOS ANOS ALI, AÍ TEM UMA BATEDEIRA, AGENTE SE CONHECEU ALI.

AÍ VOCÊS. ..

-AÍ AGENTE NOS CASAMOS.

AÍ VOCÊS CONHECERAM ALI POR CAUSA, TRABALHANDO...COMO FOI...OU FOI FORA?

-NÃO, TRABALHANDO.

FOI, AI VOCÊS SE CONVERSARAM, AÍ CASOU?

-FOI.

VOCÊ CONHECE ALGUÉM MAIS QUE...QUE CONHECEU LA E CASOU ASSIM?

-MEU IRMÃO MESMO QUE MORREU, JAIRO CONHECEU NA BATEDEIRA TAMBÉM, COM UMA MULHER CHAMADA ROSA, ESSA ROSA VIVE ATÉ HOJE, ELA MORA EM MONTE SANTO, AÍ SEPAROU...ELA HOJE É CASADA E MORA EM MONTE SANTOS.

AH! QUER DIZER QUE SEU IRMÃO CONHECEU A ESPOSA...

-NA BATEDEIRA.

-NA BATEDEIRA?

-AGORA, NITO NÃO. ..

É...TINHA MUITAS FOFOCAS, SARROS ONDE VOCÊ TRABALHAVA.

-TINHA.

CONTAVA A VIDA DOS OUTROS, COMO ERA?

-FOFOCA MESMO...FULANDO DE TAL FALOU ISSO, FULANDO DE TAL FALOU AQUILO, DEPOIS NOS DESCOBRIA E RESOLVIA...TODO LUGAR TEM FOFUCA, TUDO NO CENTRO DE FOFUCA.

DESDE DAQUELA EPOCA JÁ EXISTIA?...É...VOCÊ ERA ESCRITO EM ALGUMA ENTIDADE SINDICAL NA EPOCA?

-NÃO.

NÃO?...MAS EXISTIA ISSO NA ÉPOCA?

Ô...O SINDICATO DO TRABALHADOR?

SIM.

-NÃO, NUNCA FUI NÃO, ACHO QUE NEM EXISTIA ESSE NEGÓCIO A ANOS ATRÁS.

NA ÉPOCA NÃO EXISTIA?

-QUE EU LEMBRE NÃO.

VOCÊ NÃO TINHA NEM LEMBRANÇA DISSO PRA FALAR?

-EU SEI QUE QUANDO...EM SETENTA E UM, EU VIM FAZER O PIS, EU NÃO SABIA NEM O QUE ERA, DEPOIS PERGUNTOU MINHA IDADE...O ESCRITÓRIO DE ADAUTO MOTA ERA LÁ EM BAIXO ONDE HOJE É A FONTE LUMINOSA ONDE ERA A PREFEITURA, VOCÊ LEMBRA...DEIXA EU VER QUANTO TEMPO...TINHA UMA PREFEITURA ONDE HOJE É A FONTE LUMINOSA E DO LADO QUE HOJE É O PELOTÃO. ...ALI ERA O ESCRITÓRIO DE ADAUTO MOTA.

ONDE É ATUALMENTE...

-TEM MUITOS ANOS, ISSO FOI EM SETENTA E UM.

É, EU JÁ OUVI FALAR ONDE ERA A PREFEITURA.

-FICA NA FONTE LUMINOSA EMO SIN...O ESCRITÓRIO DE ADAUTO ERA DO LADO ASSIM.

ONDE ERA O PELOTÃO?

-ONDE ERA O PELOTÃO NUMA CASA ASSIM...

NÃO É MAIS NÃO, NÃO É MAIS NÃO.

-EU ACHO QUE NÃO.

SE MUDOU.

-ADALTO MOTA SE MUDOU PRA CÁ, MINHA FILHA TRABALHA LÁ.

É?...O SENHOR JÁ PASSOU POR ALGUMA MANIFESTAÇÃO, MOVIMENTO DOS TRABALHADORES, JÁ FIZERAM, NAQUELA ÉPOCA NÃO TINHA?

-SE TINHA EU NUNCA PARTICIPEI, NÃO LEMBRO.

VOCÊ LEMRA QUE NO ANO DE OITENTA E QUATRO HOVE UMA MANIFESTAÇÃO PASSEATA...

-NESSE TEMPO EU MORAVA EM SÃO PAULO.

AH! NESSE PERÍODO VOCÊ MORAVA EM SÃO PAULO?

-VIM EM OITENTA E CINCO, FUI EM SETENTA E QUATRO E VOLTEI EM OITENTA E CINCO.

AH, POR QUE EM OITENTA E QUATRO HOVE UMA PASSEATA DOS MULTILADOS.

-EU NÃO MORAVA AQUI.

AH, VOCÊ NÃO MORAVA AQUI...VOCÊ ACUSTUMAVA A SE UNIR COM OS AMIGOS...COLEGAS DE TRABALHO ASSIM FORA DO TRABALHO?

-PRA BEBER?

SIM.

-NÃO.

OU PASSEAR...

-PASSEAR, SEMPRE AGENTE IA PRO JORRO, A BATEDEIRA SEMPRE ARRANJAVA CARRO PRA GENTE, FRETAVA E IA PRO JORRO.

SEMPRE IA?

-SEMPRE IA EM DOIS EM DOIS MESES.

DOIS EM DOIS MESES ERA?

-ERA.

COMO ERA QUE VOCÊS FAZIAM? VOCÊS. ..

-FAZIA LOTAÇÃO.

FAZIA LOTAÇÃO?

-FRETAVA UM CARRO, ARRUMAVA O PASSAGEIRO...TINHA VEZ QUE NERI DAVA O CAMINHÃO, QUE ANTIGAMENTE NÓS IA EM CIMA DOS CAMINHÕES BAGUNÇANDO.

AQUELES CAMINHÕES DE ARARA, PAU DE ARARA?

-ERA.

ERA?

-AÍ EU TINHA DIA QUE VINHA, BOTAVA A LONA E IA SENTADO MAS ERA DIVERTIDO DEMAIS, FOI UM GAGO AÍ, ELE JÁ ATÉ MORREU...TOINHO, AGENTE CHEGOU EM ARACI E ELE GAGUEJAVA, AÍ AGENTE: VAI COMPRAR PÃO PRA GENTE, FICAVA COM FOME EU MEU IRMÃO, MEU PRIMO, MEU IRMAO, O PRIMO DELE...CHEGOU E FALOU ASSIM: CHEIO DE GENTE EM ARACI...AÍ ELE CHEGOU E DISSE:QUE ME DÊ. ..QUE ME DÊ. ..QUE ME DÊ O PÃO. ..

RISOS

-QUI ME DÊ, QUI ME DÊ, QUI ME DÊ. ..

ISSO FOI NESSA EPOCA NÉ?

-EU ERA SOLTEIRO AINDA, TEM MUITOS ANOS AINDA.

TEM MUITOS ANOS?

-É.

É, COMO ERA MAS ESSA VIAGEM, AS BRINCADEIRAS?

-ANTIGAMENTE TINHA UMA TAL DE RADIOLA QUE TINHA UM SOM QUE SAIA NA TAMPA NERA?

ERA UMA VITROLA NÃO?

-ERA UMA RADIOLA VELHA, DESTE TAMANHA ASSIM E O SOM SAIA NA TAMPA E NOS LEVAVA E CURTIA MUITO VALDIK SORIANO, ALEGRA O PESSOAL, ERA MUITO DIVERTIDO LÁ, NOS IA SEMPRE.

MAS, SEMPRE OS AMIGOS ESTAVAM REUNIDOS?

-TAVA. BEBER EU NÃO BEBIA, MAS OS OUTROS BEBIAM.

ENTÃO VOCÊ SE CONFRATERNIZARAM DESSA FORMA?

-ERA, O DIVERTIMENTO ERA ESSE.

É...VOCÊ COMEÇOU TRABALHAR NESSA, NESSE TRABALHO NAS BATEDEIRAS, FOI ATRAVEZ DE QUÊ, FOI POR MEIO DE ALGUM AMIGO, ALGUM...OU POR AMIZADE DO DONO DA EMPRESA.

-EU NÃO TINHA NEM AMIZADE COM O DONO, TRABALHAVA EM VITORIO, VIA SÓ O GERENTE. EU COMECEI EM VALTER RAMOS AINDA NA RUA DUQUE, EU NEM CONHECIA VALTER RAMOS, TRABALHAVA...DIZIAM “ELE TA PEGANDO GENTE PRA TRABALHAR DE DIARISTA, PRA TRABALHAR DE CAMBITEIRO E EU FUI, FOI EU E MEU IRMÃO JAIME.

AH, ENTÃO FOI ATRAVÉS DE AMIGOS NÉ?

-TA PEGANDO....

TEM UMA PERGUNTA QUE VOCÊ JÁ RESPONDEU NÉ, VOCÊ TRABALHAVA COM ALGUEM DE SUA FAMÍLIA, É. ..SEU IRMÃO, E ASSIM...QUANDO VOCÊ COMEÇOU A TRABALHAR, COMO VOCÊ ERDOU ESSA CULTURA, FOI ATRAVÉS DE SEUS PAIS?

-QUANDOMO MEU PAI MORREU, EU FIQUEI COM DEZ ANOS, E AÍ EU TINHA QUE TRABALHAR QUE A RENDA ERA POUCA, AGENTEBTINHA QUE SE VIRAR, EU E JAIME MEU IRMÃO, MAS IA PRA ESCOLA, AÍ ESTUDAVA DE MANHÃ E TRABALHA NA PARTE...NA ROÇA DE PEQUENO, BEM AMARELINHO MESMO...

LIMPANDO MANDIOCA?

-É, LIMPANDO MANDIOCA, AÍ DEPOIS NOS NÃO AGUENTOU MAIS, TINHA QUE GANHAR DINHEIRO, NÓS NÃO TINHA O QUE COMER DENTRO DE CASA, A ROÇA NÃO DAVA

SENDO ASSIM, SEU PAI NÃO TRABALHAVA NO SISAL?

-NÃO, MEU PAI ERA AGRICULTOR.

ERA AGRICULTOR?

-ERA, TRABALHAVA EM ROÇA, VIVIA DA ROÇA, PLANTAVA MANDIOCA, BATATA, ESSES NEGÓCIOS, NO INVERNO MILHO E FEIJÃO.

ENTÃO VOCÊ COMEÇOU TRABALHAR NO SISAL POR CAUSA DA SUA NECESSIDADE?

-ERA, QUE MEU PAI MORREU QUANDO EU ERA PEQUENO, TINHA QUE AJUDAR A MÃE.

POR CAUSA DA NECESSIDADE?

-É MÃE BOTAVA BARRACA NA FEIRA DIA DE SEXTA FEIRA DE COMIDA E NÓS IA PRA LÁ, TINHA QUE TRABALHAR, ERA NÓS DOIS SOLTEIROS, RAPAIZINHO DENTRO DE CASA, EU E JAIME.

AH, VOU FAZER UMA PERGUNTA FAMILIAR, QUAL A SUA RELIGIÃO?

-EU SOU EVANGÉLICO.

-VOCÊ É EVANGÉLICO?

MAS ANTES...

-EU ERA CATÓLICO.

ANTES VOCÊ ERA CATÓLICO?

-EU COMECEI IR PRA IGREJA CATÓLICA EU ERA DA EQUIPE LITÚRGICA COM LOZINHO, UM BOCADO DE GENTE, PEDRO BISPO...

É ATUALMENTE VOCÊ É EVANGÉLICO?

-ENTREI PRA IGREJA EVANGÉLICA

NA ÉPOCA VOCÊ COSTUMAVA A IR COM A SUA FAMÍLIA, A SUA ESPOSA, FILHOS PARA IGREJA?

-NÃO, ELA NUNCA ME ACOMPANHOU EM NADA.

NUNCA LHE ACOMPANHOU EM NADA?

-NÃO.

ELA ERA EVANGÉLICA OU ERA CATÓLICA.

-ERA CATOLICA, MAS NÃO ERA PRETICANTE NÃO, SÓ EU EM CASA.

SÓ VOCÊ IA?

-SO EU, MEUS FILHOS ERAM PEQUENOS TAMBÉM, ADRIANA ANTES DE IR PRA IGREJA

MAS SUA FILHA ANTES DE IR PRA IGREJA, ELA JÁ ERA CATÓLICA ?

-MAS NÃO IS NÃO.

SENDO ASSIM, VOCÊ VEIO DE UM LAÇO DE UMA CULTURA CATÓLICA, AÍ SE TRANSFORMOU EM EVANGÉLICO DEPOIS NÉ ISSO?

-É POR QUE ENTREI PRA IGREJA EVANGÉLICA EM NOVENTA E DOIS.

NOVENTA E DOIS?

-FOI.

ENTÃO VOCÊ PASSOU A MAIOR PARTE DO SISAL, VOCÊ JÁ ERA CATÓLICO?

-ATIGAMENTE EU ERA CATÓLICO.

MAS NÃO ERA PRETICANTE?

-MAS EU IA DIREITO

VOCÊ IA DIREITO, FAZIA PARTE DA EQUIPE LITÚRGICA, TODA SEMANA TINHA REUNIÃO.

É MESMO? CONTA AÍ COMO ERA

-COM LOZINHO, COM MARIA GALEGA, ERA LOZINHO, ERA PEDRO BISPO, AQUELA MULHER DE GLICÉRIO, ATE HOJE NOS BRIGA, A NILZA, CONHECE NILZA DE GLICÉRIO? AQUELE QUE TINHAM UMA OFICINA.

SIM! CONHEÇO.

-TINHA NILZA, ROSÂNGELA, TODA EQUIPE.

ERA EQUIPE DE QUÊ LÁ?

-EQUIPE LITÚRGICA.

LITURGICA, FAZIA O QUÊ?

-DIA DE DOMINGO NOS SEPARAVA, NOS PREPARAVA UM DOMINGO...POR EXEMPLO, EU E VOCÊ, PROCURAVA PRA FAZER LEITURA NA IGREJA COM O PADRE, PROCURAVA PESSOAS PARA LER. UMA HORA ERA NO SÁBADO, OUTRA HORA ERA NÃO SEI O QUE, NÃO SEI O QUE É OUTRO DOMINGO ERA OUTRO, AÍ AGENTE FAZIA ANIVERSÁRIO SURPRESAS, TUDO...

ERA, FAZIA? COMO ERA ISSO AÍ, COMTA AÍ UM POUQUINHO SOBRE ISSO AI.

-A SURPRESA ERA ASSIM: A SURPRESA DE UMA MULHER E ELA NÃO PODE SABER.

MAS AJUNTAVA TODO MUNDO DA IGREJA?

-TODO MUNDO DAVA ALGUMA COISA, ERA UMA EQUIPE.

É TINHA MUITAS SOLIDARIEDADE COM O OUTRO LA NA ÉPOCA?

-TINHA.

POR EXEMPLO, AJUDAVA ALGUEM QUEM TIVESSE NECESSITADO.

-SIM, FAZIA CESTA BASICA.

FAZIA CESTA BÁSICA?

-ARRUMAVA ROLPAS. EU E MARIA GALEGA ERA O CHEFE, TEM VEZ QUE O POVO FALAVA DE ME É MARIA GALEGA E NOS NÃO TEM NADA HAVER COM O OUTRO, ...TEM VEZ QUE AGENTE LEVAVA ROLPAS VELHAS NAS ROÇAS OU EM OUTRAS RUAS E COMO EU ERA HOMEM ELA DIZIA, “VAMOS MAIS EU” PRA LEVAR E EU IA COM ELA, LEVAVA CESTAS BASICAS, LEVAVA UNS ALIMENTOS, LEVAVA ROUPAS...

QUANDO VOCÊ TRABALHAVA NA BATEDEIRA, HAVIA ISSO?

-HAVIA.

TAMBÉM, TINHA ESSA É. ..SOLIDARIEDADE?

-MAS NÃO TINHA PARTE DA IGREJA NÃO.

NÃO NÉ?

-NÃO, ANTES DE EU CASAR JÁ FAZIA PARTE DA IGREJA.

AH, MAS NA BATEDEIRA MESMO, HAVIA ESSAS COISAS?

-NÃO.

VAMOS AJUNTAR FULANDO, VAMOS AJUNTAR SICRANO, NÃO TINHA ISSO?

-NÃO.

AH, SO TRABALHO MESMO?

-CADA QUEM PRA SI.

CADA QUEM PRA SI.

-AI, QUANDO EU ME CASEI NA IGREJA CATÓLICA EU JÁ FAZIA PARTE DA EQUIPE, AI O PADRE E IRMÃO ZEQUINHA DISSE QUE TINHA QUE CASAR NA IGREJA...TEM QUE CASAR PRA FAZER ESSAS COISAS, AÍ EU CASEI E CONTINUEI NA IGREJA.

CONTINUOU NA IGREJA?

-É.

É AGORA DEPOIS QUE VOCÊ SE TORNOU EVANGÉLICO, A...ESSA MESMA...COMO É ESSE RELACIONAMENTO?

-HOJE SE FOR PRA AJUDAR AGENTE AJUDA.

AJUDA...

-É, COMO EU NÃO AGUENTO CAMINHAR POR CAUSA DE MINHAS PERNAS ADRIANA VEM AQUI PRA ARRECADAR ALIMENTOS, QUANDO VINHA UM AQUI...UMA FAMÍLIA NECESSITADA, EU SEMPRE PEÇO, TOMA AQUI MINHA

PARTE E DOU, EU POSSO...EU SEMPRE PEÇO PRÓ POVO...PRA DAR A IGREJA, PEGO DOUM PRA ELA, LEVO. AQUI TINHA UMA SOBRINHA MINHA QUE JÁ FALECEU, ELA ERA PROSTITUTA É MORAVA EM SANTA LUIZ, NO DIA QUE VEIO GANHAR NENÉM EU PEGAVA A SACOLA, ERA DA IGREJA CATOLICA, EU PEGAVA A SACOLA, PEGAVA ESSA SOBRINHA MINHA E IA NA RUA TODIA E PEGAVA MEIO MUNDO DE COISAS, PRA PASSAR O RESGUARDE, ELA GANHAVA ROUPAS, TODO TIPO DE ALIMENTO EU GANHAVA, GENTE QUE ME CONHECIA AÍ EU DAVA A ELA. SEMPRE PROCUREI AJUDAR.

ENTÃO HAVIA MUITAS SOLIDARIEDADE.

-DA MINHA PARTE SIM.

SUA PARTE NÉ, VOCÊ FAZIA.

-ATÉ HOJE SE ALGUEM PRECISAR DE MIM, SE EU NÃO PUDER EU SAIU. UMA MENINA PASSOU AQUI PERGUNTANDO POR MINHA SOBRINHA, ELA TA PRA GANHAR NENÉM, LEMBRA, NÃO SEI SE TU LEMBRA UNS LADRÕES QUE PEGOU O ÔNIBUS DA SÃO MATHEUS...

LEMBRO, EU ERA PEQUENO.

-AÍ NA RODOVIARIA?

LEMBRO!

-AI EU TINHA INTERNADO ELA NA QUINTA FEIRA PRA GANHAR NENÉM, AI ELA MIA GANHAR NENÊ, NA SEXTA FEIRA ELA NÃO TINHA GANHADO NENÊ AINDA, AÍ EU VIM PRA CASA MEIO DIA E OS POLICIAIS TAVA AI...AÍ OS LADRÕES TAVA NA RODOVIÁRIA...AÍ NÃO DEIXARAM SAIR, ELA TINHA QUE SAIR...TENHO QUE IR PRO HOSPITAL, MINHA SOBRINHA TA ENTORNADA...TENHO QUE PROCURAR MÉDICO PRA FAZER A CIRURGIA DELA.

VOCÊ TAVA NO ONIBUS FOI?

-NÃO, EU TAVA EM CASA QUE MORAVA PERTO DA AABB, AÍ DEIXARAM EU IR PRO HOSPITAL, ELA TAVA ENTORNADA, AÍ ELA ESPERANDO MÉDICO. ..DOTOR RONALD PRA OPERAR ELA PELA NESTEZIA...É ELA GANHOU NENÊ É TUDO, TUDOMEU AJUDANDO E QUANDO ELA SAIU DE CASA...DEPOIS QUE ELA PASSOU O RESGUARDE VEIO EMBORA PRA CASA DA MÃE...

TA BOM, É ISSO AÍ. HOJE É DIA...

-DEZOITO DO DOIS DE DOIS MIL E DEZOITO

É ISSO AÍ, ESSA É A ENTREVISTA DE HOJE, MUITO OBRIGADO.

-DE NADA.

A SEU JOSÉ...

ENTREVISTA COM O SENHOR THEMOTEO DE OLIVEIRA SANTOS NO DIA 15 DE AGOSTO DE 2016

-TRINTA E DOIS...

EM SÃO PAULO? MAS LÁ ERA O QUÊ?

-LA ERA CONSTRUÇÃO CIVIL, DEPOIS QUE VEIO UM ANO, DEPOIS VIM PRA CÁ E AQUI EU TRABALHEI UM MÊS ALI EM MAURICINHO, DEI BAIXA, CLARO QUE LÁ ERA BATEDEIRA.

MAURICINHO??

-É, MAURICINHO.

QUAL O NOME DELE LÁ É...SISAEX?

-SISAEX, É AÍ. ..É AI EU COMECEI TRABALHAR, TRABALHEI TODO TEMPO DE CARTEIRA ASSINADA.

AH, O SENHOR TEM QUANTOS ANOS?

-SETENTA E UM.

TRABALHOU DESDE QUANTOS ANOS? COMEÇOU TRABALHAR DESDE QUANDO?

-DE IDADE?

SIM.

-EU COMECEI TRABALHAR...EU COMECEI TRABALHAR...COMECEI NO MOTOR DE SISAL.

MOTOR DE SISAL?

-MOTOR DE SISAL.

COMO ERA, PODE CONTAR COMO ERA A EXPERIÊNCIA LÁ?

-O MOTOR DE SISAL...EU...EU TINHA O QUÊ...DOZE ANOS, COMECEI PEGANDO FIBRA.

FIBRA NÉ ?

-É, O CEVADOR CEVANDO, LEVAVA E JOGAVA A PALHA, A FIBRA AJUNTANDO, FAZENDO AS BONECAS E BOTANDO LÁ, E...QUANDO EU TAVA UM...NESSE, NESSE PERÍODO DE DOZE ATÉ QUINZE ANOS, EU PEGAVA FIBRA, EU BOTAVA PALHA, ATÉ APRENDI CORTAR PALHA TAMBÉM, LA VAI, NESSE PERÍODO DE DOZE, QUINZE, ATÉ DEZOITO, QUANDO CHEGOU DEZOITO ANOS, DEZESSETE, DEZOITO, EU COMECEI APRENDER A CEVAR PALHA NO MOTOR, É AQUELA QUE SAI A FIBRA.

EU SEI COMO É.

-É, É DAÍ CONTINUEI, DEZOITO ANOS CEVANDO PALHA E TERMINEI A CARREIRA DE, DE...OPERÁRIO DE MOTOR DE SISAL, TINHA O QUE...JA TAVA COM...EU NÃO TENHO UMA BASE ASSIM NÃO, MAS TAVA MAIS OU MENOS COM, JÁ TEU MAIS OU MENOS COM...TRINTA E SEIS ANOS.

TRABALHANDO NISSO?

-É, QUE DEIXEI DE TRABALHAR NO MOTOR, FOI QUANDO EU ME APOSENTEI.

AH! ENTENDI, VOCÊ TRABALHOU LÁ NA...NO MOTOR, NA ROÇA DE SISAL, ATÉ OS DEZOITO, DE QUINZE, DOZE, QUINZE?

-É...PEGANDO FIBRAS, BOTANDO PALHA, CORTANDO PALHA NÉ, ISSO AÍ JÁ FOI NUM...NUM...NUM...FOI UM INÍCIO PEGANDO FIBRAS TRABALHINHO LEVE, ERA PRA PESSOA DE...CRIANÇA DE DEZ, DOZE ANOS, AÍ FAZIA ISSO É DEPOIS QUE FUI CRESCENDO MAIS, AÍ JÁ ME BOTARO...BOTOU PRA PEGAR PALHA NA ROÇA, ELE CORTAVA E EU AJUDAVA A BOTAR NO JEGUE, APÓS EJ IA FAZENDO A CARGA SOZINHO NO MOTOR É AÍ EM DIANTE COMECEI CRESCER MAIS, COM TREZE, CATORZE, QUINZE, ESTENDENDO FIBRA E TAL, NAQUELA LUTA COM O MOTOR É AGORA EU JÁ TAVA PRÁTICO EM TUDO, EM DOZE...DEZOITO...DEZOITO ANOS EM DIANTE, AÍ EU JÁ TINHA ASSIM...UM MUSCULOZIM...

JÁ ERA HOMEM...

-JÁ APRENDI PASSAR PALHA ASSIM, DEVAGAZINHO.

É PERIGOSO AQUILO, AQUELA MÁQUINA, É PERIGOSO NÉ?

-ELA É LEVE, AGORA PRA...É PERIGOSO, É UM PERIGO, QUE O CAMARADA NUM...O CAMARADA NUM VACILANDO, NÃO TÊM...SÓ SE ELE VACILAR.

MUITAS PESSOAS JÁ DECEPARAM MÃOS NUM JÁ? COM ESSA MÁQUINA?

-MEU CUNHADO MESMO TAVA AQUI POUCOS DIAS E ELE COM O, TOCO DE GATO DELE, É AQUI ASSIM...

PERDEU A MÃO NESSA MÁQUINA?

-É, POR QUE É PERIGOSA TAMBÉM, AQUILO É...É UM RARO, É UMA RARA ACONTECER AQUILO NÉ.

E AA... A PARTIR DE QUE IDADE COMEÇOU A TRABALHAR NA BATEDEIRA ASSIM, DE SISAL, COMEÇOU TRABALHAR NO SISAL, NA BATEDEIRA MESMO?

-NA BATEDEIRA MESMO EU COMECEI...EU NÃO TENHO UMA IDEIA ASSIM...QUANDO AGENTE VEIO EMBORA DO MORRO PRA AQUI, EU COMECEI A TRABALHAR NA BATEDEIRA, OLHA...EU NÃO TENHO ASSIM...NÃO TENHO ASSIM UMA...EU NÃO TENHO NOÇÃO ASSIM DO TEMPO, EU TRABALHEI ...O QUE...SEIS ANOS.

SEIS ANOS?

-PRATICAMENTE SEIS ANOS DE CARTEIRA.

ASSINADA NÉ?

-DE CARTEIRA ASSINADA E CRANDESTINA NÉ. ..

COM TUDO, NO TOTAL?

-COM TUDO, EM SÃO PAULO EU TRABALHEI UM ANO E TRÊS MESES.

VOCÊ TRABALHOU COM LÁ TAMBÉM, COMMO SASAL?

-NÃO, LÁ ERA, É, AJUDANTE DE PEDREIRO.

AH.

-BOM, AQUI, EU CHEGUEI PRA AQUI, AÍ TRABALHEI DE NOVO NO MOTOR TAL E TAL, AI...É QUE, NO INSS CORTOU SETE ANOS DE CARTEIRA ASSINADA.

SETE ANOS...

-SETE ANOS, QUER DIZER...NEM SETE ANOS COMPLETO NÃO TINHA O VALOR, AI NEM SETE ANOS COMPLETO NÃO TINHA, SEIS ANOS E ...SEIS ANOS E...AÍ, MASMEU NÃO SEI...MAIS OU MENOS...ENTRANDO É SAINDO, MAIS OU MENOS UNS QUATRO ANOS A CINCO ANOS DE...DE...TRABALHEI.

VOCÊ SÓ TRABALHOU UMA VEZ AÍ NA BATEDEIRA, VOCÊ ENTROU UMA VEZ, AI DEPOIS QUE DEU BAIXA VOCÊ NÃO TRABALHOU MAIS?

-NÃO, É. ..EU ENTRAVA, EU ENTRAVA, TRABALHAVA, VINHA E DAVA BAIXA, DEPOIS ME CHAMAVA DE NOVO ...

ASSINAVA CARTEIRA NOVAMENTE?

-AÍ EU COMEÇAVA TRABALHAR E ASSINAVA A CARTEIRA NOVAMENTE...TRABALHAVA UM ANO, UM ANO E POUCO, DEPOIS DAVA BAIXA, TRABALHAVA UM TEMPO, CRANDESTINO, TRABALHAVA E ASSINAVA DE NOVO.

COMO ERA LA DENTRO O MOVIMENTO?

-O MOVIMENTO LÁ DENTRO...

CONTA LÁ COMO ERA...

-ERA UMA MAQUINA, ELAS SÃO UMAS MÁQUINAS QUE TEM AQUELA HOLA ASSIM, E ELA TÊM TRÊS NAVALHAS, UMA, DUAS, TRÊS...JA QUE ELA TEM TRÊS NAVALHAS, ELA TEM UMA PULIA DE FERRO DE UM LADO E TINHA UM MOTOR LÁ, TINHA UM MOTOR LÁ ATRÁS, NA BASE, QUE AQUELE MOTOR TINHA DUAS CORREIAS,DUAS CORREINHA IGUAL A RADIADOR DE CARRO, E ELA, AÍ TINHA UMA TOMADA, TINHA UMA TOMADA NA PAREDE QUE A PESSOA CHEGA LÁ, LIGA A TOMADA, AÍ ELA, ZUUUOOOOOOO...SÓ QUE ELA NÃO RODA ASSIM PRA BAIXO, ELA RODA ASSIM PRA CIMA, AÍ CHEGANDO, BATE A BONECA DO SISAL, BATE A BONECA DO SISAL, ELA CEDA NO TAMBOR, NAS COSTAS DO TAMBOR, AÍ ERA DUAS, ERA DOIS BATEDOR...

AÍ VOCE TRABALHAVA NESSA AREA?

-ERA UM AQUIE OUTRA AQUI, EU TRABALHAVA NESSA ÁREA TRABALHANDO NO SISAL.

CADA UM TINHA UMA FUNÇÃO LÁ?

-É, TINHA UMA FUNÇÃO LÁ NÉ, TINHA PESSOAS QUE BATIA SISAL OU IMPRENSAVA ASSIM O SISAL E...TRABALHAVA NA PRENSA, OUTROS TRABALHAVA DE CAMBITEIROS, TINHA MUITAS FUNÇÕES LÁ NÉ, EU MESMO BATIA SISAL, QUANDO O SISAL FRACAVA ELES ME COLOCAVA NA DIÁRIA, BOTAVA PRA DERRUBAR OS SISAL DA PIA.

O SENHOR GOSTAVA DE TRABALHAR LÁ?

-HUMM???

VOCÊ GOSTAVA DE TRABALHAR LÁ?

-GOSTAVA, EU SAIR POR QUE...EU SAIR POR QUE ELES MANDARAM EMBORA NÉ, AÍ EU SAIR, DESSA SAIDA EU FUI PRO MOTOR E TRABALHEI AINDA. ..

NOVAMENTE NO MOTOR?

-NOVAMENTE, AQUI PELA...JA TRABALHEI ALGUNS TEMPOS AÍ NO MOTOR ATÉ QUE ME APOSENTEI...

AÍ O SENHOR NÃO QUIS TRABALHAR MAIS?

-TAMBÉM NÃO TRABALHEI MAIS.

É...COMO ERA OS COLEGAS LÁ, TINHA ESSA COISA...QUE SEMPRE A EMPRESA TINHA NEGÓCIO ASSIM DE APELIDO NÉ, O PESSOAL, TINHA MUITO ISSO LÁ, ESSAS COISAS?

-E, NA BATEDEIRA, NA BATEDEIRA É...ELES ME TRATAVA TIPO “THEMOTEO, THEMOTEO” O MEU NOME É THEMOTEO, AGORA A PELIDO É MOTINHA.

É MOTINHA, AÍ LHE CHAMAVA DE THEMOTEO?

-THEMOTEO!! THEMOTEO!! ERA MULHER, CRIANÇAS, O QUE TIVESSE LÁ, “SEU THEMOTEO VAI, SEU THEMOTEO VEM” VAI VÁ E TAL, AQUELES QUE...QUE TEM GENTE QUE...AÍ CHAMAVA MOTINHA TAMBÉM, “Ô MOTINHA!” ERA ASSIM, Ô MOTINHA, MAS NEM TODOS APRENDEU AQUELA LINGUAGEM DA ASSINATURA...”SEU THEMOTEO, SEU THEMOTEO E TAL, É TAL”...

THEMOTEO, THEMOTEO.

-CHEGA NA BATEDEIRA, SE EU ENTRAR NA BATEDEIRA AÍ PERGUNTAR ASSIM: ME DIGA UMA COISA, VOSMICE SABE ME INFORMAR QUEM É O THEMOTEO QUE TRABALHOU AQUI? “OXENTE, SEU THEMOTEO AQUI, ELE MORA NO ASSUDINHO ALI”

EU VOU PERGUNTAR MESMO VIU...RISOS

-TEM GENTE QUE AINDA DIZ ASSIM: ELE MORA EM TAL RUA, EM TAL RUA, NO LUGAR ASSIM ASSIM.

AINDA FALA O NOME DA RUA?

-AINDA FALA O NOME DA RUA QUE TEM GENTE QUE...NALVA TRABALHA LÁ ...
NESSA HORA A FILHA DELE ENTRA NA CONVERSA.

-NALVA TRABALHA LÁ AINDA?

-NÃO.

-NALVA NÃO TRABALHA LA NÃO, MAS TEM GENTE QUE TA LA E DIZ...
QUE DIZ O ENDEREÇO. ..ENTÃO VOCÊ FICOU AQUELA AMIZADE SO LÁ AINDA?

-É, MUITO GRANDE, ATÉ HOJE.

ATÉ HOJE, ENTÃO VOCÊ SE DAVA BEM COM O PESSOAL LÁ ?

-ME DAVA BEM COM O PESSOAL LÁ, TODO MUNDO LÁ SÃO MEUS AMIGOS,
NUNCA TIVE ASSIM...DIFERENCIA COM NINGUEM, GERENTE...

O GERENTE ERA GENTE BOA COM VOCÊ?

-ERA, GERENTE...

É O PATRÃO MESMO, COMO É O NOME DELE? É. ..

-O PATRÃO NA ÉPOCA ERA HAMILTON RIOS.

HAMILTON RIOS, COMO ERA A RELAÇÃO COM ELE, ELE TINHA MUITO COISA
COM VOCÊS? APROXIMAÇÃO? OU ELE ERA SÓ NA DELE LÁ, FICAVA...

-ELE LÁ FICAVA NOS CUIDADOS DELE LA NÉ, AGORA, ELE TINHA
AQUELA,ATENÇÃO COM AGENTE NA HORA DO...DO...NA HORA DA PRECISÃO
NÉ.

A FILHA DELE: ELE TA PERGUNTANDO ASSIM: SE ELE TRATAVA BEM O
SENHOR, SE BRINCAVA...

SE BRINCAVA COM VOCÊS?

-NÃO! ELE NÃO BRINCAVA, POR QUE É AQUELE POVO QUE GOSTA DAS
PESSOAS, GOSTA DOS FUNCIONÁRIOS, AGORA, NÃO É DE BRINCAR...MAS
TRATAVA BEM.

SUA FILHA: MAS TRATAVA BEM.

-TANTO QUE O FI...QUE ELE PASSOU PRO FILHO E O FILHO É AQUELA PESSOA
QUE SO VIVE...

COMO É O NOME DELE?

-É, MARCELO

MARCELO...

-ELE SO VEM AÍ DE VEM...SÓ EM VERSÃO, ENTRA TAL E TAL, MAS AI,TEM AQUELA,POSIÇÃO, NÃO MALTRATA NINGUEM...É, É AÍ É UMA PESSOA BOA DE LUTAR.

AH, ENTÃO VOCÊ, O PESSOAL TINHA MUITAS AMIZADES COM VOCÊ É ATÉ HOJE?

-É ATÉ HOJE TENHO, GRAÇAS A DEUS, TENHO MAS OU MENOS O QUÊ. ..UNS TRINTA A QUARENTA...NA FAIXA DE QUARENTA...TRINTA É TANTOS NOS QUE MORO AQUI NO ACUDINHO. E AÍ É. ..FAZ TRINTA E CINCO POR AÍ, E ESSE POVO TODO, TUDO TÊM UM CONHECIMENTO COMIGO, AGENTE TEM UMA BOA AMIZADE, DE HOMEM A MULHER. RESPEITO TODO MUNDO, TODO MUNDO ME RESPEITA E ATÉ HOJE PROSA E TAL.

É...A ESPOSA DO SENHO, JÁ TRABALOU LÁ?

-NÃO!

NUNCA TRABALHOU?

-NUNCA TRABLHOU DE CARTEIRA ASSINADA NÃO.

MAS JÁ TRABALHOU DE CARTEIR ASSINADA ALGUMA VEZ?o

-NUNCA TRABALHOU NÃO. TRABALHOU NO SISAL SIM, NO MOTOR.

NO MOTOR DO SISAL?

-NO MOTOR ELA FAZIA MESMO TRABALHO, SO NÃO FAZIA CEVAR PALHA NÉ, MAS ELA ESTENDIA FIBRA, ELA TIRAVA A FIBRA DO CANPO, SECA PRA DENTRO DE CASA, ELA CORTAVA PALHA, CORTOU MUITA PALHA.

QUAL FOI O PERÍODO QUE ELA FAZIA ISSO? FOI QUAJDOMERA MAIS NOVA, MAIS JOVEM?

-QUANDO ELA ERA MAIS NOVA, ERA MAIS JOVEM, ATÉ OS CINQUENTA ANOS, ATÉ OS CINQUENTA NÓS DELA ELA FAZIA DE TUDO.

TEM QUANTO TEMPO,QUE, ELA PAROU, QUE ELA PAROU COM ISSO?

-OLHA, ELA TEM VINTE E TANTOS ANOS QUE PAROU.

QUE PAROU DE TRABALHAR COM ISSO, MAIS OU MENOS VINTE E POUÇOS ANOS NÉ, QUE ELA PAROU?

-TEM POUÇOS ANOS, FOI EM SETENTA E TRÊS...UNS VINTE E POUÇOS ANOS, QUE ELA PAROU.

ENTÃO, QUER DIZER QUE SUA VIDA FOI MUITO VOLTADA PRO SISAL.

-FOI MAIS VOLTADA...

MOTOR DO SISAL, BATEDEIRA...

-BATEDEIRA, MINHA VIDA FOI VOLTADA TOTALMENTE PRÓ SISAL.

PRÓ SISAL...

-COMECEI NO MOTOR DO SISAL, ME CRIEI NO MOTOR DE SISAL, EU ERA PEQUENO E O MOTOR DE SISAL RODAVA, RODAVA NA FAZENDA QUE AGENTE MORAVA, QUE AGENTE MOROU NA FAZENDA, É AÍ NA JANELA, QUE O MOTOR ERA TRANCADO DENTRO DO QUARTO E A CASA QUE AGENTE MORAVA ERA DAQUI COMO DAQUELA ESQUINA ALI...

DA UNS DEZ METROS MAIS OU MENOS.

-É, DA MAIS...DÁ UNS CINQUENTA METROS.

CINQUENTA METROS, MAIS OU MENOS?

-TINHA UNS CINQUENTA METROS A SESSENTA E NA HORA QUE EU SAIA DE LA, QUE EU VINHA, EU VINHA COMMO MOTOR, QUANDOMEU CHEGAVA NO MEIO DO CAMINHO...O TOMADOR DE CONTA DO MOTOR “ Ê...PODE VOLTARMPRA TRÁS, NÃO QUERO MENINO AQUI NÃO” QUERO MENINO AQUI NÃO, EU TINHA UNS DEZ ANOS.

DEZ ANOS DE IDADE?

-DEZ ANOS DE IDADE, AÍ EU VOLTAVA PRA TRÁS, VOLTAVA PRA TRÁS E O MOTOR LA RODANDO, O POVO LA TRABALHANDO E VOLTAVA PRA TRÁS. QUE FOI...É, ENDURECENDO MAIS, UM DIA, CHEGUEI PRA IDADE DE DOZE...COMO EU FALEI, ME BOTARO PRA PEGAR FIBRA, UM TRABALHINHO LEVE.

Ô SEU...É...AGORA DÁ O SISAL, DAVA PRA VIVER TRANQUILO COMMO MOTOR DE SISAL, ASSIM NA ROÇA TRABALHANDO NA ROÇA, NESSA SUA ÉPOCA, QUANDO ERA MAIS NOVO, DAVA PRA VIVER?

-DAVA PRA VIVER.

GANHAVA UM BOM DINHEIRO?

-NUM GANHAVA UM BOM DINHEIRO, MAS AS COISAS ERA MAIS CONTROLADO, ENTÃO...DAVA PRA VIVER, INCLUSIVE HOJE TOBEM, OMPOVO QUE TA NA ROCA LABUTANDO COM OS MESMO SISAL, É. ..TÃO VIVENDO BEM, AHH...QUE A FORÇA DA...DO...DO...DA..DA...DELES NA REGIÃO É DO SISAL.

É DO SISAL NÉ?

-É DO SISAL, AGORA, QUANDO ENTRA A SECA E O SISAL MURCHA, AI AGORA A CRISE APERTA, AÍ AGORA FICA DIFÍCIL, MAS TENDO CHOVENDO, O SISAL FICA VERDE...

VOCÊ CRIOU SEUS FILHOS TUDO COM ASSIM, TRABALHANDO NESSA FORMA, COM O SISAL?

-É, EU, NÃO! MEUS FILHOS EU NÃO CRIEI NENHUM NO SISAL.

NÃO, VOCÊ, ASSIM...SUSTENTOU ATRAVES DO TRABALHO DO SISAL?

-TRABALHO DO SISAL, SUSTENTEI ATRAVES DO TRABALHO DO SISAL.

É POR QUE AGENTE ENTREVISTA PRA UM PROJETO, FAZENDO LA NA FACULDADE E CONHECENDO O TRABALHO DAS PESSOAS DE NOVENTA E NOVE PRA CÁ. AS PESSOAS VITIMAS, COMO ELES VIVERAM DO SISAL, COMO ELES TRABALHARAM DO SISAL, NÉ, COMO FOI A VIDA, PESSOAL...DELES, DESSAS PESSOAS, DO INÍCIO, COMO FOI QUE ELES ENGRESSOU...

-COMO FOI QUE ELE ENGRESSOU...

ISSO, AÍ TEREMOS QUE ESCREVER PRA FALAR SOBRE ISSO, AI, INCLUSIVE, AGENTE TA ENTREVISTANDO AS PESSOAS QUE TRABALHOU...SOBRE ISSO, NÉ, POR ISSO QUE ENTREI EM CONTATO E FALARAM DO SENHOR, QUE JÁ TRABALHOU NISSO, AI EU QUERIA CONVERSAR COM UM...COMO É O NOME DELE...LUCIANO NÉ ?

-LUCIANO FOI O MESMO RITMO MEU, MAS ELE TRABALHOU MAIS NA ROÇA, MUITO MAIS NA ROÇA, MAS NO MOTOR, NA ROÇA LAVRADOR.

FILHA DELE: LUCIANO NÃO FOI MUITO NO SISAL EXATAMENTE NO SISAL NÃO.

-APRENDEU, MAS FOI POUCOS ANOS, TAMBÉM...AGORA, O TEMPO TODO, DE DEZ ANOS, DE DEZ ANOS QUE TOMEI CONHECIMENTO DO MOTOR, COMO EU LHE DISSE, QUANDO EU IA PRA MOTOR, O RAPAZ MANDARAM EU VOLTAR PRA TRÁS. QUE EU TOMEI CONHECIMENTO, DE DOZE ANOS EM DIANTE COMECEI A FAZER O SERVIÇO TAMBÉM.

VOCÊ GOSTAVA MESMO DE TA ALI NO BOLO DO SISAL?

-É, DALI ATÉ. ..ATÉ HOJE QUE ME APOSENTEI, TRABALHAVA NA BATEDEIRA, EU FAZIA TUDO, EU TRABALHAVA NA ROÇA. ..

FILHA DELE: DISSE QUE SE AGUENTASSE JÁ TAVA TRABALHANDO NO MOTOR.

ERA? SE O SENHOR AGUENTASSE, TAVA TRABALHANDO DO MOTOR?

-TAVA TRABALHANDO NO MOTOR, EU TAVA TRABALHANDO NO MOTOR, COM CERTEZA.

VOCÊ GOSTA NÉ?

- É LHE DIGO MAIS,EU NUM...NUM...EU NUM FAÇO, NUM TRABALHO MAIS POR QUE ACONTECEU, POR QUE PEGOU ESSA DIABETE.

ESSA DIABETE?

-ESSA DIABETE, PRESSÃO ALTA, PRESSÃO ALTA EU JÁ VINHA, JÁ TRABALHAVA TRANQUILO, TOMAVA O REMÉDIO, MAS, DEPOIS DESSA DIABETE, AI EU NÃO TENHO MAIS CORAGEM, MAS TINHA UMA VONTADE.

O SENHOR TEM UMA VONTADE DE TRABALHAR?

-É TANTONQUE EU MORAVA NA CIDADE JARDIN, ELA MESMO QUE SABE AÍ...É EU RECICLAVA..

ERA MESMO?

-LIXO, É É...RECICLAVA, ERA FERRO, ERA PLÁSTICO É AÍ VENDIA.

VOCÊ CONHECE ALGUÉM. ..AH, VOCÊ ME FALOU DESSE COM A MÃO...

- É MEU CUNHADO...

ENTÃO, QUANDO FEZ ISSO, ELE SE APOSENTOU, OU NÃO?

-NÃO, NÃO, ATÉ HOJE TA SEM SE APOSENTAR.

ELE SE ACIDENTOU A MÃO , NO MOTOR DO SISAL NOVO, NOVO NÃO FOI?

-NO MOTOR DO SISAL, NOVO, ELE TINHA O QUE...ELE TINHA UMA FACHA DE DEZOITO ANOS POR AÍ, NÃO ME LENBREI A IDADE DELE NÃO, MAS TINHA DE DEZOITO A DESENOVE ANOS. E AÍ FICARO POR AÍ, DERAM UM AGRADO A ELE, POR AÍ DEPOIS, LEVARO ELE PRA SÃO PAULO,MP PAI MORAVA LÁ, A IRMÃ, LEVARO ELE PRA LA E LÁ ELE SE CRIOU, AÍ ELE, AÍ ENCACHARO ELE LÁ NO EMPREGO DA PREFEITURA, UM SELADOR DE CEMITÉRIO, ESSAS COISAS E POR ISSO, ATÉ HOJE ELE TRABALHA, SO QUE AGORA, AGORA EM JANEIRO VAI SE APOSENTAR.

EM JANEIRO?

-DESSE TEMPO TODO. ..

QUANTO ANOS QUE ACIDENTOU A MÃO, QUANTOS ANOS?

SUA FILHA, ACHO QUE DEZESSEIS...

DEZESSEIS ANOS NA ÉPOCA?

-DEZESSEIS PRA DEZESSETE ANOS.

É HOJE, TA COM QUANTOS ANOS?

-HOJE, ELE VAI...TEM QUANTOS JUCE?

A FILHA DELE: CINQUENTA E ALGUMA COISA OU SESSENTA.

-EU NEM INDAGUEI ...DEVE TA COM UNS SESSENTA,NELE TA COM UNS SESSENTA, SESSENTA ANOS, VAI COMPLETAR AGORA PRA SE APOSENTAR E SE APOSENTAR POR SERVIÇO.

TEMPO DE SERVIÇO...

-É.

FILHA DELE: ELE TRABALHA COM...ASSIM, CASA DE APOIO A PESSOAS...A PESSOAS QUE TEM A MENTE FRACA.

AH ENTENDI, A PESSOAS, QUE TEM...DEFICIENTE MENTAL?

FILHA DELE: ISSO,DEFICIENTE MENTAL, É.

É, TA BOM,AI EU...EU...É. ..TOU FAZENDO UM TRABALHO, AI VOU AGORA VER SE EU VEJO LUCIANO....

-ELE VAI LHE CONTAR, QUE TODO TEMPO QUE ELE COMEÇOU A TRABALHAR MAIS O PAI EM ROÇA, É FOI AQUELE TEMPO QUE COMEÇOU A TRABALHAR EM ROÇA, DEPOIS APRENDEU A CEVAR...

NO FINALZINHO DA ENTREVISTA DIALOGAMOS UM POUCO EM OUTROS ASSUNTOS.

ENTREVISTA COM O SENHOR EUZIDIO NO DIA 20 DE AGOSTO DE 2018

HOJE É VINTE DE AGOSTO DE DOIS MIL E DEZOITO, NÉ ISSO? É, ESTOU GRAVANDO PARA A ENTREVISTA, É...EU VOU ENTREVISTAR AGORA O SENHOR?...

-EUZIDIO.

EUZIDIO DE?...

-FERREIRA DE OLIVEIRA.

FERREIRA DE OLIVEIRA, NÉ, É... SEU EUZIDIO.

O SENHOR TEM QUANTOS FILHOS?

-TENHO QUATRO.

QUATRO FILHOS...CASADO?

-VIÚVO POR DUAS VEZES.

VIUVO DUAS VEZES... E OS QUATROS FILHOS É DO PRIMEIRO CASAMENTO?

-NÃO, CADA UM CASAL DEIXOU DOIS.

CADA CASAL DEIXOU DOIS, SÃO O QUÊ, OS DOIS, TODOS HOMENS?

-NÃO, É...TRÊS HOMENS E UMA MULHER.

TRÊS HOMENS E UMA MULHER. O SENHOR SE CONSIDERA BRANCO, PRETO, NEGRO, AMARELO...?

-MORENO NÉ?

MORENO?

-MORENO, OU NÃO EXISTE MORENO? PRETO.

A PESSOA ALTO SE DECLARA, ALTO SE DECLARA.

-MORENO...

AH, QUAL É A RELIGIÃO DO SENHOR?

-É, ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.

ENTÃO É PROTESTANTE, NÉ ISSO?

-GRAÇAS A DEUS.

ESSA ENTREVISTA VAMOS FALAR SOBRE UM POUQUINHO SOBRE O TRABALHO SOBRE SOLIDARIEDADE NO TRABALHO NO SISAL. QUANDO O SENHOR COMEÇOU A TRABALHAR NO SISAL?

-EU COMECEI A TRABALHAR LÁ NO SISAL COM SETE ANOS DE IDADE.

SETE ANOS DE IDADE? O QUE FAZIA?

-PRIMEIRO, PRIMEIRO EU PLANTEI UM SISAL MAIS O MEU PAI, SOU O FILHO MAIS VELHO, ELE FOI PLANTAR SISAL E EU FUI PLANTAR TAMBÉM, ERA ATÉ PRA ESSE FILÓ, FINADO FILÓ, O PAI DE...O PAI DAQUELE FAZENDEIRO QUE TINHA AQUI, QUE CASOU COM, QUE A FILHA DELE CASOU COM, COM GUINA, FOI ATÉ NO PARQUE DELE, QUE FUI PLANTAR, CHEIO DE SISAL PLANTAVA, QUANDO CHEGA O TEMPO DE CORTE, AÍ AGENTE VEIO PRA CORDOARIA DO FILHO DE TEOR, ELE BOTOU UMA CORDOARIA AÍ, AÍ MANDARAM CHAMAR MEU PAI PRA VIM TRABALHAR AÍ, AI EU IA TRABALHAR DE COISA, MAS ANTES EU TINHA TRABALHADO EM SALGADAS NÉ, AÍ VIM TRABALHAR AÍ.

QUE ANO, QUE ANO FOI, QUAL ANO, APROXIMADAMENTE? VOCÊ TEM...QUAL A IDADE DO SENHOR HOJE?

-É, SETE SETE.

SETENTA E SETE?

-FIZ EM ABRIL.

O SENHOR É DE QUE ANO?

-QUARENTA E UM.

QUARENTA E UM...

-OITO DE ABRIL DE QUARENTA E UM.

ENTAO O SENHOR COMEÇOU A TRABALHAR COM...

-VAMOS SUPOR COM A IDADE DE...

OITO ANOS?

-MAIS OU MENOS OITO ANOS, NESSA FAIXA.

DEPOIS DISSO, QUAIS OS LUGARES QUE O SENHOR TRABALHOU?

-AH, DEPOIS EU TRABALHEI COM TEOR, COM UM TEMPO, DEPOIS DE TEOR, BOTARO A CORDOARIA NE...NAS CABACEIRAS, PAPAÍ MESMO FOI SEU MESTRE...EU FUI TAMBÉM, EU JÁ FAZIA CORDAS, DE TEOR...DA CABACEIRA EU FUI LIMPADOR, VOLTEI PRA TEOR DE NOVO, TRABALHEI MAIS ALGUNS TEMPOS MAIS TEOR, DEPOIS FUI PRA PARAIBA, TIVE UM TEMPO NA PARAIBA, DEPOIS AÍ BOTEI A MINHA, A MINHA CORDOARIA MESMO.

QUANDO VOCE COLOCOU A SUA CORDOARIA, QUAL ERA A SUA IDADE?

-AH, JÁ TAVA COM...FOI EM DOIS MIL E...SETENTA...SETENTA PRA ...SESSENTA E NOVE PRA SETENTA.

AH, ENTÃO, NO ANO DE MIL E NOVECENTOS E SETENTA, DE SESSENTA E NOVE PRA SETENTA, É ISSO?

-QUE SETENTA E DOIS EU FUI PRA SALVADOR.

ME DIZ AÍ, ESSAS CORDOARIAS VOCÊ VENDIA ESSAS CORDAS PRA QUEM?

-PRA MIL...PRA H AMILTOM RIOS.

H AMILTOM RIOS? ME CONTA COMO ERA A RELAÇÃO COM H AMILTOM RIOS AÍ.

-QUANDO EU BOTEI A CORDOARIA, NA ÉPOCA QUE AGENTE FAZIA CORDAS PRA AMARRAR FARDOS DO SISAL.

NAS BATEDEIRAS?

-NAS BATEDEIRAS, É EU FUI A MISAEL E MISAEL DISSE QUE NÃO QUERIA NÃO QUE JÁ TINHA CORDOARIA DEMAIS, JÁ TINHA AS PESSOAS QUE FAZIA CORDAS PRA ELE.

JÁ TINHA AS PESSOAS QUE FAZIA CORDAS PRA ELE.

-JÁ TINHA AS PESSOAS QUE FAZIA CORDAS PRA ELE, AÍ EU FUI A MITINHO...H AMILTOM RIOS, CHEGUEI LÁ ELE ME DEU O SISAL E FUI FABRICAR CORDAS.

É, COMO ERA A SUA RELAÇÃO COM ELE, ERA AMIGÁVEL, ERA MUITO AMIGO?

-AH ERA! ERA!

ME CONTE AÍ A EXPERIÊNCIA COMO ERA.

-É QUE QUANDO EU MORAVA AQUI CRIAVA GALO DE RAÇA...CRIAVA GALO DE RAÇA E...OS MELHORES GALO DAQUI ERA OS MEUS. EU BOTAVA...EU LEVAVA E BOTAVA PRA VER SENPRESTAVA, QUAL ERA O BOM E...FUI LEVAR A ELE AÍ ME COMPRAVA.

ELE LHE COMPRAVA?

-ME COMPROU UNS DOIS, UNS DOIS.

É MESMO? ALÉM DE...QUER DIZER QUE ALÉM DE...ELE LHE COMPRAR AS CORDAS...

-NÃO, AÍ JÁ FOI ANTES DA CORDA, AI JÁ FOI ANTES DA CORDA.

QUER DIZER QUE ANTES DAS CORDAS, O SENHOR JÁ TINHA UMA RELAÇÃO, UMA APROXIMAÇÃO?

-JÁ...JÁ HAMILTON RIOS ERA VAQUEIRO

ERA VAQUEIRO ERA?

-ERA, HAMILTON RIOS ERA VAQUEIRO.

VOCÊ CONHECE DESDE QUANDO HAMILTON RIOS?

-HAMILTON RIOS EU CONHEÇO DESDE...DESDE MENINO, PODE-SE DIZER.

ENTÃO ERA MUITO PRÓXIMO?

ERA! MUITO PRÓXIMO.

ALEM DE HAMILTON RIOS, VOCÊ TINHA UMA RELAÇÃO COM MISAEL TAMBÉM, MUITO PRÓXIMO OU NÃO?

-NÃO MISAEL...EU...OS FERREIRAS NENHUM EU NÃO FUI COM A CARA DELES NÃO, NUNCA FUI...INCLUSIVE O IRMÃO DELE O FERREIRA, IRMÃO DELE MESMO, FOI PREFEITO DAQUI, UM DIA FUI PERGUNTAR A ELE...INCLUSIVE O MEU PAI FOI TRABALHAR COM ANTÔNIO FERREIRA, UNS QUARENTA E TANTOS ANOS.

ANTÔNIO FERREIRA É O PAI DE MISAEL?

-NÃO.

ERA IRMÃO DE MISAEL?

-O PAI DE MISAEL SE CHAMAVA JOSÉ FERREIRA, E PAPAI TRABALHOU UNS QUARENTA E TANTOS ANOS E ELE DEU A PAPAI FOI MIL E QUINHENTOS CONTOS, ELE MORAVA NA LAGOA CAMPESTE. FOI TOMAR CONTA DA FAZENDA, JÁ TRABALHAVA COM ELE AQUI, ALI ONDE HOJE É...ALI ONDE É O FINADO DAZINHO, ALI ERAMO AÇOUGUE VELHO DE CORTAR CARNE E TINHANUM DEPÓSITO E PAPAI TRABALHAVA LÁ FORRANDO SISAL, É TRABALHOU EM BATEDEIRA TAMBÉM.

TRABALHOU EM BATEDEIRA?

-TRABALHOU.

FAZENDOMO O QUE LÁ?

-FARDANDO O SISAL.

EM QUE FIRMA?

-AQUI DE DOTOR BAHIA.

FOI, FOI ANTES DE VOCÊ TER A CORDOARIA?

-ANTES DE EU TER A CORDOARIA

TRABALHOU LÁ

-MAS, JÁ FAZIA FAZER CORDA

COMO ERA LÁ. ..ASSIM, AMIZADE ERA MUITA COM OS COLEGAS?

AÉ, AMIZADE ERA MUITA, EU ENFARDAVA SISAL LA NO DOTOR BAHIA, FOI TÃO DE UM JEITO QUE ME APOSENTARO EM SALVADOR, EU TRABALHEI AQUI COM KEL BASTANT...COM TREZE ANOS, NEM UM NÃO VALEU NEM UM ANO, DOTOR BAHIA TRABALHEI SÓ SEIS MESES, DEPOIS QUE EU TAVA EM SALVADOR, RECEBI UMA CARTA QUANDO TAVA AQUI, É RECEBI O FUNDO DE GARANTIA.

QUEM ERA A PESSOA MESMO, QUEM ERA O DONO?

-DOTOR BAHIA.

DOTOR BAHIA?

-DOTOR BAHIA, ELE ERA DE SANTA LUZ, É A BATEDEIRA É ONDE HOJE É COISINHA GORDIANO.

ENTÃO ERA UM BOM, ERA UM BOM...ERA UM BOM PATRÃO.

-ERA

INTERESSANTE FOI QUANDO VOCE FALOU SOBRE HAMILTON RIOS, VOCÊ FALOU QUE TINHA UMA RELAÇÃO ANTES JÁ...

-JÁ

VENDIA GALOMPRA ELE?

-VENDIA.

QUE ELE GOSTAVA, ELE GOSTAVA MUITO DE GALO?

-OLHA SE LA NA ROÇA DELE NÃO TIVER AINDA ERA EU, QUANDO EU CRIAVA, AQUELE DUDU CRIAVA, ZE MIGUEL, TODO MUNDO VENDIA A ELE. AGORA...DUDU É ZE MIGUEL.

QUANDO, NESSA ÉPOCA, ELE TRABALHAVA MUITO COMMO SISAL?

-QUEM MITINHO?

É

-JÁ, DEPOIS FOI QUE BOTOU A BATEDEIRA.

BOTOU A BATEDEIRA DEPOIS?

-FOI, A BATEDEIRA ERA LÁ NO ACUDINHO.

QUANTO TEMPO VOCÊ VENDIA CORDAS PRA ELE?

-FOI POUCOS TEMPOS, FOI NEGÓCIO DE UM ANO E POUCO, QUE EU ME CASEI LOGO, FUI MORAR NA CASA DE MINHA SOGRA, ALI PERTO DE SANTA ROSA, NO TABULEIRO E LA EU DISCUTIR COM O MEU FILHO COM...COM MEU FILHO NÃO, COMMO MEU CUNHADO, ELE MANDOU QUE EU ARRUMASSE MEUS PANOS DE BUNDA E ME PICASSE DENTRO DE CASA. SE EU TINHA UMA MALIAZINHA DE COISAS...UNS PANILHOS E...

VOCÊ FOI CASADO DUAS VEZES.

-DUAS VEZES.

VOCÊ CONHECEU ALGUMAS DELAS NO TRABALHO DO SISAL, OU FORA?

-NÃO, NÃO, EU CONHECI FORA, ELA TRABALHAVA NO SISAL, MAS ELA...ASSIM...CORTANDO O SISAL E LEVAR PRA MÁQUINA PRA ...

CAMBITAR,..COMO ERA O NOME?

-CAMBITEIRO.

ELA ERA CAMBITEIRA?

-ERA, A PRIMEIRA ERA.

A PRIMEIRA ESPOSA SUA, VOCÊ. ..ENTÃO VOCÊ NÃO CONHECEU NO SISAL, VOCÊ CONHECEU FORA?

-FOI, EU CONHECI FORA.

MESMO ASSIM ELA TRABALHAVA NO SISAL?

-NO SISAL DIVIDIA ATÉ OS TIPOS, O SISAL ERA OS TIPOS, TINHA TRÊS.

COMO ERA, COMO ERA?

-O MAIS CLARO, AQUELE MAIS CLARO ERA O TIPO TRÊS, TIPO DOIS, ERA POR TIPO E AQUELE MAIS RUIM SE CHAMAVA REFUGO.

TIPO UM?

-NÃO REFUGO, SÓ TINHA UM, DOIS E TRÊS.

O MELHOR ERA O TRÊS?

-ERA, ERA O DOIS.

ERA O DOIS...

-QUE ERA AQUELE BEM ALVINHO, E TINHA A METRAGEM TAMBÉM.

VOCÊ TRABALHAVA COM...QUANTAS PESSOAS TRABALHAVA COM VOCÊ?

-AI ERA EU, RODERO, O CORRETEIRO E DOIS CEDERISTAS, CINCO NÉ? ERA CINCO COMIGO.

ENTÃO VOCÊ SÓ TRABALHOU FAZENDO CORDAS PRA HAMILTOM RIOS?

-FOI.

VOCÊ LEMBRA QUANDO FOI QUE ELE COMEÇOU A MEXER COM SISAL?

-LEMBRO NÃO, ACHO QUE FOI NA BASE DE SESSENTA E...E...SESSENTE É QUATRO A SESSENTA E CINCO, É TANTO QUE AQUELE PAULO, AQUELE PAULO É GERENTE DE HAMILTOM RIOS

QUEM?

- PAULO.

PAULO, QUEM É PAULO?

-PAULO O ANCIÃO.

PAULO?

-É

ELE TAVA LÁ NA IGREJA

-ACHO QUE ELE PREGOU SÁBADO, AQUELE PAULO ALI É GERENTE DE MITINHO.

ELE TRABALHOU MUITO TEMPO COM HAMILTOM RIOS.

-ELE TRABALHA...NÃO SEI SE TRABALHA AINDA, MAS TRABALHOU MUITO TEMPO, ELE É O GERENTE

AH, INTERESSANTE.

-É A BATEDEIRA, ACHO QUE NÃO PAROU AINDA NÃO, ACHO QUE NÃO PAROU AINDA NÃO, ACHOMQUE NÃO PÁ...

ELE MORREU NÃO FOI?

-MORREU, MAS ACHO QUE PAULO, NÃO DIGO BEM NÃO, PAULO CONTINUOU TRABALHANDO COM O RAPAZ.

MESMO ASSIM A BATEDEIRA CONTINUOU FUNCIONANDO.

-ENTÃO É PAULO QUE É O GERENTE.

INTERESSANTE NÉ, É HAMILTOM RIOS EMPREGOU MUITAS PESSOAS AQUI EM COITE.

-HAMILTOM RIOS ERA UMA BOA PESSOA.

TINHANUMA RELAÇÃO MUITO PRÓXIMA. ..

-ERA O HOMEM DA POBRESA, ERA UM HOMEM DA POBRESA

ENTREVISTA COM O CASAL PAULO MORAIS E VITÓRIA MORAIS NO DIA 16 DE AGOSTO DE 2016

A IRMÃ TRABALHOU EM BATEDEIRA TAMBEM?

-TRABALHEI.

CARTEIRA ASSINADA?

-SIM, SÓ SAIR QUANDO EU ME APOSENTEI.

FOI MESMO? DESDE QUANTOS ANOS A SENHORA TRABALHA COM ISSO?

- NOSSA PRIMEIRA CARTEIRA FOI ASSINADA QUANDO DINHO, EM QUE ANO?
(DONA VITÓRIA PERGUNTA PARA O ESPOSO)

- SETENTA E UM.

SETENTA E UM?

- NÓS ASSINEMOS DUAS CARTEIRAS.

DUAS CARTEIRAS?

MAS, ANTES, VOCÊ TRABALHAVA COM ISSO TAMBÉM?

- NÃO, NA VERDADE NÓS MORÁVAMOS NA ROÇA, TRABALHO NO MOTOR.

AH, SIM, ME CONTA AÍ DO MOTOR, COMO ERA.

- AGENTE CORTAVA PALHA, ESTENDIA FIBRA, BOTAVA A GANGANHA NO JEGUE, BOTAVA UNS GANCHOS PRA BOTAR O SISAL PRA LEVAR PRA PERTO DO MOTOR.

MAS, DESDE ANTES, DESDE DE NOVINHA?

- DESDE A IDADE DE QUINZE A DEZESSEIS ANOS, É POR AÍ.

JÁ TRABALHAVA NO MOTOR?

- JÁ TRABALHAVA NO MOTOR, MOTOR, ROÇA, AGENTE PLANTAVA MANDIOCA, FEIJÃO, MILHO, ESSAS COISAS.

E AÍ VOCÊ TRABALHAVA PRO OUTROS OU PRA VOCÊ MESMA?

- NÃO, EU TRABALHAVA PRO MEU PAI MESMO.

PAI DE VOCÊS?

- ERA, TRABALHAVA PRO MEU PAI MESMO.

E O MOTOR ERA DELE MESMO?

- NÃO, O MOTOR ERA...NA VERDADE O MOTOR ERA DELE SABE, EU TRABALHAVA PRO MEU PAI E MINHA MÃE, TODO ANO TINHA FEIJÃO, FARINHA, É...MINHO MADURO, UMA SAFRA BACANA MESMO.

- MAS, ASSIM...O MOTOR MESMO, QUANDO VOCÊ TRABALHAVA NO MOTOR, ERA DOS OUTROS, NERA?

- O MOTOR ERA DOS OUTROS, ERA.

NESSA HORA O AMBIENTE FICOU INRREVERENTE POR CAUSA DOS NETOS QUE TINHA ACABADO DE CHEGAR.

COMO ERA O TRABALHO LÁ NA BATEDEIRA?

- AH, NA BATEDEIRA EU BATIA O SISAL E TAMBÉM REVISAVA.

VOCÊS TRABALHAVAM JUNTOS ERA?

- ERA, A VISÃO ERA PEGAR O SISAL QUE JÁ TINHA BATIDO, E BOTAVA NAS MESAS, AÍ TINHA O BATEDOR, O CANO INTEIRO QUE BOTAVA O SISAL NAS MESAS DA GENTE, QUE AGENTE REVISAVA, JÁ DEIXAVA CERTINHO PRA FAZER OS FARDOS.

O SENHOR PAULO – CADA UM TINHA UMA FUNÇÃO.

- CADA UM TINHA UMA FUNÇÃO, CADA UM TEM UMA PROFISSÃO.

O SENHOR PAULO – UNS FAZ FARDOS, UNS BOTA E TIRA, UNS REvisa OUTROS ENFARDA...

NESSA HORA AS CRIANÇAS FIZERAM MUITO BARULHOS.

AÍ, COMO ERA LÁ DENTRO, TINHA MUITA AMIZADE COM PATRÃO?

- NÃO TINHA NADA CONTRA ELE NÃO.

QUAL ERA A BATEDEIRA?

- AQUI NA FIRMA DE GUINA.

DE GUINA?

- É, TEM GUINA LÁ E HAMILTON RIOS AQUI.

AI SÓ SAIU DE LÁ QUANDO SE APOSENTOU?

- SÓ SAIR DE LÁ QUANDO APOSENTEI, POR QUE EU TINHA PROBLEMA DE OSTROSE E OSTIOPOROSE, ENTÃO ME APOSENTEI COM CINQUENTA ANOS.

HOJE A SENHORA TEM QUANTOS ANOS?

- EU VOU FAZER...TOU DENTRO DE SESSENTA E NOVE.

O SENHOR PAULO – TA DENTRO DE SETENTA JÁ.

- SESSENTA E NOVE...SESENTA E NOVE, FALTA UM ANO PRA SETENTA.

SETENTA NÉ?

- SESSENTA E NOVE, JÁ FIZ.

SESENTA E NOVE?

- É.

AI VOCÊ TRABALHAVA JUNTOS NA MESMA BATEDEIRA?

- ERA, NA MESMA PROFIS... NA MESMA BATEDEIRA, AI EU DAVA PALHA A ELE, QUANDO FALTAVA REVISSORA, EU IA REVISAR E ELES BOTAVA OUTRA PESSOA E DAVA PALHA A ELE...

AQUI NA REGIÃO, ACHO QUE HAMILTON RIOS ERA O MAIS...MAIOR EXPORTADOR.

É, ELE ERA EXPORTADOR, É EXPORTADOR, COMO ELE TA VELHINHO, TEM QUASE CEM ANOS, FEZ NOVENTA E NOVE NO MÊS PASSADO, PARECE. AGORA É O FILHO DELE...

MARCELO?

- MARCELO, TEM MARCELO E ZÉ HAMILTON EEE AQUELE OUTRO, MARCELO É DELE E ZÉ HAMILTON...MARCELO E ZÉ HAMILTON É DE MITINHO, AGORA, AQUELE OUTRO NO CAMINHO DE SALGADA ACHO QUE É DE...

MAURICINHO?

- MAURICINHO QUE É FILHO DO IRMÃO DE MITINHO...ESSE...EVERTON É?

O SENHOR PAULO – EVERTON

- EVERTON.

ELE MORREU.

- É, ELE MORREU

NOSSA! ELE PREGOU MUITA GENTE AÍ, DAVA PRA VIVER? ASSIM COM...

- DAVA, AGENTE TINHA, AGENTE TINHA...NESSA ÉPOCA AGENTE TINHA UNS CINCO A SEIS FILHOS E CADA UM MENINO DESSE AGENTE RECEBIA DOIS REGISTROS.

DOIS REGISTROS?

- ERA, DOIS REGISTROS E SEGUNDA VIA, NÓS LEVAVA OS DOIS...

O SENHOR PAULO – ELA RECEBIA E EU RECEBIA.

COMO ASSIM? AÍ RECEBIA PELO...

O SENHOR PAULO – NÓS RECEBIA PELO...

- NO FINAL DO MÊS.

NO FINAL DO MÊS RECEBIA?

- NO FINAL DO MÊS NÓS TINHA DIREITO AQUELE DINHEIRO.

AH! ENTENDI.

- HOJE, MAIS OU MENOS, UM MENINO HOJE TA GANHANDO UNS VINTE E CINCO A TRINTA REAIS POR MÊS.

CADA PESSOA...CADA FUNCIONÁRIO?

- CADA MENINO, NÃO, CADA MENINO NÃO, SE NÓS TIVESSE TRABALHANDO TINHA UNS SEIS FILHOS, AÍ NÓS GANHAVA DE TODOS OS SEIS.

TODOS OS SEIS...

- TODOS OS SEIS, ERA DOIS REGISTROS, DO REGISTRO, AGENTE TIRAVA DUAS CÓPIAS, QUER DIZER QUE UMA CÓPIA ERA PRA ME E A OUTRA ERA PRA ELE NÉ, ENTREGAVA LÁ NO ESCRITÓRIO.

SE...ELE EMPREGOU MUITA GENTE AÍ, ATÉ HOJE.

- MUITA GENTE SE APOSENTOU, MUITA GENTE SE APOSENTOU.

VOCÊ SAIU EM QUE ANO?

- EU MESMO SAIR... NA VERDADE...TRABALHAMOS ALGUNS TEMPOS E SAIR, IA FICAR... ELE DAVA BAIXA NA CARTEIRA DE TODO MUNDO, DEPOIS QUE O SISAL MELHORAVA, AQUELES QUE TAVA PARADO VOLTAVA A CHAMAR ELES DE NOVO. EU SEI QUE SAIR DE LÁ... EM QUE ANO DINHO? EU ME APOSENTEI COM 59...HOJE TOU COM...

COM CINQUENTA E NOVE ANOS, FOI ISSO?

- COM CINQUENTA E NOVE ANOS E HOJE EU TOU COM SESSENTA E NOVE...ASSIM, TEM QUANTOS ANOS QUE ME APOSENTEI?

TEM DEZ ANOS, SE APOSENTOU COM CINQUENTA E NOVE? VOCÊ TEM SESSENTA E NOVE...DEZ ANOS, NÉ ISSO?

O SENHOR PAULO – ELA PASSOU QUATRO ANOS ENCOSTADA, POR QUE ELA TINHA PROBLEMA DE ASTROSE SABE...AÍ ELA FICOU FAZENDO PERÍCIA QUATRO ANOS, AÍ, DEPOIS DERO ALTA NELA LÁ NO INSS, BOTOU ELA PRA TRABALHAR, AÍ VOLTOU A TRABALHAR E NÃO AGUENTOU, FICOU COM O MESMO PROBLEMA SABE, AÍ DEPOIS ELA FALOU COM A FIRMA LÁ QUE NÃO AGUENTAVA TRABALHAR, AÍ A FIRMA... ELA TEM UMA VELHA CONHECIDA...ELA TINHA UMA VELHA CONHECIDA, DERO FERIA A ELA. AÍ NO CASO DERO FÉRIA A ELA, O CARA ENTROU DE FÉRIAS, TORNOU DÁ ENTRADA, AÍ PRONTO, NÃO VOLTOU MAIS PRA TRABALHAR.

NAQUELA ÉPOCA...ASSIM...QUANDO TAVA RUIM O SISAL...AÍ ELES DISPACHAVA AS PESSOAS...

- NÃO! DAVA FÉRIA DE TRINTA DIAS, DAVA AS FÉRIAS VENCIDA, POR CAUSA DAS MÁQUINAS, DAVA AQUELAS FÉRIAS, AÍ, QUANDO NÓS CURTIA AS FÉRIAS, NÓS ENTRAVA E OUTRAS TURMAS JÁ SAIA, POR QUE O SISAL TAVA POUCO, AGENTE FICAVA DE FÉRIAS E AQUELA OUTRAS TURMAS NA VERDADE SAIA QUINZE. PARAVA TRÊS MÁQUINAS, SAIA MAIS DE QUINZE PESSOAS, AÍ DAVA FÉRIAS DAQUELAS QUINZE PESSOAS, EU VOU BOTAR AQUI, NÓS FAZ DE QUINZE, AÍ SAI AQUELAS QUINZE PESSOAS E PASSA TRINTA DIAS PARADO SÓ COMENDO AQUELE DINHEIRO DAS FÉRIAS E COM TRINTA DIAS QUANDO ELES VOLTAVA, JÁ SAIA OUTRA TURMA.

AH! JÁ PRA NÃO PARAR?

- JÁ PRA NÃO PARAR SABE, POR QUE NÃO PODIA PARA POR CAUSA DA EXPORTAÇÃO.

CHEGOU PARAR MUITO TEMPO...ASSIM O MAXIMO?

- NÃO, CHEGOU PARA MUITÃO, MUITÃO NÃO.

NUNCA PAROU ASSIM...SEMPRE DAVA FÉRIAS A UM...

- MUITO QUE PAROU ASSIM E DEPOIS FECHOU E DEPOIS VOLTOU ANDAMENTO DE NOVO...FOI POUCO TEMPO.

POUCO TEMPO...MAS ELE DAVA BAIXA NA CARTEIRA, NORMAL?

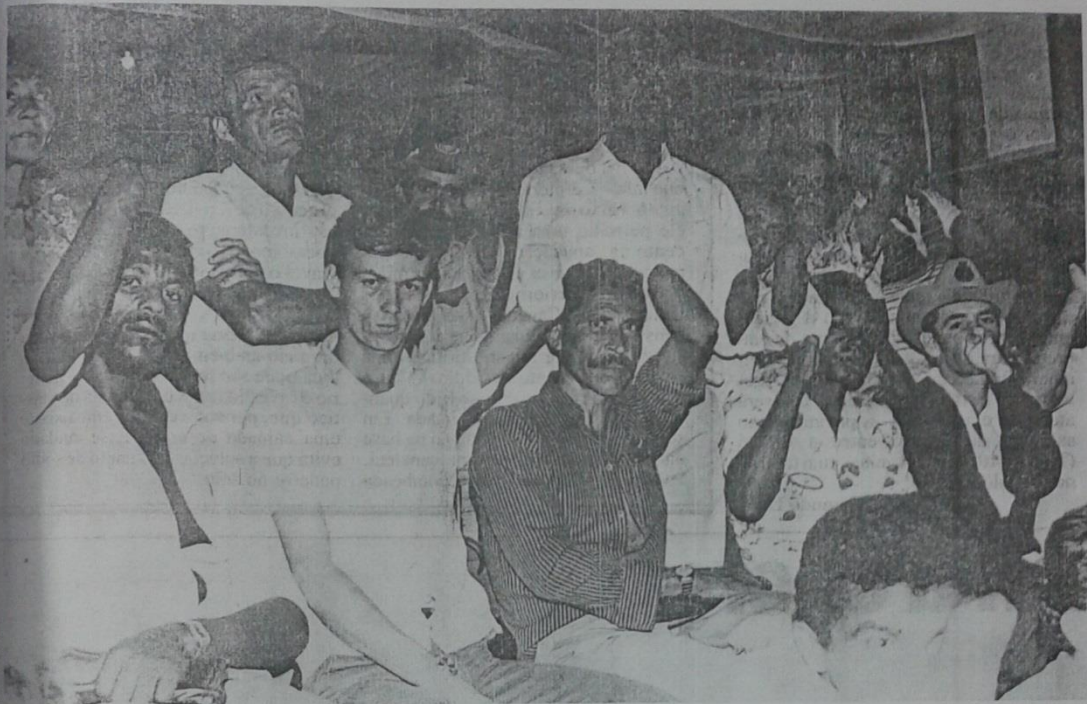
- AÍ FOI NO TEMPO QUE TEVE UMA SECA QUE NEM O SERTÃO QUE JOGA DE LÁ PRA AQUI, NÃO CONSEGUIA...

POR CAUSA DA SECA?

- É, POR CAUSA DA SECA

A SENHORA LEMBRA O ANO?

- AH O ANO LEMBRO NÃO.



A assembléia reuniu as vítimas do "motor paraibano"

PREVIDÊNCIA

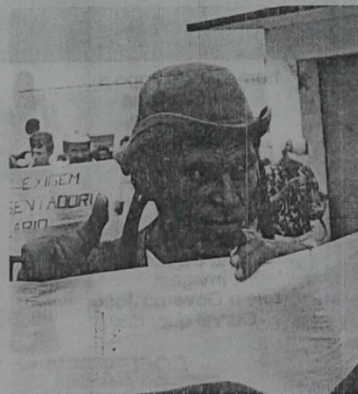
Aposentadoria ameaçada

A luta dos mutilados do sisal pela aposentadoria por invalidez está ameaçada de derrota por um próprio mutilado. Ele mostrou ao superintendente regional do INPS que ainda pode trabalhar no "motor paraibano".

(CORTE)

Os mutilados do sisal estariam com sua aposentadoria praticamente assegurada se, ao final da assembléia que reuniu cerca de 300 deles, dia 5 último, em Conceição do Coité, o superintendente do INPS no Estado, Antônio Carlos Martinelli Braga, não tivesse visto um mutilado do antebraço esquerdo agindo como um trabalhador normal e desfibrando sisal no "motor paraibano", denominação mais conhecida da máquina que já arrancou mãos e braços de centenas de trabalhadores rurais da região sisaleira baiana.

Surpreso com a demonstração de perícia do mutilado, Martinelli Braga solicitou a um fotógrafo que documentasse o fato e, em seguida, revelou à PANORAMA que as fotos seriam enviadas ao ministro da Previdência Social,



Na passeata, a marca do sofrimento.

Jarbas Passarinho, como forma de reforçar sua tese de que os mutilados do sisal não devem ser aposentados por invalidez, mas sim colocados sob regime de um tal "amparo social", benefício previdenciário que está em fase de estudos por Martinelli e sua equipe de trabalho.

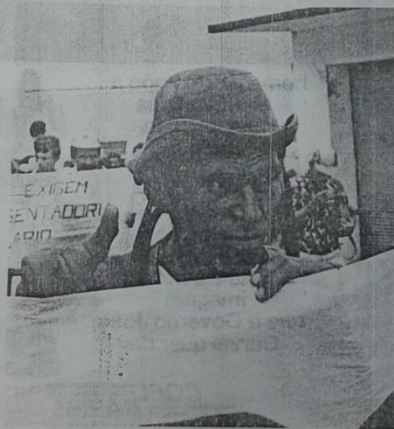
— Creio que não estaremos fazendo benefício algum em conceder aposentadoria por invalidez a uma pessoa que não é propriamente inválida. A demonstração feita por esse mutilado pode ser uma prova de que ele ainda está apto para o trabalho, pelo menos em funções que não sejam a de operar máquinas desfibrantes. A minha tese consiste no fato de que os mutilados devem ser de alguma forma amparados pela Previdência Social, mas sem necessariamente

Aposentadoria ameaçada

A luta dos mutilados do sisal pela aposentadoria por invalidez está ameaçada de derrota por um próprio mutilado. Ele mostrou ao superintendente regional do INPS que ainda pode trabalhar no "motor paraibano".

Os mutilados do sisal estariam com sua aposentadoria praticamente assegurada se, ao final da assembléia que reuniu cerca de 300 deles, dia 5 último, em Conceição do Coité, o superintendente do INPS no Estado, Antônio Carlos Martinelli Braga, não tivesse visto um mutilado do antebraço esquerdo agindo como um trabalhador normal e desfibrando sisal no "motor paraibano", denominação mais conhecida da máquina que já arrancou mãos e braços de centenas de trabalhadores rurais da região siseira baiana.

Surpreso com a demonstração de perícia do mutilado, Martinelli Braga solicitou a um fotógrafo que documentasse o fato e, em seguida, revelou à PANORAMA que as fotos seriam enviadas ao ministro da Previdência Social,



Na passeata, a marca do sofrimento.

Jarbas Passarinho, como forma de reforçar sua tese de que os mutilados do sisal não devem ser aposentados por invalidez, mas sim colocados sob regime de um tal "amparo social", benefício previdenciário que está em fase de estudos por Martinelli e sua equipe de trabalho.

— Creio que não estaremos fazendo benefício algum em conceder aposentadoria por invalidez a uma pessoa que não é propriamente inválida. A demonstração feita por esse mutilado pode ser uma prova de que ele ainda está apto para o trabalho, pelo menos em funções que não sejam a de operar máquinas desfibrantes. A minha tese consiste no fato de que os mutilados devem ser de alguma forma amparados pela Previdência Social, mas sem necessariamente

PANORAMA, 16 A 31/OUTUBRO/84



O ato público foi encerrado com queima de sisal em protesto contra o cartel dos exportadores

Fazendeiros protestam

te toda a manhã, o centro comercial da cidade, concentrando-se nas ruas Floriano Peixoto e Praça João Beneditos, onde estão localizadas as agências bancárias, protestando contra a política econômica do governo federal que está prejudicando as atividades produtivas, levando à falência a micro, pequena e média empresas e, principalmente, contra o aumento dos juros bancários e aplicação da correção monetária sobre os créditos rurais contrai- dos em 1987. Ao meio-dia, encerrando o ato público, houve a queima simbólica de uma quantidade de sisal, principal atividade econômica do município, cuja comercialização está parada pelo preço aviltante de mercado, causando o desemprego a cerca de 10 mil trabalhadores rurais.

CRISE NA REGIÃO

Município da região sisaleira, Conceição do Coité fica a 220Km de Salvador, e passou mais de 20 anos sendo governada pelo partido da situação durante a vigência do regime autônomo. Na última eleição, para governador, o PMDB venceu por 200 votos, embora o atual prefeito, Hamilton Rios, seja do PFL. As divergências políticas no município são grandes, porém, pela primeira vez em sua história, Coité se uniu em torno de um só objetivo: ontem, suas principais lideranças políticas subiram juntas ao palanque e protestaram contra a política econômica do governo, os juros bancários, aplicação da correção monetária, contra o cartel do sisal e es-

estão ameaçados, se não honrarem seus compromissos até 30 de junho, a pagar juros de 50% da caderneta de poupança e correção monetária, para os empréstimos até Cz\$200 mil. Já os produtores que contrairam empréstimos acima de Cz\$200 mil, além dos mesmos juros, a correção monetária retroage até março de 87.

Hoje, no município, são mais de 500 empregados rurais que estão nessa situação, pois tomaram empréstimos bancários para investimentos em suas propriedades — compra de gado, implantação e recuperação de curral, construção de casas, cercas e aguadas —, mas estão sem condições de saldar seus compromissos, porque o sisal está sem comercialização por causa do seu baixo preço no mercado. O gado, comprado por Cz\$650, a arroba, em 1987, hoje, os pecuaristas não acham nem Cz\$500 por arroba, porque ninguém tem dinheiro, com toda a aplicação voltada para o mercado de capitais. Os produtores rurais de Coité querem prorrogação de seus débitos aos juros de 3%, conforme cláusula contratual. Além do protesto de ontem, vão entrar na Justiça, com uma medida cautelar, para cumprimento das causas contratuais.

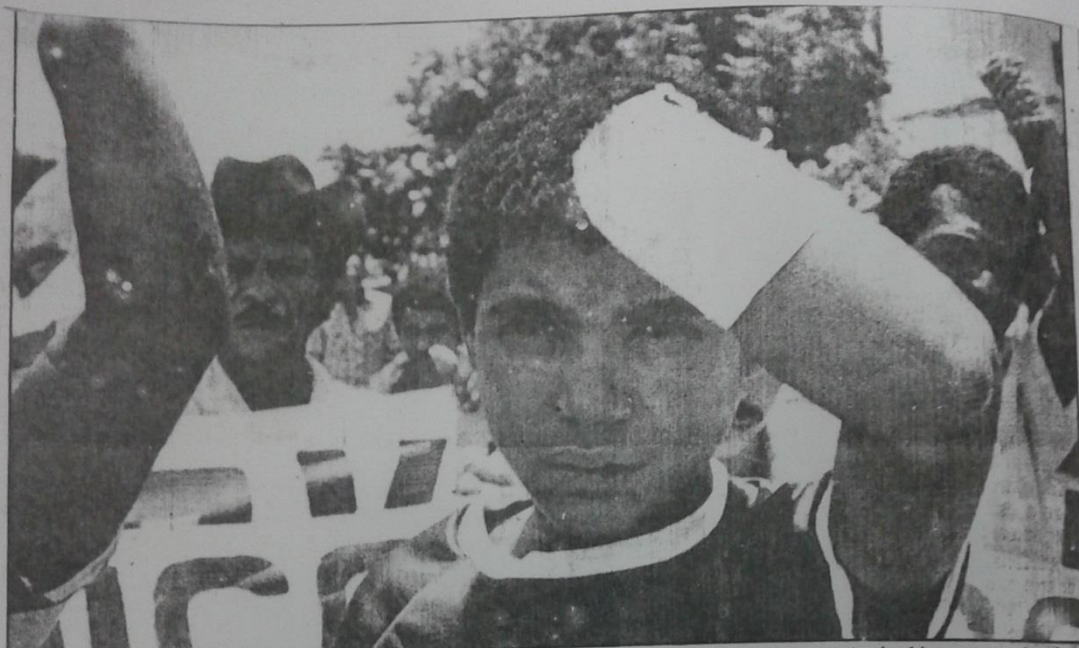
Denunciaram, ainda, que 80% dos motores para deslombamento do sisal estão parados, causando o desemprego de cerca de 10 mil trabalhadores rurais. O êxodo rural é grande, principalmente para São Paulo e são os próprios produtores rurais quem fornecem passagem de ônibus aos seus empregados para que tenham sorte em ou-

INSOLVÊNCIA TOTAL

Os próprios gerentes das agências bancárias locais são unânimes em afirmar que os produtores e pecuaristas de Coité sempre honraram seus compromissos e, agora com o arrocho da política econômica do governo, aquela praça passou, de captadora de recursos, para contrair um maior volume de empréstimos, conseqüentemente, aumentando os casos de insolvência de títulos bancários, que já estão sendo protestados. O presidente da Associação Comercial de Coité, Roberto Pinto, principal líder do movimento de protesto, disse que, em relação ao ano passado, o número de títulos bancários, inclusive de empréstimos rurais protestados, aumentou em cerca de 500%. Este fato foi comprovado pelo oficial do Cartório do 1º Ofício de Notas de Coité, Hamilton Lopes do Carmo.

O presidente do PMDB de Coité, médico Iedo Cirilo, disse que enviou telelex ao governador Wáldir Pires, ao deputado Carlos Sant'Anna e ao presidente da Assembléia Legislativa, pedindo providências urgentes. Na sua opinião, o problema do sisal não está no preço mínimo, mas em acabar com o cartel dos exportadores, o chamado Clube dos 13 da Bahia. "O governador precisa solucionar o problema com urgência, criando uma cooperativa mista na seguinte seqüência: agricultor/ produtor/exportador. Precisamos, urgentemente da intervenção do governo estadual", concluiu.

O GLOBO - 06.10.94



Mutilados — inclusive crianças — exibem mãos e braços amputados pelas máquinas de desfibramento do sisal

PREVIDÊNCIA EXIGE INVALIDEZ TOTAL

Mutilados do sisal fazem passeata por aposentadoria

CONCEIÇÃO DO COITE, BA — Levantando o que restou de mãos e braços mutilados por máquinas de desfibramento de sisal, 300 trabalhadores rurais, impossibilitados de usar enxada, foice ou machado, fizeram uma passeata ontem, nesta cidade do sertão baiano, a 210 quilômetros de Salvador. Homens, mulheres e crianças reivindicando a aposentadoria por invalidez à Previdência

A passeata dos "mutilados do sisal" foi seguida de um encontro, no Clube Social, com o Superintendente Regional do Inamps, Antônio Martinelli Braga, que representou o Ministro Jarbas Passarinho. Segundo ele, o movimento dos trabalhadores rurais — mais de mil mutilados em

50 municípios, segundo a Federação dos Trabalhadores na Agricultura — é justo e a legislação previdenciária deve ser mudada para atendê-los.

EXIGÊNCIA

A Lei 83.080, de 1979, só concede aposentadoria por invalidez ao trabalhador se ele perder dois membros.

— A lei é aplicável ao operário urbano, mas como é que um homem do campo pode usar a enxada sem um braço ou equilibrar-se na roça sem uma perna? — pergunta Martinelli.

Ele garantiu que o Ministro Jarbas Passarinho vai enviar ao Congresso Nacional uma emenda à lei. Projeto idêntico já foi apresentado

pelo Deputado Haroldo Lima (PMDB-BA), mas, segundo a Constituição, projetos que impliquem despesas só podem ser apresentados pelo Executivo

VÍTIMAS

Paulo Cruz, 59 anos, perdeu a mão esquerda em 1948. Atualmente, ele recebe uma aposentadoria de Cr\$ 47 mil. Tereza Pereira dos Santos, 49 anos, perdeu o antebraço e pedaço do braço. Atualmente, ela planta "meia tarefa" de mandioca para sobreviver. Como todos os mutilados que voltam ao trabalho no campo, ela tem problemas na coluna. Eles são dois dos personagens da passeata de ontem.

do, 6 de Outubro de 1984

CIDADE

TRIBUNA DA BAHIA — Salvador, S

Passeata em Coité marca nova etapa da campanha

Mutilados do sisal exigem modificações na Previdência

A mudança imediata da legislação previdenciária que possibilite a aposentadoria por invalidez de todos os trabalhadores mutilados na lavoura sisaleira, um reestudo do conceito de perícia médica e a obtenção dos mesmos benefícios do trabalhador urbano para o aposentado no meio rural, foram as principais reivindicações dos mais de 300 lavradores mutilados do sisal reunidos, ontem, no município de Conceição do Coité, durante o II Encontro Rural dos Trabalhadores da Lavoura Sisaleira.

Com a participação do superintendente regional do INPS, Antônio Carlos Martinelli Braga, da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa do Estado, de prefeitos e vereadores de diversos municípios e representantes da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag), os lavradores mutilados denunciaram a discriminação do trabalhador do campo, que não tem direito aos mesmos benefícios de aposentadoria dos trabalhadores urbanos, além de sofrerem discriminação no que se refere a conceito de perícia médica, que identifica os casos de invalidez completa ou parcial e determina se os mesmos receberão ou não os benefícios da aposentadoria.

PASSEATA

Com as mãos decepadas levantadas e exibindo as marcas dos acidentes nas máquinas desfibrantes, os trabalhadores vieram dos municípios de Monte Santo, Euclides da Cunha, Mairipotima, Jacobina, Retrolândia, Serra Lindia, Serrinha, Valente, Santa Luz, Riachão do Jacupe, Itiúba, Quilombos, Ichu, Jaguarari, Campos Formosos, Marza do Poço, Feira de Santana, Araci e Queimadas, percorrer um das principais ruas de Conceição do Coité, protestando contra a política discriminatória do



Centenas de mutilados do sisal fizeram uma passeata pelas ruas centrais de Conceição do Coité.

INPS e do Ministério do Trabalho. Na praça da cidade, em frente ao local onde se realizaria a assembleia, uma exibição com um novo dispositivo de segurança criado pela Fundacentro, foi feita no intuito de mostrar não só os riscos da desfibragem do sisal, mas também a tentativa de se implantar um mecanismo que assegure maior segurança para o trabalhador. No local alguns lavradores falaram dos frequentes acidentes no campo e de como tragicamente perdem seus braços na máquina, sem que com isso percebam qualquer tipo de assistência pelo INPS, que apenas considera invalidez a perda total dos membros superiores

ou inferiores.

Segundo dados fornecidos pela Fetag, existem aproximadamente 1 mil mutilados na lavoura sisaleira baiana. O secretário do órgão, Aloísio Carneiro, afirmou, que anteriormente esses trabalhadores que tinham suas mãos e braços decepados pelas máquinas desfibrantes da palha do sisal, recebiam ajuda do Funrural, que os consideravam aposentados mediante invalidez. Entretanto, a partir de 1969, com a criação do Sistema Nacional de Previdência Social (SINPAS) esses benefícios foram retirados e os trabalhadores que já tinham sido cadastrados pelo Funrural, deixaram de receber o dinheiro da aposentadoria.

Na primeira reunião de trabalhadores mutilados, realizada também em Conceição do Coité, no dia 17 de agosto, o problema foi discutido com os políticos, ficando certo que as propostas seriam enviadas à Comissão de Saúde da Assembleia, para que a partir daí se tentasse um contato direto com o ministro da Previdência Social e do Trabalho, no sentido de se modificar a atual lei de aposentadoria rural. Existem 30 municípios baianos mobilizados contra a lei, com proposta de revogação imediata dos artigos que tratam da invalidez por acidente e da igualdade de benefícios para os trabalhadores aposentados do meio urbano e rural.

Para o INPS, o pedido é justo.

O superintendente regional do INPS da Bahia, Antônio Carlos Martinelli Braga, declarou ontem em Conceição do Coité, que é plenamente a favor de uma mudança na atual legislação previdenciária que trata do trabalhador rural. Segundo disse, o Ministério da Previdência Social está estudando a reforma da atual lei e encaminhará ao Conselho Nacional nesse sentido, acreditando que o mesmo será aprovado imediatamente.

Adquirido do secretário de Benefícios da Previdência, Walter Cirian, representando o próprio presidente do INPS, Martinelli disse que a atual lei de aposentadoria não

permite que o trabalhador rural obtenha qualquer tipo de benefício enquanto não estiver completamente impossibilitado para o trabalho no campo, observando-se, nesses casos, que o mesmo tenha que estar com ambos os membros inválidos. Já para o trabalhador urbano, afirmou, essa mesma lei considera-o como inválido temporariamente quando este perde um dos membros, concedendo ao mesmo um pagamento correspondente a 20 e 40 por cento do seu salário.

DISCRIMINAÇÃO

A Lei criada a partir da formação

do Sinpas, em 1979, considera que receberá aposentadoria todo trabalhador que estiver com os dois membros inválidos, no caso do meio rural, e na área urbana aquele trabalhador que perdeu um dos membros, recebendo este até 40 por cento do seu salário. Por outro lado, todos aqueles que já recebiam benefícios do Funrural, tiveram seus pagamentos suspensos pelo INPS gerando assim um problema social em toda região sisaleira.

Na indicação feita pela Comissão de Saúde da Assembleia, foi solicitada ao ministro da Previdência, Jarbas Passarinho, a imediata

revogação da lei e garantias, dadas pelo ministério do Trabalho, no sentido de assegurar ao trabalhador de sisal, segurança no exercício de sua função. Essa posição foi defendida pelo superintendente regional do INPS que considerou que a lei deveria ser mudada, pois o direito do trabalhador rural deve ser atendido, lembrando ainda que "há uma boa vontade do ministro em atender essas reivindicações, que consideramos justas, a partir de um estudo profundo, pois terão que ser mudados os conceitos de perícia médica e a própria legislação previdenciária".



Centenas de mutilados do sisal fizeram uma passeata pelas ruas centrais

INPS e do Ministério do Trabalho. Na praça da cidade, em frente ao local onde se realizaria a assembleia, uma exibição com um novo dispositivo de segurança criado pela Fundacentro, foi feita no intuito de mostrar não só os riscos da desfibragem do sisal, mas também a tentativa de se implantar um mecanismo que assegure maior segurança para o trabalhador. No local alguns lavradores falaram dos frequentes acidentes no campo e de como tragicamente perdem seus braços na máquina, sem que com isso percebam qualquer tipo de assistência pelo INPS, que apenas considera invalidez a perda total dos membros superiores

ou inferiores.

Segundo dados fornecidos pela Fedtag, existem aproximadamente 1 mil mutilados na lavoura sisaleira balana. O secretário do órgão, Aloisio Carneiro, afirmou, que anteriormente esses trabalhadores que tinham suas mãos e braços decepados pelas máquinas desfibrantes da palha do sisal, recebiam ajuda do Funrural, que os consideravam aposentados mediante invalidez. Entretanto, a partir de 1969, com a criação do Sistema Nacional de Previdência Social (SINPAS) esses benefícios foram retirados e os trabalhadores que já tinham sido cadastrados pelo Funrural, deixaram de receber o dinheiro da aposentadoria.

Para o INPS, o pedido é justo.

permite que o trabalhador rural obtenha qualquer tipo de benefício enquanto não estiver completamente impossibilitado para o trabalho no campo, observando-se, nesses casos, que o mesmo tenha que estar com ambos os membros inválidos. Já para o trabalhador urbano, afirmou, essa mesma lei considera-o como inválido temporariamente quando este perde um dos membros, concedendo ao mesmo um pagamento correspondente a 20 e 40 por cento do seu salário.

DISCRIMINAÇÃO

A Lei criada a partir da formação

do Sinpas, em 1979, considera que receberá aposentadoria todo trabalhador que estiver com os dois membros inválidos, no caso do meio rural, e na área urbana aquele trabalhador que perdeu um dos membros, recebendo este até 40 por cento do seu salário. Por outro lado, todos aqueles que já recebiam benefícios do Funrural, tiveram seus pagamentos suspensos pelo INPS gerando assim um problema social em toda região sisaleira.

Na indicação feita pela Comissão de Saúde da Assembleia, foi solicitada ao ministro da Previdência, Jarbas Passarinho, a imediata

revo
pelo
tido
sisal
funç
pelo
INPS
ser n
balha
lemb
vonta
essas
deran
estud
muda
médic
previe

seata pelas ruas centrais de Corcelção do Coité

fornecidos pela Fe-
ximadamente 1 mil
lavoura sisaleira
rio do órgão, Aloisio
a, que anteriormente
res que tinham suas
ceçados pelas má-
es da palha do sisal,
do Funrural, que os
osentados mediante
nto, a partir de 1969,
Sistema Nacional de
ial (SINPAS) esses
retirados e os tra-
já tinham sido ca-
nrrural, deixaram de
ro da aposentadoria.

Na primeira reunião de trabalha-
dores mutilados, realizada também
em Conceição do Coité, no dia 17 de
agosto, o problema foi discutido com
os políticos, ficando certo que as
propostas seriam enviadas à
Comissão de Saúde da Assembléia,
para que a partir daí se tentasse um
contato direto com o ministro da Pre-
vidência Social e do Trabalho, no
sentido de se modificar a atual lei de
aposentadoria rural. Existem 30
municípios baianos mobilizados
contra a lei, com proposta de revoga-
ção imediata dos artigos que tratam
da invalidez por acidente e da
igualdade de benefícios para os tra-
balhadores aposentados do meio
urbano e rural.

o é justo.

1979, considera que
sentadoria todo
estiver com os dois
tos, no caso do meio
ea urbana aquele
e perdeu um dos
bendo este até 40
a salário. Por outro
les que já recebiam
rural, tiveram seus
spensos pelo INPS
um problema social
sisaleira.

feita pela Comissão
ssembléia, foi soli-
tro da Previdência,
inho, a imediata

revogação da lei e garantias, dadas
pelo ministério do Trabalho, no sen-
tido de assegurar ao trabalhador de
sisal, segurança no exercício de sua
função. Essa posição foi defendida
pelo superintendente regional do
INPS que considerou que "a lei deverá
ser mudada, pois o direito do tra-
balhador rural deve ser atendido",
lembrando ainda que "há uma boa
vontade do ministro em atender
essas reivindicações, que consi-
deramos justas, a partir de um
estudo profundo, pois terão que ser
mudados os conceitos de perícia
médica e a própria legislação
previdenciária".

Santana, Araceli e Queimadas, -
percorreram as principais ruas de
Conceição do Coité, protestando
contra a política discriminatória do

P

O superintendente regional do INPS na Bahia, Antônio Carlos Martinelli Braga, declarou ontem em Conceição do Coité, que é plenamente a favor de uma mudança na atual legislação previdenciária que trata do trabalhador rural. Segundo disse, o Ministério da Previdência Social está estudando a reforma da atual lei e encaminhará ao Congresso Nacional projeto nesse sentido, acreditando que o mesmo será aprovado imediatamente.

Acompanhado do secretário de Benefícios da Previdência, Walter Graciosa, representando o próprio presidente do INPS, Martinelli disse que a atual lei de aposentadoria não

DIS
A

Mutilados realizaram II Encontro em Coité

Conceição do Coité (Ana Maria Vieira e Janduar Simões) — Nos rostos, a marca do sofrimento, também presente no canto, em tom de lamento, de vozes arrastadas: "Vamos se mexer/não podemos ficar quietos/vamos trabalhar/para aprovar nosso projeto". Foram mais de 300 mutilados da região sisaleira da Bahia — existem cerca de 1000 — que, juntos a mais 400 pessoas, saíram em passeata, ontem, da sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, para a Associação Cultural Castro Alves, onde se realizou o II Encontro em busca da aposentadoria.

Conduzindo faixas e exibindo os membros superiores, os mutilados, através da música, expressaram o seu descontentamento com a situação em que estão vivendo, já que apenas 10% são aposentados — os que foram acidentados até 79, antes da criação do Sinpas — enquanto os demais nada recebem da Previdência. Durante a passeata, a música mais cantada foi o Canto da Previdência: "Previdência, abra os olhos/veja o que vai fazer/o trabalhador rural/não aguenta mais sofrer/para ter melhor saúde/nós pagamos a você".

O encontro de ontem, bem maior do que o anterior, contou com representantes dos mutilados dos municípios de Retiro-lândia, Valente, Queimadas, Monte Santo, Jacobina, Mairi, Serrolândia, Riachão do Jacuípe, Ichu, Euclides da Cunha, Jaguari, Serrinha, Feira de Santana, **Conceição do Coité**, Várzea do Poço, Santa Luz, Campo Formoso e Araci. Além disso, políticos e representantes do governo estiveram em **Conceição do Coité**, deixando com os mutilados esperanças de mudança na Lei da Previdência, que fixa os critérios para a aposentadoria por invalidez.

O superintendente regional do INPS, Antônio Carlos Martinelli Braga, embora não fixasse prazo, disse que o ministro da Previdência está sensibilizado com o problema do homem do sisal, tendo, na oportunidade, lido um telegrama do presidente do INPS, que define o problema como preocupante e muito delicado. Temos certeza — ressaltou Martinelli — que essa lei será mudada", acrescentando que os estudos feitos, no BNhaia, já estão com o ministro Jarbas Passarinho. Explicou que, pela legislação em vigor, o homem do campo não tem direito à aposentadoria por invalidez e o conceito de invalidez para a Previdência implica na perda de todos os membros. Os critérios são diferentes dos adotados em relação ao trabalhador urbano, com direito ao auxílio-acidente que varia de 20 a 40% sobre o valor que percebia antes de se acidentar.

SÓ AGORA

O deputado federal Domingos Leonelli, que participou do encontro, disse que se recusa a aceitar a situação dos trabalhadores do sisal, como "acidente



Mutilados querem mudar conceito de invalidez da Previdência

produção econômica é normalmente mutiladora, já que essa mutilação em massa caracteriza a mecanização primitiva da atividade sisaleira". Em seguida, declarou não ter visto, até agora, nenhum grande fazendeiro do sisal mutilado. Leonelli explicou aos trabalhadores, didaticamente, como ocorre a aprovação de projetos de lei e lembrou já existir no Congresso Nacional duas emendas à Lei da Previdência, com o objetivo de estender, para os mutilados do sisal, os benefícios da aposentadoria, esclarecendo que tudo depende do Poder Executivo.

Lembrou que a solução para os problemas dos trabalhadores do sisal — referindo-se aos esforços da Fundacentro, em busca de mais segurança nas condições de trabalho — chegou tarde e observou que um problema de muitos anos começa, agora, a preocupar o governo, em razão da mobilização dos trabalhadores dos sindicatos e da Fetag, que começaram a denunciar o greve quadro dos mutilados do sisal.

O presidente da Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa, deputado Luiz Umberto Ferraz Pinheiro, presente ao encontro de ontem, comunicou aos trabalhadores a indicação de sua autoria, aprovada anteontem, e que deverá ser entregue, pessoalmente, aos representantes dos Ministérios do Trabalho, da Previdência Social e Congresso Nacional.

Pede providências imediatas para a reformulação da legislação no sentido de contemplar com os benefícios a que têm direito os trabalhadores rurais mutilados por acidente de trabalho, correspondente

ao obtido pelos trabalhadores do campo que se aposentam por invalidez". Os trabalhos do Encontro de Mutilados foram coordenados pelo secretário da Fetag, Aloisio Carneiro, que defendeu a necessidade de uma solução, a mais rápida possível, argumentando que a legislação existente para o meio rural não atendendo às necessidades do trabalhador agrícola.

PREVENIR NOVOS ACIDENTES

Antes do início do encontro, representantes da Fundacentro fizeram uma demonstração do dispositivo de segurança, já testado desde dezembro do ano passado, na região sisaleira da Bahia e que tem como objetivo reduzir o início de acidentes no trabalho de desfibrar o sisal. Pedro Nunes da Silva, que vem utilizando o dispositivo de segurança, disse, na presença de diversos mutilados, que dá o motor de presente se o mesmo provocar acidente mutilador. A resposta vem de Pedro Maximiano dos Santos que, aos 15 anos incompletos, em 1966, perdeu o antebraço direito: "Nem por cem máquinas dessas eu trocava meu braço", desabafa.

Os trabalhadores acostumados a desfibrar o sisal estão divididos: uns acham que o equipamento, realmente, oferece segurança, enquanto outros, como Ambrósio Souza, não acreditam nessa hipótese. Da Fundacentro, participaram do encontro o engenheiro agrônomo Armando Xavier Filho; o médico do trabalho, José Neves Filho e o supervisor de segurança do trabalho, Roberto Cunha Dantas.

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

ANO LX — Rio de Janeiro, sábado, 6 de outubro de 1984 — Nº 18.595



Mutilados fazem passeata

Exibindo mãos e braços mutilados por máquinas de desfibramento de sisal, 300 trabalhadores rurais fizeram ontem uma passeata (foto) em Conceição do Coité, no sertão da Bahia, rei-

vindicando aposentadoria por invalidez à Previdência. Eles não podem voltar ao trabalho no campo — porque não conseguem mais manejar enxadas e pás — mas a legislação só concede apo-

sentadoria por invalidez a quem perder ambos os membros. O Superintendente Regional de Itapicussu, Antônio Martinelli Braga, acha o movimento justo.

Página

Crise do sisal provoca dese

Serrinhá (Dos enviados especiais — Wilson Mário e Roque Quito — da Sucursal de Feira de Santana).

A seca que vem se abatendo sobre a microrregião de Serrinhá desde abril do ano passado está provocando o não-desfibramento do sisal, concorrendo para a baixa produção da cultura, considerada como a "Rendição do Nordeste", aliada também à exploração indiscriminada dos campos de sisal, durante a boa fase, pelos produtores, que cortaram as palmas sem técnica e em quantidades bem elevadas. Além desses fatores está existindo a falta de um preço mínimo justo, segundo os produtores, que alegam que o último foi fixado pela CFP, em dezembro de 74, em Cr\$ 2,80 — linhas de crédito para a renovação dos campos de sisal, pelo Banco do Brasil e a procura da cultura do sisal pelo mercado externo, principalmente Portugal, o maior comprador.

A crise da produção do sisal já está provocando o problema social, uma vez que a cada dia, levas de retirantes deixam a região sisaleira, à procura de um trabalho a fim de sobreviverem, uma vez que a seca ocasionou o não-desfibramento do sisal, que só contri-

PARTICIPAÇÃO

Segundo o deputado estadual Plínio Carneiro participará do estudo a ser empregado na cultura do sisal os seguintes órgãos: Prosisal, Ematerba, CFP e o Banco do Brasil. "Se houver realmente a implantação do estudo, tenho certeza que resultará na renovação de 2/3 do plantio de cada produtor, para se obter a mesma quantidade que vinha sendo conseguida antes da crise, além da possibilidade de se utilizar na área liberada, 1/3, o plantio de um outro tipo de cultura que se adapte ao clima da região", falou Plínio Carneiro.

A FALTA DE CREDITOS

A falta de linhas de crédito através do Banco do Brasil que não está operando com a Carteira Agrícola, alegando falta de créditos para a linha do Proterra, está causando sérios reflexos para o agravamento da crise do sisal", esclareceu o presidente da Cooperativa Agrícola e Mista de Serrinhá, Plínio Carneiro, que adiante fez o seguinte comentário:

"Mesmo que o produtor diminuísse a produção em decorrência do sisal não permitir o seu desfibramento, em consequência da seca, ou outros fatores como o preço, poderia



Sem trabalho

estocar mais de 10 m de sisal, sem antes ouvir a Mista de Serrinhá, dores".



quência da prolongada estagem que se abate sobre a região sisaleira e tenho certeza que se ela continuar enfrentaremos uma crise sem precedentes — disse o deputado estadual Plínio Carneiro, da Arena, e presidente da Cooperativa Agrícola e Mista de Serrinha que apresentou à reportagem de A TARDE as seguintes soluções, imediatas e a longo prazo, para amenizar a crise:

— A fixação de um preço mínimo justo para o produto, em junho deste ano, para compensar a rentabilidade econômica, que por certo garantirá a permanência do homem nos campos de sisal, evitando assim o êxodo rural, que está ocorrendo em toda a região sisaleira. Mais adiante frisou o deputado Plínio Carneiro: "na minha opinião o preço mínimo a ser fixado deverá ser de Cr\$ 4.00, que representa a média da inflação de dezembro de 74 até hoje".

Como soluções a longo prazo para a crise da região sisaleira, o presidente da Cooperativa Agrícola Mista de Serrinha, Plínio Carneiro, citou:

"Linhas de crédito para o financiamento da renovação dos campos da cultura do sisal, obedecendo a tecnologias avançadas. Sobre este assunto mantive contatos com o governador Roberto Santos e com o secretário da Agricultura, Guilherme da Motta e, deles ouvi o interesse e o empenho de uma solução para o problema da crise do sisal. O secretário da Agricultura falou até nos experimentos do plantio da cultura do sisal, em uma fazenda existente na cidade de Valente. Seria um campo de experiências para se testar novas técnicas de recuperação dos pés de sisal, que se der certo poderá então salvar os campos em extinção pela falta da técnica na extração do produto".

to para a cultura do sisal, o gerente da agência do Banco do Brasil, em Serrinha, fez o seguinte esclarecimento à reportagem de A TARDE: "não foi suspenso o financiamento do sisal. A garantia do preço mínimo está sendo mantida, agora o financiamento para o plantio da cultura, este sim, foi suspenso há mais de cinco anos. Houve uma época em que o BB abriu um crédito de emergência, com juros de 7 por cento para o financiamento da recuperação dos campos de sisal. Atualmente está existindo o financiamento para a cultura do sisal para o corte e limpeza, porém com uma taxa de juros muito elevada. Os juros são de 3 por cento para o financiamento até Cr\$ 32 mil, enquanto que deste valor acima a taxa de juros eleva-se para 15 por cento. Por isso é que afirmou que o Banco do Brasil não suspendeu o crédito, o que está existindo é a falta de procura por parte dos produtores que acham os juros muito elevados".

ESTUDOS

Revelou o gerente do Banco do Brasil, Osmanir Prates Silveira que "o BB vem realizando estudos no sentido de se estabelecer financiamentos para a cultura do sisal, através do Proterra, com juros subsidiados pelo Governo. A respeito das especulações que o Banco do Brasil havia entregue à CFP o produto com cerca de 20 por cento de refugo em sua qualidade, o que teria prejudicado a venda do sisal para o exterior", disse Osmanir Silveira:

"Não houve o problema de qualidade na jurisdição do BB de Serrinha, que tem sobre o seu controle a produção de mais 12 municípios, ligados à cultura do sisal. Sobre a quantidade de sisal estocado nos armazéns do BB de Serrinha, que segundo ele dá para

indicado por este fator, um longo tempo pela queda talvez não suportasse um corte, que fatalmente seria longa estagem e os prejuízos maiores proporções. O tipo do tipo "celão", nem é barrado um pouco pegajoso e avermelhado seja o melhor tipo para o que está comprovado com o sisal do Brasil pela Osmanir Prates Silveira.

A COMPRA

Mesmo com a crise do sisal, o Brasil está comprando o produto para garantir o preço mínimo de acordo com as informações do gerente do banco só aceita comprar o sisal do produtor, se ele comprovar documentos haver ter pago o produtor. Ao exportador o BB pelo sisal tipo 3 e Cr\$ 3.69 por peso. "Posso garantir que o produto deste tempo não foi desamparado que o Banco do Brasil com o Governo continua a comprar o sisal, garantindo o preço mínimo", disse Osmanir Silveira.

"Se não existisse o sisal, não existiria. Todos aqui sobrevivem graças à cultura do sisal, que está prontos para a região. Sou produtor há 19 anos e jamais vi crise igual a esta passando, até eu que sou produtor tive que vender os produtos para comprar alimentação, a fim de evitar a fome", disse João Sancho Silveira.

No escritório do Armazém de Sisal, exportador do sisal, na tarde de sábado, os reflexos da crise eram visíveis. Inúmeros funcionários se agostavam suas dependências à espera de p

rinha,
guinte

a pro-
rmitir
a da
oderla

en-

gên-
tez o
e A
mento
está
para
penso
a em
ncia,
ncia-
sisal.
mento
impa,
leva-
o fi-
o que
va-se
rmiou
o cré-
pro-
m os

Brasil,
a rea-
elecer
atra-
s pelo
que o
o pro-
refugo
ado a
Osma-

de na
sobre
2 mu-
obre a
nazéns
para

Sem trabalho os homens concentram-se nos bares e botecos.

sisal, sem antes ouvir a Cooperativa Agrícola Mista de Serrinha, produtores e exportadores".

SUBSTITUIÇÃO DA CULTURA

"A substituição da cultura do sisal por uma outra é total suicídio para a região. Serrinha e sua microrregião estão na zona de estiagem permanente e o sisal não é prejudicado por este fator, podendo aguardar um longo tempo pela queda de chuvas, o que talvez não suportasse um outro tipo de cultura, que fatalmente seria perdida com a longa estiagem e os prejuízos seriam de maiores proporções. O terreno da região é do tipo "celão", nem é barro e nem areia. É um pouco pegajoso e avermelhado e, talvez seja o melhor tipo para o cultivo do sisal, o que está comprovado com a maior produção do sisal do Brasil pela região", disse Osmanir Prates Silveira.

A COMPRA

Mesmo com a crise do sisal o Banco do Brasil está comprando o produto a fim de garantir o preço mínimo de Cr\$ 2,80. Segundo informações do gerente do BB, o banco só aceita comprar o sisal na mão do exportador, se ele comprovar através de documentos haver ter pago o preço mínimo ao produtor. Ao exportador o BB paga Cr\$ 3,46 pelo sisal tipo 3 e Cr\$ 3,69 pelo sisal tipo 2. "Posso garantir que o produtor durante todo este tempo não foi desamparado, uma vez que o Banco do Brasil com autorização do Governo continua a comprar a cultura do sisal, garantindo o preço mínimo", disse Osmanir Silveira.

"Se não existisse o sisal isto aqui não existiria. Todos aqui sobrevivem da exploração da cultura do sisal, que impulsionou pra frente a região. Sou produtor acerca de 19 anos e jamais vi crise igual a que estamos passando, até eu que sou um pequeno sisaleiro tive que vender os motores para comprar alimentação, a fim de não morrer de fome", disse João Sancho Santana.

No escritório do Armazém Carlos Queiroz, exportador do sisal, na tarde do último sábado, os reflexos da crise eram evidentes. Inúmeros funcionários se acotovavam nas suas dependências à espera do pagamento.



Os campos de sisal estão sendo abandonados.

"Meu Deus, o que é que vou fazer agora, estou devendo no botequim do Genésio mais de Cr\$ 300,00 e somente tenho para receber Cr\$ 190,00. A mulher está aí fora aguardando por dinheiro para fazer compras. Joana, minha filha de três anos, bastante gripada, precisando de um "xarope" pra melhorar. Tenho pena de mim... me adiantem um dinheiro, não me deixem morrer de fome que eu garanto que pago o que tomar em trabalho", dizia José Israel, desfibrador.

CLIMA DE APREENSÃO

Na região sisaleira o clima é de apreensão, a cada dia a notícia corre de boca em boca: "Fechou mais um depósito de sisal". "O motor de fulano parou, os homens estão sem trabalho. João de Zefina vai embora com Pedro de Loura e Manuel das Virgens". Nos bares e botequins de Serrinha e Barrocas, os homens se reúnem no final das tardes para discutirem sobre a seca. Fazem planos de deixar a região, comentam sobre a ida para o Polo Petroquímico de Camaçari. O certo é que a cada dia levadas de retirantes deixam as cidades rumo a outras regiões em busca de trabalho.

Sem dinheiro para fixar o homem à terra os produtores de sisal nada podem fazer, a não ser dizer que o mês de maio é de chuvas para a região, porém os trabalhadores receosos de morrer de fome fazem que não estão ouvindo e com as trouxas nos ombros, mulheres e filhos atrás deixam o campo em direção à cidade grande.

Agro-
pecuária

3

Edição his
de anivers 78

20
JORNAL DA BAHIA
Vinte e Anos de História

PAGINA

A estiagem, o processo
predatório, os preços baixos
tudo anda contra o sisal
nos últimos tempos,

do de sisal vive or crise

Mas são os trabalhadores que se mostram mais insatisfeitos com a situação, queixando-se dos salários pagos na lavoura sisaleira. José Ferreira da Silva, "resideiro", (retira resíduos de máquinas desfibradeiras) num plantio em Conceição do Coité, afirmou que recebe apenas Cr\$ 200, por semana, quando em 1975 já chegou a ganhar até Cr\$ 400 semanais pelo mesmo serviço. José, que trabalha com sisal há uns 15 anos, fala que só continua no campo porque tem cinco filhos para criar. E lembra: "Muito pior é em Valente, pois lá acabou tudo. Tem gente ali que nem sei como vive".

REIVINDICAÇÕES

Além do aprimoramento da política de preços mínimos, os produtores da região reivindicam financiamento para substituição dos campos e melhor tratamento dos existentes, nova tecnologia no plantio de sisal e zoneamento para cultivo.

Para Agnaldo Ramos, produtor e empresário no município de Conceição do Coité, o problema do sisal está no preço de sustentação, que atualmente corresponde ao que estava em vigor em 1975. Para ele, a fixação de Cr\$ 4.60 para o quilo de sisal ao produtor é apenas um paliativo, "uma vez que a colheita está cada vez mais cara, sem falar na manutenção dos campos". Agnaldo considera a queda na produção do sisal este ano bastante séria: "Sobretudo em agosto, a produção caiu assustadoramente e, se muito, produziremos 80 mil toneladas este ano, o que não significa nada para uma região que já produziu 160 mil toneladas anuais, por volta de 74/75".



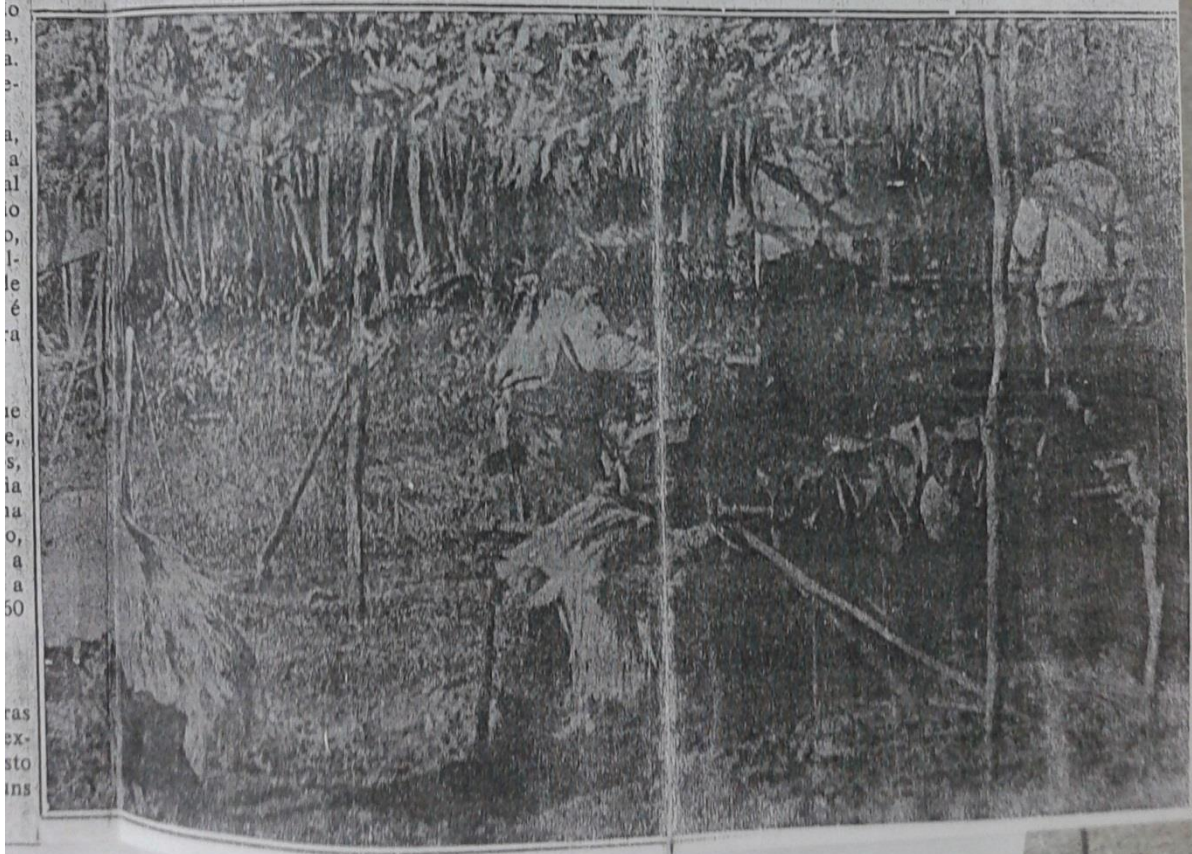
Setembro de 78

10.09.78



PAGINA

Cercado de problemas, o sisal vive sua maior crise



o
a,
a.
e-
a,
a
al
o
o,
l-
le
é
a
ie
e,
s,
ia
na
o,
a
a
50
ras
ex-
sto
ins

Resultado: a produção este ano deve cair



Por ter grande parte do território incluído no chamado Polígono da Seca, a Bahia vem registrando há alguns anos perdas quase totais na agricultura. O fato tem levado os agricultores a buscarem culturas mais resistentes, como a mamona e o sisal, deixando de plantar o feijão, milho e até a mandioca para fins comerciais.

Contudo, mesmo a lavoura sisaleira vem atravessando uma fase difícil, registrando uma queda na produção, este ano estimada em mais de 50 por cento. A crise inquieta os produtores, que afirmam ser a maior já registrada na Bahia. Nos municípios de Serrinha, Conceição do Coité, Riachão de Jaculpe e Valente, os produtores se queixam dos preços baixos, carências de mão-de-obra e dificuldades na comercialização do produto, notadamente no mercado externo, e vêem na política de preços mínimos do Governo apenas um paliativo para o problema.

USINAS FECHADAS

A crise começou há cerca de dois anos, em consequência da longa estiagem que castigou a região até o ano passado. Aliado à seca, o processo predatório na extração do sisal, além dos preços baixos, contribuiu para a escassez de mão-de-obra. Diante disso, a maioria das usinas beneficiadoras de sisal se encontra fechada, e as que resistem à crise funcionam precariamente. Segundo os produtores, cerca de 4 mil trabalhadores deixaram a região, tangidos pelo desemprego, e muitos foram absorvidos pelo Polo Petroquímico de Camaçari. Os que se submeteram aos salários irrisórios oferecidos no campo estão passando dificuldades e não têm esperanças de dias melhores. Com a evasão da mão-de-obra masculina, o trabalho que antes lhe era destinado, agora é executado por mulheres, como se pode observar na usina de beneficiamento mantida pela Cooperativa Mista dos Agricultores de Serrinha e na fábrica Sisal Gomes — Indústria Comércio e Lavoura, em Conceição do Coité.

O problema atinge também os comerciantes. Eles afirmam que até 1975 tudo corria bem em Serrinha, e a produção sisaleira:

Assegurou que, naquela época, a exportação chegou a atingir cerca de 900 dólares por tonelada preço FOB. Hoje está a 380 dólares a tonelada. Diante disso, 50 por cento dos beneficiadores fecharam suas usinas.

Já o presidente da Cooperativa de Serrinha, Plínio Carneiro, afirmou que o sisal está sofrendo com oscilações e, para muitas fases, como a beneficiamento, praticamente não há solução. Para ele, a situação poderia ser amenizada, pelo menos a longo prazo, se fossem introduzidas melhorias nas áreas de cultivo, reduzindo-se poucas e produzindo mais, a fim de diminuir os custos. Além disso, ele acha necessária a melhoria da qualidade do produto, para que possa concorrer no mercado internacional.

O presidente da Cooperativa ainda quer manter uma usina de beneficiamento na região, embora até 1975 absorvesse quase 200 operários, quando agora só conta com 30, na maioria mulheres. Também Agnaldo Ramos, mantenedor de uma usina beneficiadora de sisal até o ano passado, com 150 operários para o serviço. Logo após a queda da produção, esse número foi reduzido para 30. A produção, de 600 toneladas por mês, passou para 100 toneladas em 1977. Ele fechou a usina.

Conforme explicou Agnaldo Ramos, entre as causas da desvalorização do sisal no mercado externo está o surgimento da fibra sintética, que é mais acessível e largamente utilizada em países europeus.

A crise começou há cerca de dois anos, em consequência da longa estiagem que castigou a região até o ano passado. Aliado à seca, o processo predatório na extração do sisal, além dos preços baixos, contribuiu para a escassez de mão-de-obra. Diante disso, a maioria das usinas beneficiadoras de sisal se encontra fechada, e as que resistem à crise funcionam precariamente. Segundo os produtores, cerca de 4 mil trabalhadores deixaram a região, tangidos pelo desemprego, e muitos foram absorvidos pelo Polo Petroquímico de Camaçari. Os que se submeteram aos salários irrisórios oferecidos no campo estão passando dificuldades e não têm esperanças de dias melhores. Com a evasão da mão-de-obra masculina, o trabalho que antes lhe era destinado, agora é executado por mulheres, como se pode observar na usina de beneficiamento mantida pela Cooperativa Mista dos Agricultores de Serrinha e na fábrica Sisal Gomes — Indústria Comércio e Lavoura, em Conceição do Coité.

O problema atinge também os comerciantes. Eles afirmam que até 1975 tudo corria bem em Serrinha, refletindo a estabilidade da produção sisaleira; lembram que, na época, não só o comércio como os demais setores da atividade econômica do município eram beneficiados, não faltava trabalho para ninguém e o dinheiro corria fácil. Hoje, asseguram, não há nem comparação. O comércio caiu mesmo. Muita gente foi embora à procura de melhores condições de trabalho e os que ficaram não dispõem de poder aquisitivo, pois os salários são baixos.

RECLAMAÇÕES

Os produtores reclamam da falta de assistência por parte dos órgãos governamentais. Acentuam que não há financiamento próprio para o sisal, assistência técnica nem orientação para a melhoria da qualidade, e ameaçam abandonar a cultura, se não forem adotadas providências enérgicas. Segundo dizem, a assistência do Governo se dá apenas na área da comercialização, através da política dos preços mínimos — que, por sinal, acham abaixo dos índices satisfatórios, pois o aumento foi da ordem de 32,7 por cento, quando reivindicaram 40 por cento.

produção caiu, esse número de produção, de 600 toneladas por toneladas em 1977. Ele fech

Conforme explicou Agnaldo causas da desvalorização do terno está o surgimento da fibra mais acessível e largamente países europeus.

preços baixos
 contra o sisal
 imos tempos,
 a produção
 ano deve cair



do território incluído no
 a, a Bahia vem registran-
 quase totais na agricul-
 agricultores a buscarem
 como a mamona e o sisal,
 jão, milho e até a man-
 ais.

oura sisaleira vem atra-
 registrando uma queda
 mada em mais de 50 por
 produtores, que afirmam
 a Bahia. Nos municípios
 o Coité, Riachão de Ja-
 dutores se queixam dos
 de mão-de-obra e dificul-
 do produto, notadamente
 em na política de preços
 nas um paliativo para o

erca de dois anos, em
 estiagem que castigou a
 Aliado à seca, o processo
 do sisal, além dos preços
 escassez de mão-de-obra.
 las usinas beneficiadoras
 ada, e as que resistem à
 rriamente. Segundo os
 l trabalhadores deixaram
 emprego, e muitos foram
 químico de Camacari. Os

Assegurou que, naquela época, a exportação chegou a atingir cerca de 900 dólares por tonelada, preço FOB. Hoje está a 380 dólares a tonelada. Diante disso, 50 por cento dos beneficiadores fecharam suas usinas.

Já o presidente da Cooperativa de Serrinha, Plínio Carneiro, afirmou que o sisal está sujeito a oscilações e, para muitas fases, como a atual praticamente não há solução. Para ele, a situação poderia ser amenizada, pelo menos a longo prazo, se fossem introduzidas melhorias nas áreas, cultivando-se poucas e produzindo mais, a fim de diminuir os custos. Além disso, ele acha que é necessária a melhoria da qualidade do produto para que possa concorrer no mercado internacional.

O presidente da Cooperativa ainda consegue manter uma usina de beneficiamento na entidade, embora até 1975 absorvesse quase 200 operários, quando agora só conta com 30, na maioria mulheres. Também Agnaldo Ramos, mantinha uma usina beneficiadora de sisal até o ano passado, com 150 operários para o serviço. Logo que a produção caiu, esse número foi reduzido para 25 e a produção, de 600 toneladas por mês, passou para 60 toneladas em 1977. Ele fechou a usina.

Conforme explicou Agnaldo Ramos, entre outras causas da desvalorização do sisal no mercado externo está o surgimento da fibra sintética, de custo mais acessível e largamente utilizada em alguns países europeus.

Mas são os trabalhadores que se mostram mais insatisfeitos com a situação, queixando-se dos salários pagos na lavoura sisaleira. José Ferreira da Silva, "resideiro", (retira resíduos de máquinas desfibradeiras) num plantio em Conceição do Coité, afirmou que recebe apenas Cr\$ 200, por semana, quando em 1975 já chegou a ganhar até Cr\$ 400 semanais pelo mesmo serviço. José, que trabalha com sisal há uns 15 anos, fala que só continua no campo porque tem cinco filhos para criar. E lembra: "Muito pior é em Valente, pois lá acabou tudo. Tem gente ali que nem sei como vive".

REIVINDICAÇÕES

Além do aprimoramento da política de preços mínimos, os produtores da região reivindicam financiamento para substituição dos campos e melhor tratamento dos existentes, nova tecnologia no plantio de sisal e zoneamento para cultivo.

Para Agnaldo Ramos, produtor e empresário no município de Conceição do Coité, o problema do sisal está no preço de sustentação, que atualmente corresponde ao que estava em vigor em 1975. Para ele, a fixação de Cr\$ 4.60 para o quilo de sisal ao produtor é apenas um paliativo, "uma vez que a colheita está cada vez mais cara, sem falar na manutenção dos campos". Agnaldo considera a queda na produção do sisal este ano bastante séria: "Sobretudo em agosto, a produção caiu assustadoramente e, se muito, produziremos 80 mil toneladas este ano, o que não significa nada para uma região que já produziu 160 mil toneladas em julho de 74/75".

lor
A
che
pre
Dia
cha
J
Plir
osc
pra
pod
se
tiva
din
nec
que
C
ma
em
qua
mu
um
cor
pro
pro
ton
ca
ter
ma
pa

A TARDE

14.05.1977

JD E O SISAL

O deputado federal João Durval Carneiro compareceu à Câmara dos Deputados e durante um discurso dos mais aplaudidos pediu atenção maior das autoridades competentes para a produção na região do sisal na Bahia. Na sua fala, o deputado reivindicou a criação de um centro de pesquisa, o reajuste do preço mínimo em junho, a prorrogação por um prazo maior do pagamento dos débitos dos produtores e o restabelecimento das linhas de crédito da lavoura. Sobre o centro de pesquisa, justificou dizendo que é uma necessidade uma melhor técnica de produção e aproveitamento da fibra que corresponde a dois por cento do produto que vai ao mercado, perdendo quase a sua totalidade (98%). Segundo pudemos apurar, tal pronunciamento, repercutiu bastante nas cidades de Riachão de Jacuípe, Serrinha, Conceição do Colté, Retiroândia, Queimadas, Monte Santo, Valente, Ichu, Santa Luz e Cansanção.

"A TARDE - 20.05.77"

Deputado federal analisa crise do sisal na Bahia

FEIRA DE SANTANA
Da Suécursal

"A grande estílagem nos principais pólos produtores de sisal da Bahia, como os municípios de Riachão de Jacupe, Concelção do Collé, Serrinha, Valente, Santa Luz, Quelinadas, Cansação, Monte Santo, Ichu, Retiroândia, dentre outros, está conduzindo à paralisação dos motores de desfibramento do sisal, gerando por conseguinte, desemprego em massa dos trabalhadores que normalmente, eram absorvidos por outras atividades agrícolas e pecuárias da região", afirmou o deputado federal João Durval Carneiro, na Câmara dos Deputados na sessão do dia 5 deste mês.

Analisando os fatores que acentuaram a crise do sisal disse o deputado João Durval Carneiro: "Este ano a situação se agravou, pois, além de acumularem-se as consequências, avulta-se pela falta de crédito, que atenuava a crise. As operações creditícias vencidas em 1976, foram, em grande parte, prorrogadas para o corrente ano, juntándose às vencidas no presente exercício. E os bancos passaram a funcionar como agentes arrecadadores de créditos, ao invés de liberá-los para enfrentar a situação".

Mais adiante esclareceu o parlamentar feirense em seu pronunciamento: "Isto tem propiciado o êxodo rural e a conseqüente baixa produção regional, que já é estimada em 70 por cento. Podemos apontar ainda como causas dos problemas dos produtores de sisal a suspensão da importação pelos países europeus, principais compradores do produto no destino, a concorrência com outros países no mercado mundial, que oferecem o produto a preços mais baixos que o nosso".

"A Cacex registrou o preço da tonelada de sisal para exportação em 400 dólares e os importadores têm oferecido 370 dólares. Mesmo com essa redução, se aceita pelo Governo, os nossos exportadores teriam condições de pagar ao produtor a base de Cr\$ 3,20 por quilo, sendo que atualmente este recebe apenas Cr\$ 2,90 por quilo".

Frisou o deputado João Durval Carneiro que "o preço mínimo é fora da realidade atual, porque fixado em dezembro de 74, é sempre apontado como uma das razões de desestímulo da produção". Alertou que "seria de grande importância para a produção do sisal a criação de um centro de pesquisa, visando a melhor técnica de produção e de seu aproveitamento, vez que a fibra corres-

ponde a 2 por cento do produto, com o desperdício de 98 por cento".

O APELO

No final do seu pronunciamento disse o deputado federal arenista: "reconhecendo a segura atuação do Governo Federal na ajuda ao Nordeste, notadamente o seu apoio à região sisaleira baiana, através do Banco do Brasil, é que apelamos aos órgãos competentes no sentido de conseguirem uma proteção mais eficaz e imediata para a produção do sisal do meu Estado. A Comissão de Financiamento da Produção, pedimos o reajuste do preço mínimo em junho; ao Ministério da Agricultura encarecemos a importância da criação de um centro de pesquisa destinado a melhoria da produção e aproveitamento daquele produto e, finalmente, um veemente apelo ao Banco do Brasil para a prorrogação, por um prazo maior, do pagamento dos débitos dos produtores, bem como o restabelecimento das linhas de crédito para essa lavoura".

COORDENADORIA

A respeito das especulações existentes sobre a possível demissão, há cerca de um mês, da professora Cleolida Oliveira, da direção da 2ª Coordenadoria Regional de Educação, em Feira de Santana, dando conta de que ela teria solicitado o seu afastamento do cargo ao Governador do Estado, a referida diretora prestou certos esclarecimentos sobre o assunto:

— Estive com o governador Roberto Santos no dia 22 do mês passado, quando, na oportunidade, comuniquei o meu desejo de afastar-me da direção da 2ª. CRE, alegando excesso de trabalho e motivos particulares, tendo ele sugerido uma solução para o problema: uma licença com acúmulo de férias, a qual achei viável.

Esclareceu a professora Cleolida Oliveira que além do seu cargo na 2ª. CRE, é também titular de didática na Universidade Estadual de Educação, onde já leciona desde a época da Faculdade Estadual de Educação. "Gosto muito mais de lecionar que do serviço burocrático. Tenho o desejo de realçar-me como educadora. Atualmente estava ministrando o mínimo de aulas na UEFS. Tomei a decisão de solicitar afastamento a fim de não prejudicar o trabalho da Coordenadoria".

Segundo informações da Coordenadoria Regional de Educação o governador Roberto Santos irá entrar em contato com a liderança da Arena feirense e posteriormente tomar a decisão que achar mais conveniente sobre o assunto.

Cai produção e país pode importar sisal

Nos últimos 10 anos vem se registrando uma queda substancial na produção mundial de sisal, incluindo o Brasil, e isso que de maneira mais equívoca e inesperada essa redução "teremos no futuro" que "contar dos produtores africanos para manutenção das nossas fábricas de fios", conforme previsto pelo presidente da Sisaleira Lima Comércio e Indústria Ltda. Antônio Foinvaldo Terzan Campos Lima.

Apesar de recentes dados da FAO, apontando o Brasil em 1979 produzir 215 mil toneladas de sisal, chegando a uma média de 207 entre 82-83 e, neste ano, a produção mundial em 70 mil toneladas. Já a produção mundial em 70 mil toneladas, passando para uma média nos anos 81-82 de 480 mil toneladas. A queda não tem mais continuidade nos próximos 5 anos.

TRÓFEU

A Sisaleira Lima, que participou com 29 produtores das exportações de fibra de sisal do Estado, foi a primeira empresa baiana a receber o VIII Troféu Internacional de Exportação.

portação, promovido pela Editorial Oficina de Espinha. O prêmio foi entregue este ano no final de junho na cidade de Lima (Peru). O Comitê de Seleção do VIII Troféu Internacional de Exportação, formado por empresários oníscios para premiar a empresa exportadora com o melhor desempenho nas vendas no seguinte ano, apresentou um aumento de 287 por cento em termos de vendas, em relação ao ano anterior) e a qualidade do produto, bem como o contato junto aos importadores. A partir desse título, a Sisaleira Lima é participante do Trade Leader's Club, situado em Miami.

O exportador Foinvaldo Campos afirma que esse reconhecimento em nível internacional deve-se ao esforço empreendido no setor exportador através de ações de divulgação da empresa para conhecimento de mercado, como o impulso que deu no ano passado com vendas para a Rússia e Portugal, que havia parado de comprar do Brasil, Polônia, Itália e França principalmente. Para esse ano, a empresa pretende manter a mesma performance e, para tanto, já foram realizadas várias viagens à Europa.

Este troféu, que é entregue todos os anos em cada país, já foi contendo pelo



A produção baiana de sisal também está sendo reduzida

Grupo Editorial Oficina e diversas empresas brasileiras, como Associação dos Exportadores Brasileiros, Livry Brasileira, Cia. Brasileira de Tráfego, Equipafine e Ferramentas Máquinas e Equipamentos.

PREÇOS MAIS JUSTOS

Com relação à queda que vem ocor-

rendo de 20 anos sem a reforma necessária. Também que ter preços e escarcaria a longo prazo para o sisal de qualidade. Apesar que os produtores baianos, por exemplo, estão hoje qualificados dentro dos campos, dando um largo de abastecimento e ao a carne de sisal, mesmo quando todo o sisal baiano não é transformado em produto. Por isso, até o momento que se consegue pagar mais caro o Brasil tem que importar sisal para manter os produtos.

Quanto às exportações, também que atualmente está se vendendo mais que se tem porque o importador não sabe mais de estoques. As cotações estão em torno de 380 dólares a tonelada, mas acredita que a partir de agosto ocorre um aumento local que é preciso solucionar de governo, mas mesmo hoje para o agricultor está no faixa de 250 cruzeiros o quinto considerado por Foinvaldo muito baixo preço. Porém, que a CFP está realizando estudos para avaliação do setor.

Conforme estimativas do exportador a Bahia deverá exportar este ano pouco mais de 80 mil toneladas (preço atual de

alto produto, visto que somente do governo brasileiro é vendido cerca de 20 mil toneladas).

CONSUMO E PRODUÇÃO

Foinvaldo Campos, que participou do último encontro da FAO no final de junho, em Roma, disse que atualmente o consumo entre consumo e produção está equilibrado. O maior problema, no entanto, é quanto à concorrência dos produtores, pois tem a vantagem de pagar mais barato, não permitindo a queda em quantidade de metros em relação à fibra natural de sisal.

O último da FAO revelou que o Brasil em 1982 produziu cerca de 198 mil toneladas de sisal, diminuindo ainda esse ano para cerca de 170 mil. A África chegou à produção de 200 mil toneladas e o Brasil 200 mil. Mas a queda está sendo bem mais acentuada nas demais áreas. Segundo Foinvaldo, os africanos têm mais 30 que não são produzidos no Brasil, que produz 198 mil toneladas em 1979 — para 82 foram 215 mil. O México produziu de 140 mil em 79, para 79 mil toneladas no ano passado.

Visita à região sisaleira baiana

No próximo dia 19 estará visitando, pela primeira vez, a região sisaleira baiana, precisamente o município de Conceição do Coité, o presidente da Comissão de Fomento da Produção, Francisco Vilela, para manter contato com os produtores e conhecer mais de perto os problemas da região referentes à cultura do sisal.

A informação é do presidente da Associação dos Produtores de Sisal de Bahia — Prosisal, João Vicente Dhom da Cunha, que ontem esteve com o presidente da CFP em Brasília, tratando de assuntos de interesse da produção de sisal, especialmente os que relacionam com o próximo reajuste dos preços mínimos do produto para a safra 84/85.

Na oportunidade, João Vicente fez entrega ao dirigente da CFP de um minucioso trabalho sobre os custos atuais de produção. Disse que, quanto aos preços mínimos, está confiante de que haverá uma solução que atenda às reivindicações feitas, pois notou que houve rejeição da parte da CFP para evitar quedas na produtividade e manter os níveis de emprego numa área desprovida de outras alternativas econômicas.

João Vicente afirmou que está convidando todos os segmentos do sisal para acompanhar a visita do presidente Francisco Vilela, e que os produtores estão confiantes de que desta vez haverá uma solução justa para o peão que os agricultores têm formulado no sentido que haja preços remunerativos para o produto.

CONCEIÇÃO DO COITE (Ca. 07-84)

Seca desemprega 200 mil trabalhadores

Desesperados com a seca, que já provocou o abandono de muitas roças e a suspensão de praticamente toda a atividade de desfibramento do sisal, que emprega mais de 200 mil pessoas, os trabalhadores rurais da região sisaleira da Bahia vão realçar, amanhã, uma passeata pelas ruas de Conceição do Coité, município distante 210 quilômetros de Salvador. O objetivo da manifestação é chamar atenção do Governo do Estado para os graves problemas da região.

— Queremos colocar cinco mil trabalhadores nas ruas — prometeu Irineu José de Brito, secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Coité.

Segundo Irineu as folhas do sisal murcharam com a seca, o

que tornou impossível a extração das fibras do produto nas máquinas. Ele informou que os trabalhadores rurais estão passando fome na região e que muitas famílias já começaram a migrar para Salvador, em busca de emprego.

Também na avaliação do empresário João Vicente, presidente da Associação dos Produtores de Sisal da Bahia (Prosisal) a situação da região sisaleira do Estado "é de calamidade pública". De acordo com Vicente, o quadro é mais grave nos municípios de Conceição do Coité, Retrolândia, Capim Grosso, Campo Formoso, Queimadas e Santa Luz, onde grande parte dos trabalhadores rurais está sobrevivendo de esmola.

Cai produção

Nos últimos 10 anos vem se registrando uma queda substancial na produção mundial de sisal, incluindo o Brasil, se bem que de maneira mais equilibrada e, caso persista essa redução "teremos no futuro que importar dos produtores africanos para manutenção das nossas fábricas de fios", conforme previsão feita pelo presidente da Sisaleira Lima Comércio e Indústria Ltda, Antônio Florisvaldo Tarzan Carneiro Lima.

Ao divulgar recentes dados da FAO, apontou que o Brasil em 1970 produzia 215 mil toneladas de sisal, chegando a uma média de 207 entre 82/83 e, neste ano, a estimativa gira em torno de 130 mil toneladas. Já a produção mundial em 70 era de 764 mil toneladas, passando para uma média nos anos 81/83 de 460 mil toneladas. A queda foi bem mais acentuada nos países africanos.

TROFÉU

A Sisaleira Lima, que participa com 29 por cento das exportações de fibra de sisal do estado, foi a primeira empresa baiana e a única do mundo no segmento sisaleiro a receber o VIII Troféu Internacional de Ex-

portação, promovido pela Editorial Office, da Espanha. O prêmio foi entregue este ano no final de junho na cidade de Lima (Peru). O Comitê de Seleção do VIII Troféu Internacional de Exportação tomou como principais critérios para premiar a empresa baiana os seguintes itens: crescimento nas exportações (em 1983 apresentou um aumento de 267 por cento em termos de valores, em relação ao ano anterior) e a qualidade do produto, bem como o conceito junto aos importadores. A partir desse troféu, a sisaleira passa a participar do "Trade Leader's Club", situado em Madri.

O exportador Florisvaldo Carneiro afirmou que esse reconhecimento em nível internacional deveu-se ao esforço empreendido no setor exportador através de viagens de dirigentes da empresa para conhecimento de mercado, como o impulso que deu no ano passado com vendas para a Rússia e Portugal, que havia parado de comprar do Brasil, Polônia, Itália e França, principalmente. Para esse ano, a empresa pretende manter a mesma performance e, para tanto, já foram realizadas várias viagens à Europa.

Esse troféu, que é entregue todos os anos em cada país, já foi conferido pelo

Visita à região sisaleira baiana

No próximo dia 19 estará visitando, pela primeira vez, a região sisaleira baiana, precisamente o município de Conceição do Coité, o presidente da Companhia de Financiamento da Produção, Francisco Vilela, para manter contatos com os produtores e conhecer mais de perto os problemas da região referentes à cultura do sisal.

CONCEIÇÃO

Seca d
mil tr

que e entregue todos os
is, já foi conferido pelo

Com relação à queda que vem ocor-

pos e plantar sisal. Au

CONCEIÇÃO DO COITÉ (ca. 07-84)

Seca desemprega 200 mil trabalhadores

Desesperados com a seca, que já provocou o abandono de muitas roças e a suspensão de praticamente toda a atividade de desfibramento do sisal, que emprega mais de 200 mil pessoas, os trabalhadores rurais da região sisaleira da Bahia vão realizar, amanhã, uma passeata pelas ruas de Conceição do Coité, município distante 210 quilômetros de Salvador. O objetivo da manifestação é chamar atenção do Governo do Estado para os graves problemas da região.

— Queremos colocar cinco mil trabalhadores nas ruas — prometeu Irineu José de Brito, secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Coité.

Segundo Irineu as folhas do sisal murcharam com a seca, o

que tornou impossível a extração das fibras do produto nas máquinas. Ele informou que os trabalhadores rurais estão passando fome na região e que muitas famílias já começaram a migrar para Salvador, em busca de emprego.

Também na avaliação do empresário João Vicente, presidente da Associação dos Produtores de Sisal da Bahia (Prosisal) a situação da região sisaleira do Estado “é de calamidade pública”. De acordo com Vicente, o quadro é mais grave nos municípios de Conceição do Coité, Retirolândia, Capim Grosso, Campo Formoso, Queimadas e Santa Luz, “onde grande parte dos trabalhadores rurais está sobrevivendo de esmolas”.

A Sisaleira Lima, que participa com 29 por cento das exportações de fibra de sisal do estado, foi a primeira empresa baiana e a única do mundo no segmento sisaleiro a receber o VIII Troféu Internacional de Ex-

pretende manter a mesma política para tanto, já foram realizadas viagens à Europa.

Esse troféu, que é entregue a cada dois anos em cada país, já foi o

Visita à região sisaleira baiana

No próximo dia 19 estará visitando, pela primeira vez, a região sisaleira baiana, precisamente o município de Conceição do Coité, o presidente da Companhia de Financiamento da Produção, Francisco Vilela, para manter contatos com os produtores e conhecer mais de perto os problemas da região referentes à cultura do sisal.

A informação é do presidente da Associação dos Produtores de Sisal da Bahia — Prosisal, João Vicente Dhom da Cunha, que ontem esteve com o presidente da CFP, em Brasília, tratando de assuntos de interesse da produção de sisal, especialmente os que relacionam com a próxima fixação dos preços mínimos do produto para a safra 84/85.

Na oportunidade, João Vicente fez entrega ao dirigente da CFP de um minucioso trabalho sobre os custos atuais da produção. Disse que, quanto aos preços mínimos, está confiante de que haverá uma solução que atenda às reivindicações feitas, pois notou que houve receptividade da parte da CFP, para evitar quedas na produção e manter os níveis de emprego numa área desprovida de outras alternativas econômicas.

João Vicente afirmou que está convidando todos os segmentos do sisal para acompanhar a visita do presidente Francisco Vilela, e que os produtores estão confiantes de que desta vez haverá uma solução justa para o pleito que os agricultores têm formulado no sentido que haja preços remunerativos para o produto.

CONC

Se
mi

Deses
já provo
tas roça
cament
desfibr
prega n
os trab
gião sis
alizer, a
pelas r
Coité,
quilôme
jetivo c
mar ate
tado pa
da regiã
— Que
trabalh
meteu I
cretario
balhado
ção do C
Segun
sisal mu

PANORAMA, 1 A 14/AGOSTO/84
- REVISTA -

REGIÃO SISALEIRA

Novo dispositivo evita acidentes

O Fundacentro, órgão vinculado ao Ministério do Trabalho, está desenvolvendo um projeto de prevenção de acidentes na região sisaleira, com o objetivo de "evitar acidentes mutilantes no ato de desfibrar o sisal, já que a incidência é bastante acentuada", segundo o engenheiro agrônomo Armando Barbosa Xavier Filho, coordenador regional do projeto.

Este projeto consiste em, além de orientar o trabalhador, desenvolver um dispositivo de segurança para a chamada "máquina paraibana". O dispositivo encontra-se em fase final de testes, depois que um técnico veio de São Paulo para concebê-lo. Armando Barbosa acredita que a patente deve ser aprovada pelo Ministério do Trabalho até dezembro. Falta apenas resolver o problema de corrosão.

Em várias fazendas da região e dispositivo já foi implantado, verificando-se uma drástica diminuição do índice de acidentes. Pioneiro na utilização do novo dispositivo, Pedro Nunes da Silva, produtor de Santa Luz, atestou 100 por

cento de resultados depois de sete meses.

Durante a II Feira Exposição de Artesanato e Pequenos Animais de Santa Luz, atestou 100 por cento de resultados depois de sete meses.

Durante a II Feira Exposição de Artesanato e Pequenos Animais de Santa Luz, o Fundacentro expôs e distribuiu manuais para o trabalhador prevenir-se contra acidentes. Segundo Armando Barbosa, numa iniciativa dos sindicatos dos trabalhadores rurais da região, será realizada dia 17 de agosto uma reunião dos mutilados, em Conceição do Coité, a fim de fazer um levantamento do número desses trabalhadores prejudicados.

O Fundacentro é mantido com 1 por cento da arrecadação nacional do INPS. No momento, está sendo desenvolvido este projeto, sob a coordenação de Armando Barbosa e o médico do trabalho José Neves Filho. Visa estudar e pesquisar sobre prevenção de acidentes de trabalho na área rural, urbana, petroquímica, civil e mineração.

SISAL

qualidade, que não precisa dar o tempo da máquina e rende mais." Respiração ofegante, ele explica e volta para a luta. Fernando liquida 10 fardos de 240 quilos de sisal por dia. Bate umas 15 a 16 toneladas por semana. Coisa para Mike Tyson nenhum botar defeito.

Antes de enfrentar os punhos de Fernando, o mesmo sisal trava outro round. Um braço-de-ferro de vida ou morte com o cevador, no campo. São os cevadores que vão despolpar a folha do sisal até reduzi-la a um feixe de fibras, que depois de seco vai para as bateadeiras. O cevador é quem paga o preço mais alto pelo primitivismo tecnológico desta cultura, tristemente famosa pela legião de mutilados que já produziu, cerca de 1.600 na região sisaleira da Bahia (GLOBO RURAL 91). Ademar Ferreira dos Santos está ali, no meio da plantação, o corpo todo encapotado, num calor de 38°C. Mas é melhor suar do que agüentar a coceira brutal que o resíduo da planta causa na pele. As mãos porém, as mãos estão protegidas apenas por uma luva de borracha e disputam com uma maquininha barulhenta o controle sobre as folhas do sisal. A "paraibana", nome da gerigonça, que cospe fogo e bagaço por todos os lados, tem um rebolo dentado, formado por hastes afiadas como faca. Ela gira velozmente tentando engolir as folhas da planta. O que a impede de fazer isso é a mão do cevador, que puxa



Ademar despolpa a folha para obter 3% de fibra

em sentido contrário para desfibrar o sisal. Quando a máquina vence, engole a fibra. Não raro, leva a mão junto.

Existe um equipamento chamado bocal, que funciona como trava de segurança e evita que a mão do cevador seja decepada num momento de descuido. Existem também máquinas automáticas que dispensam a própria presença do cevador... Mas Ademar não quer nem ouvir falar nisso. Estamos no interior do Nordeste, onde o desemprego e o subemprego atingem 40% da força de trabalho. Entre a "paraibana" e Ademar não há qualquer intermediário. É a força dela contra a precisão dele. Cara a cara com o perigo, como acontece com as de-

mais 10 mil "paraibanas" espalhadas na região sisaleira da Bahia. "Com o bocal, a produção cai de 600 quilos por dia para uns 400 quilos. Perco mais de 30%", explica esse cevador com cara de menino, que já tem um filho e está começando a vida. Prefere arriscar seu corpo a arriscar perder 30% de seu inacreditável salário de meio mínimo por mês.

O futuro do sisal é tão nebuloso quanto o interior poeirento de uma bateadeira. A aposta que o pessoal de Valente fez é de que consegue achar um atalho no meio desse nevoeiro. Tem gente que não acredita. Adolfo de Oliveira não tem tempo de pensar no futuro. O que ele sabe é que o gado está morrendo de fome, e o sisal, murcho e sem preço, não vale mais o chão que ocupa. Ele pica com força as folhas da planta e vai liberando a roça para um gado tão murcho quanto o sisal e que avança sem cerimônia. "Mais de 30% das roças estão sendo queimadas para virar pasto", calcula Florisvaldo da Cunha, o "seu Tuma", que olha tudo aquilo com ar mais sério que de hábito.

O pessoal da bateadeira comunitária não vê saída nessa pecuarização dos desesperados. Eles têm uma resposta na ponta da língua para tudo e explicam por quê. Uma vaca, dizem, bebe 53 litros de água por dia. Dá só um burrego a cada dois anos. É preferível ter oito cabras, garantem. Elas bebem menos água, 48 litros por dia e dão uns 15 filhotes por ano. E o que é melhor. Aceitam bem uma ração que aproveita o bagaço do sisal e que está sendo testada por eles em convênio com uma fundação dos Estados Unidos. O pessoal da bateadeira comunitária pode até não conseguir tudo o que pretende. Mas uma coisa é certa. Eles sabem o que querem. Agarraram seu destino com vontade e honraram a história de uma cidade que herdou seu nome de um boi bravo que morreu lutando. De hoje em diante, valentia também é marca registrada desse povo sacudido do sisal. ■



Bateadeira de Valente (BA): ensaio de futuro com iniciativa local

A TARDE — TERÇA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 1988



Os mutilados do sisal são os personagens principais de Fibra, de Fernando Belens.

FIBRA

Fernando Belens é outro que coleciona prêmios. Em 1973, com *Viva o Cinema*, ganhou o prêmio de melhor filme experimental no 2º Festival de Cinema do Recife. Em 1975, com *Experiência I*, ganhou o prêmio de melhor fotografia na 2ª Jornada Nordestina de Curta-Metragem. Em 1979, com *Experiência II*, ganhou o prêmio de melhor roteiro no 5º Festival de Cinema de Sergipe. Em 1981, com *Crianças de Mundo Novo*, ganhou o prêmio de melhor fotografia no Festival de Cinema de Maceió. Em 1984, com *Crianças do Morro da Sereia*, ganhou os prêmios de melhor filme e melhor roteiro no 6º Festival de Cinema de Sergipe. Este ano, com *Fibra* recebeu o Prêmio Del'Arte de 16mm, no 2º Rio Cine Festival.

Sobre o que é Fibra declara: conto a história dos mutilados do sisal.

"Situada a 240 quilômetros de Salvador, fica a cidade de Coceição do Coité, principal centro produtor de sisal do estado, que é o maior produtor entre todos do Brasil. Este filme se propõe a contar a história dos homens que, com o sacrifício do próprio corpo, contribuíram para que esta riqueza existisse. Reunidos em uma associação, os mutilados da região do sisal chegam à impressionante cifra de mil pessoas. Sendo um filme sobre trabalhadores rurais, pretendemos penetrar no imaginário dos entrevistados, através das formas de resistir ao trágico fato de tornar-se um deficiente físico; a mutilação não é a finalidade do filme e sim as formas de resistir a mais esta violência da forma de trabalho. Ao fundo, uma encenação clássica, tendo como modelo "Os Retirantes" de Portinari. O ambiente onde acontece a ação é surreal: uma fogueira queima ao longe, uma coluna de fumaça branca, outra de fumaça negra pontuam o ambiente, uma bandeira, e sempre, sempre o som do povo, na boca do dono".



leciona
inema,
me
Cinema
ência

tina de

o de
Cinema
ças de
o de
e

om
anhou
nelhor
a de
tebeu
o 2º Rio

onto a

"Situada a 240 quilômetros de Salvador, fica a cidade de Coiceição do Coité, principal centro produtor de sisal do estado, que é o maior produtor entre todos do Brasil. Este filme se propõe a contar a história dos homens que, com o sacrifício do próprio corpo, contribuíram para que esta riqueza existisse. Reunidos em uma associação, os mutilados da região do sisal chegam à impressionante cifra de mil pessoas. Sendo um filme sobre trabalhadores rurais, pretendemos penetrar no imaginário dos entrevistados, através das formas de resistir ao trágico fato de tornar-se um deficiente físico; a mutilação não é a finalidade do filme e sim as formas de resistir a mais esta violência da forma de trabalho. Ao fundo, uma encenação clássica, tendo como modelo "Os Retirantes" de Portinari. O ambiente onde acontece a ação é surreal: uma fogueira queima ao longe, uma coluna de fumaça branca, outra de fumaça negra pontuam o ambiente, uma bandeira, e sempre, sempre o som do povo, na boca do dono".

mente serem considerados inválidos. Esse "amparo social" ainda está em fase prematura de estudos e por isso eu não devo entrar em detalhes agora — argumentou o superintendente do INPS.

SARCASMO

Minutos antes de ter visto o mutilado trabalhando no "motor paraibano", Martinelli Braga anunciava na assembleia, realizada na Associação Cultural Castro Alves, uma "exposição de motivos" enviada ao ministro Jarbas Passarinho, na qual defendia categoricamente a aposentadoria para os trabalhadores vitimados. O superintendente do INPS mudara radicalmente de posição, pois nos dois meses que antecederam a assembleia ele chegou a fazer declarações sarcásticas para combater a proposta de aposentadoria.

Primeiro ele declarou que os mutilados provavam que têm condições de sobrevivência ao participarem das manifestações pela aposentadoria. E à Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa do Estado, conforme noticiou o "Jornal da Bahia" na edição de 4 de setembro último, Braga chegou a dizer que esses inválidos, embora não pudessem continuar trabalhando no campo, poderiam ser advogados e até deputados. Com esta última declaração, Martinelli arrancou do deputado Daniel Gomes, do PMDB, uma pergunta embaraçosa e que não foi respondida: "Eles podem ser diretores do INPS?"

No cômputo geral, e com a particular confusão de posições do superintendente do INPS, a assembleia do dia 5, precedida de uma passeata pelas ruas centrais de Conceição do Coité, serviu basicamente para descortinar uma série de interpretações equivocadas sobre a aposentadoria dos mutilados do sisal. Concluiu-se que esse tão almejado benefício só chegará na região sisaleira por decisão única e exclusiva do governo federal, mais precisamente do general João Batista de Figueiredo.

POSIÇÃO CONCRETA

Essa centralização de poder em mãos do presidente da República foi explicada pelo deputado federal Domingos Leonelli (PMDB-BA), que esteve presente à reunião dos mutilados com mais seis deputados estaduais baianos. Segundo ele, uma das tantas emendas feitas na Constituição, "no auge desse governo autoritário", diz que o Poder Legislativo não pode criar leis que resultem em gastos para a União. Logo, acrescenta o deputado, só o presidente da República pode, por intermédio de

um decreto-lei, determinar a aposentadoria para os mutilados do sisal, ou, se for o caso, endossar uma iniciativa do ministro Jarbas Passarinho, que poderia ser esboçada na forma de um projeto de lei.

— O governo tem utilizado muito o famigerado decreto-lei para prejudicar o povo brasileiro. Está na hora de utilizá-lo em favor dos trabalhadores rurais da região sisaleira e, se o fizer, o problema poderá ser resolvido num período de 45 dias, que é o prazo legal de tramitação

tação sobre a decisão do governo federal.

Com relação aos gastos que serão arcados pela União, caso a aposentadoria seja concedida, vale ressaltar as reveiações feitas pelo deputado estadual Florivaldo Carneiro, que também esteve na assembleia do dia 5. Em valores aproximados, ele disse que a exportação do sisal baiano rende aos cofres públicos Cr\$90 bilhões e a arrecadação de ICM na região sisaleira chega a alcançar Cr\$13 bilhões. Além



A. C. Magalhães

Os dispositivos de segurança não convenceram

do decreto no Congresso Nacional — esclareceu, ainda, Domingos Leonelli.

Diante deste esclarecimento feito pelo deputado federal baiano, resta saber agora se o superintendente do INPS assumirá finalmente uma posição concreta, seja mantendo a "exposição de motivos" enviada ao ministro da Previdência, ou reforçando a tese do tal "amparo social", remetendo a Jarbas Passarinho as fotos do mutilado trabalhando no "motor paraibano". Isto quer dizer que praticamente está nas mãos de Antônio Carlos Martinelli Braga a orien-

desse dados fornecidos pelo deputado. deve-se considerar uma informação prestada por Martinelli Braga, segundo a qual a Previdência Social mantém "rigorosamente em dia" os seus compromissos na região sisaleira, o que é um privilégio diante da trágica situação do ministério dirigido por Jarbas Passarinho.

AMPARO LEGAL

No bojo de todas as discussões de ordem legal que tomaram conta da

mente serem considerados inválidos. Esse “amparo social” ainda está em fase prematura de estudos e por isso eu não devo entrar em detalhes agora — argumentou o superintendente do INPS.

SARCASMO

Minutos antes de ter visto o mutilado trabalhando no “motor paraibano”, Martinelli Braga anunciava na assembléia, realizada na Associação Cultural Castro Alves, uma “exposição de motivos” enviada ao ministro Jarbas Passarinho, na qual defendia categoricamente a aposentadoria para os trabalhadores vitimados. O superintendente do INPS mudara radicalmente de posição, pois nos dois meses que antecederam a assembléia ele chegou a fazer declarações sarcásticas para combater a proposta de aposentadoria.

Primeiro ele declarou que os mutilados provavam que têm condições de sobrevivência ao participarem das manifestações pela aposentadoria. E à Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa do Estado, conforme noticiou o “Jornal da Bahia” na edição de 4 de setembro último, Braga chegou a dizer que esses inválidos, embora não pudessem continuar trabalhando no campo, poderiam ser advogados e até deputados. Com esta última declaração, Martinelli arrancou do deputado Daniel Gomes, do PMDB, uma pergunta embaraçosa e que não foi respondida: “Eles podem ser diretores do INPS?”.

No cômputo geral, e com a particular confusão de posições do superintendente do INPS, a assembléia do dia 5,

um decreto-lei, determinaria para os mutilados, por o caso, endossar um ministro Jarbas Passarinho ser esboçada na forma de lei.

— O governo tem utilizado famigerado decreto-lei para o povo brasileiro. Está na mão em favor dos trabalhadores região sisaleira e, se o fizer, poderá ser resolvido num dia, que é o prazo legal



poderiam ser advogados e até deputados. Com esta última declaração, Martinelli arrancou do deputado Daniel Gomes, do PMDB, uma pergunta embaraçosa e que não foi respondida: "Eles podem ser diretores do INPS?"

No cômputo geral, e com a particular confusão de posições do superintendente do INPS, a assembléia do dia 5, precedida de uma passeata pelas ruas centrais de Conceição do Coité, serviu basicamente para descortinar uma série de interpretações equivocadas sobre a aposentadoria dos mutilados do sisal. Concluiu-se que esse tão almejado benefício só chegará na região sisaleira por decisão única e exclusiva do governo federal, mais precisamente do general João Batista de Figueiredo.

POSIÇÃO CONCRETA

2

Essa centralização de poder em mãos do presidente da República foi explicada pelo deputado federal Domingos Leonelli (PMDB-BA), que esteve presente à reunião dos mutilados com mais seis deputados estaduais baianos. Segundo ele, uma das tantas emendas feitas na Constituição, "no auge desse governo autoritário", diz que o Poder Legislativo não pode criar leis que resultem em gastos para a União. Logo, acrescenta o deputado, só o presidente da República pode, por intermédio de



A. C. Magalhães

do decreto no Congresso esclareceu, ainda, Dom

Diante deste esclarecimento pelo deputado federal saber agora se o superintendente do INPS assumirá finalmente uma posição concreta, seja mantendo os atuais motivos" enviada ao Congresso em audiência, ou reforçando os motivos "amparo social", reme- Passarinho as fotos do acidente olhando no "motor paraibano" e dizer que praticamente e Antônio Carlos Martinelli

um decreto-lei, determinar a aposentadoria para os mutilados do sisal, ou, se for o caso, endossar uma iniciativa do ministro Jarbas Passarinho, que poderia ser esboçada na forma de um projeto de lei.

— O governo tem utilizado muito o famigerado decreto-lei para prejudicar o povo brasileiro. Está na hora de utilizá-lo em favor dos trabalhadores rurais da região sisaleira e, se o fizer, o problema poderá ser resolvido num período de 45 dias, que é o prazo legal de tramitação

sobre a decisão a ser tomada pelo governo federal.

Com relação aos gastos que serão arcados pela União, caso a aposentadoria seja concedida, vale ressaltar as revelações feitas pelo deputado estadual Florisvaldo Carneiro, que também esteve na assembleia do dia 5. Em valores aproximados, ele disse que a exportação do sisal baiano rende aos cofres públicos Cr\$90 bilhões e a arrecadação de ICM na região sisaleira chega a alcançar Cr\$13 bilhões. Além





A. C. Magalhães

Os dispositivos de segurança não convenceram

do decreto no Congresso Nacional — esclareceu, ainda, Domingos Leonelli.

Diante deste esclarecimento feito pelo deputado federal baiano, resta saber agora se o superintendente do INPS assumirá finalmente uma posição concreta, seja mantendo a "exposição de motivos" enviada ao ministro da Previdência, ou reforçando a tese do tal "amparo social", remetendo a Jarbas Passarinho as fotos do mutilado trabalhando no "motor paraibano". Isto quer dizer que praticamente está nas mãos de Antônio Carlos Martinelli Braga a orien-

desses dados fornecidos pelo deputado, deve-se considerar uma informação prestada por Martinelli Braga, segundo a qual a Previdência Social mantém rigorosamente em dia os seus compromissos na região sisaleira, o que é um privilégio diante da trágica situação do ministério dirigido por Jarbas Passarinho.

AMPARO LEGAL

No bojo de todas as discussões de ordem legal que tomaram conta da



Desde cedo, a sobrevivência cobra dos mais jovens o trabalho na agricultura e no garimpo



Média salarial de crianças e adolescentes que trabalham na lavoura de sisal não passa de R\$19

Trabalho infantil será combatido na Bahia

Com o título nada honroso de campeã brasileira na exploração do trabalho infantil, a Bahia pretende mudar radicalmente este quadro, a partir de janeiro, quando inicia uma espécie de mutirão envolvendo 27 municípios da região sisaleira do estado. As ações vão mobilizar técnicos estaduais, municipais e federais, sindicatos, universidades, entidades não-governamentais e organismos internacionais, como a OIT e o Unicef, e deverá cadastrar mais de 100 mil famílias. O trabalho infantil na região envolve, principalmente, crianças de cinco a nove anos, que chegam a ter uma jornada diária superior a oito horas. Na região, o índice de analfabetismo é superior a 50%.

Texto: Adilson Fonseca

O governo do estado resolveu mobilizar toda a máquina administrativa para combater a exploração do trabalho infantil na Bahia. A partir de janeiro, vai iniciar um mutirão para cadastrar famílias que têm crianças trabalhando em regime de semi-escravidão na região do sisal e iniciar uma série de ações nas áreas de saúde, trabalho, educação e promoção social, com vistas a tirar da Bahia o título de campeã brasileira no uso de crianças no trabalho semi-escravo.

As ações, coordenadas pelo governo federal, através do Ministério da Previdência, servirão de modelo para outras unidades da federação. Começarão com o cadastramento de 4.800 famílias na região rural dos municípios de Santa Luz (Retrolândia, localizadas no centro da região sisaleira do estado). O trabalho vai mobilizar técnicos das diversas secretarias estaduais, como Trabalho e Ação Social, Saúde, Educação e Justiça, além da Universidade Federal da Bahia, indicados rurais e entidades não-governamentais, governo federal e organismos internacionais como o NICEF e a Organização Internacional do Trabalho.

Em todo o estado, segundo levantamento do IBGE concluído no passado e somente agora divulgado, existem 69.516 menores explorados no trabalho, de cinco a nove anos. Minas Gerais aparece na segunda colocação, com 52.624, e estado último colocado é Rondônia, com 378 crianças nesta situação. Em todo o País, o IBGE cata-

logou 522.185 menores, sendo que a Bahia responde por mais de 10% do total. Na região Nordeste, as crianças exploradas representam cerca de 50% do total no Brasil, com 266.018 menores trabalhando, em sua maioria no campo.

Ação Criança

O secretário estadual do Trabalho e Ação Social, Eraldo Rocha, anunciou que, a partir de janeiro, vai iniciar uma ação estruturada para reverter este quadro na Bahia. "O que vemos agora é uma mobilização ampla, envolvendo toda a sociedade, com ações globalizadas e abrangentes", afirmou. O plano, atacando não só o problema da exploração do trabalho infantil, mas de condições de saúde, educação e emprego, entre outras", disse, explicando que o programa faz parte de um trabalho que já vem sendo realizado em algumas regiões do estado, denominado Ação Criança.

O secretário Eraldo Rocha pretende não criar expectativas quanto aos resultados a curto prazo e muito menos prazos, mas explica que o trabalho vai consistir na mobilização permanente de setores da sociedade, principalmente na busca de recursos, tendo o governo do estado e os ministérios da Educação e da Previdência iniciado os primeiros investimentos. O MEC, por exemplo, já assegurou a educação básica às crianças nos 27 municípios onde o programa será implantado e o governo do estado, juntamente



Governo tem projeto para educação e saúde em regiões carentes

com a Universidade Federal da Bahia, vai iniciar em janeiro o cadastramento das primeiras 4.800 famílias dos municípios de Santa Luz e Retrolândia, de um total de 100 imóveis na zona rural na região. Nos 27 municípios sisaleiros, vivem aproximadamente 800 mil pessoas e o índice de analfabetismo beira os 80%.

Segundo Eraldo Rocha, o programa começará pela região produtora de sisal e vai atacar com ações

Maior exploração é no sisal

A região do sisal foi escolhida porque lá se desenvolve um trabalho de Procuradoria Geral do Estado de acompanhamento da exploração da mão-de-obra infantil, desde 1993. A região, que engloba 27 municípios, tem no sisal a sua principal base econômica e é também uma das áreas mais secas em todo o estado, com elevado índice de analfabetismo e desnutrição e de precaríssimas condições socio-econômicas. Na região estão alguns dos campos da fome no Brasil, como Monte Santo, Araci, Nordestina e Camarão.

Na região entre Santa Luz e Queimadas, por exemplo, além do trabalho nas lavouras de sisal, crianças também são largamente exploradas nas pedreiras e na extração de ouro no leito do Rio Iapacuru. Neste ano, a Comissão dos Direitos da Criança e do Adolescente Expostos ao Trabalho na Região Sisaleira conseguiu coletar dados nos municípios de Retrolândia, Conceição da Costa, Riachão do Jacuipê, PE de Serra, Nordestina, Capim Grosso, Quixabeira, Serra Preta, Tucano, Quixabeira e Quijingó, e verificou que 22% das crianças de cinco a nove anos trabalham em regime de semi-escravidão nas lavouras, 33,6% das crianças de 10 a 13 anos, 26,6% das situadas na faixa dos 14 a 18 anos e outras 17% sem registros.

Do total das 2.179 crianças pesquisadas, verificou-se que 60% trabalhavam e estudavam e a média salarial era de R\$19, 40% cumpriam uma jornada de trabalho de quatro horas diárias, 38% oito horas por dia, e 20% delas tinham jornada superior a 20 horas/dia. Das famílias, 32% tinham renda de até R\$40 mensais e outras 11,8%, com R\$30 por mês. Apenas 28% das famílias recebiam R\$100 mensais como renda.

Líder em miséria absoluta

A região sisaleira compreende três áreas distintas do estado: Nordeste, que vai de Euclides da Cunha até Serrinha, passando por Monte Santo e Araci; Paragominas, compreende a área do Rio Jacuipê e o Piemonte da Chapada Diamantina, que vai de Campo Formoso até Capim Grosso, passando por Jacobina e Otrolândia. O clima é semi-árido, com índice pluviométrico anual inferior a 1000mm (média nacional, de 1.800 milímetros) por ano.

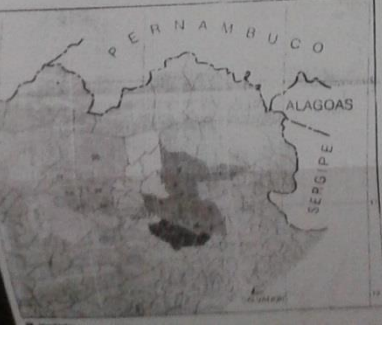
A vegetação é de caatinga e cerrado. Em 1991, data do último censo do IBGE, a região abrigava 757.165 habitantes, correspondendo a 6,4% da população do estado. Setenta e cinco por cento dela vivem na zona rural. Nos últimos anos, por causa da seca, o sisal, principal base econômica da região, sofreu uma queda de 30% a 37% em relação à década passada. Neste ano, a produção sisaleira ficou em torno de 95 mil toneladas, com uma queda de 36% em relação a cinco anos atrás.

Em 1991, quando o Mapa de Fome foi elaborado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, a Bahia apareceu como o quarto estado em número proporcional de indígenas no Brasil e o primeiro em número absoluto de famílias vivendo na miséria absoluta. Na região, a média da população que tem renda até um salário mínimo chega a 80% a taxa de mortalidade infantil atinge até 43%, como em Retrolândia. No que se refere aos índices de sobrevivência de crianças de zero a seis anos na região, apenas os municípios de Jacobina e Valente apresentaram melhores condições. Os demais apresentaram, segundo os dados do IBGE, índices considerados precários.

Esforço sem remuneração

Do total de 69.516 crianças exploradas no trabalho na Bahia, 61.082 situam-se na zona rural, conforme a pesquisa nacional por amostragem de domicílio, feita pelo IBGE no ano passado e divulgada esta semana. No Brasil, conforme a pesquisa, das 16,3 milhões de crianças, no ano passado, 522.185 estavam no mercado de trabalho, todas elas situadas na faixa entre cinco e nove anos de idade. Desse total, 481.335, ou o equivalente a 92,2%, não recebiam qualquer tipo de remuneração.

| Estados | Atividade Agrícola | Atividade Urbana | Total |
|---------------------|--------------------|------------------|--------|
| Bahia | 61.082 | 9.434 | 70.516 |
| Minas Gerais | 43.316 | 9.088 | 52.404 |
| Mato Grosso | 45.237 | 11.599 | 56.836 |
| Maranhão | 37.334 | 6.487 | 43.821 |
| Ceará | 34.224 | 5.294 | 39.518 |
| Paraná | 38.042 | 4.956 | 43.000 |
| Rio Grande do Sul | 33.647 | 0 | 33.647 |
| Pernambuco | 25.725 | 0 | 25.725 |
| Santa Catarina | 12.883 | 1.043 | 13.926 |
| Paraná | 7.210 | 7.330 | 14.540 |
| São Paulo | 8.449 | 6.054 | 14.503 |
| Goias | 13.509 | 2.189 | 15.698 |
| Dist. Federal | 11.266 | 0 | 11.266 |
| Rio Grande do Norte | 11.764 | 1.044 | 12.808 |
| Dist. Federal | 7.266 | 0 | 7.266 |
| Distrito Federal | 3.010 | 2.333 | 5.343 |
| São Paulo | 6.411 | 1.268 | 7.679 |



Índices mostram gravidade

Na região sisaleira, que compreende 27 municípios, os índices de analfabetismo, mortalidade infantil e infra-estrutura social são os mais baixos no Estado. Na região, os campos de analfabetismo são Araci, com 67,1%; Monte Santo, com 69,4%; e Umburanas, com 65,3%. O melhor índice fica no município de Jacobina, com 40,6% de analfabetos.

| Analfabetos % | Região | Nº municípios |
|---------------|------------------|---------------|
| 67,1% | Nordeste | 08 |
| 69,4% | Paragominas | 01 |
| 65,3% | Piemonte Chapada | 08 |

| Mortalidade | Região | Município |
|-------------|----------|---------------------|
| 43,2% | Nordeste | Retrolândia |
| 49,7% | Nordeste | Piemonte da Chapada |
| 49,7% | Nordeste | IV de Serra |

*** A autônomação dos dados em crianças menores de um ano, e responsável pelos baixos índices de mortalidade registrados.

atido na Bahia

Maior exploração é no sisal

A região do sisal foi escolhida porque lá já se desenvolve um trabalho da Procuradoria Geral do Estado de acompanhamento da exploração da mão-de-obra infantil, desde 1993. A região, que engloba 27 municípios, tem no sisal a sua principal base econômica e é também uma das mais secas em todo o estado, com elevado índice de analfabetismo e desnutrição e de precaríssimas condições sócio-econômicas. Na região estão alguns dos campeões da fome no Brasil, como Monte Santo, Araci, Nordestina e Cansanção.

Na região entre Santa Luz e Queimadas, por exemplo, além do trabalho nas lavouras de sisal, crianças também são largamente exploradas nas pedreiras e na extração de ouro no leito do Rio Itapicuru. Neste ano, a Comissão dos Direitos da Criança e do Adolescente Expostos ao Trabalho na Região Sisaleira conseguiu co-

letar dados nos municípios de Retiro-lândia, Conceição do Coité, Riachão do Jacuípe, Pé de Serra, Nordestina, Capim Grosso, Queimadas, Serra Preta, Tucano, Quixabeira e Quijingue, e verificou que 22% das crianças de cinco a nove anos trabalham em regime de semi-escravidão nas lavouras, 33,6% das crianças de 10 a 13 anos, 26,6% das situadas na faixa dos 14 a 18 anos e outras 17% sem registros.

Do total das 2.179 crianças pesquisadas, verificou-se que 60% trabalhavam e estudavam e a média salarial era de R\$19, 40% cumpriam uma jornada de trabalho de quatro horas diárias, 38%, oito horas por dia, e 20% delas tinham jornada superior a 20 horas/dia. Das famílias, 32% tinham renda de apenas R\$60 mensais e outras 11,8%, com R\$30 por mês. Apenas 28% das famílias recebiam R\$100 mensais como renda.

Líder em miséria absoluta

A região sisaleira compreende três áreas distintas do estado: Nordeste, que vai de Euclides da Cunha até Serrinha, passando por

da. Neste ano, a produção sisaleira ficou em torno de 95 mil toneladas, com uma queda de 56% em relação a cinco anos antes.

do
nte

Segundo Eraldo Rocha, o programa começará pela região produtora de sisal e vai atacar com ações

ciais, cada família poderá receber um *Vale-Cidadão*, que irá variar de meio até um salário mínimo.

Esforço sem remuneração

Do total de 69.516 crianças exploradas no trabalho na Bahia, 61.082 situam-se na zona rural, conforme a pesquisa nacional por amostragem de domicílio, feita pelo IBGE no ano passado e divulgada esta semana. No Brasil, conforme a pesquisa, das 16,3 milhões de crianças, no ano passado, 522.185 estavam no mercado de trabalho, todas elas situadas na faixa entre cinco e nove anos de idade. Desse total, 481.335, ou o equivalente a 92,2%, não recebiam qualquer tipo de remuneração.

| Estados | Atividade | Atividade | Total |
|---------------------|----------------|---------------|----------------|
| | Agrícola | Urbana | |
| <u>Bahia</u> | <u>61.082</u> | <u>8.434</u> | <u>69.516</u> |
| Minas Gerais | 43.536 | 9.088 | 52.624 |
| Maranhão | 45.257 | 4.040 | 49.297 |
| Ceará | 37.334 | 11.599 | 48.933 |
| Paraná | 34.224 | 6.487 | 40.952 |
| Rio Grande do Sul | 38.042 | 5.294 | 43.336 |
| Pernambuco | 33.647 | 4.956 | 38.603 |
| Santa Catarina | 25.725 | 0 | 25.725 |
| Paraíba | 15.883 | 1.643 | 17.526 |
| São Paulo | 7.210 | 8.919 | 16.129 |
| Goiás | 8.540 | 7.320 | 15.860 |
| Piauí | 12.504 | 2.084 | 14.588 |
| Rio Grande do Norte | 11.586 | 2.519 | 14.105 |
| Mato Grosso | 11.764 | 1.038 | 12.802 |
| Espírito Santo | 7.826 | 2.934 | 10.760 |
| Pará | 3.016 | 7.333 | 10.349 |
| Mato Grosso do Sul | 7.411 | 1.288 | 8.699 |
| Alagoas | 6.892 | 574 | 7.466 |
| Pernambuco | 4.724 | 1.260 | 5.984 |
| Rio de Janeiro | 2.460 | 3.428 | 5.888 |
| Pernambuco | 3.409 | 2.169 | 5.578 |
| Amazonas | 345 | 4.834 | 5.179 |
| Distrito Federal | 1.262 | 0 | 1.262 |
| Acre | 0 | 646 | 646 |
| Pernambuco | 0 | 378 | 378 |
| TOTAL | 423.679 | 98.265 | 522.185 |

...o. O...
 fícios so-
 receber
 variar de
 o.

ção

Bahia,
 nal por
 vulgada
 ões de
 abalho,
 Desse
 qualquer

- Total
- 69.516
- 52.624
- 49.297
- 48.933
- 40.952
- 43.336
- 38.603
- 25.725
- 17.526
- 16.129
- 15.860
- 14.588
- 14.105
- 12.802
- 10.760
- 10.349
- 8.699
- 7.466
- 5.984
- 5.888
- 5.578
- 5.179
- 1.262
- 646
- 378
- 22.185

gião, sofreu uma queda de 30% a 37% em relação à década passada, dados do IBGE, índices considerados precários.

Índices mostram gravidade

Na região sisaleira, que compreende 27 municípios, os índices de analfabetismo, mortalidade infantil e infra-estrutura social são os mais baixos no Estado. Na região, os campeões de analfabetismo são Araci, com 67,1%; Monte Santo, com 69,4%; e Umburanas, com 65,2%. O melhor índice fica no município de Jacobina, com 40,6% de analfabetos.

| Analfabetos % | Região | Nº municípios |
|---------------|------------------|---------------|
| 54,5% | Nordeste | 13 |
| 43,4% | Paraguaçu | 06 |
| 49,7% | Piemonte Chapada | 08 |

| *** Mortalidade | Região | Município |
|-----------------|--------------|---------------------|
| 43,23 | Nordeste | Retirolândia |
| 19,29 | Capim Grosso | Piemonte da Chapada |
| 38,8 | Paraguaçu | Pé de Serra |

*** A subnotificação dos óbitos em crianças menores de um ano é responsável pelos baixos índices de mortalidade registrada.

Foto: Arquivo



Criança na roça em Araci, município com 67% de analfabetos

Trabalho infantil

Com o título nada honroso de campeã brasileira na exploração do trabalho infantil, a Bahia pretende mudar radicalmente este quadro, a partir de janeiro, quando inicia uma espécie de mutirão envolvendo 27 municípios da região sisaleira do estado. As ações vão mobilizar técnicos estaduais, municipais e federais, sindicatos, universidades, entidades não-governamentais e organismos internacionais, como a OIT e o Unicef, e deverá cadastrar mais de 100 mil famílias.

O trabalho infantil na região envolve, principalmente crianças de cinco a nove anos, que chegam a ter uma jornada diária superior a oito horas. Na região, o índice de analfabetismo é superior a 50%.

Texto: Adilson Fonseca

O governo do estado resolveu mobilizar toda a máquina administrativa para combater a exploração do trabalho infantil na Bahia. A partir de janeiro, vai iniciar um mutirão para cadastrar famílias que têm crianças trabalhando em regime de semi-escravidão na região do sisal e iniciar uma série de ações nas áreas de saúde, trabalho, educação e promoção social, com vistas a tirar da Bahia o título de campeão brasileiro no uso de crianças no trabalho semi-escravo.

As ações, coordenadas pelo governo federal, através do Ministério da Previdência, servirão de modelo para outras unidades da federação. Começarão com o cadastramento de 4.800 famílias na região rural dos municípios de Santa Luz e Retirolândia, localizados no centro da região sisaleira do estado. O trabalho vai mobilizar técnicos das diversas secretarias estaduais, como Trabalho e Ação Social, Saúde, Educação e Justiça, além da Universidade Federal da Bahia, sindicatos rurais e entidades não-governamentais, governo federal e organismos internacionais como o UNICEF e a Organização Interna-

logou 522.185 menores, sendo que a Bahia responde por mais de 10% do total. Na região Nordeste, as crianças exploradas representam cerca de 50% do total no Brasil, com 266.018 menores trabalhando, em sua maioria no campo.

Ação Criança

O secretário estadual do Trabalho e Ação Social, Eraldo Rocha, ~~alises que pesa primeira vez de tar~~ uma ação estruturada para reverter este quadro na Bahia. "O que vemos agora é uma mobilização ampla, envolvendo toda a sociedade; ~~com ações globalizantes e a longo~~ prazo, atacando não só o problema da exploração do trabalho infantil, mas de condições de saúde, educação e emprego, entre outras", disse, explicando que o programa faz parte de um trabalho que já vem sendo realizado em algumas regiões do estado, denominado Ação Criança.

O secretário Eraldo Rocha prefere não criar expectativas quanto aos resultados a curto prazo e muito menos prazos, mas explica que o trabalho vai consistir na mobiliza-



Governo t

com a Univ
hia, vai ini
tamento d

A 200 quilômetros ao norte de Salvador fica a microrregião destinada à cultura do sisal, onde o sol forte castiga a terra todos os dias. Na seca, as pessoas migram para regiões distantes. No sertão fica apenas a plantação de sisal, que colore de verde a caatinga e testa a fibra do sertanejo.

Sisal: A Fibra do Sertão Baiano

Texto de MÁRCIA MELLO PENNA ● Fotos de CARLOS HUMBERTO TDC



chegar em 1900, quando os primeiros bulbos de sisal foram levados à Bahia por Horácio Urpia Júnior, vindos da Flórida. Mas a história de Pedro, Arão e João começa depois, por volta de 1940, exatamente quando o sisal na Bahia ganha peso estatístico. Theócrato Calixto da Cunha acreditou na cultura do novo produto e usou seu pequeno pedaço de terra no distante município de Conceição do Coité, a 210 quilômetros de Salvador, para a plantação. É uma região seca, mas a resistência da planta à falta de água é estimulante. Foi a época de alta do produto no mercado internacional e logo Theócrato comprava várias fazendas vizinhas para expandir a produção. A Fazenda Pirangi, a maior de toda a região sisaleira baiana, tem hoje 3.125 hectares, com mais de 50 escrituras.

É lá que trabalham os sertanejos Pedro Cardoso, uma espécie de gerente de produção, Arão Barreto das Neves, administrador da Pirangi e gerente da fábrica de beneficiamento de sisal de Theócrato, e João de Tal, agricultor e dono de um dos motores *paraibano*, a máquina desfibadora de sisal.

A conversa é na sede da Pirangi, onde fica uma espécie de povoado para os agricultores. Fora este, tem um aqui, outro acolá, perdidos na imensidão da fazenda. Vez por outra, vê-se um boi ou uma vaca, andando em direção ao lago quase seco com a falta de chuva. Pirangi fica a 10 quilômetros do centro de Conceição do Coité, o caminho é longo e percorrido a pé. A procissão de camponeses passa pela porta da casa de seu Pedro. Passa Tereza



num baixio que rodeia o Alagadiço da Suçuarana, cortado mais ao norte por uma fenda seca que tratam por Córrego do Tamanduá. O sisal aí está dando colheita e a zoadá da desfibradeira ao longe estremece a ordem contida e rude dessa geografia que se poupa para sobreviver. Tudo o mais em volta é de uma desolação bíblica. Um número anormal de homens em armas vagueia pelos caminhos. Gente magra à procura de caça magra. Gado magro em busca de pasto ralo. Mas pasto, suçuaranas e tamanduás não existem mais por aqui. A própria caatinga, queimada, pisoteada pelo boi e substituída pela lavoura, raleou. Símbolo da falta d'água, ela também está em falta. "Na seca de 32, que foi brava, os antigos dizem que tinha pelo menos caça e mel pra matar a fome desse povo todo. Agora vai ser pior", vaticina Luís Lopes. A uma hora de viagem dali, o pior já começou. Em Conceição do Coité, 800 flagelados acabam de promover o segundo saque na cidade desde fevereiro. Conceição tem 68 mil habitantes. A distribuição de três mil cestas básicas e 2,5 toneladas de peixe não foi suficiente para atender os famintos da seca.

A escassez de matéria-prima em Valente, onde mais de duas dezenas de bateadeiras industriais de sisal operam com 70% de capacidade ociosa, parece justificar o nervosismo que percorre



Cunha: rigor para obter melhor sisal (à dir.)

toda a caatinga. Seca, sisal, fome e *muriçoca*. O enredo de vida dessa gente simples de Valente poderia se esgotar aí, não fosse um punhado de agricultores ter resolvido honrar o nome da cidade. Eles estão mostrando com a sua organização que iniciativa local, cobrança de direitos e, claro, valentia funcionam mais que poços, promessas e planos que passam à noite na TV e evaporam no sol do dia seguinte. Há

quase 12 anos, duas centenas de sisaleiros reuniram-se para eliminar os intermediários e assumir diretamente a tarefa de beneficiar e comercializar seu produto. Com apoio da Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia (Apaeb) e de entidades internacionais, conseguiram um capital de 110 mil dólares e fundaram a primeira bateadeira comunitária da história do sisal. Hoje ela é uma das maiores da cidade. Processa 3,3 mil toneladas de fibras por ano, emprega 150 pessoas, fatura 1,1 milhão de dólares por ano e — o que é mais importante — beneficia 1.050 famílias de pequenos produtores no campo. "Mas não é só", diz Florisvaldo da Cunha, que tem 39 anos, três filhos e 35 tarefas de sisal. Ele é uma espécie de administrador do projeto e é tão rigoroso com a qualidade do trabalho que os colegas o apelidaram de "seu Tuma". Florisvaldo ri e justifica o cuidado: "Pagamos 10 a 15% a mais que o mercado pela matéria-prima. Temos que compensar na outra ponta vendendo um produto de qualidade superior por um preço melhor. Toda a região ganha com isso ▷



NEGÓCIOS

SALÃO NORDESTINO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Foi realizado nos dias 10, 11 e 12 de setembro, no Centro de Convenções em Salvador, o 2º Salão Nordestino da Agricultura Familiar.

Aproximadamente 2 mil pequenos empreendedores e produtores rurais participaram expondo seus produtos numa demonstração de bom gosto e criatividade para aproximadamente 2.500 visitantes convidados.

A agricultura familiar, corresponde a cerca de 75% dos estabelecimentos rurais da Bahia e é responsável pela maioria dos produtos que compõem a cesta básica em nosso estado.

A pesar desta importância, os agricultores e produtores familiares enfrentam sérios problemas como as-

sistência técnica insuficiente, dificuldade de créditos, ausência de pesquisas, baixa tecnologia, além da seca.

Este salão que foi realizado pela segunda vez, dá uma dimensão da importância desta atividade para a economia local e mostra a grande variedade de produtos feitos artesanalmente, com receitas particulares e de alta qualidade.

Durante a feira, foram realizadas exposições diver-

sas, mini-seminários sobre tecnologias adaptadas à agricultura familiar, painéis de debate sobre desenvolvimento sustentado centrado na reforma agrária e no fortalecimento da agricultura familiar, mostra de produtos e seminário regional sobre alternativas de desenvolvimento rural sustentável.

A APAEB-VALENTE participou da Exposição de Tecnologia, demonstrando as aplicações da energia so-

lar no meio rural, o aproveitamento do sisal na alimentação animal e processamento de silagem, com o técnico Ranúcio Santos Cunha e o engenheiro agrônomo Domingos Magalhães.

A APAEB participou também da mostra de produtos com as expositoras Cristina e Núbia e do Seminário Regional com o presidente Luiz Mota Souza.

Participaram como exposidores, além da APAEB-VALENTE que mostrou seus produtos feitos de sisal, como tapetes, carpetes, sapatos e outros utensílios, o Centro de Pesquisas da EMBRAPA, o Banco Nacional da Agricultura Familiar - BNAF, a EBDA - Empresa Baiana de Desenvolvimento Agropecuario, universidades e diversas empresas privadas.

O Salão Nordestino da Agricultura Familiar é um empreendimento da Organização das Cooperativas do Estado da Bahia - FETAG - Federação dos Trabalhadores do Estado da Bahia.



Trabalho com retalhos: sucesso no salão e na exposição

EXPOSIÇÃO DE ARTESANATO EM VALENTE

Patch Work é um trabalho delicado e artesanal de confecção com retalhos. Dominando esta técnica, as mulheres que compõem o grupo do Projeto de Costura, fazem colchas, almofadas

cial Umbranas, em Valente.

Mais de 300 visitantes encantaram-se com as peças e aproximadamente 90% dos trabalhos expostos foram vendidos.

Para a coordenadora do

trabalho, Ana Emília, o próximo passo é a formação de uma cooperativa.

A presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais

de Valente, Maria do Carmo, destacou a importância do trabalho e a importância do movimento de organização comunitária; SETRA - Secretaria do Trabalho e Ação Social; APAEB-VALENTE; STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais

ENTREVISTA

LENINHA: A MULHER E PERSEGUIDA



Nome - Maria Madalena Oliveira Firmo (Leninha)

Local de Nasc. - Povoado de Subaé-Serrinha

Data de Nasc. - 22 de julho 1968

Esposo - Anelito Oliveira Firmo

Filhos - Naiara Oliveira Firmo (8 anos) e Alvaro Oliveira Firmo (3 anos)

FS. - Como você se envolveu com os movimentos de base no campo?

Leninha - Isto vem da raiz. A minha família é toda envolvida com os movimentos. Iniciei aos 14 anos em 1982 como catequista na igreja católica do Povoado de Subaé em Serrinha. Mas nos movimentos sociais diretamente iniciei com a fundação da APAEB em Serrinha e da tomada do STR das mãos dos políticos, também em Serrinha.

Se você perguntar pela Maria Madalena em Valente, ninguém vai dizer que conhece, mas se perguntar pela "Leninha", a região toda sabe onde ela mora. Muito bonita, Leninha mantém sempre um largo sorriso que, na verdade, esconde uma determinação incomum para o trabalho comunitário. A Folha do Sisal foi entrevistar Leninha no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valente e entre uma resposta e outra, tratou de diversos outros assuntos com absoluta segurança, demonstrando uma capacidade de trabalho extraordinária. Leninha, é candidata à presidência do STR, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valente, uma das principais lideranças do movimento de mulheres.

Leninha - Nós sabemos da dificuldade que existe para se desenvolver trabalhos nas comunidades. A sociedade enfrenta uma crise de desemprego, e isto é problema suficiente para atrapalhar os trabalhos que as entidades tentam desenvolver. Mas eu ainda consigo enxergar uma luz no fim do túnel, pois estão surgindo pessoas novas, lentamente mas estão. A partici-

Público. Enfim já é uma vitória.

FS. - O que fazer para melhorar e impulsionar os movimentos de base?

Leninha - Vasculhar e varrer parte do Congresso Nacional, mas também é preciso que as entidades pensem na população em geral, e não só em seus associados, pois são vários os problemas e não dá mais para lutar isoladamente. De imediato devemos lutar

uma eleição no Sindicato Rural?

Leninha - São muitas as dificuldades maiores entre elas preconceito, machismo e a discriminação. As mulheres assumem cargos frente nas entidades são mais perseguidas pela sociedade, a casa também enfrenta várias dificuldades.

tempo da mulherante é muito reduzido para o lar e aí, é gerado outros problemas, pois falta tempo para dialogar e resolver os problemas da família, junto ao esposo e dos filhos. A mulher precisa ter esta habilidade para assumir tais papéis.



Leninha em palanque falando com o povo

pação nas Políticas Públicas tem aumentado nas comunidades. O que mais me chama atenção é que em Valente sempre foi difícil trabalharem unificadas as zonas Ur-

por crédito para os agricultores e pela concretização da Reforma Agrária e ainda temos uma camada da população que eu particularmente tenho muita preocupação: são as pessoas que

Isto já amadurecendo as lideranças das comunidades. Então, uma candidatura minha unicamente sim do conjunto pessoas que assumiram estes movimentos e eu acidi assumir este compromisso, por

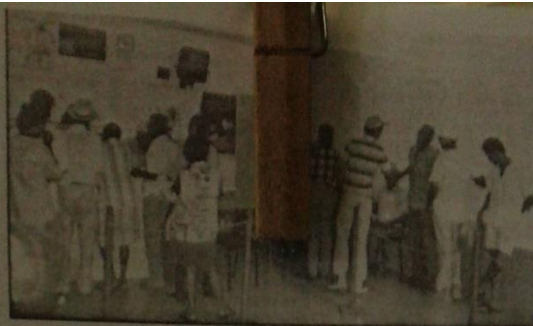
de uma institui-
 financeira. As coopera-
 de Crédito, como a
 COOPERE, começaram de-
 mas já ocupam uma
 fatia no merca-
 das pequenas
 que ocupam. Com
 as vantagens de um
 comercial comum e
 as vantagens que os
 comerciais comuns
 em oferecer,
 COOPERE de Valente dá
 inequívoca demonstra-
 do sucesso de um
 do Povo".

ABRIR CONTA

Para abrir uma conta na
 COOPERE, basta ter o no-
 aprovado pela diretoria
 documentos em or-
 Qualquer cidadão de
 pode se asso-
 e ter uma conta na
 COOPERE, com qualquer

BANCO DO POVO

A COOPERE é cha-
 de "Banco do Povo",
 presta um serviço
 sociedade, comple-



O pequeno produtor prestigia a COOPERE

tamente diferente dos
 bancos convencionais.
 Aqui se repassa os recur-
 sos do FNE, FAT, Fundo
 Rotativo e brevemente
 também o PRONAF. Não
 cobra CPMF dos clientes,
 cada um pode movimentar
 a quantia que quiser, por
 menor que seja e os aten-
 dentes têm toda paciência
 para orientar a todos com
 muito carinho e dedicação.

FECHAMENTO DO BANE B

Idaildo Araújo Oliveira,
 o DICA, é gerente da Coop-
 ere. Ele afirma que o
 fechamento do BANE B foi
 lamentável. "...nunca tor-

remos por isso. Claro que,
 com o fechamento desse
 importante banco, quem
 tinha a ganhar é quem
 presta o melhor serviço.
 Houve efetivamente, um
 substancial aumento de
 correntistas e depósitos na
 Coopere, por parte dos pe-
 quenos agricultores," afir-
 mou. Idaildo acrescenta
 que, o associado da COO-
 PERE, além dos projetos,
 tem direito a conta corrente
 com qualquer quantia, é
 beneficiado por taxas muito
 baixas pelos serviços e
 pode abrir uma poupança
 a partir de 5 reais.

BANCOOB

O BANCOOB é o Banco

acionistas as centrais de
 crédito cooperativo de
 todos os estados e de suas
 singulares, onde a COO-
 PERE está inserida na
 central da Bahia. Trata-se
 de um Banco Cooperativo
 particular regido pela legis-
 lação específica para o
 setor.

A partir da implantação
 desse banco, Idaildo espe-
 ra uma melhoria no sistema
 bem acentuada. Já ante-
 vendo essa implantação, a
 COOPERE vai implantar
 um terminal eletrônico, on-
 de o associado terá acesso
 a um extrato semanal, a
 abertura da segunda caixa
 para agilizar o atendimento,
 implantação de novos
 computadores visando
 melhorar a área de infor-
 mática da Coopere, o cartão
 do cheque especial que já
 está a disposição dos
 associados, recebimento
 de luz, água, telefone, pia-
 nos de saúde, seguros e
 outros. Com o BANCOOB,
 além de tudo isso teremos
 compensação própria e
 outros benefícios, comple-
 mentou Idaildo.

A FESTA DAS MULHERES

Do ano passado, as
 mulheres de Valente se
 organizaram e conseguiram
 aprovar a lei do feriado para
 o dia 3 de março, dia In-
 ternacional da Mulher.
 Neste ano, depois de
 eleger uma mulher presi-
 dente do STR, a Leninha, o
 Sindicato e o Movimento de
 Mulheres realizou uma
 festa que começou
 às 6 e terminou no dia
 com deliciosos quitu-
 andas, bebida e música
 ao vivo. As mulheres de
 Valente receberam as
 visitas de toda di-
 stância. O Sindicato dos
 Trabalhadores Rurais, da
 Associação dos movimentos
 da comunidade



Leninha: muitos projetos

civil, da Igreja Católica e da
 Igreja Batista.
 Ana Emilia, Elizilda e
 todas as mulheres do Mo-
 vimento de Mulheres e do
 Sindicato organizaram a
 festança, que este ano
 contou com a presença do

Pinheiro, do Deputado Es-
 tadual Paulo Jackson, do
 seu assessor, Célio Ma-
 ranhão e do cantor Wilson
 Aragão com toda sua
 família de cantadores. Os
 artistas da terra, também
 brilharam realizando seus
 shows sempre com muita
 alegria e músicas para
 todos os gostos.

Leninha destacou a
 importância da data, afir-
 mando que a mulher ocupa
 de fato o papel mais
 importante como base da
 sociedade local, onde o
 homem, em geral pouco
 está presente. Esta festa
 do Sindicato é um sim-
 bolismo de tudo o que

mulher em nossa cidade.
 As mulheres queriam
 muita alegria e conse-
 guiram. Nem a chuva do dia
 conseguiu interromper a
 euforia que envolveu o
 evento.



Ana Emilia: muita alegria

DIÁRIO
TARDE S.A.
29.10.1984

O trabalhador do campo

Dois anos depois, voltam os mutilados da lavoura de sisal a reunir-se em Conceição do Coité, repetindo os protestos pela aposentadoria por invalidez, enquanto surgem as primeiras esperanças de que uma máquina desfibradora de sisal, com dispositivos contra os acidentes mutiladores seja produzida em série, abrindo possibilidades para a proibição dos equipamentos rudimentares que estão levando mãos e braços dos trabalhadores do sisal.

X
X X

A despeito do peso que a economia rural tem no conjunto da economia brasileira, a realidade é que os trabalhadores do campo ainda amargam, discriminações em relação às condições de trabalho do operariado das indústrias.

Entre aquelas discriminações, registramos a rotatividade a que ficam sujeitos os bóias-frias; a falta de cumprimento dos dispositivos da CLT; o pagamento de aposentadorias, segundo critérios desiguais; isto para não dizer que na área rural a qualidade de vida (se é um pouco melhor em termos de alimentação e condições ambientais), deixa muito a desejar noutros aspectos sociais de que desfruta o trabalhador urbano, entre os quais se inclui uma preocupação constante com o funcionamento das CIPAS, Comissões Internas de Prevenção de Acidentes, que exercem uma função preventiva hoje simplesmente desconhecida na zona rural.

Mesmo naquelas áreas rurais mais desenvolvidas do país, os trabalhadores agrícolas já se encontram sujeitos aos azares da manipulação com agrotóxicos (pesticidas, herbicidas etc.), enquanto naquelas culturas de trato mais primitivo, rudimentar e pré-capitalistas, a segurança do trabalho é, no mínimo, desconhecida.

X
X X

Enquanto os mutilados protestam, podemos ver pela documentação fotográfica que a mutilação dos trabalhadores do sisal continua atingindo até mesmo as crianças, uma mão-de-obra mais barata e sem a consciência necessária do risco que está a correr.

O cenário dantesco, o panorama macabro de tantos pais de família sem braços ou sem mãos, não tem sido suficiente para agilizar as providências que as vítimas pedem. Primeiro, por motivações de ordem institucional: dois projetos estão no Congresso visando a alterar a lei da previdência, de modo a beneficiar com aposentadoria as vítimas das máquinas

desfibradoras, mas os deputados não parecem devidamente empenhados em sua aprovação; segundo, têm sido lentos e sem o devido apoio oficial, os progressos na busca de uma tecnologia capaz de preservar o homem do campo de tais adversidades. Pelo menos um dos modelos de máquinas com dispositivo de segurança não despertou maior entusiasmo entre os trabalhadores que deverão usá-las.

O triste protesto (ou lamento) dos trabalhadores mutilados está se fazendo ouvir num universo de 18 municípios da Bahia que produzem sisal, mas tudo indica que noutro estado brasileiro produtor da fibra, a Paraíba, também haja o mesmo problema. E, embora o sisal não tenha a participação que já teve na economia rural da Bahia, o fato é que se trata de um produto que ainda dispõe de mercados consumidores à medida que as fibras sintéticas têm-se tornado muito caras em razão da disparada nos preços do petróleo.

X
X X

As primeiras denúncias sobre o flagelo na região do sisal vieram a público em 1966, e nem por isso, passados tantos anos, foram adotadas medidas capazes de prevenir novos acidentes. Tampouco foram ouvidas as indicações, como a recentemente aprovada pela Assembleia Legislativa da Bahia, pedindo ao Congresso e aos ministérios do Trabalho e da Previdência Social que se movimentem, resolvendo ao mesmo tempo a questão das aposentadorias e adotando medidas preventivas de novos acidentes.

X
X X

Pelo visto, tem toda razão o dirigente da Fetag que presidiu o encontro dos mutilados e exigiu uma rápida solução para a questão dos acidentados na cultura do sisal. Acreditamos que a presença, tanto de parlamentares quanto do superintendente regional do INPS no encontro sejam sintomas de que, além dos jornalistas, há outros interessados em melhorar as condições de trabalho do pessoal do sisal.

De nossa parte, esperamos que o atendimento às vítimas das engenhocas que desfibram o sisal, signifique uma atenção geral às condições de vida do homem do campo, seja no que toca ao transporte de "bóias-frias", à salubridade dos que lidam com os agrotóxicos ou os que são violentados ao manobrar com máquinas, sem o devido treinamento.

mente serem considerados inválidos. Esse "amparo social" ainda está em fase prematura de estudos e por isso eu não devo entrar em detalhes agora — argumentou o superintendente do INPS.

SARCASMO

Minutos antes de ter visto o mutilado trabalhando no "motor paraibano", Martinelli Braga anunciava na assembléia, realizada na Associação Cultural Castro Alves, uma "exposição de motivos" enviada ao ministro Jarbas Passarinho, na qual defendia categoricamente a aposentadoria para os trabalhadores vitimados. O superintendente do INPS mudara radicalmente de posição, pois nos dois meses que antecederam a assembléia ele chegou a fazer declarações sarcásticas para combater a proposta de aposentadoria.

Primeiro ele declarou que os mutilados provavam que têm condições de sobrevivência ao participarem das manifestações pela aposentadoria. E à Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa do Estado, conforme noticiou o "Jornal da Bahia" na edição de 4 de setembro último, Braga chegou a dizer que esses inválidos, embora não pudessem continuar trabalhando no campo, poderiam ser advogados e até deputados. Com esta última declaração, Martinelli arrancou do deputado Daniel Gomes, do PMDB, uma pergunta embaraçosa e que não foi respondida: "Eles podem ser diretores do INPS?"

No cômputo geral, e com a particular confusão de posições do superintendente do INPS, a assembléia do dia 5, precedida de uma passeata pelas ruas centrais de Conceição do Coité, serviu basicamente para descortinar uma série de interpretações equivocadas sobre a aposentadoria dos mutilados do sisal. Concluiu-se que esse tão almejado benefício só chegará na região sisaleira por decisão única e exclusiva do governo federal, mais precisamente do general João Batista de Figueiredo.

POSIÇÃO CONCRETA

Essa centralização de poder em mãos do presidente da República foi explicada pelo deputado federal Domingos Leonelli (PMDB-BA), que esteve presente à reunião dos mutilados com mais seis deputados estaduais baianos. Segundo ele, uma das tantas emendas feitas na Constituição, "no auge desse governo autoritário", diz que o Poder Legislativo não pode criar leis que resultem em gastos para a União. Logo, acrescenta o deputado, só o presidente da República pode, por intermédio de

um decreto-lei, "terminar a aposentadoria para os mutilados do sisal", se for o caso, enciosar uma iniciativa do ministro Jarbas Passarinho, que poderia ser esboçada na forma de um projeto de lei.

— O governo tem utilizado muito o famigerado decreto-lei para prejudicar o povo brasileiro. Está na hora de utilizá-lo em favor dos trabalhadores rurais da região sisaleira e, se o fizer, o problema poderá ser resolvido num período de 45 dias, que é o prazo legal de tramitação

tação sobre a decisão a ser tomada pelo governo federal.

Com relação aos gastos que serão arcados pela União, caso a aposentadoria seja concedida, vale ressaltar as reveiações feitas pelo deputado estadual Florisvaldo Carneiro, que também esteve na assembléia do dia 5. Em valores aproximados, ele disse que a exportação do sisal baiano rende aos cofres públicos Cr\$90 bilhões e a arrecadação de ICM na região sisaleira chega a alcançar Cr\$13 bilhões. Além



Os dispositivos de segurança não convenceram

do decreto no Congresso Nacional — esclareceu, ainda, Domingos Leonelli.

Diante deste esclarecimento feito pelo deputado federal baiano, resta saber agora se o superintendente do INPS assumirá finalmente uma posição concreta, seja mantendo a "exposição de motivos" enviada ao ministro da Previdência, ou reforçando a tese do tal "amparo social", remetendo a Jarbas Passarinho as fotos do mutilado trabalhando no "motor paraibano". Isto quer dizer que praticamente está nas mãos de Antônio Carlos Martinelli Braga a orien-

desse dados fornecidos pelo deputado — deve-se considerar uma informação prestada por Martinelli Braga, segundo a qual a Previdência Social mantém rigorosamente em dia os seus compromissos na região sisaleira, o que é um privilégio diante da trágica situação do ministério dirigido por Jarbas Passarinho.

AMPARO LEGAL

No bojo de todas as discussões de ordem legal que tomaram conta da

J. DA BAHIA - 31.07.84

Conceição do Coité

Em Conceição do Coité, a 20 km do Salvador, os trabalhadores rurais estão revoltados com os "ammitos" que vêm sendo causados pelo comerciante Armando Oliveira Lima que se aproveitando da humilhação dos trabalhadores vem pegando assinaturas dos mesmos em papéis em branco, dizendo ser para a volta das frentes de emergência e daí encaminha a DRT querendo anular a eleição de setembro. Foi o que afirmou o assessor do Pólo sindical do Sisal, Valdemir de Aguiar Silva. Segundo Valdemir, o Sindicato de Conceição do Coité é um dos mais atuantes da região e tem desenvolvido um trabalho muito combativo e levando a sério as lutas dos trabalhadores. A chapa única é encabezada pelo atual presidente Celso Costa Amâncio, que levou o Sindicato a desenvolver um grande trabalho de defesa da classe. Colocou ainda Valdemir que o principal interesse de Armando Oliveira Lima é manipular totalmente o Sindicato, como fazia no início do Movimento, em 1969. O atual presidente tem recebido dos trabalhadores um verdadeiro apoio moral.

CONCEIÇÃO DO COITÉ**Eleição sindical será dia 16**

Já foi definida a nova data para as eleições no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Coité. Elas serão realizadas nos dias 16, 17 e 18 de novembro e duas chapas estão inscritas. A nova data foi marcada pela diretoria do Sindicato, após a Delegacia Regional do Trabalho ter impugnado as eleições marcadas para os dias 14, 15 e 16 de setembro. Pois o Edital de Convocação havia sido publicado após o prazo de inscrição das chapas o que impossibilitava a participação da chapa de oposição. Esta imediatamente requereu a anulação da eleição em um abaixo-assinado com 282 assinaturas de associados do Sindicato.

O Sindicato é um dos maiores da região, com nove mil associados e a atual diretoria está há três gestões atuando. Sua administração é agora contestada por

Paulo Santos Alves, candidato a presidência pela Chapa 2, que é apoiada pelo fundador e primeiro presidente Amando Lima Oliveira.

Para Paulo "as queixas são gerais, devido ao péssimo atendimento que é prestado aos trabalhadores, o que tem diminuído bastante o número de associados. A diretoria do Sindicato permitiu que se acumulasse um débito com o Inamps de aproximadamente Cr\$5 milhões e o prédio está penhorado podendo vir a ser leilado. Não podemos permitir que isso ocorra pois esse prédio foi construído com muito esforço, em mutirão pelos próprios trabalhadores, e não é possível que a irresponsabilidade de alguns cause esse prejuízo. Além disso um vereador do PDS, Mitinho funcionário do Sindicato está pressionando membros da chapa 2 para que desistam de concorrer.

TRIUNA DA BAHIA - 06/10/84

"A TARDE - 03/10/84

Mutilados do sisal vão ter ajuda do INPS

Segue, hoje, para Conceição do Coité, o superintendente Regional do INPS, Antônio Carlos Martinelli Braga, acompanhado do secretário de Benefícios, Rolando Oliveira Menezes. Ele vai representando o presidente daquela autarquia, Valter Graciosa, discutir a problemática dos mutilados com os representantes de sindicatos da área do sisal e outros organismos envolvidos na solução dos problemas.

Martinelli Braga esclareceu, ontem, que já encaminhou ao presidente do INPS um trabalho por ele realizado apresentando sugestões para a solução do problema, "solução esta que depende de um estudo mais profundo e que já está sendo elaborado pelo Ministério da Previdência Social". Ele retornará no próximo sábado a Salvador.

JORNAL DO BRASIL - 06.10.84 -

Mutilados da Bahia querem aposentadoria

Salvador — Mais de 400 braços mutilados de adultos e crianças levantados para o ar aprovaram ontem, na reunião promovida na cidade de Coité por 15 sindicatos rurais, proposta de ida a Brasília de uma delegação para pedir pessoalmente ao Ministro da Previdência, Jarbas Passarinho, a aposentadoria de mais de 1 mil trabalhadores que tiveram mãos e parte dos braços decepados por máquinas desfibradoras de sisal.

A reunião, encerrada com uma passeata de mais de 400 mutilados, líderes sindicais, políticos e curiosos pelas ruas centrais de Coité, cidade situada no coração da região sisaleira baiana, contou com a presença do superintendente regional do INPS, Martinelli Braga, que na assembléia disse que o órgão entende como justa a reivindicação de aposentadoria, mas não pode fugir ao texto da lei que só permite o benefício a quem perde os dois membros. A solução do problema, segundo ele, depende do Ministro Passarinho.

Segurança para os mutilados

Sr. Redator:

A macabra passeata dos trabalhadores mutilados pelas máquinas de desfibramento do sisal mostrou o triste desprezo pela vida humana que grassa entre nós.

A minha indignação não cabe dentro de mim. Sinto-me envergonhado por tal fato ocorrer na sociedade a qual pertenceo.

Desfilaram trezentas pessoas mutiladas e, segunda a Federação dos Trabalhadores na Agricultura, o número é maior, mais de mil, em 50 municípios. Isto sem contar os que morreram.

Um perdeu a mão em 1948, há 36 anos, e hoje tudo continua na mesma. Uma foto mostra um menino sem a mão e portando um curativo, o que significa que o desastre foi recente.

Os infelizes pedem apenas a migalha da aposentadoria e as autoridades dizem que irão atendê-los, se for possível. E as máquinas? Vão continuar em atividade? Vão prosseguir na faina sinistra? Há 36 anos que o fazera e nada faz crer que chegaram ao fim.

E os donos de tais coisas, os verdadeiros responsáveis pela carnificina? Vão permanecer impunes? Vão prosseguir enriquecendo às custas de braços, mãos, dedos e vidas? Será que esta gente dorme bem? Ao menos no dia de uma amputação, sentem-se mal? Quando um trabalhador perde o braço, é simplesmente posto na rua? É tudo uma simples rotina? E o que parece pois há pelo menos 36 anos vem acontecendo.

E o Ministério do Trabalho? Existe a Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho? O que falta nisto tudo?

E os médicos locais? Certamente especialistas em regularização de cotos amputados. Apenas prosseguem, calados, a regularizar os cotos?

E os prefeitos? E os vereadores? E os governadores? E os deputados? E os padres? E nós todos? Não há voz que se levante? (...)

Aguião Vitor Teles

TRIBUNA DA BAHIA - 17.10.84

Mutilados pedem apoio à campanha por aposentadoria

Salvador — Mais de 300 agricultores — adultos e crianças — com braços decepados por máquinas desfibradoras em 15 municípios da região sisaleira da Bahia voltaram a se reunir ontem na cidade de Conceição do Coité, a 210 quilômetros da Capital. Eles pediram aos parlamentares que participaram de um comício em favor da candidatura Tancredo Neves apoio na campanha para conseguir do Ministério da Previdência a aposentadoria dos mutilados.

Uma comissão de mutilados do Sisal irá ainda esta semana a Brasília, acompanhada de parlamentares do PDS e do PMDB, para reivindicar pessoalmente ao Ministro Jarbas Passarinho a ampliação dos benefícios da aposentadoria por invalidez mesmo aos trabalhadores que perderam apenas um braço nas máquinas desfibradoras. A lei, atualmente, só permite aposentadoria por invalidez a quem perdeu os dois braços.

Os principais líderes dos movimentos da "legião dos sem braços", como são chamados os mais de 1 mil mutilados da zona sisaleira, fizeram questão de esclarecer ontem, em Conceição do Coité, que embora estejam reivindicando aposentadoria para os que tiveram mãos e braços decepados pelas máquinas desfibradoras, sua luta principal é "por melhores condições de trabalho, que ofereçam segurança aos agricultores do sisal, obrigados atualmente a operar máquinas impróprias".

- J. BRASIL -
08.10.84

Visita



O advogado Hélio Carneiro, Joelcio Martins da Silva e Samuel Macêdo, líderes políticos do PMDB de Conceição do Coité e Santa Luz, visitaram ontem a TRIBUNA DA BAHIA, sendo recebidos por nosso companheiro Joaci Góes.

TRIBUNA DA BAHIA - 17.10.84

A TARDE

14.05.1977

JD E O SISAL

O deputado federal João Durval Carneiro compareceu à Câmara dos Deputados e durante um discurso dos mais aplaudidos pediu atenção maior das autoridades competentes para a produção na região do sisal na Bahia. Na sua fala, o deputado reivindicou a criação de um centro de pesquisa, o reajuste do preço mínimo em junho, a prorrogação por um prazo maior do pagamento dos débitos dos produtores e o restabelecimento das linhas de crédito da lavoura. Sobre o centro de pesquisa, justificou dizendo que é uma necessidade uma melhor técnica de produção e aproveitamento da fibra que corresponde a dois por cento do produto que vai ao mercado, perdendo quase a sua totalidade (98%). Segundo pudemos apurar, tal pronunciamento, repercutiu bastante nas cidades de Riachão de Jacuípe, Serrinha, Conceição do Colé, Retirolândia, Queimadas, Monte Santo, Valente, Ichu, Santa Luz e Cansanção.

"A TARDE - 20.05.77"

Deputado federal analisa crise do sisal na Bahia

FEIRA DE SANTANA
Da Súdursal

"A grande estiagem nos principais pólos produtores de sisal da Bahia, como os municípios de Riachão de Jacuípe, Conceição do Coité, Serrinha, Valente, Santa Luz, Quelmadás, Cansanção, Monte Santo, Ichu, Retiroândia, dentre outros, está conduzindo à paralisação dos motores de desfibramento do sisal, gerando por conseguinte, desemprego em massa dos trabalhadores que normalmente, eram absorvidos por outras atividades agrícolas e pecuárias da região", afirmou o deputado federal João Durval Carneiro, na Câmara dos Deputados na sessão do dia 5 deste mês.

Analisando os fatores que acentuaram a crise do sisal disse o deputado João Durval Carneiro: "Este ano a situação se agravou, pois, além de acumularem-se as consequências, avulta-se pela falta de crédito, que atenuava a crise. As operações creditícias vencidas em 1976, foram, em grande parte, prorrogadas para o corrente ano, juntando-se às vencidas no presente exercício. E os bancos passaram a funcionar como agentes arrecadadores de créditos, ao invés de liberá-los para enfrentar a situação".

Mais adiante esclareceu o parlamentar feirense em seu pronunciamento: "Isto tem propiciado o êxodo rural e a consequente baixa produção regional, que já é estimada em 70 por cento. Podemos apontar ainda como causas dos problemas dos produtores de sisal a suspensão da importação pelos países europeus, principais compradores do produto no destino, a concorrência com outros países no mercado mundial, que oferecem o produto a preços mais baixos que o nosso".

"A Cacex registrou o preço da tonelada de sisal para exportação em 400 dólares e os importadores têm oferecido 370 dólares. Mesmo com essa redução, se aceita pelo Governo, os nossos exportadores teriam condições de pagar ao produtor a base de Cr\$ 3.20 por quilo, sendo que atualmente este recebe apenas Cr\$ 2,90 por quilo".

Frisou o deputado João Durval Carneiro que "o preço mínimo é fora da realidade atual, porque fixado em dezembro de 74, é sempre apontado como uma das razões de desestímulo da produção". Alertou que "seria de grande importância para a produção do sisal a criação de um centro de pesquisa, visando a melhor técnica de produção e de seu aproveitamento, vez que a fibra corres-

ponde a 2 por cento do produto, com o desperdício de 98 por cento".

O APELO

No final do seu pronunciamento disse o deputado federal arenista: "reconhecendo a segura atuação do Governo Federal na ajuda ao Nordeste, notadamente o seu apoio à região sisaleira baiana, através do Banco do Brasil, é que apelamos aos órgãos competentes no sentido de conseguirem uma proteção mais eficaz e imediata para a produção do sisal do meu Estado. A Comissão de Financiamento da Produção, pedimos o reajuste do preço mínimo em junho; ao Ministério da Agricultura encarecemos a importância da criação de um centro de pesquisa destinado a melhoria da produção e aproveitamento daquele produto e, finalmente, um veemente apelo ao Banco do Brasil para a prorrogação, por um prazo maior, do pagamento dos débitos dos produtores, bem como o restabelecimento das linhas de crédito para essa lavoura".

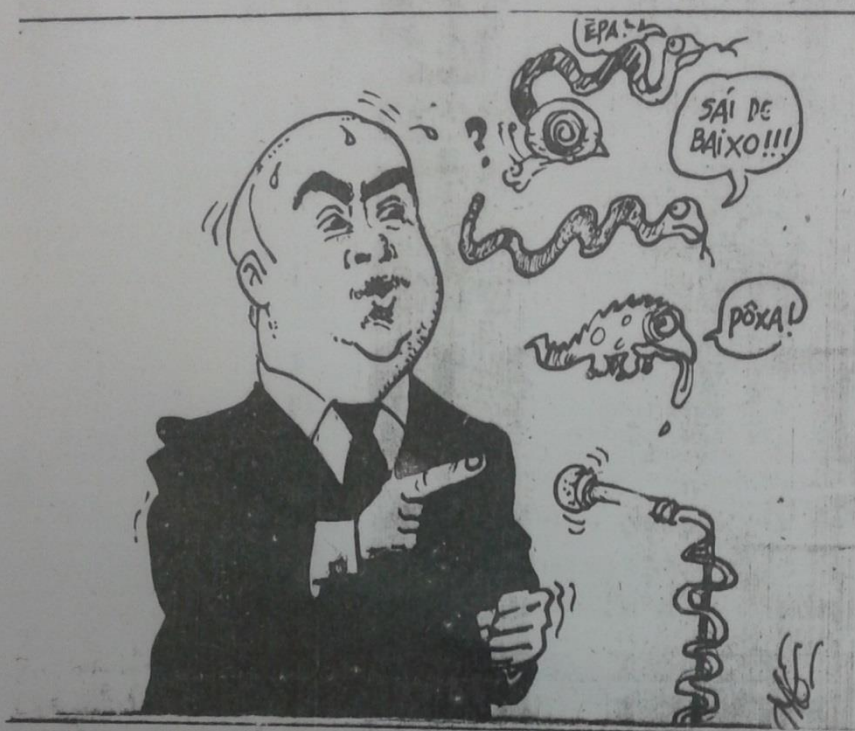
COORDENADORIA

A respeito das especulações existentes sobre a possível demissão, há cerca de um mês, da professora Cleolida Oliveira, da direção da 2ª. Coordenadoria Regional de Educação, em Feira de Santana, dando conta de que ela teria solicitado o seu afastamento do cargo ao Governador do Estado, a referida diretora prestou certos esclarecimentos sobre o assunto:

— Estive com o governador Roberto Santos no dia 22 do mês passado, quando, na oportunidade, comuniquei o meu desejo de afastar-me da direção da 2ª. CRE, alegando excesso de trabalho e motivos particulares, tendo ele sugerido uma solução para o problema: uma licença com acúmulo de férias, a qual achei viável.

Esclareceu a professora Cleolida Oliveira que além do seu cargo na 2ª. CRE, é também titular de didática na Universidade Estadual de Educação, onde já leciona desde a época da Faculdade Estadual de Educação. "Gosto muito mais de lecionar que do serviço burocrático. Tenho o desejo de realizar-me como educadora. Atualmente estava ministrando o mínimo de aulas na UEFS. Tomei a decisão de solicitar afastamento a fim de não prejudicar o trabalho da Coordenadoria".

Segundo informações da Coordenadoria Regional de Educação o governador Roberto Santos irá entrar em contato com a liderança da Arena feirense e posteriormente tomar a decisão que achar mais conveniente sobre o assunto.



Candidato denuncia acordo no escândalo do sisal

Depois de cobrar providências para o escândalo do sisal, em que dezenas de grandes intermediários devem, a preços de 1980, mas de Cr\$ 250 milhões de ICM ao Estado, o jornalista Emiliano José, candidato a deputado estadual pelo PMDB, denunciou ontem um acordo que existiria entre o governador A. Carlos e esses intermediários, todos ligados ao PDS: o Estado não cobraria o débito se o dinheiro for aplicado na campanha política, mas se o PDS perder a eleição nos municípios todos os devedores serão obrigados a pagar a dívida. Se o partido do governo vencer, ninguém precisa pagar nada.

Emiliano José disse que o governador e o secretário da Fazenda têm obrigação de esclarecer o assunto, "não para desmentir, porque o próprio secretário já admitiu a existência do rombo, quando a denúncia do escândalo

foi feita, em 1980. Eles tem que anunciar providências imediatas, sérias, e não mentiras e protelações. Se não fizerem isso, estarão confirmando inofismavelmente a existência do acordo", raciocinou o candidato.

Quando foi detectado o não pagamento dos impostos, a Secretaria da Fazenda fez, na época, um minucioso levantamento do débito dos intermediários em toda a região do sisal, mas o caso foi abafado. O expediente utilizado pelos que lesaram os cofres públicos, segundo Emiliano José iam desde a falsificação de notas fiscais de entrada e saída de mercadoria, até a compra de notas fiscais de saída tiradas por empresas fantasmas, criadas com o fim exclusivo de confecção das notas fiscais para serem vendidas.

Utilizavam-se dois métodos, como lembra o candidato: um testa-de-ferro criava formalmente uma sociedade por quota de

responsabilidade limitada e a Secretaria da Fazenda, sem saber de nada, dava a autorização para confecção de talões de notas fiscais que eram utilizadas nas vendas fantasmas. Mas outros chegaram a confeccionar os talões de notas, sem qualquer autorização da Fazenda.

Emiliano José recordou que, em meados de 1980, o secretário da Fazenda admitiu a existência do rombo e anunciou providências imediatas que até hoje não foram tomadas.

— Nos outros Estados — completou o candidato — pelo menos se monta uma farsa jurídica, como no escândalo da mandioca, em Pernambuco. Aqui, honrando o governador que temos, tudo é devidamente acobertado e ninguém sofre qualquer punição. E hoje essa dívida deve chegar a mais de Cr\$ 700 milhões, dinheiro dos cofres públicos que está sendo objeto de barganha política para favorecer o PDS.

PANORAMA, 1 A 14/AGOSTO/84

- REVISTA -

REGIÃO SISALEIRA

Novo dispositivo evita acidentes

O Fundacentro, órgão vinculado ao Ministério do Trabalho, está desenvolvendo um projeto de prevenção de acidentes na região sisaleira, com o objetivo de "evitar acidentes mutilantes no ato de desfibrar o sisal, já que a incidência é bastante acentuada", segundo o engenheiro agrônomo Armando Barbosa Xavier Filho, coordenador regional do projeto.

Este projeto consiste em, além de orientar o trabalhador, desenvolver um dispositivo de segurança para a chamada "máquina paraibana". O dispositivo encontra-se em fase final de testes, depois que um técnico veio de São Paulo para concebê-lo. Armando Barbosa acredita que a patente deve ser aprovada pelo Ministério do Trabalho até dezembro. Falta apenas resolver o problema de corrosão.

Em várias fazendas da região e dispositivo já foi implantado, verificando-se uma drástica diminuição do índice de acidentes. Pioneiro na utilização do novo dispositivo, Pedro Nunes da Silva, produtor de Santa Luz, atestou 100 por

cento de resultados depois de sete meses.

Durante a II Feira Exposição de Artesanato e Pequenos Animais de Santa Luz, atestou 100 por cento de resultados depois de sete meses.

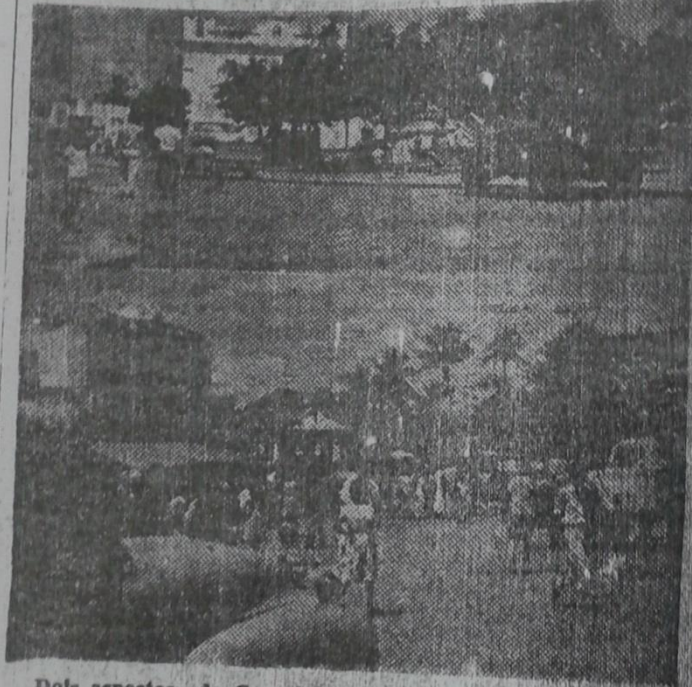
Durante a II Feira Exposição de Artesanato e Pequenos Animais de Santa Luz, o Fundacentro expôs e distribuiu manuais para o trabalhador prevenir-se contra acidentes. Segundo Armando Barbosa, numa iniciativa dos sindicatos dos trabalhadores rurais da região, será realizada dia 17 de agosto uma reunião dos mutilados, em Conceição do Coité, a fim de fazer um levantamento do número desses trabalhadores prejudicados.

O Fundacentro é mantido com 1 por cento da arrecadação nacional do INPS. No momento, está sendo desenvolvido este projeto, sob a coordenação de Armando Barbosa e o médico do trabalho José Neves Filho. Visa estudar e pesquisar sobre prevenção de acidentes de trabalho na área rural, urbana, petroquímica, civil e mineração.

"A TARDE - 27.09.62"

Uma cidade que cresce com o dinamismo de seu povo

Apesar de sofrer os amargores das sêcas, que transformam os campos do sertão baiano em causticantes desertos, extinguindo em poucos meses o trabalho esperançoso dos pauperizados lavradores, que do solo extraem o sustento cotidiano para a sobrevivência da família, Conceição do Coité é uma cidade que cresce com o dinamismo e o labor de sua gente.



Dois aspectos de Conceição do Coité, uma cidade bonita e progressiva.

Possuindo o sisal como produto básico, embora cultivando também o milho, a mandioca e o feijão, produzindo estes quando há sementes para a plantação e "Deus manda o bom tempo". Sua hospitaleira população, dia a dia, com mais entusiasmo vai aderindo ao cultivo do agave, planta que a natureza criou para sanar os sofrimentos dos bondosos lavradores, surgindo qual sivilçadeira aurora para a concretização de um ideal de progresso e desenvolvimento.

Suas vastas avenidas, seu clima saudável, sua população alegre e pacata, seu co-

queiral saudando os visitantes, suas morenas tostadas pelo sol sertanejo, as inolvidáveis noites de luar, as apetitosas iguarias que são encontradas em suas feiras, o badalar nostálgico da Ave Maria, o repicar do velho bronze convidando a missas, as paisagens que se descortinam aos seus olhos, a ternura e a sinceridade da gente sertaneja, concorrerão para a gente esquecer, por alguns instantes, as preocupações e dizer aos seus amigos: — Conheci uma cidade onde reinam a paz, a poesia, a compreensão e o amor. Conheci Conceição do Coité.

Quarta-feira, 01 de Dezembro de 2004

Tribuna da Bahia

Municípios

Chuva traz esperanças para a região sisaleira

São novas esperanças de dias melhores para o sertanejo que vive da agricultura de subsistência (milho, feijão, mandioca) e da lavoura do sisal

Conceição do Coité (Da Sucursal Regional do Sisal) - A população dos municípios de Coité, Serrinha, Barrocas, Ichu, Candeal, Retirolândia, Valente, Santa Luz, Queimadas, Nordestina, Riachão do Jacuípe, entre outros que compreende a região sisaleira, já respira mais aliviada, com as fracas chuvas que caíram na semana passada sobre a área, trazendo esperanças de dias melhores para o sertanejo que tem na agricultura de subsistência (milho, feijão, mandioca) e na lavoura do sisal, principais meios de trabalho e de sustentáculo de suas famílias. A estiagem nesses municípios, já se arrastava por vários meses e nem mesmo o sisal que é uma planta resistente à seca, estava conseguindo sobreviver. Na maioria destas localidades já não existia mais água e nem pastagens para os animais.

"Se não tivesse chovido na semana passada para recuperar a folha do sisal que estava murchando e morrendo nos campos, devido o sol escaldante que vinha caindo sobre a região, muitos motores a uma altura dessa já tinha parado, gerando um grande número de desemprego e um colapso para a já comalida economia regional", disse o empresário José Hamilton Araújo, acrescentando que na Bahia existe mais de 3 mil motores trabalhando no desfibramento do sisal, o que representa ocupação superior a 30 mil pessoas no campo. Entre empregos diretos e indiretos esses números são bem mais significativos devendo contemplar até 200 mil pessoas, aproximadamente.

José Hamilton disse que entre 1965 e 1976 o Brasil chegou a produzir anualmente mais de 200 mil toneladas de fibra de sisal, e acredita que este ano que está findando a Bahia, como maior produtor do país, não conseguirá produzir 120 mil toneladas. "Normalmente o sisal é cultivado quando atinge 60 a 70 folhas em cada pé, hoje vem sendo cortado com até 20 folhas para aproveitar o preço e atender à demanda. Antes não existia mercado para o sisal e a produção era maior do que o consumo, com isso houve desânimo e desestímulo no plantio, os campos foram queimados e transformados em pastagens. Quem matou o sisal para plantar capim está arrependido. Acredito que nos próximos três a quatro anos a produção e o preço venham aumentar".

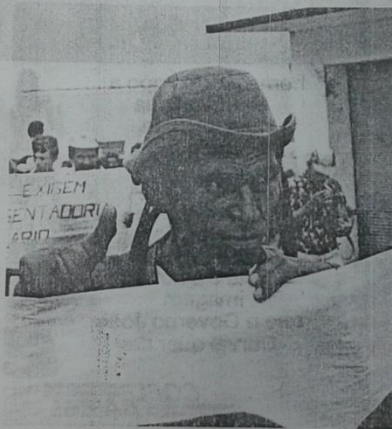
Concluindo o empresário disse que em 2000, o quilo de sisal custava R\$ 0,38 -, no ano passado chegou a R\$ 1,00 e ultimamente estabilizou em R\$ 1,03. Os produtores que chegaram a queimar campos de sisal, estão voltando a cultivá-lo. Em 2001, o governo tinha um estoque regulador de 10 mil toneladas, com a entrada da China no mercado, o produto que estava armazenado na Conab, foi leiloado e comprado por exportadores industriais e hoje não existe reserva de estoque no Brasil.

Aposentadoria ameaçada

A luta dos mutilados do sisal pela aposentadoria por invalidez está ameaçada de derrota por um próprio mutilado. Ele mostrou ao superintendente regional do INPS que ainda pode trabalhar no "motor paraibano".

Os mutilados do sisal estariam com sua aposentadoria praticamente assegurada se, ao final da assembléia que reuniu cerca de 300 deles, dia 5 último, em Conceição do Coité, o superintendente do INPS no Estado, Antônio Carlos Martinelli Braga, não tivesse visto um mutilado do antebraço esquerdo agindo como um trabalhador normal e desfibrando sisal no "motor paraibano", denominação mais conhecida da máquina que já arrancou mãos e braços de centenas de trabalhadores rurais da região siseira baiana.

Surpreso com a demonstração de perícia do mutilado, Martinelli Braga solicitou a um fotógrafo que documentasse o fato e, em seguida, revelou à PANORAMA que as fotos seriam enviadas ao ministro da Previdência Social,



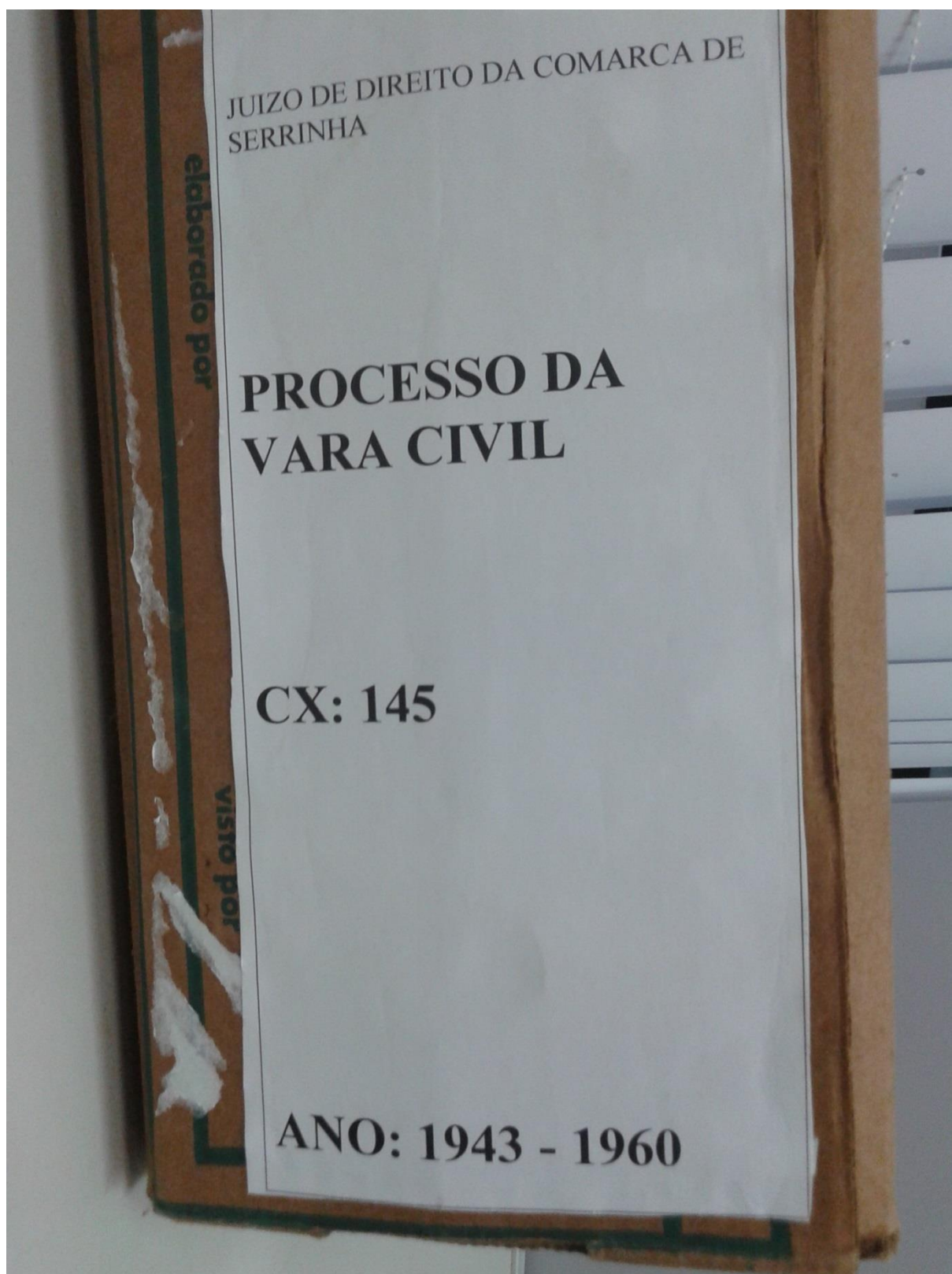
Na passeata, a marca do sofrimento.

Jarbas Passarinho, como forma de reforçar sua tese de que os mutilados do sisal não devem ser aposentados por invalidez, mas sim colocados sob regime de um tal "amparo social", benefício previdenciário que está em fase de estudos por Martinelli e sua equipe de trabalho.

— Creio que não estaremos fazendo benefício algum em conceder aposentadoria por invalidez a uma pessoa que não é propriamente inválida. A demonstração feita por esse mutilado pode ser uma prova de que ele ainda está apto para o trabalho, pelo menos em funções que não sejam a de operar máquinas desfibrantes. A minha tese consiste no fato de que os mutilados devem ser de alguma forma amparados pela Previdência Social, mas sem necessariamente

PANORAMA, 16 A 31/OUTUBRO/84

PROCESSOS DA COMARCA DE SERRINHA DE 1960



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE SERRINHA
ESTADO DA BAHIA

NUMERO 28-2.657

ANO 1960

Acidente de Trabalho
Acidentado: Jovimiano de Souza Góes
Empregador: João Lopes

Autuação

Aos 25 dias do mês de julho da 1960
nesta cidade de Serrinha, em meu cartório, autuo a petição
despachada com os documentos que se seguem.

Para constar, lavrei este termo.

Eu, Diva Pedrosa Nunes Escrivã,
o subscrevi.

Exmo. Snr. Doutor Juiz de Direito:

A. hoje
A. a conclusã.
 Serrinha, 25-7-60
 Arthur G. Machado

O Curador Das Vitimas de Acidentes do Trabalho, no uso de suas atribuições legais, vem, em nome de Joviniano de Souza Góes, brasileiro, solteiro, maior, residente e domiciliado no Município de Coité desta comarca, expôr a V. Excia. para requerer:

- a) que no dia 24 de dezembro de 1959, foi o dito operario vitima de acidente do trabalho, sofrendo a perda do braço esquerdo, quando prestava serviço, na qualidade de cevadador do motor de desfibrar sisal, para o empregador João Lopes, estabelecido no lugar Curral Novo em Conceição do Coité;
- b) que não foi feita a comunicação do acidente na forma legal;

Assim, requer, com fundamento no art.57 do Dec.- Lei nº7.036, de novembro de 1944, a V. Excia. se digne mandar citar o empregador para o acôrdo, ou, se não fizer, responder nos termos da ação de acidente do trabalho, afim de pagar as indenizações de lei.

Requer o exame médico no acidentado, protestando-se pelas provas que ao acidentado interessar para a defesa de seus direitos.

Dezê deferimento.

Serrinha, 20 de julho de 1960

Luiz Maranhão

Rece

Exmo. Sr. Dr. Prometer Pública da Comarca.

Jeviniano de Souza Góes, brasileiro, selteiro, maior, residente no Município de Conceição de Ceité, vem perante V. Excia // representar contra João Lopes, industrial, residente em Conceição / de Ceité, pelos motivos que passa a expor.

O suplicante trabalhava como cevader de motor de desfibrar sisal de propriedade do referido João Lopes, no lugar "Curral Neve", até o dia 24 de Dezembro de 1959, quando foi acidentado no serviço / perdendo o braço esquerdo.

Conquanto tenha o suplicante, reclamado, constantemente, a indenização a que tem direito, passados são já 15 meses sem que o / dito João Lopes tenha tomado as devidas providências.

Per isso, vem o suplicante, ante V. Excia solicitar as providências que o caso requer.

Pr deferimento

Serrinha, 28 de Março de 1960.

Jeviniano de Souza Góes

Reconheço a firma de

Jeviniano de Souza Góes

que dou fe

Serrinha, 25 de julho de 1960

Em test.  da cidade.

SUS-TABELIA

Almir Cortêlis da Silva



J. C. A. Santos
Certidão

Certifico e dou fe que registrei hoje no livro com petente (Tombo nº 1) os autos da presente Carta Precatória. O referido é verdade. Condição do Cart. 3 de julho de '96. Eu, Daisy Bacilda d' Azevedo Santos, Escrivã do Civil, o certifiquei.

Certidão

Certifico e dou fe que foi expedido hoje mandado de citação aos senhores João Lopes e Jo Viniano de Souza, na forma determinada na Carta Precatória de f. 2. O referido é verdade. Condição do Cart. 3 de julho de '96. Eu, Daisy Bacilda d' Azevedo Santos, Escrivã do Civil, o certifiquei.

Junta da

Bestes autos, nesta data,
do mandado que adian-
te se vê, do que, para cons-
tar lavro este termo. Con-
ciliação do Epité 5 de julho
de '1961. Eu, Daisy Bacilda
d'Ázavedo Santos, Escrivã
do Cível, o escrevi.

*C. Ambrósio - 14.
C. dos Reis, 3.7.61.
Juiz, Ceité*

P. B. A. Santos

2

Carta Precatória expedida pelo --
Exm^o Sr. Dr. Juiz de Direito da --
Comarca de Serrinha, ao Exm^o Sr. --
Dr. Pretor do Termo de Conseqüên-
ça de Ceité, para ser cumprida na --
forma abaixo declarada:

Eu, o Bel. Arthur de Azevedo Ma-
chado, Juiz de Direito da Comarca de Serrinha, Estado da Bahia:

Ao Exm^o Sr. Dr. Pretor do Termo --
de Conseqüênça de Ceité, também deste Estado:

Faço saber a V. Excia Sr. Dr. Pre-
tor, que, pelo Representante do Ministério Público, Curador das Ví-
timas de Acidentes de Trabalho, me foi dirigido um requerimento de
teor seguinte:

"Exm^o Sr. Dr. Juiz de Direito: O curador das Vítimas de
Acidentes de Trabalho, no uso de suas atribuições legais, vem, em
nome de Joveniano de Souza Goss, brasileiro, solteiro, maior, resi-
dente e domiciliado no Município de Ceité desta Comarca, expor a --
V. Excia. para requerer: a) - que no dia 24 de dezembro de 1959, --
fez o dito operario vitima de acidente de trabalho, sofrendo a per-
da do braço esquerdo, quando prestava serviço, na qualidade de ce-
vedor de motor de desfibrar sisal, para o empregador João Lopes, --
estabelecido no lugar Curgal Beve em Conseqüênça de Ceité; b) - que
não foi feita a comunicação de acidente na forma legal; Assim, re-
quer, com fundamento no art. 57 de Dec.-Lei n^o 7.036, de novembro-
quer de 1944, a V. Excia. se digna mandar citar o empregador para o e-
côrdio, ou, se não fizer, responder nos termos da ação de acidente-
de trabalho, afim de pagar as indenizações de lei. Requer o exame
médico no acidentado, protestando-se pelas provas que se acidenta-
do interessar para a defesa de seus direitos. Pede deferimento. --
Serrinha, 20 de julho de 1960. (a) Renato Cavassa".

DESPACHO - "Designo o dia 7 de julho proximo, às 14 ho-
ras, no Paço Municipal para ter lugar a audiência preliminar, ci-
tando-se por precatória empregador e acidentado, oente o Dr. Pre-
tor Público. Serrinha, 27.6.61. (a) Arthur Machado".

Em virtude do despacho supra transcrito deprecio a V. Excia.
Sr. Dr. Pretor, a citação do empregador João Lopes e da ví-
tima Joveniano de Souza Goss, para no dia 7 de julho, proximo vin-
deuro, às 14 horas, no Paço Municipal, assistirem a audiência pre-
liminar no processo de acidente de trabalho em que são partes inte-
ressadas.

CARTÓRIO DOS FEITOS CIVEIS E CRIMINAIS DA COMARCA
DE SERRINHA

Em 12 de julho de 1961

lms. Sr. Agente Geral da Piratininga Companhia de Seguros
Gerais e Acidente do Trabalho

Pela presente fica V. S. cientificado de que por parte de Joviniano de Souza Góis, empregado de João Lopes, no município de Santa Luz, foi intentado neste Juízo, contra essa Companhia uma ação de acidente de trabalho, tendo o Dr. Juiz de Direito desta Comarca, designado o dia 21 de corrente, às 16 horas, no Paço Municipal desta cidade, para a audiência preliminar.

Pelo V. S. e ciente na presente, solicita-lhe a devolução da mesma.

Saudações atenciosas

ESCRIVÃO DOS FEITOS C. e CRIMINAIS

CARTORIO DOS FEITOS CIVEIS E CRIMINAIS DA COMARCA DE
SERRINHA

Em 14/7/61

Ilmo. Sr.

Pela presente fica V. S. intimado, de que foi designada a audiência do dia 21 do corrente, às 16 horas, no Paço Municipal, para a audiência preliminar, na ação de acidente do trabalho, intentada neste Juízo, pelo empregado Joviniano de Souza Góis, contra a companhia Piratininga Companhia de Seguros Gerais e Acidente / do Trabalho.

Fendo V. S. o ciente na presente, solicito -lhe a devolução da mesma .

Saudações

ESCRIVA

CAPITAL SOCIAL
CR\$ 45.000.000,00
INTEIRAMENTE REALIZADO

A Piratininga

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS
E ACIDENTES DO TRABALHO

SEDE: SÃO PAULO
PÇA. DA BANDEIRA, 40 - TEL. 37-5521
CX. POSTAL, 3648 - TELEG. "RAMA"

10

Salvador, 19 de Julho de 1.961.

Ilma. Sra.
D. D. Diva Pedroza Nunes
M. D. Escrivã dos Feitos Cíveis e Criminaes da
Comarca de Serrinha
Estado da Bahia

*J. a conclusã.
Juiz da 25-7-61
Arthur A. Maduacl.*

Exmo. Sr.

Acabando de receber, a citação que V.S. se dignou a enviar-me para que comparecesse em Juizo, para atender a determinação do Exmo. Juiz da Comarca de Serrinha, em 21 do corrente, venho dizer que não pude comparecer em Juizo por me faltar o atestado médico para / que se possa fazer o cálculo da sua indenização, sem o que não se tem elementos, para dar com prazer, cumprimento a determinação de V.S. e uma vez de posse deste documento, sem demora será pago a o que o acidentado tem direito.

Assim, peço a V.S. de ter a bondade de pedir ao Exmo. Sr. Dr. Juiz da Comarca, que faculte o tempo para se adquirir este atestado e se mandar pagar sua indenização.

Sem mais, sou de V.S. mui,

A Piratininga
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS
E ACIDENTES DO TRABALHO
AGENTE GERAL
ESTAB. AMÉRICO DE NEITAS
Bd. do Banco Economico S. Paulo
1004 G, TEL. 5048 e 6788
SANTO AMARILHO - BAHIA

Atenciosamente.
Arthur A. Maduacl.
A. Piratininga
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS
E ACIDENTES DO TRABALHO

CAPITAL SOCIAL
CR\$ 45.000.000,00
INTEIRAMENTE REALIZADO

A Piratininga

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS
E ACIDENTES DO TRABALHO

SEDE: SÃO PAULO
PCA. DA BANDEIRA, 40 - TEL. 37-5581
CX. POSTAL, 3648 - TELEG. "RAMA"

12

Salvador, 20 de Julho de 1.961.

Exmo. Snr. Dr.
Juiz dos Feitos e Criminais da
Comarca de Serrinha
Estado da Bahia

*J. a conclusão.
Serrinha, 25-7-61
Arthur Machado*

Exmo. Snr. Dr, Juiz.

Com a presente confirmo o telegrama que tomei a liberdade de passar, a V. Excia. dando os motivos de não poder comparecer a audiência marcada para 21, o que farei oportunamente, uma vez se receba o atestado do médico que tratou o acidentado, o que já se está providenciando.

Com as minhas desculpas, apresento os meus respeitos, e agradecimentos.

Octávio Américo de Freitas
A.P. A Piratininga

Octávio Américo de Freitas

A Piratininga
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS
E ACIDENTES DO TRABALHO
AGÊNCIA GERAL
Banco Américo de Freitas
do Banco Econômico S. Andor
Rua 4, Tel. 3040 e 5105
SALVADOR - BAHIA

14

PARTICULAR DOS FEITOS CIVEIS E CRIMINAIS DA COMARCA DE
SERRINHA.

Em 16/8/61

Ilmo. Sr. Agente Geral da A Piratininga Companhia de
Seguros Gerais e Acidente do Trabalho .

Pela presente fica V. S. cientificado de que por
designado a audiência do dia 25 do corrente, ás 15 horas, no
Paço Municipal para ter lugar nova audiência preliminar, na /
ação de acidente do trabalho, intentada neste Juizo, pelo Em
pregado Joviniano de Souza Goes, contra a Companhia "A Piratining
ga", Companhia de Seguros Gerais e Acidente do Trabalho .

Outrossim esclareço ainda, que o exame já foi feito /
no acidentado por determinação deste Juizo, concluindo o laudo
ter ficado o acidentado privado de parte do membro superior es
querdo, sofrendo amputação no terço médio do ante-braço esquerdo.

Pondo V. S. o ciente na presente, solicito -lhe a
devolução da mesma para a competente juntada em autos .

Saudações

Diria Pedrosa Nunes

E S C R I V A

CAPITAL SOCIAL
R\$ 45.000.000,00
INTEGRAMENTE REALIZADO

A Picalininga
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS
E ACIDENTES DO TRABALHO

SEDE: SÃO PAULO
PCA. DA BANDEIRA, 40 - TEL. 37-5581
CX. POSTAL 3648 - TELEG.: "RAMA"

17
16

Salvador, 24 de Agosto de 1.961

Exm^o Snr. Dr.

Juiz dos Fretos Cíveis e Criminaes da
Comarca de Serrinha

Serrinha Bahia

Exm^o Snr. Dr. Juiz.

*J. à ordem -
Serrinha, 31.8.61
Arthur A. Medial*

Recebendo hoje o officio de V.Excia, de 16 do corrente assignando o dia 25 deste, ás 15 horas para audiência preliminar, na ação intentada pelo empregado Joviniano de Souza Góes, e a devolução do atestado médico vimos informar, de que o laudo médico acha-se na nossa Matriz, para poder fazer o termo de acôrdo, e tudo será enviado am V.Excia. e mandarmos pagar a indenização, logo nos chegue as mãos.

Assim, pedimos a fineza de aguardar o que acima nos referimos, o que muito grato ficaremos.

Sem mais, somos de Vv.Ss.mui,

Atenciosamente,

Arthur A. Medial
S. D. A. Picalininga

A Picalininga
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS
E ACIDENTES DO TRABALHO
S. D. A. Picalininga
PCA. DA BANDEIRA, 40 - SÃO PAULO - TEL. 37-5581
CX. POSTAL 3648 - TELEG.: "RAMA"

18

CARTÓRIO DOS FEITOS CIVEIS E CRIMINAIS DA COMARCA DE
SERRINHA

Em 23/10/61 .

Ilmo. Sr. Agente Geral da A. Piratininga Companhia de
Seguros Gerais e Acidentes do Trabalho .

Pela presente fica V. S. cientificado de que foi designada á audiência do dia 17 de novembro proximo, ás / 14 horas, no Paço Municipal, para a realização da audiência preliminar, na ação de acidente do trabalho, intentada nesta Juízo, pelo Empregado Joviniano de Souza Goes, contra a Companhia "A. Piratininga Companhia de Seguros Gerais e Acidente do Trabalho.

Pondo V. S. o ciente na presente, solicito-lhe a devolução da mesma para a competente juntada em autos .

Saudações

João Pedroza Nunes
E S C R I V A

JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE SERRINHA
ESTADO DA BAHIA
CARTORIO DOS FEITOS CIVEIS E CRIMINAIS

Em 19 de dezembro de 1961

Ilm^o Sr. Agente Geral da A. Piratininga Companhia de
Seguros Gerais e Acidente do Trabalho:

De ordem do Exm^o Sr. Dr. Juiz de Direito desta Comar-
ca, pela presente fica V. S. intimado de que foi designado o /
dia 29 do Corrente, às 14 horas, em cartório, para a realização
da audiência preliminar, na ação de acidente do trabalho inten-
tada neste Juízo pelo empregado Joviniano de Souza Goes, contra
a A Piratininga Companhia de Seguros Gerais e Acidente do Traba-
lho.

Saudações

Diria Pedraga Nunes
ESCRIVA

Termo de Pagamento

Aos seis (6) dias do mês de abril de mil novecentos e sessenta e dois (1962), nesta cidade e Comarca de Serinha, as 15 horas, no Paço Municipal e salão do Jurí, presente o Bel. Arthur de Azevedo Machado, Juiz de Direito da Comarca, comigo Diva Pedroza Nunes, Escrivã ao seu cargo, presente o Acidentado Joviniano de Souza Goes, bem assim o Representante da A Piratininga Companhia de Seguros Geraes, - Sr. José Guilherme Barboza Dantas, por este foi exibida e entregue ao Acidentado a importância de setenta e dois mil novecentos e cinquenta e dois cruzeiros e setenta centavos, em cheque nominal nº 287491 contra o Banco ^{Economico} da Bahia S. A. .

Deixou a Piratininga de exhibir e pagar a importância de um e meio por cento sobre o valor da indenização, comprometendo-se a fazê-lo oportunamente .

Nada mais havendo mandou o Dr. Juiz de Direito, lavrar o presente termo, que lido e achado conforme vai / devidamente assinado. (vale a entre linha "Economico".)

Eu, Divia Pedroza Nunes, Escrivã, o datilografei .

Arthur de Azevedo Machado
 José Guilherme Barboza Dantas
 Joviniano de Souza Goes

Exmo. Snr. Doutor Juiz de Direito:

A. hoje
A. a conclusã.
 Serrinha, 25-7-60
 Arthur G. Machado

O Curador Das Vitimas de Acidentes do Trabalho, no uso de suas atribuições legais, vem, em nome de Joviniano de Souza Góes, brasileiro, solteiro, maior, residente e domiciliado no Município de Coité desta comarca, expôr a V. Excia. para requerer:

- a) que no dia 24 de dezembro de 1959, foi o dito operario vitima de acidente do trabalho, sofrendo a perda do braço esquerdo, quando prestava serviço, na qualidade de cevadador do motor de desfibrar sisal, para o empregador João Lopes, estabelecido no lugar Curral Novo em Conceição do Coité;
- b) que não foi feita a comunicação do acidente na forma legal;

Assim, requer, com fundamento no art.57 do Dec.- Lei nº7.036, de novembro de 1944, a V. Excia. se digne mandar citar o empregador para o acôrdo, ou, se não fizer, responder nos termos da ação de acidente do trabalho, afim de pagar as indenizações de lei.

Requer o exame médico no acidentado, protestando-se pelas provas que ao acidentado interessar para a defesa de seus direitos.

Dez deferimento.

Serrinha, 20 de julho de 1960

Arthur G. Machado

Pere

Exmo. Sr. Dr. Promotor Público da Comarca.

Jeviniano de Souza Góes, brasileiro, solteiro, maior, residente no Município de Conceição de Coité, vem perante V. Excia // representar contra João Lopes, industrial, residente em Conceição / de Coité, pelos motivos que passa a expor.

O suplicante trabalhava como cevader de motor de desfibrar sisal de propriedade de referido João Lopes, no lugar "Curral Neve", até o dia 24 de Dezembro de 1959, quando foi acidentado no serviço / perdendo o braço esquerdo.


Conquanto tenha o suplicante, reclamado, constantemente, a indenização a que tem direito, passados são já 15 meses sem que o / dito João Lopes tenha tomado as devidas providências.

Por isso, vem o suplicante, ante V. Excia solicitar as providências que o caso requer.

Pr deferimento

Serrinha, 28 de Março de 1960.

Jeviniano de Souza Góes

Reconheço a firma de
Jeviniano de Souza Góes
 Góes _____ e dou fe
 Serrinha, 25 de julho de 1960
 Em test. —  — da cidade.

SUB-TABEIA

Almir Cortêlis da Silva



D. B. A. Santos

2

*A. Ambrósio - 12.
C. do Leite, 3.7.61.
F. J. de Deus, C. do Leite*

Carta Precatória expedida pelo --
Exm^o Sr. Dr. Juiz de Direito da --
Comarca de Serrinha, ao Exm^o Sr. --
Dr. Preter do Termo de Conceição --
de Coité, para ser cumprida na --
forma abaixo declarada:

Eu, o Bel. Arthur de Azevedo Ma-
chado, Juiz de Direito da Comarca de Serrinha, Estado da Bahia:

Ao Exm^o Sr. Dr. Preter do Termo --
de Conceição de Coité, também deste Estado:

Faço saber a V. Excia Sr. Dr. Pre-
ter, que, pelo Representante do Ministério Público, Curador das Ví-
timas de Acidentes de Trabalho, me foi dirigida um requerimento do
teor seguinte:

"Exm^o Sr. Dr. Juiz de Direito: O curador das Vítimas de
Acidentes de Trabalho, no uso de suas atribuições legais, vem, em
nome de Joveniano de Souza Coes, brasileiro, solteiro, maior, resi-
dente e domiciliado no Município de Coité desta Comarca, expor a --
V. Excia. para requerer: a) - que no dia 24 de dezembro de 1959, --
foi o dito operario vítima de acidente de trabalho, sofrendo a per-
da do braço esquerdo, quando prestava serviço, na qualidade de ce-
vedor de motor de desfibrar sisal, para o empregador João Lopes, --
estabelecido no lugar Cural Novo em Conceição de Coité; b) - que
não foi feita a comunicação do acidente na forma legal; Assim, re-
quer, com fundamento no art. 57 do Dec.-lei n^o 7.036, de novembro-
de 1944, a V. Excia. se digne mandar citar o empregador para o a-
côrdio, ou, se não fizer, responder nos termos da ação de acidente-
de trabalho, afim de pagar as indenizações de lei. Requer o exame
médico no acidentado, protestando-se pelas provas que ao acidenta-
do interessar para a defesa de seus direitos. Pede deferimento. --
Serrinha, 20 de julho de 1960. (a) Renato Gavazza".

DESPACHO - "Designo o dia 7 de julho proximo, às 14 ho-
ras, no Paço Municipal para ter lugar a audiência preliminar, ci-
tando-se por precatória empregador e acidentado, ciente o Dr. Pro-
moter Público, Serrinha, 27.6.61. (a) Arthur Machado".

Em virtude do despacho supra transcrito depreço a V. Excia. Sr. Dr. Preter, a citação do empregador João Lopes e da ví-
tima Joveniano de Souza Coes, para no dia 7 de julho, proximo vin-
deuro, às 14 horas, no Paço Municipal, assistirem a audiência pre-
liminar no processo de acidente de trabalho em que são partes inte-
ressadas.

